

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

João Martins Nogueira Junior

**FUTEBOL E LAZER DISSIDENTE: quando pessoas LGBTQIA+ vivenciam a
prática futebolística**

Belo Horizonte

2024

João Martins Nogueira Junior

FUTEBOL E LAZER DISSIDENTE: quando as pessoas LGBTQIA+ vivenciam a prática futebolística

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer.

Área de concentração: Identidades, Sociabilidades e Práticas de Lazer

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte

2024

N778f Nogueira Júnior, João Martins
2024 Futebol e lazer dissidente: quando as pessoas LGBTQIA+ vivenciam a prática
futebolística. [manuscrito] / João Martins Nogueira Júnior – 2024.
226 f.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 203 - 214

1. Futebol – Teses. 2. Pessoas LGBTQ+ – Teses. 3. Lazer – Teses. I. Silva,
Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.332

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecário Lúcio Alves Tannure, CRB 6: n° 2266, da
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

ATA DA 101ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

JOÃO MARTINS NOGUEIRA JUNIOR

Às 14h00min do dia 11 de outubro de 2024, reuniu-se no Miniauditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "FUTEBOL E LAZER DISSIDENTE: quando pessoas LGBTQIA+ vivenciam a prática futebolística", requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Gustavo Andrada Bandeira (UFRGS)	X	
Profa. Dra. Luiza Aguiar dos Anjos (CEFET-MG)	X	
Profa. Dra. Marina de Mattos Dantas (UEMG)	X	
Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (UFMG)	X	
Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo (UNICAMP)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 11 de outubro de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)

Prof. Dr. Gustavo Andrada Bandeira (UFRGS)

Profa. Dra. Luiza Aguiar dos Anjos (CEFET-MG)

Profa. Dra. Marina de Mattos Dantas (UEMG)

Prof. Dr. Helder Ferreira Isayama (UFMG)

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo (UNICAMP)



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo Andrada Bandeira, Usuário Externo**, em 15/10/2024, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wagner Xavier de Camargo, Usuário Externo**, em 15/10/2024, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina de Mattos Dantas, Usuária Externa**, em 17/10/2024, às 21:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiza Aguiar dos Anjos, Usuário Externo**, em 22/10/2024, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvio Ricardo da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 23/10/2024, às 09:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helder Ferreira Isayama, Professor do Magistério Superior**, em 23/10/2024, às 09:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3635861** e o código CRC **6E0C32F3**.

A meus pais e a meu irmão que, mesmo não estando mais entre nós, me dão
forças e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Nas cerimônias de premiações do cinema, é comum os vencedores levarem uma “colinha” para não correrem o risco de esquecer o nome de alguém que os ajudou, direta e indiretamente, a chegar até esse momento de consagração e glória. Também não quero correr esse risco e, por isso, já começo agradecendo aos “meninos” do time Predadores e à sua técnica por permitirem acompanhá-los por um período longo, em seus treinos, competições, amistosos, viagens e as tradicionais resenhas. Sem o aval deles, esta tese não teria acontecido e, por isso, sou imensamente grato pela oportunidade de apresentar aqui o resultado dessa imersão etnográfica.

Ao Silvio, que topou levarmos adiante esta tese, e que contribuiu imensamente com suas reflexões, “puxões de orelha”, sugestões e carinho para que chegássemos até aqui, um projeto almejado desde a conclusão de minha graduação.

Ao GEFuT, pela oportunidade de me aprofundar no universo futebolístico e pela compreensão dos inúmeros aspectos que estão por trás da paixão de nosso povo pelo futebol.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, por propiciar reflexões teóricas de grande importância sobre o lazer, contribuindo diretamente em minha formação de pesquisador e em nosso papel político e social na construção de uma sociedade mais inclusiva e humana.

À Cleide, que em nossas sessões de análise ajudou em minha compreensão enquanto um ser humano em constante evolução, num mundo de possibilidades infinitas, mas focado no respeito e atenção ao meu tempo e processo pessoal.

Aos meus amigos Claudinei e Leandro, por me apresentarem o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+ e permitirem que meu olhar de pesquisador fosse aguçado e orientado para compreender esse fenômeno e seu valor político, cultural e social.

Ao Cellos-MG (Centro de Luta Pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais), pela formação social e política sobre as pautas do movimento

LGBTQIA+ e por nosso compromisso para que nossa comunidade tenha seus direitos e cidadania garantidos.

RESUMO

Pessoas LGBTQIA+ têm exercido um papel social ao ocupar paulatinamente os espaços rígidos e binários no esporte, como acontece com seu “*coming out*” no meio futebolístico, por meio dos campeonatos nacionais, estaduais e municipais. O objetivo geral desta tese foi analisar as relações das pessoas LGBTQIA+ com o futebol enquanto espaço e vivência do lazer, dando destaque também às trajetórias de vida dos sujeitos e sua relação com o futebol, analisando os discursos e as práticas presentes na vivência do universo futebolístico e as disputas internas e externas oriundas da participação desses indivíduos na modalidade. Para a compreensão do fenômeno, utilizo da fundamentação teórica dos Estudos Culturais, Queer e de Gênero, assim como dos Estudos no campo do Lazer e Resistência, Futebol, Masculinidades e Dissidência. Esta pesquisa assumiu uma natureza qualitativa na coleta, descrição e análise dos dados, a partir dos pressupostos etnográficos, e focou no time Predadores de Belo Horizonte, utilizando como instrumentos de coleta de dados o caderno de campo, observação participante e entrevista semiestruturada. Foi identificada a existência da Ligay, a maior associação esportiva LGBTQIA+ com equipes filiadas em todos os estados e 5 mil atletas amadores. O time Predadores realiza treinos semanais e participa de amistosos e competições voltadas para a comunidade LGBTQIA+ e hterossexual. Os sujeitos do time são, em sua maioria, homens gays, cis e com uma trajetória de vida permeada pelo preconceito, pela prática de futebol como lazer e por vivências no futebol amador e semiprofissional. Compreendemos que esse fenômeno se identifica com um lazer e com um futebol que denominamos “dissidente”. Para Rubino (2019), “dissidência”, ao contrário da “diversidade”, é relacional e não se refere a uma soma de identidades sexuais, mas a uma norma sexual, sempre variável num sistema de poder. As práticas esportivas e futebolísticas das pessoas LGBTQIA+, enquanto dissidentes, expõem existências indesejáveis e discriminadas pela norma heterossexual, tensionando o meio futebolístico. Verificou-se que a homofobia internalizada é um dos dilemas enfrentados pelos jogadores na sua relação com o futebol, assim como as tensões competitividade x inclusão; performance x participação, provocando a busca

por novos formatos de competições. As motivações para a prática do futebol relacionam-se ao aspectos: vaidade e sedução; ambiente familiar e seguro; amizade; apelo afetivo-sexual; viagem e turismo e a paixão pela modalidade. Ao expor seus corpos, desejos, expressões e sexualidade dissidentes, esses indivíduos acabam por borrar as certezas dentro e fora do campo futebolístico, reivindicando para si o direito ao esporte e lazer.

Palavras-chave: futebol; lazer; LGBTQIA+; dissidência.

ABSTRACT

LGBTQIA+ people have been playing a social role by gradually occupying rigid and binary spaces in sport and has made its “coming out” in the football world, through championships at national, state and municipal level. The general objective of this thesis was to analyze the relationships of LGBTQIA+ people with football as a space and experience of leisure, also highlighting the life trajectories of the subjects and their relationship with football, analyzing the discourses and practices present in the experience of the universe football and the internal and external disputes arising from the participation of these individuals in the sport. To understand the phenomenon, I use the theoretical foundations of Cultural, Queer and Gender Studies, Studies in the field of Leisure and Resistance, Football, Masculinities and Dissent. This research assumed a qualitative nature in the collection, description and analysis of data, based on ethnographic assumptions and focused on the Belo Horizonte Predators team, using the field notebook, participant observation and semi-structured interview as data collection instruments. I identified the existence of Ligay, the largest LGBTQIA+ sports association with affiliated teams in all states and 5 thousand amateur athletes. The Predadores team holds weekly training sessions and participates in friendlies and competitions aimed at the LGBTQIA+ and heterosexual communities. The team's subjects are mostly cis gay men with a life path permeated by prejudice, playing football as leisure and experiences in amateur and semi-professional football. We understand that this phenomenon is identified with leisure and football that we call Dissident. For Rubino (2019), “dissent”, unlike “diversity”, is relational and does not refer to a sum of sexual identities, but to a sexual norm, a norm that is always variable and in a system of power. The sporting and football practices of LGBTQIA+ people, as dissidents, expose undesirable existences that are discriminated against by the heterosexual norm, putting tension in the football environment. It was found that internalized homophobia are dilemmas faced by players in their relationship with football, as well as competitiveness x inclusion; performance x participation, triggering the search for new competition formats. The motivations for individuals to practice football are related to the following aspects: vanity-seduction; family and safe

environment; friendship; affective-sexual appeal; travel and tourism and the passion for the sport. By exposing their dissident bodies, desires, expressions and sexuality, these individuals end up blurring certainties on and off the football field, claiming for themselves the right to sport and leisure.

Keywords: football; leisure; LGBTQIA+; dissent.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Nessa imagem estou ladeado por algumas <i>drags queens</i> que estavam participando do evento. A presença delas dá o tom da festa, com muita alegria, descontração e visibilidade, num espaço em que normalmente não se vê esses corpos dissonantes.	19
FIGURA 2 - Imagem da arquibancada onde aconteceu essa etapa da Ligay, com a bandeira de arco-íris, símbolo do movimento LGBTQIA+. É comum vermos todo esse aparato visual colorido nos eventos da comunidade, e isso se torna ainda mais significativo quando vemos essas imagens e cores dentro de um campo de futebol.....	20
FIGURA 3 - Alguns participantes da Ligay e os vencedores nas chaves masculina e feminina. Em destaque, na foto da esquerda, à frente dos jogadores, está uma representante do coletivo “Mães pela diversidade” à época.....	20
FIGURA 4 - A imagem corresponde ao relato que faço aqui, de quando pude experimentar a sensação que muitos brasileiros e brasileiras sentem ao adentrar um estádio de futebol e assistir a seu time jogar. Podemos ver o grande número de torcedores atleticanos que foram prestigiar o clube no jogo contra o América Mineiro, que contou apenas com a presença da torcida do Atlético.....	24
FIGURA 5 - As bandeiras das torcidas tremulavam nas arquibancadas, muitas delas carregando, além dos escudos do time, imagens de jogadores que fizeram história no time do Atlético Mineiro.....	24
FIGURA 6 - Quadra Bola na Rede, localizada na região da Pampulha, cidade de Belo Horizonte. O espaço possui duas quadras de futebol <i>society</i> , uma quadra de areia, e um bar. A quadra foi palco de muitos eventos com a participação do Predadores e de outros times LGBTQIA+ da cidade, mas também aconteciam simultaneamente competições e amistosos de jogadores heterossexuais.....	45
FIGURA 7 - Espaço do bar da quadra Bola na Rede.....	45
QUADRO 1 - Dados gerais do acompanhamento etnográfico da pesquisa.....	52
FIGURA 8 - Escudo do time do Predadores. Assim como os demais times LGBTQIA+ da cidade de Belo Horizonte, a inspiração para os nomes dos times vem de animais, acompanhada das cores, algo também escolhido democraticamente entre os jogadores....	59
FIGURA 9 - Participantes do time Predadores na “pelada” de comemoração dos aniversariantes. Além da presença da técnica do time (a segunda de pé da esquerda para a direita), eu apareço na foto, sou primeiro da esquerda para a direita dentre os que estão agachados.....	64
FIGURA 10 - Eu, um pouco antes do início da “pelada”. Eu estava muito excitado com a oportunidade de jogar com os integrantes do time e de praticar a modalidade após bastante tempo.....	65
FIGURA 11 - Confraternização do Time Predadores (04 de junho de 2023), cujo contexto fora do campo possuía uma área para sociabilidade dos torcedores, jogadores etc. composta por um bar e lanchonete, onde se vendiam cervejas, refrigerantes e salgados. Na imagem, vemos alguns dos presentes na confraternização e demais pessoas presentes no local acompanhando outros jogos. Em primeiro plano estão alguns amigos e membros do time e ao fundo vemos outras pessoas que estavam acompanhando outros jogos amistosos de jogadores heterossexuais.....	66
QUADRO 2 - Local de moradia e formação.....	68
QUADRO 3 - Raça.....	70
QUADRO 4 - Orientação sexual.....	71

FIGURA 12 - Alguns dos integrantes do Time predadores num momento de descontração durante a Etapa Sudeste da Ligay, realizada na cidade de São Paulo em abril de 2023. Aqui, eles estavam aguardando o início de um dos jogos de que participaram, usando seu tradicional uniforme, preto e verde.	71
FIGURA 13 - Identidade de gênero e sexual.....	73
FIGURA 14 - Local onde os participantes da etapa sudeste da Ligay se concentravam antes, durante e após os jogos. Assim como os demais espaços onde esses eventos ocorrem, vemos mesas e cadeiras e, à esquerda ao fundo, fica uma lanchonete onde eram vendidos salgados, lanches, sucos, refrigerantes e cerveja. Era o espaço de confraternização entre as equipes e momento de rever velhos amigos e fazer novas amizades.	94
FIGURA 15 - Aqui vemos as equipes participantes da etapa sudeste da Ligay em abril de 2023, na cidade de São Paulo. A competição teve a participação de 13 equipes, totalizando 245 jogadores. Essa imagem foi registrada logo após as falas de abertura do evento, que contou com a presença da diretoria da Ligay, autoridades políticas da cidade e organizadores do evento. Os vencedores dessa etapa foram a equipe paulista <i>Bulls Football</i> SP. Podemos ver também os jogadores do time Predadores, com seu uniforme verde e preto, e posicionados ao lado direito da placa do evento.....	96
FIGURA 16 - Rua Augusta, em São Paulo, tradicional reduto boêmio gay da cidade. Lá existe uma variedade de bares cuja presença maior é de homens gays cis, inclusive homens mais velhos.....	99
FIGURA 17 – Histórico do futebol <i>queer</i>	108
FIGURA 18 - Relação dos times existente em Belo Horizonte em 2024. Os times Bhabixas e Mano Tauros deram origem a alguns times da cidade, os quais também originaram a criação de outros.	127
FIGURA 19 - Aqui vemos a divulgação de um dos treinos do time. Em destaque, na imagem vemos a técnica e, nos detalhes, alguns jogadores do time. As cores preta e verde, marcas do time, acabam por ter destaque, com intuito de deixar a marca, mesmo sem fazer alusão ao fato de ser um time LGBTQIA+.	128
FIGURA 23 - Aqui vemos um dos times participantes da etapa Sudeste da Ligay. Essa foto mostra um dos jogadores reserva num momento em que, com gritos, incentivava seu time. A demonstração de gritos, palavrões e reclamações muito se assemelhava a qualquer competição heterossexual.	140
FIGURA 24 - A diferença para uma competição heterossexual era visível na decoração do evento, nos momentos de comemoração ou nos intervalos, em que muitos demonstravam expressões corporais de deboche, “fechação”, closes e humor. O contraste com uma competição heterossexual se dava mais precisamente no desfile de abertura, nos intervalos, entre as torcidas e nas confraternizações. Nesses momentos, vinham à tona as expressões corporais e gestos próprios da comunidade, como nessa imagem do desfile de abertura da Etapa Sudeste da Ligay.	140
FIGURA 25 - Nessa imagem vemos um momento de comemoração dos jogadores do time Predadores durante a Etapa Sudeste da Ligay e, ao fundo, uma das bandeiras com as cores e escudos de um dos times participantes, no caso, o Unicórnios. Os times costumam colocar suas bandeiras nas telas de proteção das quadras onde realizam os jogos.	141
FIGURA 26 - Essas duas imagens ilustram as chaves dos jogos. A primeira mostra a chave trans, que era composta por times de mulheres e de homens trans. Na segunda imagem, vemos a chave cis, composta por times de homens gays cis.	145

FIGURA 27 - Aqui vemos os atletas do time Predadores durante uma pausa na Taça da Diversidade, realizada dia 10/06/2023, na cidade de São Paulo. Essas orientações e conversas eram importantes para avaliar cada jogo e motivar os jogadores. Na imagem, vemos a técnica do time e os demais jogadores que participaram da competição, sendo que alguns deles fizeram um “bate-volta” de Belo Horizonte para São Paulo para poder participar da competição.....	146
FIGURA 28 - Momento da abertura do Campeonato Mineiro LGBTQIA+ de Fut 7, onde podemos ver os times participantes. Ao fundo, à direita, vemos a bandeira do Orgulho da comunidade que foi estendida no alambrado da quadra.....	147
FIGURA 29 - Nessa imagem, vemos ao centro a <i>drag queen</i> Penélope Fontana, que se encarregou de animar a abertura e dar o pontapé inicial do campeonato. Ao seu lado está um dos jogadores do time Predadores à direita estou eu, em primeiro plano, ao lado da técnica do time.....	147
FIGURA 30 - Na imagem podemos ver o momento de comemoração do título de campeão pelos jogadores do time Predadores.....	148
FIGURA 31 - Na imagem vemos o jogo composto por jogadores heterossexuais que ocorreu paralelamente ao Campeonato Mineiro LGBTQIA+ em Belo Horizonte. Podemos ver a bandeira gigante símbolo da comunidade, a qual foi motivo de reclamações por parte desses jogadores. Ao lado da bandeira estão sentados alguns dos jogadores que se recusaram a se sentar à sombra da bandeira, à frente dela.....	149
FIGURA 32 - Integrantes de um time composto por atletas LGBTQIA+ deficientes físicos. Eles participaram da Taça da Diversidade realizada no dia 10/06/2023 na cidade de São Paulo. A competição contou com uma chave de pessoas com deficiência composta por dois times. Uma iniciativa muito importante ao incluir PCDs membros da comunidade LGBTQIA+. O time Predadores possui um atleta com deficiência auditiva que também participou dessa chave.....	181
FIGURA 33 - Time composto por homens trans que também participaram da Taça da Diversidade realizada dia 10/06/2023 em São Paulo. Eles participaram da chave trans do campeonato, a qual contou também com times compostos por mulheres.....	181
FIGURA 34 - A imagem obtida durante a Taça da Diversidade, realizada em 10/06/2023, na cidade de São Paulo. É muito comum os times participantes desses campeonatos estenderem suas bandeiras nos alambrados das quadras onde ocorrem as competições. É um importante meio de visibilidade dos times e das pautas do movimento LGBTQIA+.	184
FIGURA 35 - Flyer da 1º Copa Inclusão, organizada pelo time de homens trans, Elite. O apoio a eventos do tipo é muito raro, e nesse caso eles tiveram o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte, cedendo o espaço para a realização do evento.	185

SUMÁRIO

PRÓLOGO	18
1.1 Justificativa	31
1.2 Pegadas pelo caminho: aprendendo a etnografar	40
1.2.1 Muito prazer: sou a etnografia.....	40
1.2.2 Contatos preliminares com os sujeitos da pesquisa.....	44
1.2.3. Detalhando o percurso da pesquisa.....	49
2 LAZER DISSIDENTE: DO ARMÁRIO PARA OS CAMPOS DE FUTEBOL	53
2.1 Conhecendo o universo futebolístico LGBTQIA+	53
2.2 Sobre aceitabilidade e primeiros passos <i>in loco</i>	55
2.3 Notas sobre histórias de vida: conhecendo as “gays” do time	68
2.3.1 Aspectos sociais e de formação	68
2.3.2 Raça	70
2.3.3 Precisamos falar sobre sexualidade, gênero, resistências.....	71
2.4 Trajetórias de vida: futebol, lazer, gênero.....	78
2.5 “Bicha gosta de futebol?”: Conhecendo o futebol e conhecendo a si mesmo.....	82
2.6 Deixe seu preconceito de lado, porque eu também quero jogar	87
2.7 Constituindo um lazer dissidente	92
3 CONSTITUINDO UM FUTEBOL DISSIDENTE	101
3.1 Aquecimento.....	101
3.2 Quando as “bichas” entram em campo: motivações para a prática futebolística.....	110
3.3 Contextualização do campo futebolístico amador LGBTQIA+ de Belo Horizonte	124
3.4 Constituindo uma dinâmica própria nas competições, treinos e demais atividades do time	132
3.5 Jogar como homens ou “igual angu”: dilemas da prática futebolísticas LGBTQIA+.....	150
3.6 Futebol dissidente: performatividades postas em xeque	161
4 AQUENDANDO/DESAQUENDANDO NA PESQUISA E NA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA LGBTQIA+	174
4.1 Resistências e embates performativos e políticos em torno da prática futebolística LGBTQIA+	174
4.2 Aquenda/desaquenda: práticas futebolísticas LGBTQIA+ num processo de “devir”	178
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
EPÍLOGO	195
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICES	213
ANEXOS	220

PRÓLOGO

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p. 24)

Memórias. É disso que se trata este prólogo que achei pertinente para conduzir o leitor a um vislumbre de minha jornada junto ao meio futebolístico e suas inúmeras possibilidades de vivência, como aquela aqui descrita, em torno do futebol praticado por sujeitos da comunidade LGBTQIA+. Sinto-me desafiado como qualquer um sente-se ao iniciar a escrita de sua tese, no entanto, é um delicioso desafio, por meio do qual espero transpor aos(às) leitores(as) aquilo que foi captado pelos meus sentidos, imbricado nas experiências dos sujeitos que acompanhei. Como bem descreve Suy (2022), escrever não é cuspir verdades, mas começar a partir de algo que se supõe saber e descobrir coisas novas no meio do caminho. É nessa perspectiva que inicio esta jornada. Entretanto, faz-se necessário retroceder um pouco no tempo...

O ano é 2019. Mais precisamente, o mês de novembro, período chuvoso na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Uns amigos me convidaram para vê-los participar de um campeonato de futebol LGBTQIA+ que aconteceria na cidade. Eles já haviam me reportado que estavam participando de um time e um deles chegara a ser integrante do Bhabixas, primeiro time gay de futebol de Belo Horizonte. Agora, ele fazia parte do Time Predadores, também da capital. Até então, eu não havia presenciado seus treinos ou jogos, mas devo dizer que, no mínimo, achara aquilo instigante e de certo modo surpreendente: futebol e gays, como assim? Parecem polos opostos, impossíveis de ocupar um mesmo espaço.

E lá fui eu, assistir ao primeiro dia do campeonato, que aconteceu em BH entre 15 e 16 de novembro daquele ano. Ao chegar ao local, a arena Santa Cruz, localizada no bairro de mesmo nome, já pude perceber que as cores do arco-íris

predominavam nas bandeiras e nas vestimentas de alguns dos presentes. A abertura contou com a presença de *drag queens*, além de falas de organizadores do evento e de algumas autoridades. Entre elas, estava lá a então vereadora Duda Salabert, mulher trans e a vereadora mais votada do país. Aos poucos, foram chegando os jogadores das equipes participantes, com seus uniformes coloridos, muita descontração e alegria. Isso mesmo, muita alegria. Eles a estampavam em suas faces e eu tentava compreender aquilo tudo. Meu olhar de pesquisador fora provocado.

O desfile de abertura das equipes com suas bandeiras foi um ponto marcante e demonstrou, logo de cara, que aquele não seria um campeonato de futebol comum. Na verdade, não era mesmo. A cidade recebia pela primeira vez uma edição da *Champions LiGay*, campeonato brasileiro de futebol LGBTQIA+ que estava em sua 5ª edição e contou com a participação de 28 times masculinos e 4 equipes femininas, reunindo mais de 600 atletas de diversos estados do país.

FIGURA 1 - Nessa imagem estou ladeado por algumas *drags queens* que estavam participando do evento. A presença delas dá o tom da festa, com muita alegria, descontração e visibilidade, num espaço em que normalmente não se vê esses corpos dissonantes.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 2 - Imagem da arquibancada onde aconteceu essa etapa da Ligay, com a bandeira de arco-íris, símbolo do movimento LGBTQIA+. É comum vermos todo esse aparato visual colorido nos eventos da comunidade, e isso se torna ainda mais significativo quando vemos essas imagens e cores dentro de um campo de futebol.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 3 - Alguns participantes da Ligay e os vencedores nas chaves masculina e feminina. Em destaque, na foto da esquerda, à frente dos jogadores, está uma representante do coletivo “Mães pela diversidade” à época.



Fonte: Thalison Marques Araújo Costa/Pocs Films/Manotauros.

Durante o transcorrer do evento, entre alguns cliques fotográficos com meus amigos, e no contato com outros jogadores de futebol, *drag queens* etc., fui me questionando: o que era aquilo que estava acontecendo diante dos meus olhos? Qual era significado daquele momento para os participantes, em sua maioria homens e mulheres gays, cisgênero? 28 times que vieram de diversas regiões do país para participar de um campeonato de futebol, algo até então inédito e de muita vanguarda. Só me restava pensar: o que se olha estando em campo?

Posso começar respondendo que olhamos o cotidiano, o que fazem as pessoas, como se vestem, quem toma as decisões, o espaço etc. O estranhamento começa ao se refletir sobre isso. Assim, logo pensei: “Isso dá uma ótima tese! No mínimo muito colorida e descontraída.”

Bom, o resto é história. Uma história que aqui começa a ser partilhada e que veio ao encontro de um antigo desejo meu de realizar pesquisas problematizando a comunidade LGBTQIA+ e o esporte e lazer.

Isso me leva ao fato de que esta história não começa exatamente aí. Enquanto um homem gay, cis e estudioso das temáticas sobre gênero, diversidade sexual, esporte e lazer, essas eram questões que há algum tempo estavam presentes em minha trajetória profissional, enquanto pesquisador e militante do movimento LGBTQIA+ na cidade de Belo Horizonte. Naquele ano de 2019 eu era membro da diretoria do Cellos-MG (Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais), e acabávamos de organizar a Parada LGBTQIA+ da cidade, ocorrida em julho, com enorme sucesso e visibilidade. Era um momento político e social muito conturbado em nosso país, em virtude das eleições de 2018, por meio da qual a extrema direita chega ao poder federalmente e em muitas cidades e estados do país. Como todos sabem, sentimos os reflexos daquelas fatídicas eleições até os dias de hoje.

Esses fatos e acontecimentos, associados à experiência anteriormente relatada, me motivaram a pleitear o ingresso no doutorado. E com o apoio de meu orientador, começamos esta ambiciosa jornada, na ousada tentativa de decifrar os códigos e os aspectos que estão em jogo quando pessoas LGBTQIA+ ousam adentrar no mundo esportivo, em particular, no universo futebolístico. Esses foram os primeiros passos, mas muito mais me aguardava e me surpreenderia. E uma dessas agradáveis surpresas veio com um segundo acontecimento.

Numa tarde de novembro de 2021, ao ganhar um par de ingressos, fui assistir a um jogo no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, o que, coincidentemente, me possibilitou duas estreias. Inicialmente, foi a realização do primeiro jogo no estádio entre dois times mineiros com sua capacidade máxima após as medidas restritivas em virtude da pandemia de Covid-19. Já a segunda, refere-se ao fato de que era a primeira vez que eu assistia a um jogo de futebol no estádio do Mineirão. O jogo era entre dois times tradicionais da cidade, o América e o Atlético Mineiro, e contou com a presença maciça dos torcedores atleticanos, muitíssimo entusiasmados com a fase positiva pela qual o time passava nos campeonatos mineiros e brasileiro.

Antes de compartilhar essa experiência, gostaria de falar rapidamente sobre as razões devido às quais aquela era a minha primeira vez assistindo a um jogo no estádio do Mineirão. Eu havia, há algum tempo, deixado de acompanhar e de me interessar pelas partidas de futebol, ou mesmo de torcer para algum time. Lembro-me que, quando criança, eu e mais dois irmãos torcíamos para o time do Flamengo e meu pai e um outro irmão, para o Vasco da Gama. Naquela época, morávamos numa cidade do interior da Bahia e nossa casa ficava ao lado de um campo de futebol de várzea, onde era comum em todo o final de tarde jogarmos nosso tradicional “baba”, como o futebol é chamado na Bahia. Costumávamos também jogar à noite e chegar sempre sujos em casa para tomar um banho e ir dormir, já que estudávamos pela manhã. Era um tempo em que as crianças e adolescentes viviam mais livres e não tínhamos os problemas comuns de hoje, como violência, drogas e outros. Entretanto, com a aproximação da puberdade e da adolescência, meu interesse voltou-se para outros esportes, como voleibol e natação. Paralelamente a isso, com os sentimentos, desejos e tensões advindos de minha sexualidade, que destoava da maioria dos outros garotos, fui me distanciando cada vez mais da prática do futebol e de todo o universo que envolvia esse esporte. Tal aspecto não mudou com a chegada de minha juventude, nem mesmo quando fui fazer graduação em Educação Física, quando pude vivenciar outras experiências acadêmicas, culturais, esportivas e relacionamentos afetivos.

Devido ao fato de que o universo futebolístico, até os dias atuais, ainda se caracteriza como espaço machista, homofóbico e sexista, no qual uma suposta masculinidade é exacerbada e valorizada, e seu contrário — o universo do feminino, do delicado, do afetivo e do que se difere da norma cis-heteronormativa — é

rechaçado, tais aspectos fizeram com que aumentasse meu desinteresse pelo futebol.

Tudo isso me leva a este momento: o relato da experiência sensorial de assistir a uma partida em um dos mais importantes templos do futebol brasileiro, o estádio do Mineirão. O convite que recebi me pareceu irrecusável e representava uma oportunidade de conhecer e compreender que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, e não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. (LARROSA, 2002)

Fui acompanhado de um amigo, que também não tinha uma ligação afetiva com o futebol. No caminho para o estádio fomos conversando a respeito disso, de nossa história e da aversão à modalidade, muito em parte pelos motivos citados anteriormente: aquele era um espaço na maioria das vezes tóxico, homofóbico e heteronormativo. No entanto, tal aversão e as impressões iniciais foram dando lugar ao espanto, à admiração e à curiosidade, a partir do momento em que nos aproximávamos do estádio e nos dirigíamos à fila para entrada. Além de ser quase que uma unanimidade entre os homens gays o fato de o futebol ser um espaço extremamente homoerótico, ver aqueles corpos masculinos uniformizados exacerbou nosso olhar, nosso desejo e nossa satisfação. Não deixamos de notar também que a maioria dos presentes na fila e dentro do estádio eram pessoas do sexo masculino, que durante o jogo entoavam os hinos do time, os palavrões e os sussurros diversos.

Pudemos ver logo de início a empolgação dos torcedores que também assistiam à partida. Era uma das rodadas do campeonato brasileiro, na qual o time do Atlético estava obtendo resultados cada vez mais expressivos. Tudo isso tornou a festa feita pela torcida digna de um show de rock, pois antes do início da partida a organização do estádio fez espocar fogos de artifícios em volta do gramado para receber os times, acompanhados pelo grito esfuziante dos torcedores, que hasteavam suas bandeiras e entoavam o hino do clube. Durante todo o jogo a cena se repetiu, e chegou ao seu ápice quando o Atlético, após tentativas frustradas e uma ótima atuação do time adversário, fez seu primeiro e único gol da partida, no segundo tempo regulamentar. Meu amigo não se conteve com toda a festa e se surpreendeu quando, em determinado momento, ele mesmo tirou a camisa e imitou os torcedores girando-a em punho. Como estávamos no camarote, podíamos ter

uma visão privilegiada do jogo e das torcidas, seus gestos e bandeiras, chegando ao ponto de dizermos um para o outro que da próxima vez era lá que deveríamos estar.

FIGURA 4 - A imagem corresponde ao relato que faço aqui, de quando pude experimentar a sensação que muitos brasileiros e brasileiras sentem ao adentrar um estádio de futebol e assistir a seu time jogar. Podemos ver o grande número de torcedores atleticanos que foram prestigiar o clube no jogo contra o América Mineiro, que contou apenas com a presença da torcida do Atlético.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 5 - As bandeiras das torcidas tremulavam nas arquibancadas, muitas delas carregando, além dos escudos do time, imagens de jogadores que fizeram história no time do Atlético Mineiro.



Fonte: Arquivo pessoal

Foi possível observar de perto as jogadas e o desempenho dos jogadores e tecer comentários sobretudo a nossa volta: desde a beleza do estádio, a empolgação dos torcedores, a beleza dos corpos dos jogadores e torcedores e a experiência pela qual estávamos passando. Vimos algumas crianças também

uniformizadas junto aos seus pais, torcendo e vibrando com eles, passinhos de danças desengonçados de alguns torcedores e, ainda, atitudes que me parecem próprias daqueles que assistem uma partida de seu time, como os comentários sobre como os jogadores devem jogar, as jogadas certas e erradas e a atuação do juiz e do time adversário. Fatos, gestos e atitudes que nos deixavam estupefatos e embebecidos por toda aquela energia advinda da experiência que presenciávamos diante de nossos olhos, em nossos corpos e sentidos.

Ao término da partida, tanto eu quanto meu amigo estávamos absorvidos pela experiência e já planejávamos quando poderíamos viver outra oportunidade do tipo. Talvez o leitor pense que, num passe de mágica, eu passei de desinteressado pelo futebol a um adorador do esporte, mas as coisas não acontecem assim, não são imediatas e precisam de tempo para serem processadas. A experiência aqui relatada e vivida precisou de um tempo para ser digerida e para ficar na memória. A escrita aqui dessa experiência é um exercício nesse sentido. Ainda assim, ela já foi um pontapé inicial rumo a uma compreensão mais próxima dos efeitos sensoriais e emocionais provocados em mim e em todos a minha volta, de ver de perto uma partida de futebol. Como nos lembra Saramago, “Se puderes olhar, vê. Se puderes ver, repara.”. E foi essa a oportunidade que tive.

Mesmo não podendo afirmar que a partir daquele instante eu entrei no clube dos mais novos apaixonados pelo futebol, posso adiantar que minha percepção sobre a prática foi influenciada por essa experiência cujos efeitos precisarão de tempo para serem sentidos/percebidos, ou para que eu conclua se irão ou não reverberar em um maior ou menor interesse pela modalidade enquanto torcedor. Posso adiantar que o fato de o futebol ser objeto de meus estudos no doutorado já é algo significativo, e o exercício propiciado pela experiência aqui relatada foi uma das contribuições, dentre inúmeras outras, para meu olhar e percepção sobre o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+, assim como a oportuna experiência de realizar minha pesquisa no campo e aqui poder apresentar seus resultados. E convenhamos, isso não é pouca coisa!

1 INTRODUÇÃO

A presença de pessoas LGBTQIA+¹ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e travestis, Queer, Intersex, Assexuados, Pansexuais, Não binários) no universo esportivo aos poucos tem feito seu “*coming out*” ou “saída do armário”,² e visto à luz do dia, apesar das inúmeras forças políticas, sociais, religiosas, econômicas, dentre tantas outras, que a todo instante impedem que esses indivíduos possam exercer seus direitos, inclusive aqueles relacionados ao esporte e ao lazer. E se considerarmos particularmente a participação dos sujeitos dessa comunidade enquanto torcedores presentes nos estádios ou não, enquanto atletas ou simplesmente praticantes do futebol, as forças contrárias são ainda mais intransponíveis.

Entretanto, as pressões dessa comunidade têm provocado fissuras no esporte como um todo e no futebol, obrigando a modalidade a enfrentar seus fantasmas e questionar as normas cis-heteronormativas³ que a acompanham desde sempre. Tal paradigma tão cristalizado e cheio de certezas começa a ser questionado e revisto devido a outros paradigmas, pautados em novos estudos e na conquista de direitos das pessoas LGBTQIA+, além de iniciativas desse grupo no sentido de reivindicar e redefinir oportunidades de práticas esportivas, como aquelas voltadas ao futebol enquanto lazer.

Nas diversas esferas em que o futebol se faz presente, o torcer representa uma prática significativa, entendida como uma vivência de lazer (Silva; Neto; Campos, 2011; Lages; Silva, 2011) por inúmeras pessoas, dentro e fora de nosso país. O relato que faço na abertura desse texto diz muito sobre isso e sobre o impacto causado pelo futebol nos corações, corpos e mentes de tantos(as)

¹ Assim como alguns estudiosos e ONGs, adotamos esta sigla para definir pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Sigla cada vez mais empregada a partir da metade dos anos 1990 e fortemente ligada às políticas de identidade, ela possui muitas variantes, inclusive com ordens diferentes das letras, como atualmente é denominada: LGBTQIAPN+. Aqui, optamos pela sigla LGBTQIA+.

² A referência a “sair do armário” ou “do *closet*” tem estreita relação com a expressão *to come out*, que significa fazer-se aparecer ou tornar algo público. Tal acepção adquire maior peso quando a expressão é pronunciada no tocante à orientação sexual: “declarar-se” *gay* ou lésbica, por exemplo (Camargo, 2018).

³ O termo heteronormatividade foi criado em 1997 por Cathy J. Cohen, que definiu pela primeira vez a normatividade cuja evidência está em um “sistema hétero”, colocando a heterossexualidade como prática intrínseca e natural, como esclarece Rosa (2020). A pessoa cisgênero é aquela cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído a ela no nascimento (Rosa, 2020).

brasileiros(as), revelando seu potencial cultural e seu funcionamento enquanto lente de aumento para a compreensão das diversas relações interpessoais ali presentes. Foi um pouco do que senti com a experiência citada, possibilitando confirmar o alcance da modalidade em nossa cultura, sem perder de vista toda a história que ela carrega, com suas contradições, masculinidade exacerbada, machismo, misoginia, LGBTQIA+fobia e racismo. Apesar disso, o futebol também é espaço de disputas das mais diversas naturezas.

No caso brasileiro, como bem esclarece Oliveira (2018), enquanto manifestações culturais, o esporte e o futebol possibilitam estabelecer articulações com as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas de determinados grupos. Tal abordagem tem como um dos precursores o antropólogo Roberto DaMatta que, com sua coletânea intitulada “Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira”, publicada em 1982, exerceu e ainda exerce influência nos pesquisadores e nas pesquisas que abordam a temática futebol em uma perspectiva sociocultural (Oliveira, 2018). E esse alcance e essa influência da modalidade em nossa cultura elevaram o futebol ao *status* de paixão nacional, visão defendida por muitos estudiosos, pela imprensa e facilmente percebida por sua influência no dia a dia dos brasileiros e brasileiras. Mas será que é assim mesmo quando pensamos em sujeitos que escapam à norma cis-heteronormativa?

Ao aprofundar minha investigação no campo de estudos acerca do futebol, pude notar uma profícua literatura sobre a modalidade em suas dimensões sociais, políticas, econômicas e para além. Com isso quero dizer que há muito busca-se compreender o futebol em seus mais diversos aspectos, não apenas pelo viés da paixão nacional, mas também em uma perspectiva crítica, estudando-o como instrumento de imposição de padrões e normas sociais, além de espaço de resistência e luta. Nessa conjuntura surgem as fissuras e inúmeras possibilidades de se estudar a modalidade, entendendo-a enquanto fenômeno sociocultural de grande relevância.

Mais especificamente, como recorte para apresentação desta tese, importa-me compreender o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+ enquanto experiência de lazer. Isso porque muitas barreiras ainda persistem no futebol para a participação dessa comunidade e elas podem ser identificadas. Neste trabalho acompanhei a prática da modalidade por sujeitos da comunidade LGBTQIA+ integrantes de times que atuam na cidade de Belo Horizonte. O estudo foi elaborado a partir de uma

incursão etnográfica em diálogo com a produção teórica dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero, Gays e *Queer*, considerando um conjunto de estudiosos desses campos: Magnani (2009), Peirano (2016), Louro (2017), Butler (1999), Escosteguy (2010), Bonin (2020), dentre outros. Essa minha incursão no universo futebolístico LGBTQIA+ de Belo Horizonte e de outros campos me faz recorrer ao que diz Magnani (2003): é uma experiência etnográfica que todos querem no primeiro momento, para entrar e mergulhar numa situação nova, deixando-se impregnar pelos estímulos advindos dali e procurando familiarizar-se com seus significados.

Considerando que estamos a tratar do futebol, Silva Junior (2018, p. 18) nos lembra dos obstáculos que “resistem como paradigmas e incitam uma educação do torcer másculo, fálico, potente, viril, alicerçado na tradição inventada do ‘futebol como coisa de macho’”. Já Pissani (2021) reforça o fato de que o jogar bola é encarado como uma competência inata que faria do menino/homem cisgênero e heterossexual o seu natural praticante e interlocutor. Gomes (2020) destaca o futebol como um dos ritos de iniciação do pertencimento ao masculino, em que os elementos constituidores do que se entende por masculinidade são reforçados tanto pelo discurso quanto pela prática.

Vendo por uma outra ótica, Connelsen e Brinatti (2020) nos convidam a pensar na famosa frase atribuída ao escritor José Lins do Rego, autor de romances consagrados, como *Menino de Engenho* e *Fogo Morto: o conhecimento do Brasil* passa pelo futebol (cabe ressaltar que o escritor paraibano era rubro-negro e amante do futebol). Eu ousaria rever a frase, pensando também numa outra perspectiva: a compreensão do futebol passa por conhecer o Brasil e suas singularidades. Nessa direção, como nos chama a atenção DaMatta (1982), o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no país pode ser um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se e revela-se, deixando-se, portanto, descobrir. Analisar a modalidade enquanto um aspecto de nossa sociedade nos abre um leque de possibilidades intrigantes e pertinentes, uma vez que o futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar (Daolio, 2000).

No caso da pesquisa aqui detalhada, podemos ver aproximações importantes de serem feitas nesse sentido, ao tomarmos como exemplo o ambiente futebolístico enquanto um espaço masculinizante. Para Gomes (2020), o ambiente masculinizado produz um espaço essencialmente contraditório, especialmente para torcedores

homossexuais, que se veem excluídos e incluídos ao mesmo tempo, gerando uma espécie de não pertencimento. Isso ocorre dado à chamada forçosa, com discursos de ódio e xingamentos preconceituosos, à participação no ambiente futebolístico, por conta da necessidade de existência de uma oposição ao masculino, ou seja, para que se afirme e reafirme a masculinidade por meio daquilo que ela não é (Gomes, 2020).

Nessa direção, é pertinente levantar alguns questionamentos que balizaram essa pesquisa: Quais são e como se desenvolvem os campeonatos de futebol voltados para as pessoas LGBTQIA+ em Belo Horizonte e em outras cidades brasileiras? Existem elementos de comparação com as competições esportivas convencionais? Como os corpos se materializam nesse espaço mediante discursos e padrões hegemônicos? Como, ao longo de suas trajetórias de vida, esses indivíduos construíram sua sexualidade e sua relação com o futebol? Quais são as disputas internas e externas em decorrência da presença das pessoas LGBTQIA+ no meio futebolístico?

Esses e outros aspectos são motivos mais do que pertinentes para impulsionar investigações como a aqui proposta, cujos objetivos detalho abaixo:

Objetivo geral:

- Analisar as relações das pessoas LGBTQIA+ com o futebol enquanto espaço e vivência do lazer.

Objetivos específicos:

- Analisar as trajetórias de vida e sexualidade das pessoas LGBTQIA+ e sua relação com o futebol;
- Analisar as intencionalidades, discursos e as práticas presentes na vivência dessas pessoas no universo futebolístico;
- Analisar as disputas internas e externas oriundas da participação dessas pessoas no tocante à prática do futebol.

Esses e outros aspectos muito têm me instigado a buscar por respostas e questionamentos a respeito da fruição e da vivência do esporte enquanto espaço de lazer pelas pessoas LGBTQIA+, as quais tem confrontado e forçado barreiras,

paradigmas e visões cristalizadas sobre ser e estar no mundo. Para Gomes (2014), o lazer, enquanto parte integrante desse processo, pode contribuir com a (re)elaboração de valores, numa caminhada em direção à (re)construção de nossas realidades.

A postura aqui adotada também parte do pressuposto de que toda ação é política, uma vez que envolve indivíduos e grupos que se inter-relacionam e, muitas das vezes, disputam por espaço. Por isso, a presença das pessoas LGBTQIA+ exerce um importante papel social ao ocupar os espaços rígidos, doutrinários, preconceituosos e binários no esporte. Os sujeitos aqui focados elaboram, como nos lembra Camargo (2020, p. 601), “[...] a partir das próprias existências de suas manifestações esportivas, questões políticas mais profundas, que certamente impactam o esporte e o futebol de alguma forma.”

Os capítulos a seguir não necessariamente obedecem a uma ordem cronológica no espaço/tempo. Dizem mais sobre a forma como foram sendo descortinadas as situações e a compreensão do fenômeno observado, procurando tecer de forma significativa o que sujeitos, pesquisador, objeto e situações revelavam à luz de uma relação dialética e imersiva.

Logo, optei por estruturar este texto em quatro capítulos, neles inclusos esta introdução e o prólogo no qual relato as motivações desta investigação. A seguir, ainda dentro deste primeiro capítulo, relato o processo metodológico que utilizamos, baseado na etnografia, compreendida aqui não apenas como metodologia, mas também enquanto uma posição teórica que resulta da observação de um dado fenômeno. Nesse tópico descrevo como se deu o aprofundamento sobre o futebol praticado por jogadores LGBTQIA+, assim como a aceitabilidade junto aos jogadores do time Predadores, além de demais estratégias metodológicas adotadas. No segundo capítulo, intitulado “Lazer Dissidente: do armário para os campos de futebol”, por meio do diálogo com os sujeitos, conhecendo suas histórias de vida associadas às questões de sexualidade e ao futebol, traço um panorama geral do futebol LGBTQIA+ enquanto espaço/tempo de lazer que assume um caráter disruptivo, indo de encontro a uma norma, sendo, por isso, denominado por nós como dissidente. Já no terceiro capítulo, intitulado “Constituindo um futebol dissidente”, associo o sentido de dissidência à prática LGBTQIA+ futebolística aqui observada, muito em parte por invadir um espaço marcadamente heterossexual, impondo seus corpos, expressões e sexualidades dissonantes. Nele, além de

contextualizar o campo futebolístico amador LGBTQIA+ de Belo Horizonte, analiso as sociabilidades, assim como toda dinâmica presente na relação dos sujeitos com o futebol e outros praticantes da modalidade. Por fim, no capítulo quatro, denominado “Aquecendo/desaquecendo na pesquisa e na prática futebolística LGBTQIA+”, proponho a importância de trazeremos para a academia uma escrita, uma linguagem e um modo de pesquisar *Queer*. Esse modo de operar/pensar/bagunçar/fazermundos, constatado a partir dos dados obtidos nessa investigação, revela a riqueza e as inúmeras possibilidades apontadas por membros da comunidade LGBTQIA+ em vista de um maior alcance do próprio futebol, no qual a inclusão e a diversidade também tenham seu lugar.

1.1 Justificativa

“Sobre aqueles que ousam dizer o nome”

O que tem motivado as pessoas incluídas nessa sopa de letrinhas (LGBTQIA+) a procurar o futebol como prática esportiva e de lazer? Essa talvez seja uma boa questão para nos aprofundarmos um pouco mais sobre o objeto do estudo aqui apresentado. Esse foi um questionamento que fiz a mim mesmo quando tive a oportunidade de conhecer de perto esse fenômeno pela primeira vez. A relevância deste estudo e desses questionamentos está no fato de que esse é um fenômeno recente, repleto de nuances e idiosincrasias que merecem um olhar atento no campo de estudos sobre o futebol e o lazer, cujas pesquisas sobre o tema estão ainda em estágio embrionário.

A escolha do nome desse capítulo foi inspirada no poema “Dois Amores”, (1894), de Lorde Alfred Douglas, que não apenas consagrou uma forma de compreender o amor entre pessoas do mesmo sexo, como também expôs uma estratégia do poder no que concerne à forma como nossa sociedade divide as vidas sentimentais entre as enunciáveis e as que só existem no silêncio (MISKOLCI, 2007). A escolha aqui dessas palavras traz à tona a importância de darmos voz a sujeitos historicamente invisibilizados, como aqueles focos desse estudo.

Talvez possamos começar acentuando alguns aspectos importantes no campo dos estudos do lazer que possuem estreita relação com essa investigação. De Queiroz e Da Silva (2021) nos lembram que o lazer apresenta dimensões que se

conectam com o futebol: sua característica multidisciplinar, suas possibilidades de apropriação e a cultura, que tem a emoção como um dos campos de análise para se pensar as conexões com futebol. Ao levantar esse aspecto, os autores chamam a atenção para o caráter relevante da emoção enquanto possibilidade de expor hierarquias, relações de poder e motivação. É algo instigante e intimamente ligado a uma das possíveis motivações pela prática futebolística, um espaço que produz emoções das mais diversas. Podemos ir além, buscando compreender como a emoção pode nos levar a atitudes de resistência e luta por aquilo que buscamos para nosso bem-estar.

Rechia (2015), reforça o fato de que usufruir o direito ao lazer no meio urbano pode ser uma possibilidade para alcançarmos brechas de liberdade e felicidade em meio a essa complexidade, desde que consigamos compreender a importância dessa dimensão para a vida humana. Assim como a autora citada, corroboro com a ideia de que oportunizar experiências culturais e esportivas em lugares destinados às vivências do ócio e em diferentes ambientes urbanos é garantir educação integral e ampliada, assegurando a preservação de um patrimônio cidadão, no qual o direito ao lazer está incluído (RECHIA, 2015).

Faz-se necessário ter claro que o lazer, enquanto uma necessidade humana e dimensão da cultura, constitui relações dialógicas com a educação, com o trabalho, com a política, com a economia, com a linguagem e com a arte, entre outras dimensões da vida social, sendo parte integrante e constitutiva de cada coletividade (GOMES, 2014). Aí entra o exercício da cidadania, que faz com que grupos invisibilizados se vejam no direito de também reivindicar para si as práticas de esporte e lazer, como o caso das pessoas LGBTQIA+, foco desse estudo. Cabe também ressaltar que, mesmo com alguma ausência de atuação estatal na concretização de políticas sociais, o lazer acontece, persiste, resiste e abrocha onde menos se espera (CHEIBUB, 2015).

Logo, tenho clareza que as práticas esportivas como modo de lazer, a exemplo do futebol aqui investigado, são vivências também entremeadas por possibilidades e tensões, as quais se fazem presentes em distintos âmbitos e contextos, indicando a relevância de desvelar outras possibilidades para se problematizar o lazer que possam ir além do entendimento convencional e restrito, que o define como mero apêndice do trabalho (GOMES, 2014).

Focar o futebol praticado e vivido pelas pessoas LGBTQIA+ vem acompanhado da perspectiva de estranhamento, a qual permite ao pesquisador identificar e descrever fatos que são invisíveis inclusive para ele (TEIS; TEIS, 2006). Tal atitude pode ser aqui compreendida como um questionamento e uma abertura ao conhecido/desconhecido enquanto possibilidade de novas investigações, indagações e abordagens sobre o futebol como lazer das pessoas LGBTQIA+.

É necessário atualizar a compreensão do olhar sobre o lazer, um tema compartilhado com os mais variados campos de estudo. Nesse raciocínio, características multifacetadas e olhares transdisciplinares são necessários para estudar o tema, como nos alerta Schawartz (2015). Essas reflexões são necessárias para que subsidiem pesquisas no campo dos estudos do lazer e políticas públicas e disseminação dessas práticas como um direito social (SCHAWARTZ, 2015).

Aqui, cabe lembrar o fato de que pessoas que escapam à norma heteronormativa escapam também do acesso a direitos, pois eles são negados a esses indivíduos. Concordo com a estudiosa Louro (2007), ao dizer que conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. Mas, infelizmente, esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira (LOURO, 2007), algo facilmente perceptível para aqueles com olhares mais atentos e particularmente sentidos pela comunidade LGBTQIA+.

A conjuntura da vida social de todos os indivíduos parece pautar-se única e exclusivamente numa concepção cristalizada sobre o significado do que venha ser homem/mulher. Logo, segundo Louro (2007), é relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres (LOURO, 2007).

A partir desse raciocínio, coerente com a crítica à lógica dos binarismos, apostamos na possibilidade de questionar as oposições consagradas e tidas como verdades absolutas, entre elas aquelas referentes ao que seja homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, aspecto pertinentemente ressaltado por Louro (2007). Penso que ao assumir neste estudo, entre outras, uma

perspectiva teórica pós-estruturalista, concordo com a autora que “[...] parecerá pouco adequado, então, lançar mão de (ou construir) tabelas de categorias fixas, colunas e quadros classificatórios, escalas e matrizes” (LOURO, 2007, p. 205). Caso optemos por isso, deveremos perturbar essas tabelas ou colunas em suas análises, embaralhando, de algum modo, as linhas ou os enquadramentos (LOURO, 2007), um esforço que não escampos de fazer no estudo aqui apresentado.

Partimos da compreensão de que as identidades de gênero e sexuais, quando conceituadas na ótica dos Estudos Culturais ou na perspectiva pós-estruturalista, admitem e supõem deslizamentos e dificilmente se encaixam exclusivamente num único registro (LOURO, 2007, p. 215). Logo, utilizamos dos aportes teóricos dos Estudos Culturais, de Gênero e *Queer*, alicerces importantes para a pesquisa e seus desdobramentos. Cabe, ainda, lembrar que as abordagens teóricas e políticas sobre o tema das chamadas minorias sexuais e de gênero têm demonstrado que as estratégias teóricas e políticas priorizaram a conquista de direitos e suas práticas e discursos têm-se remetido ao campo da assunção e ao reconhecimento dos sujeitos identitários (CESAR, 2016).

Mas, por que o futebol? O que motiva/motivou nos sujeitos LGBTQIA+ o interesse pela prática de uma modalidade que historicamente se constitui um espaço tóxico e preconceituoso para esses indivíduos? Podemos começar respondendo que a reivindicação dessa comunidade pelo direito às práticas esportivas, em especial àquelas futebolísticas, é um fato recente, provocado por uma ação da própria comunidade e por uma visibilidade cada vez maior desses atores em diversos âmbitos de nossa sociedade. Entretanto, é importante esclarecer que algumas pesquisas científicas cujas temáticas refletem o futebol como espaço heteronormativo têm sido expressivas, mas quando se referem à presença de homossexuais no futebol, seja em campo ou na torcida, ou mesmo à homofobia neste esporte, poucos são os trabalhos realizados (SILVA JUNIOR, 2018).

Refletir sobre o esporte, e em especial o futebol e pessoas LGBTQIA+, nesse contexto, para além dos códigos e regras heteronormativas e excludentes me parece necessário e urgente, em resposta aos desafios apresentados por uma conjuntura local, nacional e global.

Talvez possamos falar em “futebóis”, uma vez que sua prática e vivência tem sido caracterizada de diversas formas, como o caso da prática futebolística observada neste estudo. Aqui, compartilho as ideias com Damo (2018) — autor que

cunhou o termo enquanto expressão das diversas formas de prática da modalidade —, ao dizer que o uso da noção de futebóis foi uma estratégia para afirmar a diversidade e ao mesmo tempo demarcar a diferença entre a discursividade midiática e a nossa.

Além disso, devemos nos atentar para a conjuntura social e política dos últimos anos, que têm presenciado tanto mudanças quanto resistências sobre a participação da comunidade LGBTQIA+ nas mais diversas esferas socioculturais, assim como nas práticas esportivas. Isso vem na esteira de fatos políticos recentes, como a ascensão das pautas feministas e da própria comunidade LGBTQIA+ por meio de artistas, esportistas e militantes. Logo, se para o feminismo o pessoal é político, vivemos um momento histórico de inúmeros posicionamentos pessoais perante instituições sociais, e o esporte não tem escapado dessa discussão dentro e fora da comunidade LGBTQIA+.

Compreendo o futebol como um campo de produção e reprodução de subjetividades e se, por um lado, o acesso a ele é facilitado devido às características que o acompanham, por outro lado nem todas as pessoas têm acesso fácil à modalidade. De Souza (2020) nos ajuda nessa compreensão quando recorre a Abrahao e Soares (2012), ao alertar que os esportes não são independentes em relação à sociedade na qual eles se desenvolveram e seus valores são atualizados em conformidade com a estrutura social em que estão inseridos. Desafiar essa conjuntura que permeia o futebol tem sido uma bandeira buscada pelos sujeitos foco do estudo aqui apresentado, muito em parte por compreendermos que, muitas das vezes, o futebol funciona como um campo onde a masculinidade heterossexual viril encontra espaço para ser reforçada como verdade, não deixando espaço para outras expressões de gênero (DE SOUZA, 2020).

Percebemos nos últimos anos, mesmo a contragosto de setores conservadores, como a extrema direita, uma participação cada vez maior de pessoas LGBTQIA+ (declaradas ou não) no universo esportivo, talvez uma das fronteiras mais resistentes a tais presenças. Penso que a consequência natural desse debate passe também pela revisão dos cânones estéticos, assim como de identidades regionais e nacionais que se apresentam como universais ao negarem ou encobrirem determinações de raça, gênero e classe (ESCOSTEGUY, 2010).

Como chamam a atenção Bueno e Amaral (2018), a participação de atletas amadores assumidamente homossexuais em competições de futebol voltadas

exclusivamente para o público LGBTQIA+ é algo recente no Brasil, e por isso é importante que pesquisadores se debrucem sobre o fenômeno. A ideia de que esse esporte reforça o aspecto de virilidade e força física dá margem a atitudes preconceituosas, como a máxima proferida por envolvidos na prática: futebol é para homem (BUENO; AMARAL, 2018). No entanto, isso não tem impedido que esses indivíduos reivindiquem espaços para a prática da modalidade e adentrem nesse meio com seus corpos e sexualidades dissonantes.

Esse aspecto é reforçado por Anjos e Silva Junior (2018), que também veem os sujeitos LGBT's que ocupam o ambiente futebolístico como corpos dissonantes por se desviarem de padrões estéticos, comportamentais e identitários ali idealizados. Logo, essas pessoas apresentam um potencial disruptivo e subversivo em relação às normatividades instituídas por esse esporte (CAMARGO, 2016).

As competições LGBTQIA+ que ocorrem com uma frequência cada vez maior inserem-se no sistema esportivo global e, mesmo em escala de menor importância, são um produto da modernidade, assim como o esporte moderno o é, como bem nos Lembram Camargo e Rial (2011). “Do mesmo modo com que este último foi difundido e apropriado de distintas maneiras no mundo, aquelas funcionam como projeto político de (re)invenção e (re)afirmação de identidades sociosexuais.” (CAMARGO; RIAL, 2011, p. 980), o que nos permite perceber as inúmeras possibilidades de investigações que podem surgir ao focarmos nesse fenômeno.

Aprofundamos um pouco mais nosso olhar sobre o estudo do futebol a partir do raciocínio de Gomes (2020), que nos apresenta o campo enquanto conceito elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Segundo o autor, o campo pode ser definido como um espaço simbólico e social de disputa entre agentes, um microcosmo que possui maior ou menor grau de autonomia (jamais independente, porém) em relação a espaços sociais mais amplos, possuindo regras específicas de relação entre tais agentes (GOMES, 2020).

Sendo assim, faz-se necessário compreender o grau de autonomia desse microcosmo em relação ao macrocosmo, ou seja, devemos levar em conta que o futebol carrega consigo formas múltiplas de retratarmos uma dada realidade dos grupos sociais que disputam pela sua prática, as possibilidades que ele apresenta para um contexto e aqueles sujeitos que dele fazem parte. Dessa forma, é possível superar a dicotomia entre indivíduo/sociedade, que se refere à imposição das estruturas sociais sobre os indivíduos. Esse viés também permite rever a análise

individualista que aponta para a total liberdade de ação independentemente das estruturas, possibilitando observarmos a relação entre os dois polos e a influência mútua e dialética entre eles (GOMES, 2020).

Isso pressupõe que jogos de futebol possam ter tonalidades muito diversas, mesmo quando apenas homens dele participam, afinal, homens (e mulheres) não são iguais em toda a parte, como Damo (2007) ressalta. Logo, compreendemos a relevância de captar os significados a partir de eventos e de sujeitos concretos, o que não implica negar o interesse e a possibilidade de formular questões abstratas, tampouco de forjar interpretações alargadas (DAMO, 2007).

Camargo (2020) chama nossa atenção para o fato de que, na atualidade, há outros sujeitos que devem ser considerados e que se expressam seu conhecimento futebolístico, cujas ações têm politizado o campo esportivo por meio de práticas que inauguram o que ele chama de “múltiplos futebóis”. Essas expressões interseccionalizam classe, geração, etnia, capacidade e gênero na performance do jogo. Tal fato vai ao encontro da emergência das pautas de interesse pela prática futebolística, entre as quais incluem-se as feministas e as de alguns membros da comunidade LGBTQIA+.

Nesse sentido, trazer aqui a noção de “futebóis” nos parece perspicaz enquanto uma estratégia para afirmar a diversidade e, ao mesmo tempo, demarcar a diferença entre a discursividade midiática e a nossa (DAMO, 2018). Para o autor, o fato de que o *mainstream* não reconhece senão o futebol de espetáculo e não se envolve em debates acerca do seu destino é perfeitamente compreensível e aceitável (DAMO, 2018). No entanto, precisamos ir além dessa concepção, fazendo-se necessário que pesquisas, políticas públicas de esporte e lazer, assim como agentes culturais, estejam mobilizados em torno de uma pauta que estimule e dê suporte à diversidade cultural e esportiva como um todo.

Sendo assim, acredito que uma política de educação para o lazer, seguindo os pressupostos da animação cultural, contribuiria para que os sujeitos compreendessem e reivindicassem o lazer enquanto direito social, amparado no exercício consciente do direito de escolha (CHEIBUB, 2015). O conhecimento desse direito social ainda é incipiente junto à comunidade LGBTQIA+, cujas pautas recentes têm se concentrado em políticas sobre o direito à união estável, à adoção, ao nome social e à criminalização das violências, dentre outras. A compreensão do direito ao lazer é importante, uma vez que tal aspecto diz respeito à fruição desse

direito em todos os espaços, sem que, para isso, seus membros sejam impedidos e/ou sofram violência física ou simbólica.

Entretanto, as resistências institucionais e sociais crescem em proporção aos avanços e iniciativas provocados pelos grupos à margem da sociedade. Para Pinto e Almeida (2014), o esporte e, mais especificamente, o futebol ainda têm se revelado um reduto do preconceito aos homossexuais, uma vez que quanto mais a sociedade se constrói no respeito ao diferente, mais nítida fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol.

Podemos retornar agora aos motivos pelos quais as pessoas LGBTQIA+ buscam o futebol enquanto espaço de vivência do lazer. Num primeiro momento, parece-nos surpreendente a prática sistematizada de futebol por parte de grupos de homens brasileiros homossexuais que se dizem fanáticos pelo esporte bretão, quando, provavelmente, foi esse esporte que os excluiu das práticas de atividade física ao longo de suas vidas (CAMARGO, 2020). Cabe-nos refletir se esses são sujeitos que tiveram histórias dolorosas de discriminação, rejeição e preconceito no futebol convencional de matriz espetacular. É preciso investigar se essas pessoas passaram por momentos de *bullying* e humilhação em aulas de educação física em suas vidas estudantis, como nos questiona Camargo (2020).

Tal questionamento é um dos motes desta pesquisa, já que estudos etnográficos que abordam os sujeitos LGBTQIA+ praticantes de futebol ainda são raros. As primeiras competições oficiais voltadas para esse público ocorreram em 2017, na Região Sudeste e, por isso mesmo, estão ainda se consolidando e permitindo que aos poucos surjam cada vez mais times e um número cada vez maior de praticantes da modalidade por todo país. Não se passou nem uma década desde as primeiras competições oficiais, mas, apesar disso, e com os dados que esse estudo irá demonstrar, percebemos um fenômeno em ascensão, cujas competições têm sido cada vez mais acirradas, envolvendo inúmeros aspectos que têm chamado a atenção de pesquisadores e da mídia.

Além disso, como ressalta Anjos e Silva Junior (2018), o processo de desnaturalização atingiu também o ambiente acadêmico, que está mais atento a sujeitos e grupos marginais ao universo hegemônico do futebol.

Se muitas dessas histórias foram e são invisibilizadas, descortiná-las é um ato necessário para compreender a multiplicidade de experiências que se dá nos campos e arquivadas (ANJOS; SILVA JUNIOR, 2018, p. 227-228).

Tais aspectos abordados até aqui são motivos mais que suficientes na busca em desvendar esse fenômeno denominado futebol em uma de suas facetas ainda pouco exploradas, como o fato de que sujeitos “outros” buscam, ao seu modo e com seus corpos e desejos, (re)criar e vivenciar sua prática. Muitas são as variáveis que estão em jogo quando o assunto é associarmos a comunidade LGBTQIA+ e as práticas esportivas, como as futebolísticas, que também são objeto de paixão para parte desses indivíduos.

1.2 Pegadas pelo caminho: aprendendo a etnografar

[...] palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto (...) o que foi a ação vivida. (PEIRANO, 2014, p. 386).

1.2.1 Muito prazer: sou a etnografia

O prazer é meu. Aqui fala um pesquisador iniciante na etnografia, um pouco atrevido, mas muito curioso em adentrar esse campo dos estudos. Acho que essa amizade será proveitosa para ambos e, em particular, para essa investigação que opta pela etnografia em sua metodologia.

A compreensão acerca da etnografia foi algo feito no percurso da elaboração, planejamento e realização da pesquisa aqui descrita. As palavras de Peirano (2014), que abrem essa seção, foram algo que percebi e persegui durante todas as etapas da investigação, em especial quando do início do trabalho de campo. Tal aspecto também contribuiu na escolha do tema desta pesquisa. Ao presenciar a realização de um campeonato LGBTQIA+ de futebol *society/fut 7* em Belo Horizonte, fui pego me questionando e refletindo sobre o que era aquilo que ocorria diante dos meus olhos e, a partir de então, eu soube qual seria meu objeto de estudo: o futebol vivenciado pelas pessoas LGBTQIA+ enquanto experiência de lazer.

Sendo assim, a proposta metodológica escolhida por essa investigação foi de natureza etnográfica, enquanto:

[...] uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2003, p. 84-85).

A compreensão da etnografia enquanto uma metodologia e não mera ferramenta demonstrou ser necessária para o entendimento do objeto deste estudo de forma significativa, como deixa claro o pesquisador Magnani, na citação acima, e outros estudiosos do campo que aqui serão também citados. A abordagem etnográfica foi apropriada para levar em frente essa investigação voltada para o

público LGBTQIA+ e o futebol, buscando compreender tal fenômeno e os significados e sentidos que os atores atribuem e utilizam em sua relação com a prática.

Logo, esta pesquisa assumiu uma natureza qualitativa na coleta, descrição e análise dos dados, a partir dos pressupostos etnográficos, que implicam na recusa a uma orientação definida previamente, uma vez que a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos e com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual (PEIRANO, 2014). Pensando nos atores deste estudo, a etnografia aqui descrita foi uma construção narrativa num dado tempo e lugar, e tive a clareza de aceitar os limites do que consegui achar e os caminhos que ela me revelou. Sendo assim, os resultados encontrados são válidos enquanto vistos a partir dessa experiência.

De acordo com essa metodologia, utilizamos como instrumentos de coleta o caderno de campo, a observação participante e a entrevista semiestruturada. As entrevistas com os sujeitos foram gravadas e transcritas, assim como os contatos estabelecidos com os participantes em grupo, além da observação das situações dentro e fora dos jogos e práticas da modalidade registradas no caderno de campo. Ao longo da tese, optamos por transcrever as falas dos entrevistados o mais próximo possível da forma como elas foram extraídas. Por isso, eventuais desvios da norma-padrão e variações linguísticas foram mantidos.

Como inspiração para as entrevistas e observações, numa abordagem etnográfica trabalhamos numa perspectiva da trajetória de vida dos sujeitos, não havendo necessariamente uma narrativa com início, meio e fim, como exemplifica Camargo (2012). A observação participante e o diário de campo se constituíram como instrumentos fundamentais na coleta de dados junto ao grupo e às pessoas pesquisadas. Quanto à observação participante, foi feita, ainda, a captura de imagens através de fotos nas ocasiões que se fizerem necessárias, para o aprofundamento e compreensão do objeto aqui pesquisado (jogos e campeonatos).

Vale salientar o tratamento dado ao conjunto dos dados obtidos e como eles são registrados, algo fundamental numa abordagem etnográfica como a aqui proposta. Para Peirano (2014), a qualidade de uma boa etnografia reside em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem. Queremos com isso, conseguir colocar no texto o que foi a ação vivida junto às pessoas LGBTQIA+ praticantes de futebol. Desse modo, o trabalho de campo se fez pelo diálogo vivido

que, depois, é revelado por meio da escrita, sendo necessário ultrapassar o senso comum de que a linguagem apenas diz e descreve, com base na relação entre uma palavra e uma coisa e todos os aspectos envolvidos nessa dinâmica relacional (PEIRANO, 2014).

Ao etnografar os momentos de sociabilidade, os treinos e competições de praticantes LGBTQIA+ de fut 7, procurei também estar atento ao que os estudiosos do campo produziram até aqui. Peirano (2014) ressalta que boas etnografias cumprem, ao menos, três condições: consideram a comunicação no contexto da situação, transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, ao fazer com que a experiência se torne texto e, por fim, detectam a eficácia social das ações de forma analítica. Nesse sentido, a experiência etnográfica aqui apresentada permitiu considerar também o percurso de investigação como um processo de aprendizagem do fazer etnográfico.

Malinowski (1978) reforça, ainda, que uma explicação que utiliza o método etnográfico deve orientar-se por três princípios: a estruturação genealógica da “tribo”; a vivência entre os nativos; e a construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa. Logo, percebe-se que a etnografia direciona a realização de diferentes etapas teórico-metodológicas que não necessariamente apresentam uma sequência cronológica (OLIVEIRA, 2018).

Cabe deixar claro, ainda, que na análise dos dados os sujeitos também foram considerados como historicamente situados, uma vez que, ao praticar a investigação dentro dos Estudos Culturais, deve prevalecer a ideia de que pesquisar significa construir interpretações, certos modos de compreender o mundo, sempre historicamente localizados, subjetivos e relativos (ESCOSTEGUY, 2010). Dentro dessa perspectiva, o material obtido diante de práticas metodológicas etnográficas não pode ser entendido como um dado natural.

Concordo com Camargo (2021) ao esclarecer que a intenção com a utilização dos diversos instrumentos disponíveis foi também interpretar a dimensão simbólica dessas novas práticas esportivas em nosso país, e entender o modo como subjetivam de forma distinta o futebol *society*/fut 7, tornando-o um espaço de acontecimento em conexão com as expressões de suas sexualidades e identificações generificadas.

Aproveito para destacar, ainda, o uso de um “caderno de campo visual” e de gravação de áudio. Este último recurso foi muito utilizado em diversas ocasiões, pois

facilitava a descrição dos fatos que presenciava ou eram relatados pelos sujeitos e posteriormente transcritos para o caderno de campo. Tais recursos metodológicos têm como elemento fundamental a concentração no detalhe do cotidiano, enquadrando-o no todo da vida social, articulando de forma profunda e fundamentada a abordagem empírica e teórica (BAPTISTA, 2009).

Quanto ao diário de campo visual (no caso, foram utilizadas principalmente fotos e imagens), cabem alguns esclarecimentos a partir de estudiosos do campo da iconografia.⁴ Campos (2011) nos ajuda nesse sentido, ao repensar as correspondências entre a imagem e a palavra, no contexto dos modos de representação etnográfica. Para alguns, essa é uma relação que obedece a um princípio de hierarquização, quando, para outros, há que assumir a especificidade e a potencialidade de cada um desses sistemas de significado, evitando qualquer tipo de subordinação (CAMPOS, 2011).

Esse recurso utilizado, aqui também chamado de diário de campo visual,⁵ contribuiu para descrever aspectos das competições e locais onde aconteciam, os escudos dos times, assim como seus uniformes e a expressão corporal dos sujeitos. Tratando-se de uma comunidade que muito se expressa por meio de gestos, atitudes, “closes”, “lacs”, e muita “aquendação”,⁶ a utilização desse recurso foi importante para a descrição e a análise dos dados aqui obtidos.

Utilizamos, ainda, como uma fonte a mais de informações sobre o universo pesquisado, as mensagens trocadas entre os integrantes do time num grupo de WhatsApp, sendo esse processo devidamente autorizado pelos participantes. Tal recurso possibilitou uma compreensão mais ampla do dia a dia dos jogadores, suas características e idiossincrasias.

⁴ Quanto à bibliografia especializada, diríamos que o seu impacto é diminuto, para não dizer praticamente inexistente, tal é a escassez de referências às metodologias visuais nos manuais de métodos e técnicas de investigação. No entanto, a utilização dos engenhos visuais para a perscrutação do homem e do ambiente fabricado têm mais de cem anos de história (CAMPOS, 2011).

⁵ De acordo com Campos (2011) a fotografia e o vídeo continuam a desempenhar um papel importante enquanto mecanismos de colheita de dados, proporcionando elementos de análise rigorosos e detalhados sobre a cultura visual de uma comunidade. Entretanto, segundo o autor, não podemos cair na tentação ingênua de conceber o olho mecânico como um dispositivo de representação cristalina que, por via de uma operação mimética, engendra uma realidade-segunda à imagem e semelhança da primeira.

⁶ Por meio de gírias antigas e atuais, o vocabulário usado pelas pessoas LGBTQIA+ tem mudado ao longo dos anos. Com variações resultantes de regionalismos, diferenças etárias e religiosidade, expressões como “close” e “lacre” são uma das tantas produzidas pela comunidade. A expressão “aquendar” (aquendar), do bajubá, significa chamar para prestar atenção; fazer alguma função. Para saber mais ver: Aurélia - Dicionário da Língua Afiada (VIP; LIBI, 2013).

Por fim, este estudo focou o futebol praticado por sujeitos de um time LGBTQIA+ da cidade de Belo Horizonte, acompanhando seus treinos, competições, confraternizações e viagens, assim como as interações com outros sujeitos envolvidos na prática futebolística da qual faziam parte. O período de acompanhamento efetivo junto aos sujeitos transcorreu no ano de 2023, durante oito meses.

1.2.2 Contatos preliminares com os sujeitos da pesquisa

Ao descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas — a sua visão do mundo, os sentimentos, ritos, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações — o pesquisador também avalia suas próprias ações enquanto pesquisador e participante do processo de pesquisa (TEIS; TEIS, 2006, p. 07-08).

A premissa acima, presente nos dizeres das pesquisadoras citadas, foi levada em consideração nas aproximações iniciais junto ao objeto e aos sujeitos dessa investigação e nos demais tempos/espacos da pesquisa. Num primeiro contato com o time Predadores, acompanhando um de seus treinos, pude me aproximar dos jogadores e conhecer um dos locais onde costumavam realizar sua prática. Como nos esclarece Magnani (2009), entendida como método em sentido amplo, a etnografia engloba as estratégias de contato e inserção no campo, condições tanto para a prática continuada como para a experiência etnográfica que levam à escrita final. Esses contatos iniciais serviram de aprendizado nessa investigação etnográfica, fundamental na definição dos instrumentos de coleta de dados, assim como o aprofundamento dos aportes teóricos da etnografia. Tal experiência também influenciou nas escolhas e caminhos dessa pesquisa, que foram constantemente revistas durante o processo de coleta de dados e contato com os sujeitos.

Esse primeiro contato com o time e seus integrantes se deu em um domingo de agosto de 2022, quando pude acompanhar um dos seus treinos numa quadra de futebol *society*, a Arena Bola na Rede, localizada no bairro Liberdade, região da Pampulha, em Belo Horizonte. Mais tarde, perceberia que esse espaço seria palco de muitos treinos, competições e amistosos do time devido a uma parceria feita com o proprietário do lugar. Nessa parceria, em troca de um desconto na taxa de uso da quadra, o time deveria doar material de limpeza, higiene pessoal ou algum alimento não perecível, os quais eram encaminhados pelo proprietário a instituições de caridade.

FIGURA 6 - Quadra Bola na Rede, localizada na região da Pampulha, cidade de Belo Horizonte. O espaço possui duas quadras de futebol *society*, uma quadra de areia, e um bar. A quadra foi palco de muitos eventos com a participação do Predadores e de outros times LGBTQIA+ da cidade, mas também aconteciam simultaneamente competições e amistosos de jogadores heterossexuais.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 7 - Espaço do bar da quadra Bola na Rede.



Fonte: Arquivo pessoal.

Vale salientar que esse primeiro contato com o time em um de seus treinos ocorreu de modo informal, como meio de conhecer os participantes e, assim, conseguir mais à frente a aceitabilidade dos seus integrantes. Eu havia realizado um contato anterior com o presidente do time na época, o objetivo de desenvolver a minha tese sobre jogadores de futebol LGBTQIA+ e de acompanhar mais de perto um dos times, no caso, o Predadores. Em todas as nossas conversas ele sempre se mostrou receptivo e disposto a colaborar e, assim, fui assistir ao primeiro treino do time já enquanto pesquisador, mas de modo ainda informal, como dito anteriormente, pois o projeto ainda não havia sido apreciado pelo Comitê de Ética.

O treino já havia começado quando eu cheguei, por volta das 16h30. As quatro horas que se seguiram a esse meu contato foram cheias de curiosidade e

certa ansiedade. Será que eu seria bem recebido pelos jogadores? Como eu deveria me apresentar e falar sobre os objetivos do projeto? Deveria ser o menos formal possível para deixar que os fatos se sucedessem de modo natural? Acabei optando por essa última alternativa e, chegando ao local, cumprimentei o presidente do time e aguardei um momento em que ele estivesse disponível para conversarmos. Quando cheguei, os integrantes já haviam iniciado um treino físico e estavam se preparando para realizar um treino coletivo com um outro time LGBTQIA+ da cidade, o Inconfidentes Esporte Clube.

Assim que começou o treino coletivo, o presidente me chamou para conversarmos, enquanto ele não participava do jogo. Na ocasião, ele ocupava a posição de goleiro e de treinador, líder e um certo tipo de conselheiro do time. Nessa nossa primeira conversa, ele me contou um pouco da história do time: ele foi formado e fundado em fevereiro de 2019 por alguns dissidentes do Felinos, devido a um descontentamento. A escolha do nome do time foi feita democraticamente, segundo ele. Entre oito nomes chegou-se a “Predadores” e decidiram que as cores do time seriam o verde e o preto. O presidente me explicou que criaram um CNPJ do time para que, dentre outras coisas, pudessem captar algum tipo de incentivo e recursos além do que os integrantes pagavam, uma mensalidade (R\$50,00) para as despesas de aluguel de quadras, treinamentos, dentre outros. Ele me contou que o time na época contava com 20 integrantes, mas nesse treino só estavam presentes 10 pessoas, algo que o incomodava, uma vez que alguns deles tinham pouco compromisso com os treinos (inclusive, os meus dois amigos que me apresentaram ao time...). Mais tarde, pude perceber que esse número de jogadores se alternava, seja devido à entrada de novos integrantes ou à saída de alguns.

Observei nesse treino que os jogadores presentes apresentavam níveis de habilidades e compreensão tática do jogo diferentes, mas que o presidente buscava acolher todos, orientar e apoiar as jogadas e tentativas de melhoras. Os dois times que estavam fazendo o coletivo eram formados por homens gays e situações comuns desse universo acabavam vindo à tona, como dialetos e frases do tipo: “Vai, viado!”; “Chama o meu marido aí” e alguns “closes”, como desfiles no intervalo.

Durante o intervalo do coletivo, o presidente aproveitou para orientar os jogadores sobre posicionamento em campo, tática do jogo, a importância de participar dos treinos para evolução técnica e tática e para um bom desempenho nos torneios e amistosos. Presenciei um diálogo em que ele lembrava aos jogadores

que, se for participar do time “pra jogar por jogar”, sem compromisso ou interesse em competir, por exemplo, tudo bem, mas caso exista esse interesse, é preciso “aguentar a pressão e as críticas para que melhore”. Essa situação me permitiu verificar as similaridades e diferenças do futebol praticado ali em relação àquele praticado fora desse meio, como no caso dos ambientes cis-heteronormativos.

O espaço do centro esportivo Bola na Rede é bem amplo, possuindo duas quadras de futebol *society*, quadra de vôlei de areia, um bar, espaço para confraternização e abrigo para os presentes. O presidente do Predadores lembrou, na ocasião, que normalmente seu time e outros LGBTQIA+ fazem os treinos nessa quadra aos domingos à tarde, mas que o local funciona todos os dias da semana e está aberto também para jogadores heterossexuais.

Pude observar que nesse mesmo local, na quadra ao lado, acontecia um coletivo com a participação de outros times LGBTQIA+ da cidade. Percebi que num deles havia uma mulher trans que, segundo eu já havia sido informado anteriormente, era integrante do time Felinos. Esse time possuía uma técnica responsável pelos treinos da equipe. Tais aspectos iniciais acabaram por revelar características dos praticantes, como aquelas relativas à orientação sexual e à identidade de gênero.

Encerrado o treinamento, alguns integrantes do time foram confraternizar no bar do local, em uma das famosas “resenhas”. Eu inicialmente pensei em ir embora em seguida ao término, mas o presidente me convidou para ficar mais um pouco e me sentar com os demais jogadores para tomarmos uma cerveja. Ele aproveitou para me apresentar aos participantes e compartilhar os objetivos de minha presença ali. A recepção, a curiosidade e o interesse de quem estava presente foram muito bons. Na ocasião, pude conhecer alguns deles, suas idades (a maioria na faixa etária entre 20 e 40 anos), nomes e tempo de time — havia alguns com um tempo maior e outros recém-chegados no grupo. A maioria era formada por homens gays cis, algo que fui confirmando a partir da aproximação com os jogadores, que revelaram ainda aspectos iniciais relevantes relacionados não apenas à identidade de gênero e à orientação sexual, mas também aspectos a recortes como raça, classe e idade.

O papo transcorreu normalmente e falamos de tudo um pouco: sobre as paqueras, espaços de diversão LGBTQIA+ em Belo Horizonte etc. Além disso, pude conversar com o presidente sobre algumas características dos times e torneios dos

quais participavam. Ele lembrou que há uma inconstância no número de times e jogadores e que isso ocorre devido, em parte, a um certo modismo e pela questão do apelo sexual. Para ele, alguns procuram participar dos times e desses torneios não pela competição, mas pela possibilidade de contatos sexuais e afetivos. Comentou ainda que, como a maioria dos participantes são homens gays, as lésbicas acabam não ficando por muito tempo, porque não encontraram espaço para também paquerar, já que há poucas lésbicas no meio.

Ele lembrou, ainda, que a competitividade é alta, o que possibilita rivalidade entre os times que acabam buscando por resultados positivos. Muitas vezes, segundo ele, isso acaba sendo mais importante que a participação. Reforçou que, por priorizarem as vitórias, os times acabam escalando atletas melhores para jogar.

Esse primeiro contato foi importante para o conhecimento preliminar do time, dos sujeitos e da conjuntura em que estão inseridos, a saber: participação em treinos, amistosos e competições voltadas para o público LGBTQIA+. também foi essencial para irmos mais além, ao compreendermos que os momentos de socialização — como a “resenha” aqui descrita — se constituem também como importante espaço de compreensão do fenômeno em questão.

Como reforça Magnani (2009), torna-se possível verificar que há planos intermediários onde se pode distinguir a presença de padrões e regularidades — ainda que em fluxo, em negociação. Para identificar essas regularidades e poder construir, como referência, algum tipo de totalidade no interior da qual seu significado possa ser apreciado, é preciso contar com alguns instrumentos e categorias de análise (MAGNANI, 2009), algo que foi perceptível nessa investigação e que contribuiu para o encaminhamento da pesquisa.

Essa descrição inicial faz parte de um todo metodológico que caracteriza a etnografia, mas é pertinente esclarecer que um estudo dessa natureza não pode ser considerado breve, pois assumiríamos o risco de tomar descrições superficiais por densas (GEERTZ, 2008). Nos passos seguintes, serão feitas as descrições densas dessa investigação, para análise mais aprofundada do objeto. Cabe aqui lembrar que outro conceito pertinente ao método da descrição densa se relaciona à ideia do “estar lá”, ou seja, da importância da presença do cientista no local investigado, o que lhe permite, a partir de sua experiência de imersão em uma nova cultura, produzir aquilo que Geertz (2008) denominou conhecimento ou saber local

(TALAMONI, 2014). Essa percepção foi adotada nos primeiros encontros com os sujeitos desse estudo e nos demais que se sucederam.

Essa inserção do pesquisador em determinado ambiente com o intuito de observar e compreender constitui-se, como esclarece Talamoni (2014), em uma ação social, uma experiência, que altera em maior ou menor grau a dinâmica do local investigado, podendo gerar estranhamento e outras reações por parte dos sujeitos da pesquisa.

1.2.3. Detalhando o percurso da pesquisa

Como dito anteriormente, foi necessário um conhecimento prévio dos sujeitos desse estudo, assim como se desenvolviam suas práticas futebolísticas. Isso foi fundamental para estabelecer o caminho a ser percorrido e para podermos adentrar o campo e realizar as coletas dos dados, as descrições e as análises desse primeiro encontro. Os demais encontros e observações serão analisados nos capítulos seguintes da tese.

Saliento que o estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), conforme designação da Plataforma Brasil, sob o número do CAAE: 55884522.9.0000.5149 e do Parecer: 6.029.940 (anexo). Cabe destacar também que os sujeitos entrevistados e identificados nas fotografias assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme exemplo em anexo), autorizando o uso de suas imagens para fins acadêmicos e de pesquisa.

Após ser autorizada a inserção *in loco*, foi iniciada a observação participante, utilizando os instrumentos citados anteriormente, procurando ir ao encontro dos objetivos da pesquisa. Cabe ressaltar que os dados das investigações aqui descritas são resultados de uma construção com as muitas idas e vindas que compõem o exercício da etnografia (GOMES; FARIA, 2015).

Em busca das respostas para as questões levantadas nessa investigação etnográfica, a pesquisa foi desenvolvida no período de 8 meses durante o ano de 2023. Observando e participando dos treinos e jogos do grupo investigado, realizamos 41 idas a campo, nos encontros semanais, que ocorriam nos finais de semana, e algumas vezes durante a semana. Os treinos tinham duração média de três horas, realizados aos finais de semana principalmente. Além desses encontros

coletivos e no contexto da prática do futebol *society/fut 7*, foram também vivenciados outros momentos do cotidiano dos integrantes do grupo, seja individualmente ou com parte dos seus integrantes, durante os momentos de confraternizações diversas, nas tradicionais “resenhas”, em viagens e em outros momentos que faziam parte da dinâmica fora de campo.

Dito isso, segue uma tabela descritiva sobre esse acompanhamento.

QUADRO 1
Dados gerais do acompanhamento etnográfico da pesquisa

EVENTO	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO
TREINOS	11	Aconteciam uma vez por semana, em dias e horários que se alteraram durante o período de acompanhamento.
AMISTOSOS	6: Sendo 4 realizados com times Heterossexuais e 2 com times LGBTQIA+.	Realizados em locais diversos na cidade de Belo Horizonte. Entre os times com os quais o Predadores fazia esses amistosos, havia também times compostos por heterossexuais.
COMPETIÇÕES	Participaram de 7 competições, sendo 2 organizadas para times Heterossexuais e 5 LGBTs.	As competições das quais que o time participou foram: Etapa Sudeste da <i>Champions Ligay</i> , realizada em São Paulo, capital; Taça Tabu (de times heterossexuais) em BH; Taça da Diversidade de São Paulo; Campeonato Mineiro LGBTQ+, em BH; Copa Inclusão (Elite).
AÇÕES	- Ação Social - Jornada Pela Cidadania LGBTQ de BH. - Reunião com	- Realização de campanha de doação de Agasalho; - Participação na Jornada realizada pelo Cellos-MG; - Reunião entre times esportivos

	a diretoria do Cellos-MG	LGBT+ de BH, realizado pelo Cellos-MG.
CONFRATERNIZAÇÕES	4	Realizadas normalmente em comemorações de aniversariantes, aniversário do time e promoção de algum evento.
RESENHAS	12	Aconteciam após os treinos e jogos do time.
TOTAL	41	

Fonte: Dados obtidos durante a pesquisa em questão.

O processo de interação com os sujeitos, o aceite à minha presença e a realização da pesquisa ocorreram como uma paquera, na qual olhares, gestos corporais, silêncio e sensibilidade aguçada são imprescindíveis para conquistar o/a parceiro/a, no caso, os sujeitos da pesquisa. Um pesquisador não inicia uma investigação etnográfica realizando descrições densas, há um processo preparatório e camadas de envolvimento que necessitam ser superadas (OLIVEIRA, 2018). Nesse sentido é preciso ficar claro que as descrições iniciais, algumas aqui já relatadas e outras que serão expostas mais adiante, contemplam a primeira etapa efetivamente *in loco*.

As entrevistas com os sujeitos da pesquisa também foram um momento de escuta e certo grau de intimidade, no sentido de permitir que entrevistados e entrevistador/pesquisador pudessem realizar um diálogo de forma tranquila e assertiva. Entendemos a entrevista como um dos procedimentos metodológicos utilizados pelo modelo qualitativo na produção de dados na pesquisa social. Os dados produzidos pelas fontes orais representam depoimentos particulares de processos coletivos e mostram que a história oral é caracterizada pela sua singularidade, ou seja, é não generalizante, embora esteja conectada com as representações sociais e coletivas (CEDROS, 2011; NEVES, 2006).

Utilizamos neste estudo a entrevista semiestruturada junto aos sujeitos, isso por perceber que ela permite delinear um roteiro de questões que podem originar novas questões a partir do relato do entrevistado. Cabe esclarecer que os critérios de escolha dos sujeitos deste estudo foram: disponibilidade de cada um e tempo

como integrante do time, de acordo com os objetivos dessa investigação. Vale ressaltar ainda que, de acordo com Duarte (2002), numa metodologia de base qualitativa, o número de sujeitos que comporão o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado *a priori* — tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Sendo assim, enquanto forem aparecendo dados originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso, as entrevistas precisam continuar sendo feitas (DUARTE, 2002), fato que foi vivenciado neste estudo.

Logo, entrevistei 10 integrantes do time Predadores e mais dois sujeitos que inicialmente não estavam previstos, mas com o decorrer do acompanhamento das competições foram importantes. Por isso, além de alguns integrantes do Predadores, foi entrevistado o atual presidente da Ligay e um integrante do primeiro time LGBTQIA+ de futebol do Brasil de que se tem notícia, o Real Centro, de São Paulo, criado no ano de 1992. As duas entrevistas ocorreram em momentos diferentes, durante as competições em que os sujeitos estavam presentes, ambas realizadas em São Paulo. As entrevistas com os jogadores do Predadores foram realizadas em meu apartamento, devido à disponibilidade de entrevistado e entrevistador e à captação do áudio de modo adequado. Apenas uma delas foi realizada na quadra Bola na Rede. Os entrevistados são identificados com seus nomes abreviados, em letras maiúsculas e entre parênteses após os depoimentos (Ex.: P. C.: P = Predadores; C= César).

Nesse sentido, pudemos perceber que fragmentos de discursos, imagens, trechos de entrevistas, expressões recorrentes e significativas, registros de práticas e de indicadores de sistemas classificatórios, como reforça Duarte (2002), constituem traços, elementos em torno dos quais construir-se-ão hipóteses e reflexões, serão levantadas dúvidas ou reafirmadas convicções. Tal fato foi vivido e experimentado na condução da investigação que ora apresentamos.

2 LAZER DISSIDENTE: DO ARMÁRIO PARA OS CAMPOS DE FUTEBOL

2.1 Conhecendo o universo futebolístico LGBTQIA+

A oportunidade de acompanhar os jogos da *Champions Ligay*, realizada em Belo Horizonte em novembro de 2019, e o fato de já estar acompanhando as notícias sobre esses torneios de futebol e outros realizados principalmente no eixo RJ-SP me motivaram na investigação aqui descrita, como já salientado. Com a realização da primeira *Champions Ligay* no ano de 2017, o meio futebolístico viu nascer uma expressão que se diferenciava em diversos aspectos dos espaços e jogos de futebol cis-heteronormativos.

Camargo (2021), um dos proeminentes estudiosos do campo do esporte e da comunidade LGBTQIA+, reforça o fato de que se o futebol é a linguagem comum, o que o particulariza é exatamente suas expressões de gênero. Para o autor, com o passar das edições da *Champions Ligay*, o fenômeno foi se popularizando e sujeitos transmasculines — ou seja, que estão em processo de transição de gênero de um corpo biológico de mulher para o de um homem (trans) — binários ou não binários (CAMARGO, 2021).

Ao definirmos como campo e objeto o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+ em Belo Horizonte, conhecendo os times existentes e as atividades que exerciam, optamos, como já foi dito, em acompanhar especificamente o time Predadores, cuja história se confunde com o surgimento dos primeiros times de futebol LGBTQIA+ em Belo Horizonte. A realização da primeira *Champions Ligay*⁷ tornou possível assistir ao surgimento de times de futebol da comunidade nacionalmente. E lá estava também o Bhabixas, primeiro time da cidade, criado naquele mesmo ano, que se sagrou campeão da primeira edição da Ligay.

No trabalho preliminar de imersão no campo, pudemos conhecer os sujeitos e times de BH, assim como os locais onde se desenvolviam sua prática e sua participação em competições. Logo, com o período de conhecimento do universo a ser pesquisado, que ocorreu entre os anos de 2021-2023, foram identificados os seguintes times em Belo Horizonte: Bhabixas Esporte Clube, Mano Tauros Esporte

⁷A LIGAY é a maior associação esportiva LGBTQIA+ sem fins lucrativos do Brasil, e uma das maiores do mundo, com 45 equipes filiadas em todos os estados da Federação e cerca de 2 mil atletas amadores cadastrados (<https://plataforma.sporti.com.br/LIGAY>).

Clube, Felinos Esporte Clube, Predadores Esporte Clube, Inconfidentes *Pride* e Elite Futebol Clube.

O fato de o meio esportivo, e em particular o futebolístico, ser, na maior parte das vezes, avesso àquilo que remete ao feminino e ao público LGBTQIA+ fez gerar em mim um estranhamento, como já relatado, ao ver interesse desses sujeitos em não apenas exercer o papel de telespectador, mas também em entrar em campo e praticar a modalidade. Os contatos iniciais com os integrantes do time Predadores no período citado acima permitiram-me levantar questões e impressões relevantes à temática e aos objetivos deste estudo. Um paradoxo que pude constatar a despeito da visão estereotipada — dentro e fora do meio LGBTQIA+ — de que esses sujeitos têm aversão ao futebol. Fui percebendo que esse público também carrega consigo o amor pela modalidade, possuem aqueles times do coração e muitos deles até frequentam com regularidade os estádios.

Um exemplo disso é o crescimento de torcidas, coletivos e movimentos que agregam pessoas LGBTQIA+ em torno de alguns times no território nacional. Dentre eles, há a Canarinho Arco-íris, uma articulação nacional de torcidas LGBTQIA+ que, dentre seus objetivos, busca desenvolver ações conjuntas para o combate da LGBTfobia no futebol.

Em dado momento nesse período de aproximação com o campo, conversando informalmente com um dos integrantes do time Predadores, questionei-o sobre os motivos pelos quais ele e os demais resolveram participar de um time de futebol LGBTQIA+, dos jogos e campeonatos. Em algumas palavras, ele me disse que, além do amor ao esporte, nesse espaço eles poderiam praticar a modalidade sem sofrer preconceito e violência física ou simbólica. Esse fato foi perceptível quando assisti a alguns jogos e campeonatos, nos quais irreverências, deboche e descontração, características comumente associadas a esses sujeitos, estavam presentes entre os jogadores e torcidas. Mas havia muito mais aspectos que iriam surgir.

Cabe ainda destacar que nesse contato com o objeto enquanto um fenômeno recente, pude perceber que as competições futebolísticas voltadas para as pessoas LGBTQIA+ tem apresentado possibilidade de crescimento e organização cada vez mais apurada. Junte-se isso ao fato de que com a realização de competições e espaços para a prática do futebol pela comunidade a modalidade obtém um alcance

nunca visto, já que anteriormente era espaço de privilégio das pessoas heterossexuais.

Martins e De Assunção (2019) nos ajudam a compreender o fenômeno, ao citarem uma entrevista com um jogador do Bhabixas, relatando que a *Champion Ligay* surge de uma necessidade que a comunidade LGBTQIA+ — especialmente os homens gays — tinha de jogar futebol em um ambiente mais seguro e livre de preconceito. O jogador citado comenta ainda que hoje, devido a essa iniciativa, a comunidade LGBTQIA+ tem um ambiente bom para praticar esportes, longe do preconceito que ronda o futebol (MARTINS; DE ASSUNÇÃO, 2019). No tocante aos campeonatos gays de âmbito nacional, Martins e De Assunção (2019) também confirmam que o Bhabixas foi o primeiro campeão da *Champions Ligay*, cujo nome faz alusão ao campeonato de futebol europeu *Champions League*.

A compreensão preliminar do universo futebolístico LGBTQIA+ que pouco a pouco se consolida em território nacional tem inspirado pesquisas por parte de diversos campos de estudo, demonstrando a relevância de se compreender as expressões de esporte e lazer dessa comunidade, e neste caso, das práticas futebolísticas.

2.2 Sobre aceitabilidade e primeiros passos *in loco*

[...] a intenção principal do evento parece estar voltada ao lazer e consumo, porém, é possível considerar o caráter de resistência política desses corpos em aliança ao reafirmarem com regularidade suas representações e desejos dissidentes da heteronormatividade, mesmo sem o caráter contestatório imediato dessa performatividade coletiva (VIEIRA *et al.*, 2020, p. 139).

Ao propor investigar o futebol enquanto experiência de lazer da população LGBTQIA+, direcionando meu olhar especificamente a integrantes de um time de fut 7 da cidade de Belo Horizonte, foi perceptível, no transcorrer do estudo, que alguns preconceitos seriam postos à prova, assim como minha própria percepção sobre os indivíduos dessa comunidade e sua relação com o futebol. E o passo inicial no sentido de conhecer e adentrar nesse universo veio com o primeiro contato, já enquanto pesquisador, junto ao ambiente futebolístico e aos sujeitos que praticavam a modalidade há um certo tempo.

Nessas incursões pude constatar que o que caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade é o duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida, que podem ser semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes e que ocorrem no âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional (MAGNANI, 1996). Essa imersão se deu de modo gradual, no dia a dia do time e seus integrantes, levando-me à constatação de que, “[...] independentemente do tipo de inserção, de uma coisa nenhum etnógrafo escapa: em campo ele terá de se haver com as suas próprias concepções e conceitos” (WAGNER, 2010, GOMES; FARIA, 2015, p. 1217-1218).

No decorrer da pesquisa, fui constatando que alguns “preconceitos” que eu tinha, de certo modo, cristalizado dentro de mim foram aos poucos sendo revistos, mas num processo dialético, em ondas, nada muito imediato. E isso ocorreu desde o início da minha inserção em campo, onde mantive o contato com o grupo, já como pesquisador e o aceite dos sujeitos, até os últimos momentos com eles.

Diante disso, entre o final de 2022 e janeiro de 2023, foram feitos contatos com um dos membros do time, com o intuito de ter uma conversa com os jogadores, me apresentar e falar sobre meu projeto de tese. Esse contato foi feito com o presidente do clube na ocasião, em dezembro de 2022, e ele agendou minha participação no início dos treinos no ano de 2023.

O primeiro contato se deu em meados de fevereiro de 2023. Era um domingo à tarde e, chegando ao local, na Arena Bola na Rede, percebi que os membros da diretoria do time estavam tendo uma reunião antes do início do treino e os demais jogadores estavam dispersos, conversando. Fiquei aguardando a reunião terminar para me apresentar e introduzir os objetivos de minha pesquisa ao presidente do time, assim como pedir a autorização dos integrantes para acompanhá-los. Assim que o treino começou, o presidente e eu nos sentamos para uma conversa que acabou sendo bem amigável, na qual ele demonstrou abertura e curiosidade sobre o meu projeto e seus objetivos, assim como os demais integrantes do time presentes. Ele explicou que o presidente anterior, com quem eu havia feito o primeiro contato, deixou o cargo devido à eleição da nova diretoria do time.

Nesse primeiro encontro, tratamos de diversos assuntos, os quais serão desenvolvidos ao longo dessa tese e que apontaram já ali as inúmeras variáveis contidas no contexto dos treinos, jogos e demais atividades desenvolvidas pelo time

e outros da capital mineira. Os dados apontaram para uma prática de lazer que mesmo com contornos e influências cis-heteronormativas carregava consigo uma contestação e, de certa maneira, uma ruptura com quem pode e quem não pode usufruir de espaços de lazer, como quadras de futebol e eventos dessa natureza. Como bem nos lembra a fala que abre esta seção, assistimos a corpos que reafirmam suas representações e desejos dissidentes da heteronormatividade, mesmo sem o caráter contestatório imediato dessa performatividade coletiva (VIEIRA *et al.*, 2020).

Essa primeira conversa foi um passo inicial mas fundamental no processo de aceitabilidade e permissão para que pudesse me adentrar no universo desses sujeitos, conhecendo-os de maneira paulatina, assim como (re)conhecendo o que era vivido e percebido com toda a experiência etnográfica que se desenrolava a partir daquele instante. Nessa primeira interlocução com um dos membros do time, foi antecipada um pouco da riqueza dos fatos e dados presentes no fenômeno estudado. Além disso, o processo de aceitabilidade começou nesse contato inicial e foi se concretizando no decorrer dos diversos momentos de convivência junto com os jogadores e integrantes do time.

Entre os diversos assuntos abordados com o presidente do time, ele relatou sobre como o time é constituído e sua organização interna. Sobre os aspectos institucionais, ele disse que estavam num processo de criar um CNPJ para que possam conseguir recursos, assim como percebido nas informações obtidas anteriormente. Haviam elegido recentemente uma nova diretoria, da qual ele é o presidente, e possuem gastos com inscrições nas competições e com a taxa de filiação anual junto à Ligay. Logo, um dos regulamentos para fazer parte do time é o pagamento de uma mensalidade no valor de R\$50,00 na época. Entretanto, ele lembrou que caso algum integrante estivesse passando por dificuldade ou estivesse desempregado, isso seria considerado, assim como a ajuda em viagens e pagamento de inscrições nas competições. Ressaltou, no entanto, que seria importante que o jogador explicasse a ele sua situação (D.C., fevereiro de 2023).

Tal relato diz um pouco sobre a organização interna do time e as dificuldades de ordem financeira na manutenção de suas atividades, além de apontar problemas similares enfrentados por times e associações esportivas quando resolvem se constituírem como tal, uma realidade que nos remete à necessidade de políticas públicas de esporte e lazer voltadas para o incentivo dessas práticas pela população

como um todo. Pode-se inferir que o fortalecimento desse espaço societário de deliberação e decisão pode contribuir, entre outras vantagens, para compensar ou reduzir certas deficiências da sociedade política que afetariam negativamente a igualdade política, incluindo o privatismo, a relativa opacidade dos processos decisórios e, finalmente, o próprio desequilíbrio societário (AVRITZER, 1997; KERSTENETZKY, 2003).

Durante a conversa, surgiram, ainda, inúmeras questões importantes, como: preconceito de classe e raça entre os “gays”; o dilema da inclusão (inclusão x performance); os regulamentos dos jogos de fut 7 dos quais participam (que são os mesmos da confederação de fut 7). O presidente lembrou que, por conta de divergências internas, muitos jogadores migram de um time para outro, sendo que essa tendência, no caso dos jogadores do Predadores, segue uma lógica: alguns eram do Bhabixas, depois foram para o Felinos e hoje estão no Predadores. Cabe lembrar que em BH os times precursores de futebol LGBTQIA+ foram inicialmente o Bhabixas e o Mano Tauros. Posteriormente, são criados o Felinos e o Predadores, o último em 19 de fevereiro de 2019, como já dissemos. Tais assuntos e fatos trazem à tona elementos importantes que dizem muito sobre o universo futebolístico próprio da comunidade LGBTQIA+.

Enquanto conversávamos, o treino transcorria normalmente, tendo início com uma parte física e tática e depois um jogo coletivo. Isso caracterizava a rotina do time: realização de treinos e jogos. O que denominavam como “treino” era a atividade semanal (em torno de duas horas) que ocorria em quadra alugada por período de uso, com dias e horários que se mesclavam de acordo com as demandas que surgiam. Foi verificado que normalmente os treinos eram subdivididos em dois momentos: durante a primeira hora, eram feitos exercícios específicos de fundamentos do fut 7, seguidos de um jogo coletivo. O jogo era realizado entre os praticantes da própria equipe ou era um amistoso contra times convidados, LGBTQIA+ ou não.

Normalmente, esses treinos eram seguidos por um momento de avaliação e bate-papo sobre a atividade realizada e depois havia espaço para as tradicionais “resenhas”, momento de confraternização e socialização que ocorria no bar do espaço onde treinavam ou em outro local no centro da cidade de Belo Horizonte. Os estudos de alguns autores, respeitadas as singularidades dos espaços investigados, apontam para a cerveja e o churrasco como os pilares de sustentação da prática

futebolística (GONÇALVES, 2002; RIGO, 2001, 2007; STIGGER, 1997, 2012; MYSKIW, 2012; MYSKIW e STIGGER, 2014; ANJOS, SANETO e TAVARES, 2012; OLIVEIRA, 2018).

Ao perceber essa rotina, já nesse primeiro contato, pude constatar a regularidade com que se davam esses encontros, constituídos enquanto momento de lazer e prática do futebol, com expressões e características próprias de um grupo de homens gays cis. Ou seja, os “closes”, gírias, dialetos e subjetividades que caracterizavam esse grupo em específico, mas que guardavam similaridades com expressões e aspectos de um espaço/tempo de lazer do universo LGBTQIA+, onde agora se incluía a prática futebolística. Essa descontração e esse modo próprio de vivenciar a prática da modalidade puderam ser vistos ainda durante o treino observado. No final do coletivo, os jogadores treinaram chutes a gol e surgiram ali momentos de descontração comuns no meio, com falas como: “Olha ela!”, “Tomou o azulzinho e virou ativa!” etc. (D.C., fevereiro de 2023).

FIGURA 8 - Escudo do time do Predadores. Assim como os demais times LGBTQIA+ da cidade de Belo Horizonte, a inspiração para os nomes dos times vem de animais, acompanhada das cores, algo também escolhido democraticamente entre os jogadores.



Fonte: Dados da pesquisa.

Também foi possível, nesse primeiro contato com o presidente, compreender algumas características dos integrantes do time na ocasião e um pouco da história por trás do nome adotado. Ele lembrou que, quanto às características dos integrantes, temos profissionais formados (advogados, professores, contadores), estudantes e alguns desempregados. Citou, ainda, que o nome do time foi uma escolha democrática dentro do grupo, assim como as cores verde e preta do

uniforme. Ao perguntar a ele o porquê do nome “Predadores”, ele brincou, dizendo: “Predadores de homens... (risos)”. (D.C., fevereiro de 2023).

Ao nos dar pistas sobre as características de alguns dos integrantes do time, a fala do presidente demonstra que aspectos relacionados a classe e raça são pontos importantes para que possamos compreender de modo aprofundado esses sujeitos e sua relação com a prática do futebol. Tais aspectos nos dizem muito sobre as dificuldades e desafios encontrados por eles quanto à prática do futebol, seja de ordem econômica, vulnerabilidade social e preconceitos. Esses são aspectos que merecem um olhar aprofundado. Dentro dessa perspectiva, faz-se necessário, como lembrado por Foucault, que prestemos atenção a detalhes, práticas, palavras e coisas aparentemente banais e pouco importantes, mas que discretamente enredam e constituem sujeitos (LOURO, 2017).

Sobre a referência ao nome do time, a fala do presidente demonstra um certo bom humor, e fala de aspectos importantes sobre a sexualidade e identidade de gênero, os quais estão em jogo quando tratamos da prática futebolística de pessoas LGBTQIA+ enquanto experiência de lazer. A brincadeira sobre as razões do nome escolhido será acrescida por outras oriundas dos demais integrantes quando indagados sobre a questão.

Essa descontração e esse modo próprio de vivenciar a prática da modalidade são aspectos que nos dizem muito sobre as características dos indivíduos e sua maneira de ver e estar no mundo futebolístico, um ambiente que ainda insiste em excluí-los de diversas maneiras, incluindo o acesso à prática futebolística, muito em parte por constituírem sujeitos compostos por atitudes e/ou corpos dissonantes.

Um outro aspecto importante e que veio à tona nesse contato diz respeito às motivações dos sujeitos quanto à prática do futebol e ao fato de fazerem parte de um time LGBTQIA+. Ao comentar sobre as principais motivações dos gays para participarem de um time de futebol LGBTQIA+, o presidente aponta alguns motivos. Ressalta que a busca por parceiros sexuais é um atrativo, mas lembra que, para aqueles atletas do interior, a participação é algo significativo pela experiência que vivenciam e que não existe em suas cidades. Ele aponta também que as viagens para campeonatos e as festas que ocorrem nesses eventos também são um forte atrativo (D.C., fevereiro de 2023).

De antemão, podemos destacar o fato de que inúmeros são os motivos para a procura desses sujeitos para práticas futebolísticas. Entretanto, só o fato de adentrar

num terreno na maior parte das vezes avesso a corpos e subjetividades dissonantes, que destoam daquelas “aceitos” no campo futebolístico, provoca fissuras num fenômeno cultural e social marcadamente heterossexual. Isso pode significar um movimento que vai além, rumo a uma ruptura de paradigmas.

Nessa discussão, acredito ser necessário introduzir o conceito de dissidências sexuais e momentos em que as práticas de lazer propiciam experiências nesse sentido. Rubino (2019), nos ajuda nesse entendimento ao dizer que pensar a dissidência sexual nos permite pensar as práticas, os corpos e as identidades que constituem resistências nas relações de poder (FOUCAULT) ou pontos de fuga para a axiomática heterossexual (DELEUZE e GUATTARI, 1988). Isso se constitui numa visão dinâmica e em movimento contínuo, pois não só não há fora do poder (FOUCAULT), mas o que escapa à norma e rompe com o aceitável e com o inteligível muitas vezes é recuperado pelo axiomático ou semiotizado, ou seja, normalizado (RUBINO, 2019). Logo, o autor, cuja visão eu compartilho, propõe pensar sempre a tensão dissidência/normalização como fuga/axiomatização, como desterritorialização/reterritorialização (RUBINO, 2019). Tais aspectos serão importantes na compreensão do objeto e sujeitos deste estudo, algo que também foi verificado no contato com os dados e análise.

Esses dados coletados junto ao presidente do time foram acrescidos daqueles colhidos nesse mesmo dia, na “resenha” que ocorreu logo após o término do treino, momento de extrema importância para compreensão dos sujeitos, que demonstra a forma como a aceitação da minha presença foi algo construído aos poucos, até chegar na aceitabilidade, propriamente dita.

Nessa primeira experiência, num momento de descontração junto aos integrantes do time, pude ressaltar alguns aspectos no caderno de campo que dão pistas importantes sobre a prática do futebol para esses indivíduos quando estão em “jogo” aspectos como sexualidade, performatividade e o desejo pela modalidade.

Numa conversa com um dos integrantes (aqui denominado de P.B.) durante essa resenha, foi abordado o seguinte tema: ele havia sido treinador de base, tem formação em Educação Física e trabalha na rede municipal de Belo Horizonte e na rede estadual de Minas Gerais. Percebo que, devido à sua experiência no treinamento de futebol, ele acaba por trazer exigências para sua experiência nesse meio. P.B. lembra que “há uma dificuldade das gays ouvirem críticas e xingamentos.” Ressalta que “quando era atleta, era comum o técnico xingar os

jogadores e até dar uns ‘safanões’, algo que aqui eles não aguentam”. Nesse momento, eu fiz um questionamento: “Não será por isso que os gays abandonam o futebol ou não procuram a prática da modalidade?” Citei meu caso: quando criança, adorava jogar futebol com os irmãos e amigos nos campos de várzea, e não conseguia entender por que brigavam e xingavam tanto! (D.C., fevereiro de 2023).

O relato acima diz um pouco das inúmeras variáveis a serem consideradas quando tratamos da participação das pessoas LGBTQIA+ na prática do futebol. Aspectos como virilidade, masculinidade cis-heteronormativa e performatividade são alguns dos que podemos levantar com esse relato, nos relevando categorias de análises que devem ser consideradas na compreensão do fenômeno, como aquelas relacionadas a sexualidade e identidade de gênero, masculinidades/feminilidades, dentre outras.

Pocahy (2016) nos dá pistas para uma compreensão inicial do fenômeno, ao lembrar que os estudos dissidentes e subalternos nos alertam que os interlocutores no campo são partícipes fundamentais do processo de produção do conhecimento, e é com eles/elas que produzimos/fazemos os problemas de nosso tempo, não são eles que portam problemas. Com isso, nos alertam os pesquisadores, em dissidências é preciso diminuir essa distância ou essa fronteira entre nós e eles de alguma forma. A pesquisa (trans)feminista interseccional e os estudos de dissidência sexual e de gênero teriam alguma chance de fazer isso, tanto quanto outros modos de pesquisar na diferença (POCAHY, 2016). Essas são pistas importantes para darmos conta da complexidade do fenômeno aqui abordado e para uma compreensão efetiva em seus mais variados aspectos.

Essa primeira experiência etnografando a prática futebolística LGBTQIA+ foi um passo importante na compreensão dessa metodologia, assim como dos sujeitos que foram parte central dessa investigação. Além disso, cabe deixar claro que a investigação em Estudos Culturais trabalha essencialmente com problemas de “tradução” e justificação, não procurando propriamente a “verdade objetiva”, mas a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais (BAPTISTA, 2009).

Esses e outros momentos que serão aqui analisados e abordados constituem-se como parte de um todo que buscou a aceitabilidade do grupo e a conexão com os sujeitos, num processo sempre dialético e relacional, no qual pesquisador e pesquisado são parte do fenômeno estudado e, juntos, buscam uma compreensão e

reflexão com sentido e significado para ambos. De acordo com Simmel (2006), a sociabilidade deve ser compreendida como uma forma de sociação, que é a maneira através da qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade, motivados por interesses em comum, sejam eles momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, como reforça Oliveira (2018).

E nesse processo social, em que pesquisador e pesquisados constituem-se enquanto parte de um todo, a aproximação e a aceitabilidade por parte dos sujeitos foi um passo importante para que eu pudesse adentrar aquele meio e dali surgir com análises densas e pertinentes. Essa relação foi feita paulatinamente e, com o tempo, a confiança e a interação foram acontecendo e se firmando, e fui sendo convidado para competições em outras cidades e para momentos de confraternização do grupo. Um exemplo disso foi o convite para participar junto com os jogadores do carnaval em Belo Horizonte utilizando a camisa do time:

O gesto de me convidarem a estar junto do time e me emprestarem uma camisa para participar do desfile tem demonstrado uma aceitação do grupo quanto a minha presença. Tal fato tem permitido que eles fiquem mais à vontade, interagindo comigo nos momentos de socialização e diversão. Esse evento foi importante nesse sentido, de estreitar laços com os sujeitos, conhecê-los de forma mais profunda (personalidades, interesses afetivos e sexuais etc.) e estabelecer com um deles um vínculo de certo modo afetivo (D.C., 20 de fevereiro 2023).

Tal experiência permitiu que aos poucos pudesse compreender as relações estabelecidas pelos integrantes e a complexidade de sua participação em eventos futebolísticos. Esse entendimento pode ser enriquecido quando de minha participação num evento de confraternização onde o time comemorava os aniversariantes do mês, havendo a realização de uma “pelada” seguida de um churrasco. O local foi o de sempre, a Arena Bola na Rede, e o convite permitiu que eu pudesse vivenciar o futebol após algum tempo sem a prática, como demonstra o relato seguinte:

Antes, porém, foi realizada uma “pelada” com a participação dos integrantes do time e de alguns convidados, dentre eles eu. Acho que não havia jogado uma pelada de futebol há pelo menos 10 anos. O que posso dizer é que me diverti bastante e achei a experiência muito gratificante e prazerosa. Depois da pelada, na qual fiquei exausto [risos], fomos participar da confraternização [...] No local também havia um campeonato com times heterossexuais. O evento ocorreu até por volta das 16h00, sendo uma experiência diferente ao praticar a modalidade e sentir o momento junto com os jogadores, mas também perceber olhares de desejo voltados para os jogadores heterossexuais que estavam no local (D.C. 4 de junho de 2023).

O relato acima pode ser visualizado em parte na imagem seguinte, quando pude interagir de um outro modo com o time, percebendo corporalmente a prática da modalidade e a sensação de alegria, suor, cansaço e diversão. Além disso, ao vivenciar o esporte, no contato com os jogadores do time e de outros que estavam naquele espaço, aspectos como desejo sexual e afetivo fizeram parte da experiência.

FIGURA 9 – Participantes do time Predadores na “pelada” de comemoração dos aniversariantes. Além da presença da técnica do time (a segunda de pé da esquerda para a direita), eu apareço na foto, sou primeiro da esquerda para a direita dentre os que estão agachados.



Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem anterior retrata os primeiros integrantes do time que chegaram ao local no horário combinado, onde em seguida teve início a pelada com demais convidados. Era um dia de sol muito forte, o que gerou muito desgaste físico, mas isso não tirou a empolgação, a diversão e a competitividade do jogo.

FIGURA 10 - Eu, um pouco antes do início da “pelada”. Eu estava muito excitado com a oportunidade de jogar com os integrantes do time e de praticar a modalidade após bastante tempo.



Fonte: Arquivo pessoal.

Para Douglas Harper (1998), a fotografia serve como um método de anotações (o que ele denomina de caderno de campo visual) e um meio de interação com os sujeitos da pesquisa que se constitui numa interação direta com os informantes privilegiados, por meio da confiança adquirida pela fotografia (HARPER, 1998). As imagens acima demonstram esse processo de interação com os sujeitos, num momento em que todos ali presentes — pessoas LGBTQIA+ — vivenciavam um momento de lazer com um sentido e significado que não se pode ignorar.

Esse diário de campo visual revela o quanto esses momentos se configuram em espaços de resistência. O que podemos constatar é que no campo da sexualidade parece impossível pensar em sujeitos, práticas, experiências ou saberes que extrapolem o binarismo das normas e que acenem para a multiplicidade, para a mistura, o não lugar, como reforça Louro (2017). E esse parece ser precisamente o desafio e o convite do movimento *Queer*: transgredir a lógica estabelecida, pensar o impensável, admitir o insuportável, atravessar limites, buscar fissuras na episteme dominante e ir além (LOURO, 2017).

FIGURA 11 - Confraternização do Time Predadores (04 de junho de 2023), cujo contexto fora do campo possuía uma área para sociabilidade dos torcedores, jogadores etc. composta por um bar e lanchonete, onde se vendiam cervejas, refrigerantes e salgados. Na imagem, vemos alguns dos presentes na confraternização e demais pessoas presentes no local acompanhando outros jogos. Em primeiro plano estão alguns amigos e membros do time e ao fundo vemos outras pessoas que estavam acompanhando outros jogos amistosos de jogadores heterossexuais.



Fonte: Arquivo pessoal.

Todo esse clima de confraternização e demais eventos do tipo do qual fiz parte foi fundamental para a compreensão do time em seus mais variados aspectos, dentre eles a prática do futebol enquanto uma experiência de lazer, na qual aspectos afetivos/sexuais, lúdicos e de amizade eram uma constante.

Nesse contexto de sociabilidade, solidariedade e familiaridade, para além da cerveja, como também percebido por Oliveira (2018), pode-se destacar o empréstimo de chuteiras e camisas e as caronas para ir aos jogos, caso que transcende geograficamente as relações dentro de campo, reafirmando a coletividade necessária para que o grupo se consolide como um time. Isso era algo corriqueiro nos treinos e competições dos quais os jogadores do Predadores participavam representando seu time, revelando um ambiente de muitas trocas que iam de materiais esportivos e caronas, àquelas de ordem afetiva.

Essa relação extrapolava esses momentos, ocasionando momentos de afeto e diálogos nos quais a amizade era, em determinado grau, fortalecida, mas não de modo igual para todos. Quando investigamos esse universo, constatamos que a reunião desses indivíduos em torno do futebol se pautava por vários tipos de interações sociais, dentro e fora de campo. No entanto, como ressalta Silveira e Stigger (2013), mesmo sendo esses os sustentáculos do associativismo estudado, com similaridades ao que aqui investigamos, isso não significa que todos os

integrantes compartilhem esses vínculos igualmente. Os significados que cada integrante atribui ao time variam. Mesmo que todos se aproximem no que se refere ao gosto pelo futsal, alguns fazem parte da equipe apenas por essa razão, enquanto outros permanecem nela também pelas relações de amizade (SILVEIRA; STIGGER, 2013).

Nesse processo de aceitabilidade, o ápice desse momento veio com um convite no mínimo inusitado, feito a mim pelo presidente do time durante um dos treinos que ocorriam à noite, nas sextas-feiras, como expresso no relato a seguir:

Dito isso, na noite desse treino o presidente do time me fez um convite: ser seu vice-presidente já que o anterior desistira do cargo. Bom, fui pego de surpresa e pedi a ele um tempo para pensar, pois teria que verificar junto ao meu orientador se era possível, devido à minha pesquisa. Essa atitude demonstrou que ele e outros integrantes do time tinham uma confiança em mim. Afinal, já passados alguns meses de acompanhamento do time, sinto-me entrosado com a maioria e mais próximos de alguns (D. C., 23 de junho de 2023).

Após conversa com meu orientador, achamos por bem não aceitar o convite, uma vez que poderia comprometer o grau de distanciamento necessário para o desenrolar da pesquisa e atrapalhar no processo de investigação em curso. Isso porque entendemos que a preocupação teórica particular deste trabalho, referida à formação e aos interesses próprios, estabelece o distanciamento necessário para que o discurso do pesquisador nunca se confunda com o de seus interlocutores (DUARTE, 2002).

Essa etapa do processo de pesquisa foi, como frisado anteriormente, construída paulatinamente, no dia a dia do acompanhamento junto ao time. A importância desse processo foi fundamental para que pudéssemos entender as relações intrínsecas no contexto da prática do futebol por pessoas da comunidade LGBTQIA+, assim como demais aspectos que estão em jogo quando membros dessa comunidade adentram os espaços de práticas futebolísticas com suas características próprias, causando algum tipo de impacto.

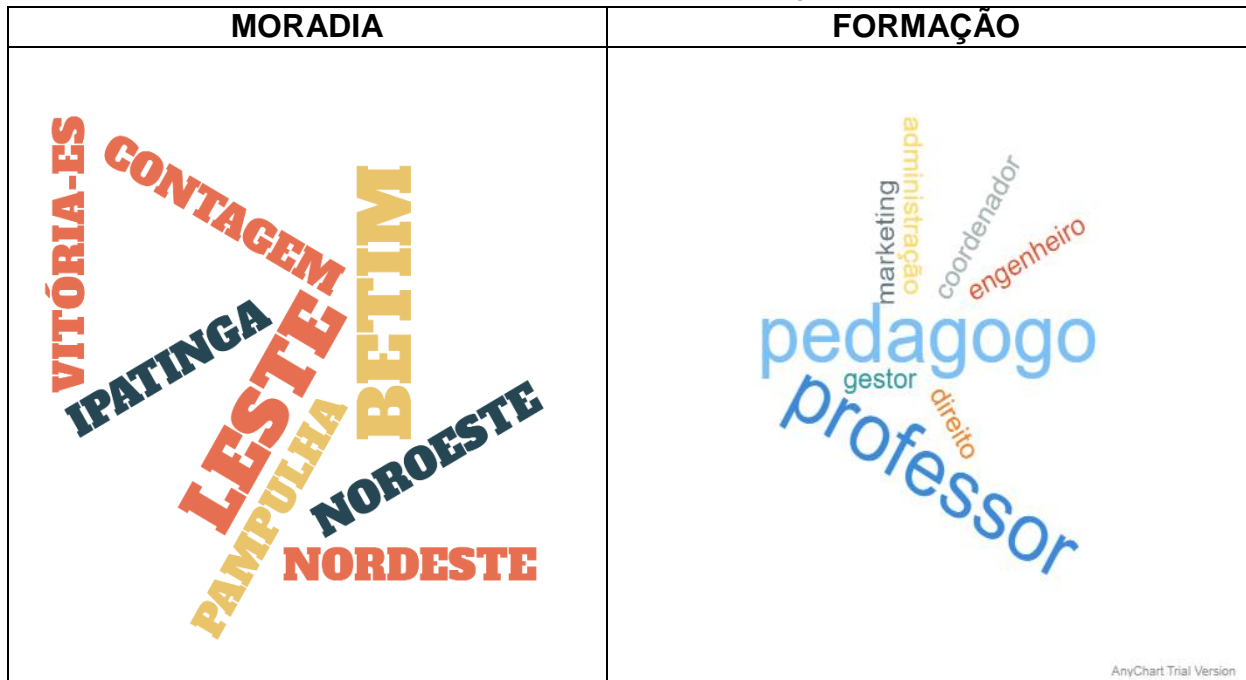
2.3 Notas sobre histórias de vida: conhecendo as “gays” do time

Como esclarecido anteriormente, foram feitas entrevistas semiestruturadas com 10 integrantes do time Predadores. Elas seguiram um roteiro que balizou a conversa com os jogadores, não necessariamente seguindo todos os tópicos da entrevista, mas sendo realizada a partir do que as falas dos entrevistados apontavam. Isso ocorria porque, numa mesma resposta, outras perguntas eram respondidas ou outras questões inspiravam mais indagações importantes para a pesquisa.

Os dados obtidos com os sujeitos entrevistados apontaram diversas características relacionadas à questão de raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero, aspectos que achamos importante para o problema de nossa pesquisa. Nas ilustrações abaixo apresentamos os resultados obtidos.

2.3.1 Aspectos sociais e de formação

QUADRO 2
Local de moradia e formação



Fonte: Nuvem de palavras com dados coletados das entrevistas.

Para melhor compreensão do tópico, optamos em abordar essas duas questões aqui devido à relação entre elas. Sobre a questão do local de moradia dos

entrevistados, como podemos notar, há uma variedade quanto à localidade onde residem, sendo que a maioria mora em áreas distantes da região central da cidade de Belo Horizonte. Além disso, há membros do time que residem em outras cidades e que assim mesmo fazem questão de ser parte do Predadores. Esses dados demonstram que o deslocamento dos integrantes para os treinos, competições e outros eventos do time é um fator que dificulta o acesso e gera gastos financeiros, uma vez que os eventos (treinos, competições, amistosos) são realizados em diferentes localidades, em sua maioria mais próximos da região central de Belo Horizonte.

Já quanto à formação dos entrevistados, vemos que todos possuem curso superior, exceto um deles. Entretanto, eles estavam empregados e possuíam uma renda fixa, trabalhando ou não na área de sua formação. Apesar disso, nas conversas do time, era costume outros jogadores que não foram entrevistados apresentarem dificuldades para participar de algum treino, competição ou viagem, principalmente aqueles que se encontravam desempregados ou que estavam cursando uma graduação. Tais fatores impactam em menor ou maior grau o acesso e a prática da modalidade, gerando muito esforço e dedicação por parte de todos para estarem presentes nos compromissos com o time, mas prejudicando sua participação em alguns compromissos.

2.3.2 Raça

A ilustração a seguir representa as respostas obtidas quando os integrantes foram questionados sobre a raça com a qual se identificavam.

QUADRO 3
Raça



Fonte: Nuvem de palavras com dados coletados das entrevistas.

A constatação de que a maioria se identifica como “negro” ou “pardo” demonstra características desse grupo de jogadores de Belo Horizonte, algo que muitas das vezes destoa das características daqueles primeiros participantes das competições da Ligay, como apontam algumas pesquisas (CAMARGO, 2021). Veremos mais adiante que tais aspectos aparecem em momentos em que o preconceito de raça e classe ocorre por ocasião dos campeonatos que pudemos acompanhar com a participação dos Predadores.

Vale ressaltar que um dos entrevistados possui uma deficiência auditiva e mora em outro estado, mas nem por isso deixa de participar das atividades do time, sendo, inclusive, um dos mais assíduos nos eventos esportivos e sociais dos quais o time participa. Assim como os demais jogadores, ele é vítima de preconceito não só por conta de sua orientação sexual, mas também devido a sua deficiência auditiva.

FIGURA 12 - Alguns dos integrantes do Time predadores num momento de descontração durante a Etapa Sudeste da Ligay, realizada na cidade de São Paulo em abril de 2023. Aqui, eles estavam aguardando o início de um dos jogos de que participaram, usando seu tradicional uniforme, preto e verde.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.3.3 Precisamos falar sobre sexualidade, gênero, resistências

Em se tratando de um estudo voltado para sujeitos LGBTQIA+, queríamos saber como os integrantes do time Predadores que foram entrevistados se identificavam quanto às questões de orientação sexual e identidade de gênero.

QUADRO 4 Orientação sexual



Fonte: Nuvem de palavras com dados coletados das entrevistas.

Verifica-se que a maioria dos entrevistados é composta por homens gays cis, sendo que dois deles se posicionaram como bissexuais, e uma pessoa como lésbica, que representa a técnica que treinava o time na época.

Ao tocarmos no tema da sexualidade, fazemos a abordagem de modo amplo, com suas complexidades. Butler (1999) vai nos dizer que o sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. Logo, ao refletirmos sobre orientação sexual e identidade de gênero, a discussão deve vir colada com o entendimento de que as possibilidades de ser e estar no mundo, quando tratamos dessas questões, são inúmeras e a matriz cis-heteronormativa por si só não dá conta da complexidade do ser humano quanto a esses temas.

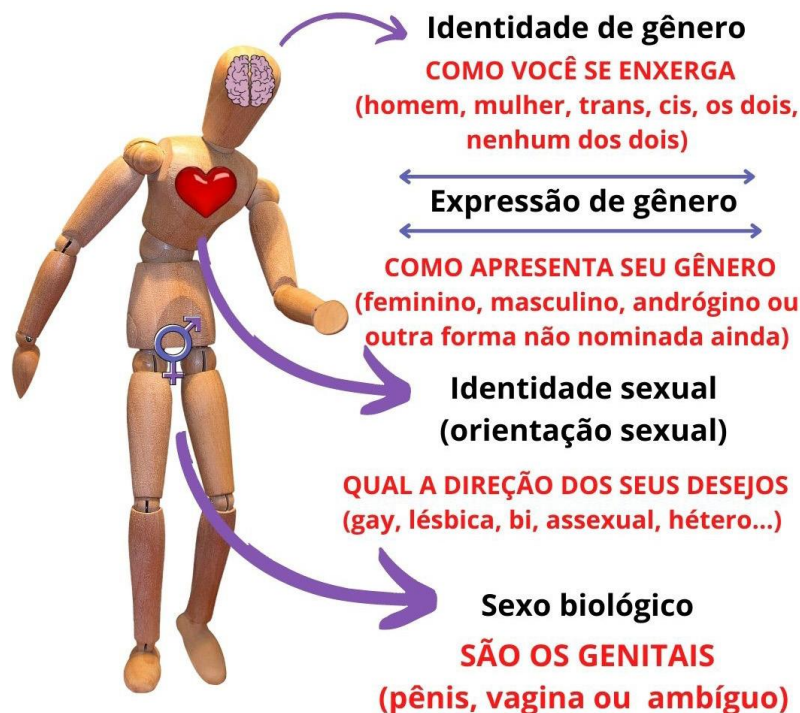
Aprendemos a ser um sujeito do gênero feminino ou masculino, aprendemos a ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, a expressar nossos desejos através de determinados comportamentos, gestos, etc., em muitas instâncias – na família, na escola, através do cinema, da televisão, das revistas, da internet, através das pregações religiosas ou da pregação da mídia ou ainda da medicina. Enfim, uma porção de espaços e instâncias exercitam pedagogias culturais ou, para o que nos interessa neste momento, exercitam pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 1999, p. 64).

Ter clareza desses aspectos da sexualidade e do gênero contribui para o entendimento dos sujeitos deste estudo, de suas relações com o meio onde estão inseridos e, claro, da prática do futebol enquanto experiência de lazer desses indivíduos. Logo, quando tratamos de pessoas LGBTQIA+, muitas das vezes elas ocupam o lugar dos “outros”, dos “alternativos”, dos “diferentes”, assim como as mulheres, as pessoas não brancas, não cristãs, uma vez que, no contexto da sociedade brasileira, ao longo de sua história, foi sendo produzida uma norma a partir do homem branco, heterossexual, de classe média, urbano e cristão (LOURO, 1999).

Para situar o leitor sobre o assunto, quando citamos questões relativas a identidade de gênero e orientação sexual é necessário fazer alguns esclarecimentos. Isso porque a falta de compreensão dessas categorias gera confusão e equívocos de ordem epistemológica, uma vez que há um entendimento do senso comum de que o sexo biológico obrigatoriamente vem colado à expressão

e à identidade de gênero e ao desejo afetivo/sexual. Tais aspectos merecem nossa atenção, uma vez que dizem respeito à forma de fruição das pessoas de suas identidades e sexualidades de modo pleno e sem preconceitos.

FIGURA 13 - Identidade de gênero e sexual



Fonte: MENESES, Cleber. *Descomplicando as Identidades LGBTQIA*. 1ª. Ed. Paulo Afonso: Oxente, 2021. [Versão eletrônica]

A figura acima pode nos ajudar a compreender melhor o tema e, associada ao que os estudiosos do campo têm produzido ao longo de décadas, ajuda a elucidar as questões relativas a sexualidade e gênero, um campo de estudos profícuo e sempre em grande expansão.

Quando assistimos a esses sujeitos LGTBQIA+ adentrarem num universo prioritariamente dominado por uma matriz cis-heteronormativa, como o caso do meio futebolístico, muitas questões, conflitos e modos de estar nesse meio vêm à tona. Entretanto, ao serem questionados sobre a questão de sua orientação sexual ou identidade de gênero, as discussões teóricas sobre os temas relacionados a esse tópico não eram preocupação ou interesse dos jogadores. Apesar de cientes da

realidade que os norteia e de que é um avanço o fato de participarem de uma prática futebolística LGBTQIA+, muitos encontram-se alheios às correntes teóricas que tratam de gênero, sexualidade, masculinidades/feminilidades, dentre outros. Eles vivem o seu dia a dia respondendo a essas questões ao seu modo, quando elas aparecem de maneira mais incisiva. Ou seja, possuíam uma inteligibilidade própria sobre o tema e acabavam por redefinir saberes e, no caso desse estudo, praticar a modalidade de seu modo.

Tal fato é verificado quando procuramos saber do conhecimento deles sobre as pautas relativas à comunidade LGBTQIA+.

A gente sabe que tem várias lutas, eu acho que é importante sim. Eu acho que a sigla LGBT sofre muito, a gente vê mortes, a gente vê conflitos, a gente vê a pessoa sendo maltratada, o direito de ir e vir não é igual. Então tem que lutar sim, eu tenho conhecimento das causas, eu apoio as causas, não só da LGBT, mas a parte também dos negros, que eu acho que também precisa de ser olhado. A questão também das mulheres, que existe ainda, muitas mulheres sendo maltratadas, às escondidas. Mortas e assassinadas. É muito parecido a luta, as causas são muito parecidas. E eu vejo que hoje, depois de muitos anos, ela está sendo mais rígida, a gente está correndo mais atrás dos nossos direitos. A galera está brigando (P.R).

Esse relato apresenta, de certo modo, um desabafo desse sujeito, demonstrando que na luta por dignidade e direitos, LGBTQIA+, mulheres e as pessoas pretas têm pautas em comum, uma vez que secularmente são alvos de preconceitos e violência física e simbólica. Mais que isso, demonstra uma empatia por parte desse indivíduo para com outras pessoas vítimas de preconceito e um certo nível de inteligibilidade quando aponta que a luta desses grupos discriminados é a mesma.

Um outro componente do time também fez um relato nesse sentido, mas admitindo certa dificuldade em estar ciente e atualizado sobre o tema:

Quando eu estava na presidência, eu me inseria bastante. Procurava me informar, mesmo porque a gente tem que estar atualizado. Hoje, com a minha carga de trabalho, eu confesso para você que não. Não estou acompanhando. Não sei o que eles estão exigindo O que eles estão trabalhando, quais são as propostas (P. B.).

Esse relato aponta que há certa preocupação com o tema, mas que, devido aos compromissos profissionais, o entrevistado fica impedido de se atualizar sobre as pautas do movimento LGBTQIA+ ou os fatos atuais sobre a comunidade. Aqui vemos que o acesso à informação e a compreensão de seus direitos afetam diretamente alguns membros da comunidade, que apresentam dificuldades em se

manterem informados sobre seus próprios direitos, o que, conseqüentemente, ocasiona um distanciamento dessas reivindicações.

O relato seguinte levanta outras questões sobre o tema:

Eu acho que não, não tem, não! A gente está ali para jogar futebol e não vejo uma ação do time em relação a essas questões, não [...] O pessoal está muito preocupado... mas é com o futebol, quem vai ganhar, quem vai perder [...] A princípio quando começou, eu via mais... via mais coisas voltadas para o tipo da inclusão, sabe... de levantar uma bandeira... realmente, hoje em dia eu não vejo tanto isso mais não [...] (P. C.)

Aqui percebemos que, num dado momento, principalmente quando do início das atividades do time, os jogadores pareciam mais preocupados sobre seus direitos, mas essa pauta foi substituída pelo interesse da prática em si, os jogos e competições. Tal relato aponta para algo importante: parece que aspectos como a inclusão nas competições começam a dar lugar aos objetivos relacionados a vitórias, o que muitas vezes provoca uma tensão entre inclusão e desempenho/performance em jogo. Isso acaba por impregnar os jogos e competições das características do futebol cis-heteronormativo, devido à sua influência há tempos em nossa sociedade e no nosso país.

Por outro lado, um outro relato lança luz sobre a questão, apontando para o quanto a ação deles enquanto jogadores de futebol LGBTQIA+ está revolucionando a prática da modalidade quando entram em campo. Isso pode ser visto nos dois trechos a seguir:

Bom, eu acho que o time já levanta a bandeira a partir do momento que ele tem aquela equipe que é LGBT, e aí é onde ela transmite aquela mensagem para os mais próximos (P.JY).

Acho que só de dar a cara a tapa nesse meio, que é muito pesado, já é um ato gigante (P. N).

Esses dois depoimentos são muito ricos no sentido de que apontam algo que esses indivíduos vêm realizando desde quando deram início à prática da modalidade de modo sistemático e à participação em competições, como aquelas de fut 7. O simples fato de ousarem não apenas se reunir para a prática da modalidade, mas ir além ao expor corpos, gestos e sexualidades dissonantes no meio futebolístico, disputando muitas das vezes em pé de igualdade com jogadores cis-heteronormativos por resultados positivos e espaço, se configura numa resistência. Dessa forma, como deixa claro Carvalho (2009), o associativismo decorrente das

inter-relações humanas torna-se fator educacional ativo, promovendo o desenvolvimento global dos indivíduos, no sentido de se tornar participante, o que conduz a uma postura consciente das problemáticas vivenciadas naquele grupo, estimulando o desenvolvimento pessoal do indivíduo e o crescimento coletivo, situando as responsabilidades de cada um no meio comunitário.

Outros relatos apontam o conhecimento sobre medidas que buscam inibir o preconceito racial e homofóbico nos estádios de futebol, como esclarece o relato a seguir.

Hoje tem punição nos campeonatos brasileiros. E o time é punido igual se tiver qualquer tipo... Ele é punido da mesma forma se tiver uma injúria racial. Se tiver injúria homofóbica também é punido. Portão fechado, multa. Então você vê também os jogadores, presidentes, postando coisas contra a homofobia, contra o racismo. Então, isso ajuda a fomentar também, entendeu? A educar, né? Educar (P. MP).

Atualmente, assistimos de modo ainda tímido iniciativas de federações esportivas e do Governo Federal na implantação de políticas de conscientização e punição de atos preconceituosos contra negros, mulheres e pessoas LGBTQIA+. Em junho de 2023 o Governo Lula publicou a Nova Lei do Esporte, que estabelece penalidades para casos de preconceito por raça, cor, etnia, religião ou nacionalidade em eventos esportivos.⁸ Na outra ponta, para assegurar a aplicabilidade do combate à prática de atos homofóbicos e transfóbicos, o Código Disciplinar da FIFA passou a dispor expressamente o termo “orientação sexual” como elemento caracterizador da conduta passível das punições acima citadas.⁹ Quando instituições jurídicas e esportivas começam a pegar para si a responsabilidade de legislar e punir casos de preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, as mulheres e as pessoas pretas, inicia-se uma contribuição para que sociedade, no mínimo, tome conhecimento dessas resoluções para que, quem sabe, num futuro próximo tais atitudes sejam coisas de um passado distante. E numa conjuntura mais ampla, isso nos faz pensar sobre a necessidade de uma educação e conscientização voltada para o respeito à diversidade sexual e de gênero que envolva os diversos atores, governanças, meios de comunicação e instituições educacionais.

⁸ BRASIL. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023.

⁹ Punições por homofobia no esporte: Fonte: <https://leiemcampo.com.br/punicoes-por-homofobia-no-esporte/>. Acesso em 17/03/2024.

Esses depoimentos demonstram que os membros do time não veem como prioridade a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ como um todo, apesar de admitirem sua importância. Como nos apontam Dos Anjos e Silva Junior (2018) sobre o potencial disruptivo desses grupos, eles (todos os grupos e todos os sujeitos que o compõem) não apresentam uma posição consensual de questionamento a uma heteronorma, o que podemos associar ao grupo acompanhado, revelando a complexidade do fenômeno.

Os limites definidos como aceitáveis e desejáveis quanto ao torcer e ao jogar e às manifestações de gênero e sexualidade ainda são pautas em disputa e construção dentro de grupos não normativos, como o aqui observado, afinal, eles também são afetados pelo que se toma como referência no “esporte convencional” e na sociedade como um todo (ANJOS; SILVA JUNIOR, 2018).

Ao apontarem suas limitações e a posição de vanguarda enquanto pessoas LGBTQIA+ que veem no esporte, particularmente o futebol, um espaço também de direitos e exercício da cidadania, esses indivíduos vão de encontro a um *status quo* que os impede de se expressarem — e talvez até mais — nesse espaço. Tal fato se constitui em resistências, ou seja, a insubordinação, o não acomodamento e a recusa ao ajustamento, que se constituem em múltiplas formas que a resistência pode assumir (LOURO, 2017).

Estudiosos do campo demonstram o grau e a importância da relação entre resistência e lazer. Para Shaw (2001), o campo interessou-se pela resistência ao reconhecer que o lazer não é "inocente", pois, como qualquer domínio, trata-se de uma esfera de luta na qual o poder é negociado, conquistado e perdido. Por esse motivo, estudar a resistência permite examinar mais de perto as várias disputas e lutas de poder que ocorrem no e através do lazer, e as maneiras como o lazer é usado para se opor ou para mudar várias manifestações de dominação e *status quo* (SHARPE, 2017).

Penso que, mesmo sem estarem atentos ao fato, esses indivíduos, protagonistas no campo de disputas acerca de quem pode e não pode usufruir das práticas futebolísticas como a aqui apresentada, têm apontado tendências e rupturas, como nos lembra Sharpe (2017). Negando o que é conhecido, acabaram abrindo possibilidades de imaginar o contrário e inauguram um mundo de "pode ser". Nesse sentido:

A noção de resistência é relevante para muitas subáreas diferentes de estudos sobre lazer, incluindo análise de gênero, raça, etnia, classe, família, sexualidade, deficiência e cuidado, e pode fornecer uma ponte para o desenvolvimento da teoria e para conexões com outras áreas da cultura. Com suas raízes nos campos estruturalista e pós-modernista, a resistência aborda o equilíbrio entre agência e estrutura. Também aborda questões de subjetividades, diversidades e ações individuais, ao mesmo tempo em que ilustra a necessidade de incorporar questões relacionadas às condições materiais e à distribuição de poder entre subgrupos e subculturas populacionais [...] A resistência enfatiza o significado do lazer como um local onde o pessoal está intimamente ligado ao político (SHAW, 2006, p. 541).

Aqui podemos notar que o espaço/tempo dedicado ao seu lazer permite que esses sujeitos se expressem ao seu modo. Dumazedier (2002), comentando sobre o fenômeno, vai dizer que essa força central de atração, que se afirma por meio de um pululamento de atividades, é, quanto a nós, uma nova necessidade social de o indivíduo dispor de si próprio e para si próprio, de usufruir de um tempo cujas atividades eram outrora, em parte, impostas pela empresa, instituições socioespirituais, sociopolíticas ou familiares.

Indo além desses espaços, o lazer praticado e vivido por parte desses sujeitos, se configura em um ato de resistência a um modo de vida unicamente atrelado ao mundo do trabalho, isso porque, fazendo-se sentir menos a necessidade de um trabalho prolongado, e menos extenso o controle das instituições constitutivas da sociedade, é libertado um tempo marginal (DUMAZEDIER, 2002).

2.4 Trajetórias de vida: futebol, lazer, gênero

Ao conhecermos um pouco da história de vida dos sujeitos dessa pesquisa e sua relação com o futebol e o lazer, aspectos importantes puderam ser constatados, revelando histórias de preconceito, paixão pela modalidade e times do coração, em paralelo à construção das identidades desses indivíduos. Os dados encontrados demonstram aspectos que perpassam por questões na ordem do gênero, sexualidades e masculinidades, importantes para que possamos entender uma trajetória de vida permeada por dilemas, baixa autoestima, inseguranças e dúvidas sobre sua sexualidade, que foram sendo forjadas no bojo dos acontecimentos do dia a dia.

O gênero carrega consigo um sistema de crenças e expectativas quanto à sexualidade, promovendo uma aproximação entre gênero e sexualidade, de modo que haja convergência entre ser homem, masculino e heterossexual,

bem como entre ser mulher, feminina e heterossexual (OLIVEIRA NETO, 2022, p. 71).

Ao considerarmos a categoria gênero como importante instrumento de compreensão dos sujeitos dessa investigação, queremos dizer que ela nos ajuda a compreender mais a fundo as escolhas, trajetórias de vida e, claro, a forma como esses indivíduos se relacionam com a prática futebolística. Entendemos que o gênero buscaria, então, dar conta de relações constituídas socialmente, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social (COLLING; TEDESHI, 2019).

Podemos dizer o mesmo quanto à categoria masculinidades, cuja compreensão e concepção sofreram transformações durante o tempo, desde quando essa categoria passou a ser utilizada. Uma de suas precursoras foi Connell (1987, 1990, 1995), que cunhou o termo masculinidade hegemônica. Algumas das características da masculinidade hegemônica se referem a variáveis e depoimentos atitudinais, como: capacidade atlética, apresentação de uma identidade masculina e a manutenção da homofobia (ANDERSON, 2011). Outras variáveis, no entanto, dizem respeito a variáveis atribuídas: branquidade, heterossexualidade e juventude, sobre as quais Connell argumenta que, independentemente da massa corporal, idade ou realizações esportivas, os homens gays estão no fundo dessa hierarquia (ANDERSON, 2011).

Já Anderson (2011) argumenta que para entender completamente a teoria da masculinidade hegemônica, ela deve ser contextualizada historicamente dentro de seu próprio momento temporal, em uma cultura que ele chama de “*homohysteria*” (ANDERSON, 2009). O autor usa o termo *homohysteria* para descrever o medo de ser homossexualizado, no qual incorpora três variáveis: 1) consciência cultural de que a homossexualidade existe como orientação sexual; 2) altos níveis de homofobia dentro de uma cultura e 3) a fusão de comportamentos femininos em homens com desejo pelo mesmo sexo. As combinações variadas desses três traços determinam resultados únicos para os comportamentos de gênero dos homens (ANDERSON, 2011).

A compreensão dos aspectos envolvidos quando falamos de masculinidades se constituem como ferramentas importantes na elucidação do objeto dessa investigação e seus sujeitos. Isso fica claro quando eles nos revelam sua trajetória de vida e sua relação com a prática futebolística, como veremos adiante.

Cabe salientar que, em sua trajetória de vida, os sujeitos desta investigação tinham a prática futebolística como um espaço/tempo de lazer. Os depoimentos a seguir retratam esse fato.

Não, era lazer. Tanto que hoje o meu antiestresse é o futebol. O futebol, eu sempre gosto de esporte por causa da competitividade. Isso que me induz mais para campeonato (P. R).

Eu me identificava mais como lazer, o esporte por si só, o prazer de estar jogando...O prazer de estar participando com pessoas que a gente acaba fazendo parte do nosso vínculo de amizade (P. B.)

Olha, eu gosto muito de jogar futebol. Gosto muito. Pratico como uma forma de lazer, sim (P. C.).

Sim, eu tinha. Era uma rotina pra mim, né? Futebol (P.A.).

Quando questionados sobre o lugar que o futebol ocupava em suas vidas, os sujeitos demonstra a importância da prática como lazer. Nesse sentido,

[...] enquanto necessidade humana e dimensão da cultura, o lazer pode aguçar as sensibilidades (sensibilidade que está relacionada ao plano sensorial, mas que deve ser também sensibilidade afetiva e não somente racional, artística, estética, ética, social, política, ecológica, etc.) e estimular as pessoas a refletir sobre as particularidades que marcam cada contexto (GOMES, 2014, p.16-17).

Outros aspectos também podem ser considerados quanto à prática de lazer por parte dos sujeitos dessa investigação, para os quais prazer e compromisso andam juntos.

Hoje eu levo como lazer, como hobby, mas coloco ele também como prioridade. Também, o máximo que eu puder ir viajar para outros estados para disputar campeonato, porque eu tenho essa paixão, eu faço... (P. MP).

Sim. É um lazer e é mais também ter essa coisa do compromisso. É um compromisso também (P. H.).

Logo, apesar das intenções de controle social, algumas propostas de lazer concretizadas na realidade brasileira contribuem para a disseminação de práticas culturais para diferentes segmentos sociais, as quais possibilitam condições para a vivência cotidiana do lazer, tais como: infraestrutura física, material e ação profissional (GOMES; ISAYAMA, 2015). Percebemos que os sujeitos citados tiveram acesso a práticas futebolísticas nas quais prazer, obrigação e compromisso faziam parte do mesmo universo. A paixão pela modalidade colocava a prática futebolística em lugar privilegiado nos momentos de lazer.

Tais aspectos só reforçam a importância do lazer compreendido enquanto um direito social, que deve ser garantido pelas governanças municipais, estaduais e federais, como dito por Rechia:

Outro ponto importante a ser analisado quando se fala em cidadania no âmbito do lazer é o respeito que as políticas públicas devem ter às vivências de lazer já existentes e consolidadas pelas comunidades nos espaços públicos das cidades; o intuito do poder público e de outras instituições que prestam serviços às comunidades deve ser o de potencializá-las e não desarticulá-las (RECHIA, 2015, p.51).

Logo, iniciativas como as aqui investigadas apontam para inúmeras possibilidades de vivência do lazer, compreendendo-o enquanto um direito social e aparelhando esses indivíduos acerca da produção científica sobre o lazer e da importância de implementação de políticas públicas para o setor.

2.5 “Bicha gosta de futebol?”: Conhecendo o futebol e conhecendo a si mesmo

Como era de nosso interesse saber sobre a história de vidas dos sujeitos e sua relação com o futebol, os dados encontrados transmitem que essa relação sempre foi mesclada por paixão, influências de familiares e preconceito.

Nos relatos colhidos através das entrevistas, podemos notar que a experiência futebolística dos sujeitos aconteceu de diferentes maneiras, nos dando pistas importantes sobre as escolhas e o perfil dessas pessoas. Num dos relatos, esses aspectos foram aparecendo:

Bom, o futebol ele entrou na minha vida desde criança, pela faixa dos 9, 10 anos, na escola, né? E eu me via sem a habilidade de jogar futebol, mas eu queria, porque era uma questão que eu gostava, mas às vezes também era obrigatório lá na escola, então a gente participava. E eu comecei a me interessar pelo futebol a partir de uma amizade que eu tinha com um rapaz, e eu falei assim: “Não, vou lá jogar futebol com você.” Aí eu comecei a jogar futebol de campo a partir dessa amizade que eu tive (P. C).

Eu pratico futebol desde os 6 anos de idade. Desde criança mesmo. E sempre foi com todas as pessoas. É lógico que naquela época a gente não sabia muito quem era gay, bissexual. Algo dessa forma... (P. R.)

Esses dois relatos têm algo em comum: o fato de que o futebol esteve presente na vida desses sujeitos desde criança, algo compreensível em nossa cultura futebolística, em que a modalidade nos é apresentada desde cedo por diversas instituições, como a escola, família, amigos, meios de comunicação, dentre outros. DaMatta (1982) já dizia que o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte, sendo impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividade), sem referência na totalidade no qual está inserida, e obviamente o futebol se insere nesse contexto.

Um dos depoimentos aponta também o fato de que o universo LGBTQIA+ era ainda algo distante e sem muita compreensão, o que revela a dificuldade de inserção dessa comunidade nesse espaço, e algumas dessas causas pode-se atribuir ao fato de que as pautas e leis que inserem a comunidade LGBTQIA+ enquanto sujeitos de direitos serem algo recente.

Outros relatos apontam para o fato de que algumas trajetórias demonstram uma ligação maior com a modalidade, levando os indivíduos a uma prática mais sistemática desde cedo, seja em escolinhas ou no início no esporte amador ou semiprofissional.

Então, o futebol sempre foi muito presente na minha vida, né? Porque eu venho de família aqui, do interior... eu sempre quis ser alguma coisa. Tentei ser jogador de futebol profissional, né? Aí eu comecei a jogar com oito anos de idade, cheguei a jogar já no semiprofissional. Então assim, joguei em times fortes, em Sabará, em Santa Luzia, Barão de Cocais. Então, gente, joguei bola em muitos lugares. Só que eu não consegui profissionalizar e como sonho de muito garoto, é difícil, né? Mas faz parte e o futebol tá no meu DNA, tá na minha vida. É o esporte que eu sou extremamente apaixonado em jogar, assistir, acompanhar, torcer, em tudo. Eu sou assim, eu falo que o futebol, o esporte, não só o futebol, mas o esporte em si, ele salva vidas e salva muita galera que podia estar fazendo coisas erradas e hoje tá no esporte, que ele salva (P. MP).

Ao lermos esse relato, talvez algumas pessoas antecipadamente possam pensar: “Mas, espera aí, esse indivíduo é gay? Pensei que eles não tinham interesse ou alguma ligação com o futebol.” Na verdade, esse seria talvez eu mesmo falando e, assim como muitas pessoas, me surpreendendo com depoimentos do tipo. Esse mesmo espanto e surpresa pude sentir quando tive a experiência de assistir pela primeira vez a um campeonato LGBTQIA+, onde vi que as “gays” eram apaixonadas pela modalidade, um sentimento que eu não compartilhava, como já relatei anteriormente. Essa percepção é algo que os estudos etnográficos nos permitem ter, e o pesquisador terá que se haver com seus preconceitos e sua visão muitas vezes cristalizada sobre um determinado fenômeno.

O relato aponta para o fato de que, sim, “as gays”¹⁰ também gostam de futebol, praticam a modalidade durante bom tempo de suas vidas, têm seu time de coração e frequentam os estádios. Isso pode ser compreendido melhor quando Daolio (2000, p. 05) lembra que “O futebol não está em oposição à sociedade brasileira, mas junto dela, expressando-a e renovando-a, talvez mostrando algumas facetas que nós temos dificuldade de enfrentar e gostaríamos de esconder”. Talvez esse mesmo espanto possa ser constatado pelos indivíduos heterossexuais que compartilham da visão do senso comum, de que as pessoas LGBTQIA+ não têm e nem deveriam ter interesse pelo futebol.

Outro aspecto importante no relato anterior diz respeito ao interesse de muitas crianças e jovens de se tornarem um jogador profissional, ter acesso a bens

¹⁰ É muito comum no universo LGBTQIA+ o uso do artigo definido feminino, em muitos casos anteposto a substantivos próprios ou comuns de gênero masculino. Ex.: A João, A Roberto etc. Esses indivíduos comumente usam esses termos ao se dirigirem entre si e a outros membros da comunidade. Além desses termos, outros, inspirados principalmente na cultura afro, foram apropriados por alguns seguimentos da comunidade, como as travestis. Muitos deles podem ser encontrados no livro *Aurélia, a dicionário da língua afiada* (2006).

e a um padrão de vida melhor. Percebemos que os adolescentes e jovens que se reconhecem enquanto LGBTQIA+ compartilham do mesmo sonho e desejo de praticar a modalidade e com ela poderem mudar seu padrão de vida, fenômeno esse que há bem pouco tempo seria difícil de ser relatado, ou mesmo estudado. Tal questão, dentre inúmeras outras, que associam a comunidade com as práticas de esporte e lazer, revela um campo profícuo de estudos e investigações científicas que possam lançar luz sobre os/as garotos/as LGBTQIA+ que veem no futebol um espaço também de sua expressão e cidadania.

Muitos desses indivíduos acabam por ingressar no futebol amador como uma opção para a prática da modalidade e de demais atividades esportivas ainda quando crianças. De acordo com Castro e Cadete (2019), em muitos bairros de periferia o envolvimento dos líderes comunitários se destaca na condução de grupos de adolescentes, oportunizando o acesso ao esporte, lazer e cultura. Em si tratando de futebol amador, só em Belo horizonte são mais de 160 clubes registrados na Federação Mineira de Futebol (CASTRO; CADETE, 2019), fato esse que demonstra a demanda pela prática dessa modalidade.

O relato a seguir reforça que as pessoas devem rever seus conceitos sobre o tema.

Bom, quando eu conheci o futebol, meu pai me levava muito no campo, né? No Mineirão, cruzeirense. Eu sempre assistia os jogos e eu sempre fui fanática. Sempre joguei, meu pai me colocou na escolinha, eu brincava também na rua. Então já havia o preconceito. Hoje a gente vem vencendo esse preconceito, né? Mas na época quando eu jogava tinha até a musiquinha, né? 'Maria Sapatão, Sapatão'. Então, assim, a gente não entendia nem o que era bullying [...] E aí eu comecei na rua, brincando. Fui pra escolinha, depois eu tive participação, fui na escolinha do cruzeiro, com uma semana eu fui pro time principal [...].(P. JY).

Os relatos citados ainda mostram que a paixão pela modalidade por parte desses indivíduos os leva, inclusive, a pleitear a possibilidade de serem jogadores profissionais, ou pelo menos semiprofissionais. O depoimento acima da técnica do time Predadores é revelador uma vez que demonstra o interesse por parte de mulheres pela modalidade, enfrentando preconceitos também por serem lésbicas.

Cabe aqui compreendermos que o campo de futebol não se restringe apenas ao espaço concreto do jogo, mas a um modelo de sociabilidade que cogita o masculino onde há representações diversas de relações de poder existentes, onde o estádio é reflexo da família, da escola, do trabalho, enfim, dos espaços de

socialização, ao qual o homem aparece como figura central na tarefa de ação (MOURA, 2017; DE SOUZA, 2020). Quando pessoas LGBTQIA+ e mulheres se interessam não apenas demonstrar sua paixão pela modalidade, mas também por exercer sua prática nos diversos níveis competitivos, essa conjuntura é estremecida, provocando algum tipo de efeito em seu interior.

Outros relatos reforçam o fato de que muitos LGBTQIA+ que criaram uma história ligada ao futebol também objetivaram, em algum momento, uma carreira profissional na modalidade, mas acabaram por esbarrar em dificuldades parecidas com muitos dos jovens que um dia sonharam em ser um jogador profissional e de renome.

Sou de Belo Horizonte... Então até os 17 anos eu fiquei nesses meios, né? Depois com 17 anos fiz curso de árbitro de futebol pela Federação Mineira de Futebol de Campo, onde perdurei até os 35 anos... Onde eu cessei... Mas concomitante continuava disputando campeonatos, mas de menor expressão (P. B.).

Então, futebol eu comecei com cinco anos de idade. Eu acompanhava meu pai e meu irmão, que é quatro anos mais velho que eu, e num dia lá me deu vontade de jogar, pedi meu pai pra jogar, tinha cinco anos na época, entrei pra escolinha [...] Eu já fiz testes aqui e sempre esbarrava. Também consegui, com 17 anos, uma bolsa esportiva para estudar lá fora, nos Estados Unidos. Eu tive até 25 anos para conseguir, eu tinha disponibilidade para ir. A questão que pecava era o inglês, né? De ir para aí. E eles davam a opção de você passar 3 ou 6 meses lá para aprender o inglês. Para entrar numa *highschool* lá, no meu caso. Eu consegui a bolsa de 60% acadêmica e os outros 40% esportivo. Mas eu quebrei a perna [...] (P. N.)

Vemos aqui que aspectos como oportunidades diferentes, etarismo, condições socioeconômicas, dentre outros dificultam o ingresso dessas pessoas no esporte profissional, uma realidade de muitas crianças e jovens em nosso país. As pessoas LGBTQIA+ enfrentam os mesmos problemas, têm de lidar com frustrações e aliado a esse conjunto de fatores, há o fato de carregarem consigo os estigmas e preconceitos devido a sua orientação sexual e a sua identidade de gênero.

Podemos notar que, entre os “futebóis”, o futebol amador acaba por se configurar como possibilidade para as práticas socioculturais e de lazer dos jogadores, torcedores e da comunidade, especialmente das classes populares (RIGO, JAHNECKA; SILVA, 2010). Os indivíduos aqui acompanhados também tiveram ao longo de suas vidas oportunidades dessa vivência da modalidade que ultrapassa o desejo de profissionalização.

Esses relatos apontam para o fato de que mesmo a contragosto de uma sociedade que os oprime e os diferencia, esses indivíduos travaram suas lutas pessoais ao longo de suas trajetórias de vida para se afirmarem nos campos de futebol, nas várzeas, quadras e demais espaços onde tinham a oportunidade de praticar a modalidade.

Os LGBT+ são o maior alvo de todas as discussões, tanto no futebol quanto na política. Nas discussões absurdas sobre kits gay e mamadeiras eróticas, nas instituições religiosas somadas às forças políticas, estabelecem sem nenhum embaraço que são realmente homofóbicas e que querem proteger suas crianças do risco de serem homossexuais, fato que demonstra o quanto a sociedade é conservadora e desinformada. No futebol masculino tradicional, praticamente não há manifestações homossexuais, nem nas torcidas, nem nos gramados. Nenhum jogador na história do esporte no Brasil quis ameaçar a curta carreira em nome da causa. No entanto, mesmo com raríssimos casos ou suspeitas, multiplicam-se os cantos homofóbicos e atitudes de intolerância (MARTINS; DE ASSUNÇÃO, 2019, p. 360).

A simples presença e insistência das pessoas LGBTQIA+ em permanecer praticando o futebol demonstra uma força política que tem rompido barreiras, provocado fissuras e estremecido o *status quo* futebolístico. Isso tem ocorrido de modo crescente, mesmo que muitos desses indivíduos estejam alheios às pautas do movimento ou engajados de modo direto a elas. Essa é uma tendência que pode apontar para uma evolução do próprio futebol, revelando novas possibilidades de sua prática, novas configurações em suas regras, assim como pode ser um dos catalizadores sociais, por que não, sendo fonte de inspiração para uma sociedade inclusiva e que se impõe de modo contundente contra toda forma de preconceito e discriminação.

Pesquisas e pesquisadores não estão alheios a esse fenômeno e têm recentemente produzido uma variedade de trabalhos robustos e importantes no campo dos estudos do futebol, sexualidade, masculinidade e lazer. Mandelli (2023) reforça isso ao lembrar que nos últimos anos emergiu uma safra de pesquisas acadêmicas que observam a relação de marcadores sociais da diferença com o esporte, especialmente no futebol, com investigações acerca da sexualidade, do gênero, das masculinidades e das questões raciais. Logo, tal arsenal acadêmico dá visibilidade para sujeitos, práticas e subjetividades outrora apagados (MANDELLI, 2023).

Ao relatarmos a trajetória dos sujeitos acompanhados nesta investigação e sua relação com futebol enquanto experiência de lazer, eles apontam um conjunto de variáveis que estão em jogo quando as pessoas LGBTQIA+ resolvem, por iniciativas próprias, adentrar o meio futebolístico. As instituições como família, escola, esporte e sociedade são importantes na construção das identidades desses sujeitos, sua aceitação e respeito. E nesse contexto está sua relação com o futebol, um importante elemento de nossa cultura, podendo apontar para outras possibilidades de vivenciar sua prática.

2.6 Deixe seu preconceito de lado, porque eu também quero jogar

Nas entrevistas com alguns componentes do time Predadores foi possível verificar a estreita relação entre o lazer e o futebol em suas trajetórias de vida. Ao concebermos o lazer enquanto uma necessidade humana e dimensão da cultura, vemos que ele permeia a trajetória de vida das pessoas de um modo geral, sendo que cada grupo e/ou indivíduo vivencia o lazer ao seu modo. Isso não foi diferente com os sujeitos dessa investigação, e foi possível constatar a vivência do futebol enquanto experiência de lazer permeando suas vidas.

Para Gomes (2014), o lazer representa a necessidade de fruir ludicamente as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente, cuja necessidade concretiza-se na ludicidade, podendo ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. A compreensão do lazer enquanto um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado (GOMES, 2014) nos ajuda a compreender melhor os sujeitos aqui pesquisados na sua relação com o futebol.

Percebemos que em um determinado momento de sua trajetória de vida os sujeitos dessa pesquisa tiveram o primeiro contato com o futebol em seu tempo/espço de lazer. Mas esse contato parece ter ocorrido em paralelo com a percepção de que sua (homo)sexualidade se diferenciava da daqueles sujeitos cis-heteronormativos, influenciando, em alguma medida, a sua relação com a modalidade.

Anteriormente, pudemos perceber como o futebol entrou na vida das pessoas que aqui acompanhamos, revelando histórias permeadas por uma variedade de acontecimentos em torno da prática da modalidade. Um dos aspectos levantados

nas entrevistas foi quanto ao time para que torciam e as influências dessas escolhas, aspecto que também diz respeito à trajetória de vidas deles. Tal questão também era uma curiosidade minha, uma vez que, como já comentei, tinha uma ideia preconcebida de que a maioria das pessoas LGBTQIA+ tinha certa aversão ao futebol bretão. Posso adiantar que essa percepção foi, de certo modo, revista quando fui morar em Belo Horizonte e percebi que o amor a um time do coração era algo que praticamente “nascia” com todos/as os/as mineiros/as. Ainda assim, era algo que eu notava mais por parte das pessoas heterossexuais.

Vou começar com um depoimento que vai na contramão dos demais. Quando perguntado sobre seu time do coração e as influências dessa escolha, o depoente seguinte revela suas escolhas:

A família é todo mundo atleticano. Mas palmeirense, ninguém. Palmeirense é meu irmão que também torce, mas ele é mais atleticano. E eu sou palmeirense mesmo, de vir aqui em São Paulo e ver jogos do Palmeiras constantemente. Acompanhando jogos na TV. Aí deu aquele clique e é esse que eu quero. É esse time que eu quero torcer. (P. R.)

Essa entrevista ocorreu em um quarto de hotel na cidade de São Paulo, por ocasião da participação do time Predadores na etapa sudeste da Ligay em 2023. Aqui percebemos um movimento contrário ao desejo da família, quando o sujeito resolve torcer para um outro time. Mas demonstra também que havia ali uma tradição familiar de amantes do futebol, influenciando de algum modo a ligação com a modalidade. Muito dessa influência tem nos meios de comunicação seu mote, levando a inúmeras pessoas o futebol espetáculo, também influenciando nas escolhas delas quanto a torcer por um determinado time. No Brasil a história da disseminação do esporte confunde-se com a história dos meios de comunicação, uma vez que, por exemplo, em São Paulo as primeiras sessões de cinema aparecem como compactos de jogos de futebol locais (GASTALDO, 2009, apud BALZANO, 2018).

Tal realidade pode ser verificada no acesso aos canais de televisão e serviços de *streaming* que levam as partidas de futebol para dentro das casas das pessoas. Lembro-me que quando criança e adolescente, morando no estado da Bahia, devido à influência da T.V., meus irmãos, eu e meu pai torcíamos para times da região sudeste, no caso, o Vasco da Gama e o Flamengo. Isso ocorria muito em parte porque naquela época os times de outras regiões do país, como o nordeste, não tinham a mesma projeção dos times do sudeste nas emissoras de televisão. Isso

determina em parte as escolhas dos times por parte das pessoas, demonstrando a influência até hoje dos meios de comunicação (televisão, rádios, internet) nas suas vidas.

Com toda essa disseminação, constrói-se em nossa história uma cultura futebolística e conseqüentemente, uma legião de fanáticos pela modalidade. Divergências à parte, a premissa é a mesma: todo brasileiro é fã de futebol e tem seu time do coração, mas lembramos que há exceções obviamente. Isso em certa medida vale também para muitas pessoas LGBTQIA+, que também veem na modalidade algo que os atrai, provoca comoção em torno de seu time do coração e os impele a praticar a mesma.

Outro depoimento reforça conceitos como a paixão e demais influências quanto às escolhas dos sujeitos:

Então, me agradava muito o jeito, a forma do cruzeiro jogar. E também eu achava que a torcida cruzeirense era muito mais tranquila. Já fiz parte também de ver jogos do Atlético e não me identifiquei. Eu achava que o clima era mais tranquilo... Eu acho que a forma era menos ofensiva. E achava também a torcida de uma maneira geral mais educada. A minha família é atleticana, só meu pai que era cruzeirense. Lá em casa, meu pai e eu cruzeirense... os outros cinco irmãos atleticanos... As sobrinhas. Então, assim, lá a gente era o do contra (P. B).

Nessa fala, percebemos que critérios como segurança, agressividade e o ambiente familiar interfere nas escolhas dos sujeitos por um time. Demonstrem também algo em comum em terras mineiras, onde num mesmo núcleo familiar as pessoas têm escolhas diversas, mas a paixão futebolística é o que os une. Isso ocorre também no universo familiar das pessoas LGBTQIA+ que têm sua paixão por um time, mas que buscam ir além da torcida e partir para a prática do futebol.

Esses aspectos nos fazem pensar sobre o alcance da modalidade nas diversas esferas de nossa sociedade. De acordo com Daolio (2000), o futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas, não sendo apenas uma manifestação lúdica do homem brasileiro, nem tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns. Ele se configura como muito mais que isso, nos revelando uma forma de expressão encontrada por nossa sociedade. É, indo além, uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, como paixão, ódio, felicidade,

tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras (DAOLIO, 2000).

As falas seguintes refletem um pouco do que foi visto anteriormente e nos apresentam outros dados.

Não, eu gosto do futebol, mas eu não sou um cara que torce, que é alucinado e torce, tem aquela torcida, assim, não. Eu escolhi um time e é esse que eu vou torcer e pronto. Aí foi o Cruzeiro que eu escolhi e tô nele até hoje. Não teve influência não, porque minha família era bem mesclada, tinha praticantes e cruzeirenses. E meus pais, eles nem pra time torcem (P. C.).

Na verdade, pelo meu pai. Eu cresci meio afastado do meu pai, mas quando eu fui me entendendo como gente, minha mãe me contava que ele torcia para o Atlético. E eu acho também um pouquinho de rivalidade com meu irmão. Meu irmão era cruzeirense, pra fazer raiva nele que a gente brigava muito, eu resolvi também torcer pelo Atlético. Torcer para o Atlético (P. A.).

Minha mãe me apresentou os dois escudos, o do Galo e o do Cruzeiro e ela falou assim, “qual você acha mais bonito?” E eu vi o símbolo do Cruzeiro azul, com as estrelas, muito mais bonito. Ah, gostei do Cruzeiro. “Então você vai ser cruzeirense, porque eu também sou.” E aí acabou que eu virei cruzeirense e se tornou uma paixão maravilhosa (P. MP.).

Os entrevistados acima reforçam o que já falamos quanto às escolhas pelo time do coração, mas trazem outros aspectos, como a relação afetiva familiar. Como nos esclarece DaMatta (1982), é fundamental visualizar o futebol além do seu caráter funcional, pois só dessa maneira torna-se possível compreender a função política e social deste esporte que acaba trazendo à tona várias tensões sociais. Nesse aspecto incluem-se as relações travadas entre indivíduos de um núcleo familiar ou de amizade.

O relatado pelas falas dos sujeitos nos aponta para o fato de que, sim, as pessoas LGBTQIA+ também têm seu time do coração e seu amor pela modalidade e, assim como muitos brasileiros e brasileiras, as influências disso vêm de diversas maneiras, demonstrando o alcance da modalidade nos corações e mentes das pessoas. Por isso mesmo, podemos pensar sobre o futebol na sociedade brasileira, tanto por seu significado cultural e esportivo, quanto por sua abrangência e significado, que o tornaram um dos pilares de sustentação de uma construção identitária, mesmo que cambiante (CONNELSEN; BRINATI, 2020).

Uma conversa registrada num evento de confraternização após jogo do Predadores nos aponta o valor dado à modalidade por membros do time, assim

como suas ressalvas e dificuldades ao adentrar o campo e praticar o esporte. Vejamos:

D.C.: É apaixonante. O futebol de base é apaixonante. Eu joguei muito 'dramonete', depois perdi o interesse total. Depois eu fui crescendo, eu fui ficando com muito medo. É verdade.

EU: Medo de que? Da violência dos caras?

D.C.: É, porque o povo quebra, né? Você morrer na quebrada aí do nada, ganhando dos caras. Mas, gente, você vai lá pra divertir. Ou você vai jogar pra perder, ou você vai jogar pra morrer. Você pode vencer, mas morre, não sai vivo. Então, tipo assim, é muito... É tenso, é tenso.

EU: Aí eu comecei a ficar com medo.

D.C.: Mas também tem esse medo de quebrar uma perna e ficar... Eu que sou franzino, qualquer quebrada, qualquer pegada.

(D.C. 23 de março de 2023).

Essa conversa entre o pesquisador e integrantes do time ocorreu num momento de descontração e confraternização após um amistoso do time. Registrada através de gravação de áudio, demonstra meu diálogo com eles e suas experiências futebolísticas, como a do caso relatado sobre jogos em campos de várzeas, nas regiões periféricas da cidade de Belo Horizonte. Alguns dos membros do time participavam, na época, de times amadores que jogavam nos campos de várzea das favelas de Belo Horizonte, região onde muitos deles residiam. A conversa relata, além da grande paixão pela prática futebolística, como se davam os jogos entre times de regiões diferentes, revelando rivalidades e as tensões que ocorriam nesse espaço. Ainda assim, vemos pessoas LGBTQIA+ se aventurando nesses locais devido à sua paixão pela modalidade, mesmo num espaço muitas vezes, como eles relatam, agressivo e tensionado.

Em um jogo para além do lazer ou da partida profissional, o espaço do futebol determina práticas específicas num dado contexto, sendo a representação de si mesmo e do que o jogo representa (DE SOUZA, 2020, MOURA, 2017). Esse aspecto é visivelmente identificado na fala do sujeito acima. Isso nos permite compreender que a partida de futebol é um momento político específico, espetáculo de desempenho de papéis, de exaltação e subordinação de masculinidades (MOURA, 2017, ALMEIDA e SOARES, 2012). Os sujeitos LGBTQIA+ convivem com esses aspectos em sua relação com a prática do futebol, forçando a si mesmos, na maior parte das vezes, a se adaptarem a essa realidade, caso queiram vivenciar a modalidade. Entretanto, a experiência desta investigação aponta para as

possibilidades de rupturas nessa conjuntura cis-heteronormativa, permitindo outras possibilidades de vivência do futebol.

2.7 Constituindo um lazer dissidente

Resistências... Dissidências... É disso que trataremos aqui, articuladas com o lazer enquanto um fenômeno social e uma necessidade humana. As práticas de lazer como a aqui apontada são permeadas por inúmeros conflitos e possibilidades de serem acessadas como um direito social.¹¹ Ao serem associadas com as discussões em torno das concepções de resistência e dissidência, podemos lançar luz à discussão, contribuindo na compreensão do fenômeno aqui investigado enquanto uma experiência de ruptura e contestação de um *status quo*.

Mas por qual motivo associar o lazer praticado e vivido pelas pessoas LGBTQIA+, como a prática do futebol, com resistência e dissidência para além dos espaços políticos? Para responder a essa pergunta, inicialmente nos reportamos a Louro (2017), ao nos dizer que, sem negar esses espaços que servem de contraponto à norma heterossexual, devemos observar também outras práticas e gestos ensaiados de outros tantos pontos capazes de constituir políticas de resistência. Entendemos que a resistência se dá em múltiplos lugares e muitas vezes de forma intencional e inconsciente, já que os pontos de subversão do sistema de regime heterossexual estarão dispersos por todo o espaço delimitados por esse regime (LOURO, 2017; GARCIA, 2005).

Para uma compreensão aprofundada sobre dissidência e a escolha feita aqui de associá-la com o lazer enquanto um espaço/tempo no qual ela se configura, voltamos na citação que abre esse tópico. Como lembra Vieira *et al.* (2020), podemos considerar o caráter de resistência política desses corpos em aliança ao reafirmarem, com regularidade, suas representações e desejos dissidentes da heteronormatividade, mesmo sem o caráter contestatório imediato dessa performatividade coletiva. Tal constatação foi visivelmente percebida no contato com os sujeitos dessa investigação, ao decidirem adentrar o campo futebolístico reivindicando para si o direito à sua prática. Indo além do papel de mero

¹¹ A Constituição brasileira de 1988, em seu artigo sexto, define os direitos sociais de todos os cidadãos brasileiros, dentre eles se encontra o lazer (BRASIL, 2008). Assim, o lazer é um direito social no Brasil, possui o mesmo *status* de importância que a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, a segurança e a previdência social (ALVES JUNIOR; DIAS, 2013).

telespectador, esses sujeitos acabam rompendo com um paradigma até então muito cristalizado. Este refere-se ao fato de que era inconcebível que as pessoas LGBTQIA+, assim como as mulheres, pudessem praticar o futebol, seja como lazer ou indo além, participando de treinamentos e competições da modalidade.

Um ponto de partida para esclarecer do que estamos falando quando nos referimos à dissidência sexual, como lembra Rubino (2019), é considerar que se trata dessas expressões da sexualidade que questionam o regime heteronormativo e a matriz heterossexual, mas também aquelas manifestações normativas da sexualidade não heterossexual, ou seja, da homonormatividade, aspecto este fundamental para a compreensão dos sujeitos aqui investigados. Sendo assim,

A palavra 'dissidência' também parece estar substituindo o uso bastante difundido de 'diversidade'. De fato, a 'dissidência', ao contrário da 'diversidade', é relacional, pois não se refere a uma soma de identidades sexuais (normativas e não normativas), mas sempre se refere a uma norma sexual: certas práticas são dissidentes em relação a uma norma sempre variável e no quadro de um sistema de poder — biopoder, segundo Foucault, regime farmacopornográfico, segundo Paul B. Preciado. Por isso, não se refere a um estado de coisas em sentido estático (como é o caso da 'diversidade'), mas se concentra no dinâmico e relacional; o termo permite visualizar que as sexualidades não são privadas e estáveis, mas estão inseridas em complexos sistemas de poder (RUBINO, 2019, p. 62-63).

Ao compreendermos as dissidências sexuais enquanto práticas, estilos de vida e prazeres que rompem com uma certa norma, deve ser considerado que se trata de um regime de produção da normalidade, nos dizeres de Rubino (2019) e de um poder que é exercido sobre as pessoas. Tal fato nos ajuda a compreender que os sujeitos performam sexualidades e identidades de gênero que estão em movimento e não são estáticas.

Para Vieira *et al.* (2020), ao voltarmos nosso olhar para eventos específicos, envolvendo subculturas de gênero e sexualidades dissidentes, a expressão do corpo, das identidades e das sexualidades desviantes configura a possibilidade de constituição do sujeito contemporâneo como inspiração para uma nova estética de vida, ao romper os estados de resiliência social nas práticas hegemônicas de repressão para os desejos fixos e particulares. As competições e eventos futebolísticos com a presença das pessoas LGBTQIA+ acabam por constituir um espaço/tempo onde vêm à tona essas singularidades dissidentes.

Para um aprofundamento maior sobre o que estamos falando quando associamos lazer e dissidência, cabe a seguinte citação:

As insubordinações queer, assim como os (trans)feminismos interseccionais e pós-modernos, desarrumam e desfazem as certezas ordinárias —

denunciando os desejos de norma e aqueles movimentos mais apegados a formas de dominação. Seu contragolpe privilegiado parece ser a abertura a espaços-conexões para multidões em devir (multitudes) e para saberes-práticas que instauram outras epistemologias de mundo – notadamente aquelas formas de conhecer que se estabelecem na interpelação de raça/etnia, gênero e sexualidade em uma crítica contundente a esses dispositivos de saberpoder (POCAHY, 2016, p. 10).

Quando assistimos a pessoas da comunidade LGBTQIA+ também exigirem para si as práticas futebolísticas enquanto uma experiência de lazer, percebemos que elas acabam por forçar barreiras até então existentes que as impediam de praticar a modalidade, uma vez que se constituem enquanto corpos e expressões dissonantes, que “escapam” da norma cis-heteronormativa. Na vida de todas as pessoas dissidentes das normativas heterossexuais de gênero, se há alguma coisa comum entre elas, seriam os processos de estigmatização, quer dizer, as dificuldades e impossibilidades quanto ao direito fundamental à singularidade, de poderem exercitar o direito de ser, de viver e de serem respeitadas como todos os demais cidadãos (PERES; TOLEDO, 2011).

FIGURA 14 - Local onde os participantes da etapa sudeste da Ligay se concentravam antes, durante e após os jogos.¹² Assim como os demais espaços onde esses eventos ocorrem, vemos mesas e cadeiras e, à esquerda ao fundo, fica uma lanchonete onde eram vendidos salgados, lanches, sucos, refrigerantes e cerveja. Era o espaço de confraternização entre as equipes e momento de rever velhos amigos e fazer novas amizades.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os eventos que pude acompanhar com a participação do time Predadores, como na figura descrita acima, são um exemplo de ações que vão ao encontro de

¹² O local da competição possuía três quadras de fut 7, quadras de *beach tênis*, vestiários, lanchonete, tendas para os atletas. Devido às chuvas que ocorreram durante o evento, o espaço em torno das quadras acumulou muita lama, o que dificultava a passagem dos presentes (D. C. 07 e 08 de abril de 2023).

aspectos como inclusão, participação e direitos. Os registros abaixo, oriundos dos diários de campos etnografados na etapa sudeste da Ligay, demonstram um pouco o caráter contestador desses eventos.

Foi percebido que aquele espaço e evento constituíam um momento de lazer, em que cada um dos participantes aproveitava à sua maneira. Ocorriam confraternizações entre atletas que já se conheciam de outras ocasiões, as paqueras antes, durante e após as partidas, e as saídas pela cidade para se divertirem. Isso ocorria pelos bares, saunas e boates da cidade (D.C. Etapa sudeste da Ligay, 07 e 08 de abril de 2023.)

Muito obrigada, parabéns! Eu quero que vocês joguem firmes, mostrem tudo que nós sabemos, deem tudo de vocês, mas não percam o foco do verdadeiro sentido. Isso aqui não é uma competição entre vocês. Isso aqui é uma competição de nós todos contra a intolerância, contra a LGBTfobia e é isso o nosso jogo: é contra o preconceito e todos nós vamos vencer. Não vai sair nenhum perdedor [...]

(D.C. Fala de Leonora Áquila, coordenadora da diversidade da Prefeitura de São Paulo, na abertura da etapa sudeste da Ligay, 07 e 08 de abril de 2023.)

A cidade de São Paulo acolhe e respeita a diversidade, então, é, mais uma vez nós estamos aqui apoiando esse evento que tem como objetivo trazer esporte, trazer saúde, trazer saúde mental, trazer dignidade e demonstrar para todo mundo que o esporte é para todos todas e todos. Nós temos direito ao esporte. O esporte é saúde. É a possibilidade de muitas pessoas aliviarem vários problemas pessoais e aqui a gente tem oportunidade de receber diversas modalidades esportivas e inclusive futebol.

(D.C. Fala de abertura da etapa sudeste da Ligay, 07 e 08 de abril de 2023.)

Esses trechos da observação de um evento de muita visibilidade LGBTQIA+, no caso a Ligay, dizem muito sobre como esses espaços podem apontar para uma tendência cada vez maior de eventos esportivos voltados para a comunidade. A realização da Ligay desde o ano de 2017 tem se configurado como uma ruptura no que se refere a quem pode e quem não pode participar de competições de futebol.

FIGURA 15 - Aqui vemos as equipes participantes da etapa sudeste da Ligay em abril de 2023, na cidade de São Paulo. A competição teve a participação de 13 equipes, totalizando 245 jogadores. Essa imagem foi registrada logo após as falas de abertura do evento, que contou com a presença da diretoria da Ligay, autoridades políticas da cidade e organizadores do evento. Os vencedores dessa etapa foram a equipe paulista *Bulls Football SP*. Podemos ver também os jogadores do time Predadores, com seu uniforme verde e preto, e posicionados ao lado direito da placa do evento.



Fonte: Arquivo pessoal.

No segundo relato acima, temos a fala de uma das mais conhecidas *Drag Queens* do país, a Léo Áquila, agora chamada de Leonora Áquila, uma mulher trans e secretária da diversidade da prefeitura de São Paulo, na ocasião. Ela foi uma das convidadas para abrir o evento e sua fala diz muito sobre aquele momento e o quanto ele significava para toda comunidade LGBTQIA+. Quando ela diz que ali se configurava, antes de tudo, uma competição de todos contra a intolerância e o preconceito, afirma o caráter contestador e de resistência do evento. Bicha também pode, quer e tem o direito de praticar o futebol em suas mais variadas formas de expressão.

Cabe ressaltar, conforme Silva, Dullius e Sanfelice (2021), que esse processo abre brechas a outras possibilidades de existência, produzindo, por meio das relações de poder, fissuras nas normativas de gênero. Neste sentido, toma-se de empréstimo a noção de dissidência proposta por Figari (2009) e Figari e DíazBenítes (2009) como ferramenta descritiva e analítica. Desse modo, as masculinidades dissidentes podem ser compreendidas como o exterior abjeto que constitui a heteronormatividade enquanto categoria quase única no futebol (SILVA, DULLIUS e SANFELICE, 2021).

Quando trazemos os pressupostos sobre dissidências, a partir das experiências de dissidências de gênero e sexualidade que vêm sendo produzidas ao Sul da linha do Equador, reconhecemos a necessidade de fomentar discussões teóricas que, longe de serem meramente incorporadas do Norte global, possam ser oriundas a partir de epistemologias sintonizadas com nosso lugar de origem que, não raramente, é social e geograficamente reconhecido como o “cu do mundo” (PELÚCIO, 2014, JUNIOR; POCAHY, 2017). Quando aqui trazemos experiências futebolísticas numa cidade mineira, isso permite considerar essa realidade num dado tempo e lugar, visibilizando experiências também autênticas.

O esforço teórico em aqui associar as dissidências sexuais e o lazer busca construir epistemologias outras que possam dar conta de compreender nosso lugar de fala e de origem. Compreender como se dão essas experiências que, longe de serem algo estático, a todo instante se transformam e performam, num emaranhado de possibilidades que vão se criando no decorrer dessas atividades.

Quando acolhemos e nos vemos dentro dessa sopa de letrinhas chamada LGBTQIA+, percebemos que esses sujeitos buscam espaços de existência, inicialmente. Para Peres e Toledo (2011), todas essas expressões não normativas, não hegemônicas, com ou sem nome ou identidade pré-definida, podem ser incluídas na expressão “*Queer*”. Essa palavra tem, há algum tempo, ganhado força nos debates sobre sexualidade e gênero, produzindo um número profícuo de estudos no campo. Nesse sentido, para Peres e Toledo (2011), o *Queer* surgiu enquanto movimento político e teórico nos anos 1990, como políticas de ação de grupos que divergiam das normativas da heterossexualidade, e iam contra as políticas de identidade e suas demandas de integração à sociedade heterossexual dominante (tanto em relação às identidades LGBT quanto de um único tipo de sujeito do feminismo). Desse modo, “O uso do termo *queer* veio como estratégia performativa fazendo uso do insulto sexual (do inglês: esquisito, estranho, anormal) como um lugar de ação política” (PERES, TOLEDO, 2011, p. 263).

Tal esclarecimento é importante, já que nos propomos compreender a experiência aqui investigada, podendo ser denominada enquanto uma experiência *queer*, que tem a prática futebolística como mote de interesse por parte de pessoas da comunidade LGBTQIA+. Enquanto indivíduos que performam corpos e expressões dissonantes daquelas cis-heteronormativas, essas pessoas acabam por provocar borrões e colapsar o espaço futebolístico de diversas maneiras.

Algumas falas dos sujeitos demonstram como se dão os eventos voltados para a comunidade dos quais eles participaram:

No caso da Taça da Diversidade em si, que é véspera da Parada Gay de São Paulo e parada LGBTQIA+, de São Paulo, eles sempre fazem algumas coisas relacionadas à conscientização das ISTs. Tem ciclos de conversa, tem distribuição de preservativos... Do teste, né, do teste rápido, HIV. E eles fazem muitas campanhas, sim, mas não passa disso, não. Eles costumam realizar uma questão cultural mesmo no local, tipo uma música ao vivo... Alguma coisa... (P. B.).

Além desses aspectos, podemos citar o fato de que na realização desses eventos as cores da bandeira da comunidade LGBTQIA+ acabam por predominar, assim como os uniformes dos times e seus escudos.

Seguindo esse raciocínio, Sharpe (2017), estudiosa estadunidense, demonstra o que a teoria da resistência da Foucault oferece ao estudo e à prática do lazer. Para a autora, as perspectivas modernistas sobre a resistência no lazer mantêm um binário de dominante e subordinado, segundo o qual o lazer é conceituado como uma arena política usada pelos grupos dominantes de maneiras que estendem ou mantêm a “ordem estabelecida”, ou pelos grupos subordinados para se opor ou desafiá-la (CARRINGTON, 1998; SHARPE, 2017). Nesse sentido, a ação de oposição no lazer e por meio dele pode assumir uma variedade de formas, podendo ser coletiva ou individual, pública ou privada, simbólica ou material (SHARPE, 2017).

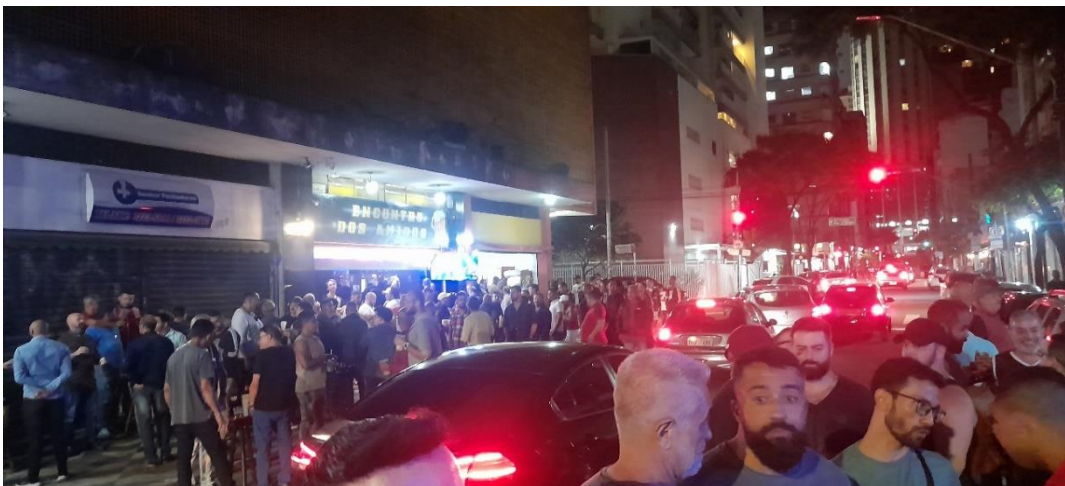
Acho pertinente abordar essa noção de lazer e resistência proposta pelos estudiosos citados acima, para que possamos compreender o fenômeno aqui investigado, onde podemos constatar um duplo movimento provocado pela presença das pessoas LGBTQIA+ em práticas futebolísticas. Constitui-se enquanto uma resistência quando membros dessa comunidade desafiam uma realidade dada onde são excluídos na maior parte das vezes e ali permanecem, vivenciando a modalidade à sua maneira, e se constituem enquanto dissidências em relação a uma norma sempre variável no quadro de um sistema de poder, que acaba por romper com a norma cis-heteronormativa, assimilando ou não parte de seus modelos, mas dando origem a outras possibilidades que estão em constante transformação.

Ao propormos apresentar o que chamamos de Lazer Dissidente, nos referimos a expressões de lazer que vão de encontro àquelas oriundas de modelos heteronormativos. Portanto, trataremos aqui de corpos que desafiam os binarismos entre masculinidade e feminilidade, entre “homem” e “mulher” e, conseqüentemente

desafiam a cultura heterossexual dominante, pois dessencializam modelos considerados naturais e universais. Falamos de sujeitos que também vivenciam ao seu modo o lazer e seus corpos, expressões faciais e verbais e sexualidade, e acabam por produzir práticas de lazer que se chocam com aquelas normalmente aceitas.

A vivência do lazer por ocasião dos jogos ou eventos, como a etapa sudeste da Ligay aqui destacada, diz muito sobre esses sujeitos e sua relação com o futebol e o lazer, como vemos na imagem a seguir. A figura 16 retrata uma das noites em que não só os jogadores do time Predadores saíram para se divertir, mas também muitos participantes de outros times da Etapa sudeste da Ligay. A rua foi tomada pelas pessoas que disputavam o espaço com os carros que ali transitavam. Ali ocorreram conversas entre os participantes sobre os jogos e o que estavam achando da competição, mas também era espaço para as paqueras e demonstrações de afetos. Nessa região da cidade também havia espaços como boates e clubes de orgia e sexo.

FIGURA 16 - Rua Augusta, em São Paulo, tradicional reduto boêmio gay da cidade. Lá existe uma variedade de bares cuja presença maior é de homens gays cis, inclusive homens mais velhos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse guarda-chuva que denominamos Lazer Dissidente poderiam se incluir diversas expressões, como: a prostituição, os filmes de conteúdo adulto, os grupos e/ou clubes de orgias, usuários de drogas lícitas e ilícitas, dentre outras.¹³ Como

¹³ Nessa linha das dissidências, e analisando artefatos da indústria do pornô lazer, temos também alguns trabalhos desenvolvidos por Da Silva *et al* (2018); trabalhos como o de Marie Tavares (2011), que examinou as Paradas LGBT; Anjos (2018), com seu estudo sobre a Coligay; a pesquisa de

nos, lembra Lopes, Peres e Sales (2021), ao focar num desses elementos citados quando iniciamos essas problematizações, pensando relações de poder e resistências, tomamos como premissa fazer emergir diálogos sobre o trabalho na prostituição e sobre práticas sociais, estéticas, táticas, políticas de sobrevivência e prazeres, podendo agir como manutenção e/ou subversão dos estilos de vidas heteronormativas, padrões universais e estereótipos biologizantes.

Quando incluímos as práticas esportivas que estão aos poucos sendo invadidas, tomadas e ocupadas pelas pessoas LGBTQIA+ enquanto um Lazer Dissidente, estamos dizendo que tais práticas acabam por expor formas de ser e estar muitas das vezes indesejáveis e discriminadas pela norma heterossexual. Isso muito em parte porque os indivíduos que se enquadram nessa identidade cis-heteronormativa sobrevivem por meio de discursos moralistas e preconceituosos, mas que paradoxalmente acabam por usufruir muitas das vezes desses Lazeres Dissidentes, como o caso da busca pelos serviços das prostitutas e travestis, sites de filmes de conteúdo adulto¹⁴ ou mesmo o uso de drogas recreativas. Em contrapartida, são os autores da maior parte da violência perpetrada a comunidade LGBTQIA+, principalmente contra as pessoas trans.

A heterossexualização produz padrões e normas que partem da dicotomia entre masculino e feminino, em que há a imposição de que o corpo apresente comportamento do que é definido como masculino e feminino e outras identidades são ininteligíveis ou consideradas falhas (NASCIMENTO, 2020). Entretanto, isso não ocorre sem conflitos com a realidade, uma vez que essas identidades que questionam e expõem os limites dos discursos de gênero são justamente as resistências, e se configuram nos espaços de esporte e lazer. É o que pudemos verificar na investigação aqui descrita, na qual sujeitos da comunidade LGTBQIA+ acabam por consolidar a cada dia uma maneira própria de vivenciar o lazer, com todas as contradições e idiosincrasias presentes, próprias de fenômenos sociais que se constituem num determinado tempo e lugar, num devir.

Raquel da Silveira (2008), sobre sociabilidades homossexuais no futsal feminino, entre outros (MEYER; SILVA, 2020).

¹⁴ Para Lopes, Peres e Sales (2021), trata-se de processos de ocultamento e invisibilidade que engendram as produções dos prazeres e desejos sexuais dentro de dispositivos que regulam as sexualidades, definem o que deve ser silenciado ou, em outras palavras, o que não deve existir. Processos como esses operam contradições como a que faz o Brasil estar no topo do ranking de acesso à pornografia transexual, de acordo com o site *RedTube*, ao mesmo tempo que, em outro ranking, aparece como um dos países de maior violência transfóbica.

3 CONSTITUINDO UM FUTEBOL DISSIDENTE

“Não sei por quê. Não tem como te afirmar. Mas no meu ver, falando a grosso modo, o gay joga mais pra mostrar em si pra quem tá de fora. O hétero já joga mais por esportividade e competitividade. Se precisar de brigar pra ele ganhar o jogo, ele vai brigar. O gay não. Já quer fazer um gol pra mostrar pra torcida que fez um gol. Mesmo perdendo... Se ele fez um gol, pra ele tá ótimo. É a minha visão. Eu percebo ao longo desse pouco tempo que eu convivo com eles... Às vezes perde de cinco, fez um gol. A pessoa que fez um gol, pra ele foi bom. Mas não são todos. Isso é perfil de cada um. Eu percebo que é o perfil da maioria.” (P. R).

3.1 Aquecimento

Ter tido a oportunidade de acompanhar o time Predadores ao longo de 8 meses foi algo único e que demonstrou as inúmeras variáveis que podemos considerar quando sujeitos da comunidade LGBTQIA+ decidem jogar futebol. Nesse contexto eles/as e todes vão descortinando alguns empecilhos e barreiras e construindo um jeito próprio de vivenciar a modalidade, com todo um conjunto de aspectos que vêm nessa experiência: contradições, disputas internas e externas, preconceitos, incoerências etc. A fala de um dos integrantes do time que abre este tópico diz um pouco sobre a complexidade que está em jogo quando pensamos nos motivos pelos quais os membros da comunidade passam a flertar com o futebol, mesmo sendo este um dos principais representantes cis-heteronormativos de nossa sociedade.

Assim como falamos anteriormente e a partir dos dados obtidos, a experiência aqui investigada se configura como uma prática que denominamos lazer dissidente. Veremos que, por diversos motivos e achados desta investigação, talvez possamos falar aqui, também, de um futebol dissidente. Isso ocorre pelos motivos que nos permitem associar o lazer com a dissidência, uma vez que este vai de encontro a uma norma e a um poder que regulam corpos e modos de conduta a partir da matriz heterossexual.

Vejamos o caso do esporte moderno. Constitui-se de uma arena de construção de gênero e nessa construção a masculinidade, como na maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado, no qual especificamente a masculinidade esportiva carrega uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Podemos exemplificar isso citando a participação feminina no mundo esportivo. As mulheres travaram, ao longo do tempo, inúmeras lutas por espaço na sociedade e no meio do esporte. Há pouco tempo, na segunda metade do Século XX, as mulheres começaram a poder exercer o direito de jogar futebol no nosso país.¹⁵ Desde então, em todo o globo, as mulheres ascenderam no mundo esportivo, participando de todas as modalidades olímpicas, antes apenas permitidas para atletas do sexo masculino.

Mas se repararmos bem, o movimento inverso não ocorreu. Quero dizer, os homens não reivindicaram para si a participação em modalidades exclusivamente femininas, como no caso da ginástica rítmica e do nado artístico, para citarmos alguns exemplos.¹⁶ Apesar de existirem algumas iniciativas nesse sentido por parte de alguns países, ainda não existem essas modalidades olímpicas para os homens. E a razão por trás disso talvez esteja no fato de que a masculinidade aprendida e tão reforçada ao longo de séculos associa o vigor físico, a coragem, a força e a agressividade ao mundo do homem, o que impede que as governanças esportivas se descolem desses paradigmas e permitam que outros atores e outras masculinidades possam surgir e participar das modalidades esportivas escolhidas.

A masculinidade, nesse contexto, não seria a junção de características historicamente atribuídas ao masculino. Ela pode ser lida como mais um atributo. É importante ser corajoso e masculino, destemido e masculino, ousado e masculino, honrado e masculino. No futebol a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p.251).

Nessa conjuntura, subjetividades relacionadas ao feminino, as quais se refletem nos esportes exclusivamente praticados pelas mulheres, causam repulsa caso sejam performadas por homens. Características relacionadas ao feminino

¹⁵ Num contexto de centralização e controle sobre o desenvolvimento esportivo nacional, em suas disposições transitórias, o Decreto-Lei nº 3.199/41 previa no artigo 54 a vedação da prática, por mulheres, de desportos “incompatíveis com as condições de sua natureza”. A Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos, de 7 de agosto de 1965, estabelecia como práticas não permitidas às mulheres: “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”. A prática oficializada do futebol por mulheres ainda dependeu de deliberação publicada pelo CND, no ano de 1983, com o estabelecimento de regras para a modalidade feminina no país. Nesse ínterim, a defesa da livre prática desse esporte foi incorporada como pauta do movimento feminista emergente no Brasil (RIBEIRO, 2018).

¹⁶ Paris 2024 será palco de um evento quase inédito no nado artístico, com a inclusão da rotina acrobática por equipes, permitindo que os homens participem do esporte pela primeira vez na história dos Jogos. <<https://olympics.com/pt/noticias/novidades-homens-nado-artistico-paris-2024>.> Acesso em 31/03/2024.

como graciosidade, beleza, suavidade, dentre outras não são aceitas, ainda, por parte dos homens, o que causa neles temor em ser relacionado com esses atributos.

Voltando à participação das pessoas LGBTQIA+ nos esportes, numa análise da dimensão simbólica do ritual de preparação e participação nos jogos, o que está em jogo dentro e fora do campo é a constituição de um espaço de lazer próprio desses sujeitos. Por isso, tratamos aqui de homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, que jogam futebol e nutrem paixão pela modalidade. Ao destacar aqui “homens gays”, não quero com isso dizer que outras identidades de gênero e orientações sexuais serão desprezadas ou não apareceram no decorrer do trabalho de campo. Pelo contrário, elas também surgirão pelo caminho. Mas quero dizer que no universo pesquisado os homens gays cis se constituíram como uma maioria, o que, de certo modo, confere características próprias ao futebol por eles praticado.

Percebemos que os modos de construção das masculinidades no Brasil guardam íntima conexão com o futebol, seja para adesão ao esporte ou para sua negação, que implica, em geral, a construção de masculinidades subalternas (BANDEIRA; SEFFNER, 2013). Nesse bojo de masculinidades subalternas, se encontram pessoas da comunidade LGBTQIA+ e num nível de subalternidade também podemos incluir as mulheres cis, as pessoas trans, as pessoas pretas.

Os achados desta investigação nos levaram a uma variedade de condicionantes que devem ser consideradas ao tratarmos de uma prática futebolística que, ao ser apropriada por integrantes da comunidade LGBTQIA+, escancara suas contradições, mazelas e possibilidades, e nos apresenta formas diferentes de existência da modalidade, ampliando o seu alcance. Agora não falamos mais de futebol no singular, mas podemos falar de futebóis. Damo (2018), que cunhou o termo, argumenta que não vem ao caso o fato de que sigamos falando mais de futebol, já que estamos empenhados em falar dele no plural, das formas até menos consagradas ou que estão sendo só agora visibilizadas.

Nesse guarda-chuva cunhado pelo autor, podemos incluir o futebol praticado pela comunidade LGBTQIA+ e, por isso, a ideia de futebóis, no plural; porque os modos de existência desse jogo simples e cativante são, de fato, diversificados e os estudos esportivos precisam dar conta disso (DAMO, 2018). A investigação que tivemos o privilégio de desenvolver é uma das muitas empreitadas nesse sentido.

Vamos partir primeiramente de onde tudo começou, quer dizer: onde começaram a ser realizadas competições LGBTQIA+ de futebol de forma sistemática e organizada, um fenômeno novo, uma vez que ainda não completou nem uma década de ocorrência. Cabe salientar que tal fenômeno veio na esteira de uma conjuntura nacional e internacional de avanço nos direitos das pessoas dessa comunidade, na qual questões como união civil para parceiros do mesmo sexo, adoção, pensões, dentre outros se constituíram enquanto bandeiras do movimento LGBTQIA+ no Brasil e em outros países.

Podemos destacar como um dos movimentos precursores no futebol a Coligay, torcida organizada do Grêmio formada por homossexuais, nascida em Porto Alegre, em 1977, durante a ditadura, no governo Ernesto Geisel, cujo antecessor havia sido outro ditador gaúcho, Emílio Garrastazu Médici (BALZANO, 2018). Anjos (2018), que desenvolveu sua tese sobre a Coligay, lembra que a torcida esteve em atividade entre os anos de 1977 e os anos iniciais de 1980. Esse agrupamento fez-se notório não apenas porque explicitava a homossexualidade de seus integrantes em sua retórica, mas, sobretudo, porque fazia de tal identidade sexual o norteador da performance estética do grupo nas arquibancadas. Uma vez extinta, a torcida caiu em esquecimento, estando ausente em grande parte dos registros da história do Grêmio e da memória de muitxs torcedorxs (ANJOS, 2018).

Mais recentemente, vimos crescer em território nacional coletivos de torcidas organizadas por todo país que também tensionam o campo e manifestam sua paixão pelo time do coração, levando nesse bojo pautas como direitos da comunidade LGBTQIA+, contrárias ao preconceito e às violências física e simbólicas. Como exemplos podemos citar os coletivos Galo *Queer*, Palmeiras Livre e Movimento Toda Poderosa Corinthiana,¹⁷ dentre outros.

Esses movimentos e iniciativas ocorrem em parte como um contraponto, já que o futebol se constituiu um território masculino, em que as mulheres e a comunidade LGBTQIA+ se configuram como o “outro”, tornando-se *locus* de representatividade do armário gay e impondo a essa comunidade, e às mulheres, silenciamento, apagamento e agressões (GOMES JUNIOR *et al.*, 2020).

¹⁷ Para saber mais, ver: PINTO, M. R.; BONFIM, A. “Pelo Direito de Torcer”: A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que o futebol, é coisa pra macho. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônico), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X..

As iniciativas da comunidade LGBTQIA+ no sentido de também usufruírem a modalidade acabam tensionando o espaço futebolístico, configurando-o como um terreno fértil de disputas. Nessa direção, começam a surgir iniciativas de pessoas da comunidade interessadas na prática da modalidade, algo que teve um começo tímido e que logo tomou conta de muitas cidades pelo país. Há registro de que o Brasil possui mais de 80 times de futebol LGBTQIA+ em atividade, de acordo com um mapeamento realizado pelo Museu do Futebol em São Paulo. Esses times representam a diversidade e a pluralidade no esporte, e muitos deles têm histórias inspiradoras, como o caso do Real Centro, fundado em 1990 na cidade de São Paulo, sendo a primeira equipe de futebol gay do país. Embora inicialmente não se declarasse abertamente LGBTQIA+, o grupo desempenhou um papel importante na promoção da inclusão no esporte.

Curiosamente, tive a oportunidade de entrevistar um dos integrantes veteranos do Time Real, por ocasião da Taça da Diversidade, realizada em 2023 na cidade de São Paulo.¹⁸ Coincidentemente, o time também estava participando dessa competição e houve a oportunidade para conseguir uma entrevista com um de seus membros. Como eu não havia me preparado para isso, fiz as questões ali mesmo, buscando entender a história do time, dentre outros aspectos. Como não havia um local mais reservado, a entrevista aconteceu numa tenda onde o time Predadores havia se instalado no local do evento. Foi uma entrevista bem agradável e o entrevistado se mostrou à vontade e disponível (D. C. 10 de junho de 2023).

Sobre a origem do time, ele afirmou:

Eu vou contar um pouco da história que sempre os meus amigos que fundaram me contaram. O Real é um grupo de amigos que se reuniam no final de semana para tomar cerveja, lazer [...]: Isso em 90, em 1990. Então, aí esse pessoal resolveram [sic]... o pessoal viu que todo mundo ali naquele grupo tinha um gosto comum, que era o futebol. Então eles marcaram de fazer uma pelada no Ibirapuera, um grupo de amigos. Então ali juntou um grupo de pessoas que foram para o Ibirapuera. No Ibirapuera era um campo onde todo mundo podia participar do rachão. E a gente entrou praticamente com um time gay, formado por todo mundo gay. Só que porém [sic] ali, naquele ambiente, a gente não podia demonstrar que era gay. A gente ia para poder fazer uma coisa que gostávamos, mas dentro do armário (I. TR, 10 de junho de 2023).

Esse relato é muito importante por constatar quando e onde surgiu o primeiro time LGBTQIA+ no Brasil, que na época se denominava como “gays”, o que

¹⁸ A entrevista foi realizada durante a Taça da Diversidade, ocorrida em 10 de junho, na cidade de São Paulo, véspera da Parada LGBTQIA+ da cidade. Cheguei ao nome dele por meio de um dos integrantes do time Predadores que já o conhecia e já havia falado dele pra mim.

corroborar as informações anteriores sobre o time. Além disso, o depoimento nos situa no tempo/espaço em que viviam, no qual a visibilidade gay era bastante tolhida e discriminada. Interessante perceber que o desejo em praticar a modalidade era tão grande que os obrigava a participar do “rachão”, a famosa pelada, junto com jogadores heterossexuais. A fala demonstra algumas semelhanças ainda hoje quanto à participação das pessoas da comunidade LGBTQIA+ na prática futebolística, carregada, na maior parte das vezes, de muita tensão e discricção. Tudo isso para poderem vivenciar a modalidade que tanto adoravam.

Eu tive a oportunidade de entrevistar também o presidente da Ligay, durante a etapa Sudeste em 2023.¹⁹ Ele confirmou a história do Real Centro e acrescentou que o segundo time gay do país foi criado em Porto Alegre, como segue no relato abaixo:

O Real foi o primeiro e o Magia de Porto Alegre, que é a minha equipe, foi o segundo. Tem 18 anos. [...] Não, não tinha campeonato específico. Na verdade, a gente era um time, todo mundo se reunia, tem 18 anos de história, mas a gente se reunia só para treinar entre nós, para brincar entre nós. Jogar uma pelada. Não tinha nada. Como participante do campeonato, nós fizemos a partir de 2017. (P.Ligay).

Além disso, foi possível saber um pouco de sua história com o futebol²⁰ e que ele é torcedor do Internacional, o que justifica da seguinte forma: “E o Rio Grande do Sul é à parte, ou você escolhe, obrigatoriamente, quando você chega no Rio Grande do Sul, você tem que escolher um time pra torcer, ou é Inter ou é Grêmio” (P.Ligay).

O papo corroborou o que foi dito sobre o Real Centro e permitiu extrair informações importantes sobre o regulamento da competição, no que se refere a quem poderia participar. A competição é aberta apenas para as pessoas LGBTQIA+, sendo vedada a participação de heterossexuais. Ao ser indagado sobre como essa comprovação era exigida por parte dos times, ele respondeu:

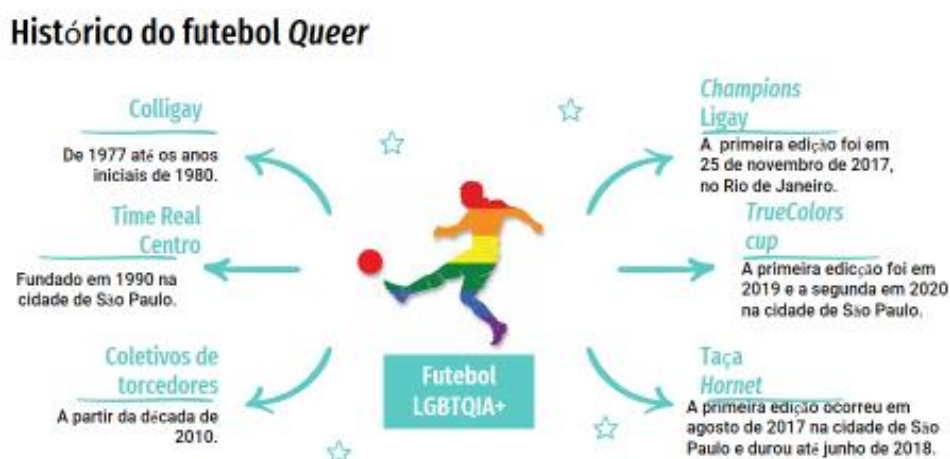
¹⁹ Como organizador do evento, ele tinha pouco tempo para me atender, mas consegui realizar a entrevista. Durante a conversa, ele estava separando a premiação e aparentava estar muito tenso com a organização do evento. Ele tinha 46 anos na época, era um homem gay e branco. (D.C. 07 e 08 de abril de 2023).

²⁰ “Aos 30 anos eu comecei a jogar no time da empresa que eu trabalhava. E aí comecei a gostar. Nunca gostei de futebol também. Sempre evitava o futebol, porque sempre foi tóxico pra mim [...]. É porque eu jogava ruim, nunca fui um exímio jogador, e não me sentia à vontade, à vontade de ir junto com o pessoal pra jogar, não era o meu ambiente.”(P.Ligay)

Pois é. O que a gente confia e acredita é na palavra dos presidentes, é no acordo de cavalheiros que a gente tem, de que não se coloque héteros para jogar. Não é aberto para héteros. Por que a gente não abre para héteros? Nós entendemos que a Liga, que a Ligay, ela nasceu como um movimento político esportivo, onde a gente quer provar que o LGBT pode participar de um jogo de futebol que não tenha a menor importância. Eu sempre gosto de colocar dentro do meu universo, dentro daquilo que eu vivo lá em Porto Alegre, que no início do século XX, lá em 1906, em Porto Alegre, se criou a Liga da Canela Preta. O que era isso? Era uma liga que só podia participar negros, porque até então dizia-se que os negros não tinham capacidade cognitiva para disputar o futebol. Então foi preciso que se criasse uma Liga da Canela Preta para mostrar que podiam jogar tão bem quanto os brancos. Passados 120 anos, a gente tem que criar uma Liga para mostrar que o LGBT pode estar também nas quadras. A gente vê que, apesar do decurso de 120 anos, a história não mudou, os preconceitos continuam cada vez mais vivos. Então a gente entende que a Liga precisa se manter dessa maneira, somente com atletas LGBT, para mostrar e para provar que a gente pode estar em qualquer lugar, em qualquer modalidade, e o que menos importa é o nosso gênero (P.Ligay.).

Ao contar os motivos pelos quais a entidade optou que apenas pessoas da comunidade LGBTQIA+ pudessem participar da competição, ele acaba nos revelando aspectos da história do futebol em nosso país, como a citação sobre a “Liga da Canela Preta”. Ao fazer um paralelo quanto às lutas serem parecidas, ele dá um tom político às ações da entidade pela luta por direitos e cidadania. Veremos mais adiante as tensões causadas pelo regulamento da Ligay e demais competições voltadas para a comunidade LGBTQIA+, ocasionando disputas internas e externas no que tange à participação nessas competições.

Com o passar dos anos e os avanços nos direitos da comunidade LGBTQIA+, começam a surgir os primeiros times contemporâneos da comunidade e os primeiros campeonatos de futebol. O quadro a seguir apresenta alguns dados que já citamos e outros sobre as competições.

FIGURA 17 – Histórico do futebol *queer*.

Fonte: Dados da pesquisa bibliográfica da tese²¹

Esses dados ajudam a traçar um panorama desses movimentos e sua importância para promoção da visibilidade e a aceitação no mundo esportivo, demonstrando que o futebol pode ser um espaço de inclusão e celebração da diversidade. Percebe-se que paralelamente à realização da Ligay, outros campeonatos voltados para a comunidade LGBTQIA+ também ocorreram no mesmo período, como as citadas *Taça Hornet* e *True ColorsCup*, ambas na cidade de São Paulo. Entretanto, elas não foram adiante e não se constituíram enquanto uma Liga, como no caso da Ligay.

Especificamente sobre as competições da Ligay, como mencionado anteriormente, eu tive a oportunidade de acompanhar a etapa Sudeste em 2023. Conforme relatado nos tópicos anteriores, essa etapa reuniu um grande número de times, em sua maioria das regiões Sul e Sudeste. O regulamento das competições segue o mesmo dos jogos de time heterossexuais,²² havendo o pagamento de taxa

²¹ A dura realidade dos times de futebol LGBT na luta pela sobrevivência. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/dura-realidade-dos-times-futebol-lgbt-luta-pela-sobrevivencia.html>. Acesso em: 24 mar. 2020. ^{2ª}. *Taça Hornet* da Diversidade 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/369228873588842/>. Acesso em: 19 maio 2018.

²² Os participantes são divididos em grupos de 4 equipes cada, que jogam entre si em turno único para definir os classificados para a fase seguinte. Assim como em competições de futebol profissionais, há a disputa de semifinais, final e terceiro lugar. As partidas têm duração de dois tempos de 12 minutos cada.

de inscrições nas competições e estipulação de taxa anual para que se faça parte da entidade.²³

Em relação ao que eu havia assistido quando da realização da etapa final da Ligay de 2019 em Belo Horizonte, essa etapa demonstrou ser um pouco diferente, como relato no caderno de campo. O clima inicial da competição foi tranquilo, mas, se comparado à edição da Ligay Nacional de 2019, não havia o mesmo clima festivo e descontraído (D. C. 07 e 08 de abril de 2023). Isso pode ser reforçado com as anotações seguintes:

Num certo momento da competição, parei para refletir o seguinte: se tirássemos o slogan da Ligay e as cores do arco-íris próprias do movimento, o que se podia observar era que essa competição não se diferenciava daquelas cis-heteronormativas. No entanto, podemos nos questionar: “E deveria ser diferente?” ou, ainda: “Será que essas competições voltadas para o público LGBT podem até reproduzir alguns aspectos das competições cis, mas criar algo novo?” (D. C. 07 e 08 de abril de 2023).

Esses questionamentos foram constantes em minha imersão nesse evento e aos poucos foram acrescidos por outros no decorrer do campeonato e de outras eventos que acompanhei. Naquele período, eu tinha um questionamento muito latente que dizia respeito a questões como inclusão e performatividade LGTBQIA+. Entretanto, outros aspectos vieram à tona, demonstrando o caráter dinâmico dos eventos do tipo.

Camargo (2018), ao falar das competições da Ligay, comenta que esse é um movimento iniciado em 2017, que tenta desconstruir a imagem do futebol como esporte homofóbico e dos campos como território heteronormativo. A criação de equipes formadas por atletas amadores homossexuais e sua união em competições da Ligay, entidade voltada para esse fim, são ações que propõem representatividade, inclusão por meio do esporte e respeito às diferenças (CAMARGO, 2018).

Tal constatação do autor pôde ser observada em minha incursão nessa etapa da Ligay, com suas características próprias.²⁴ Obviamente, Camargo teve a

²³ Cabe também ressaltar que, apesar de se intitular um campeonato de futebol, a competição é de futebol society, também conhecido como fut 7, e não de campo, uma vez que é realizado em quadras de grama sintética, em geral de fácil acesso, em ambientes urbanos de cidades médias e grandes no Brasil. As taxas aplicadas destinam-se à subsistência da entidade e à realização de eventos.

²⁴ Essa etapa da Ligay foi importante para que pudesse ter uma noção das competições de futset voltadas para o público LGTBQIA+. Ela foi organizada com fases eliminatórias, semifinais e finais. As eliminatórias ocorreram no dia 07/04, sexta de feriado (semana santa) e no dia 08/04, sábado. O

oportunidade de acompanhar várias etapas da Ligay entre 2017 até os dias atuais, podendo, assim, tecer um quadro mais complexo de observações dessas competições. Como foi de meu interesse focar no time Predadores, essa competição foi uma dentre tantas outras que busquei acompanhar, além daquelas atividades também fora de campo.

Como qualquer movimento que busca se organizar e ser representativo para sua comunidade, as competições de futebol voltadas para as pessoas LGBTQIA+ são uma demonstração de um esforço por visibilidade e representatividade no meio futebolístico, apesar das barreiras ainda existentes que resistem a essa “intromissão”, diriam alguns.

O futebol é uma importante instituição masculina. Ele é produzido por pressupostos de masculinidade ao mesmo tempo em que participa da produção, circulação e hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades. Pelos aspectos de competição, violência e combate (considerados atributos de masculinidade) os esportes constituem-se como um local privilegiado para a construção de masculinidades específicas (CECCHETTO, 2004 *apud* BANDEIRA, SEFFNER, 2013).

Entretanto, nada disso tem impedido que membros da comunidade LGBTQIA+ adentrem os campos e quadras de futebol apresentando seu modo próprio de usufruir da modalidade, com todas as incoerências, problemas, desafios e disputas internas. Assim, vão construindo uma história própria e única, deixando sua marca colorida no futebol, revelando que a modalidade já não é mais a mesma de outrora. Ainda bem.

3.2 Quando as “bichas” entram em campo: motivações para a prática futebolística

Foi de nosso interesse conhecer as motivações que fizeram as pessoas da comunidade LGBTQIA+, no caso os integrantes do time Predadores, se interessarem pela prática futebolística. Esse questionamento parte do fato de que o futebol foi e ainda é um espaço de construções de masculinidades, mas aquelas relacionadas aos padrões cis-heteronormativos. Por isso nos indagávamos sobre o porquê dessa escolha, uma vez que o meio futebolístico sempre foi opressor para expressões e corpos dissonantes, que escapam da matriz heteronormativa. A procura de alguns integrantes da comunidade LGBTQIA+ pela prática futebolística,

início da competição sofreu atraso, sendo que a abertura foi começar após as 10h, com desfile de abertura e fala de autoridades e convidados (D. C. 07 e 08 de abril de 2023).

mesmo com as prerrogativas de este ser um terreno repleto de preconceito e violência física e simbólica, é no mínimo curiosa e nos faz pensar.

O depoimento que abre esta parte da tese nos dá algumas pistas para a compreensão do fenômeno:

Mas no meu ver, falando a grosso modo, o gay joga mais pra mostrar em si pra quem tá de fora. O hétero já joga mais por esportividade e competitividade. Se precisar de brigar pra ele ganhar o jogo, ele vai brigar. O gay não. Já quer fazer um gol pra mostrar pra torcida que fez um gol. Mesmo perdendo... Se ele fez um gol pra ele tá ótimo. É a minha visão. Eu percebo ao longo desse pouco tempo que eu convivo com eles... Às vezes perde de cinco, fez um gol. A pessoa que fez um gol pra ele, foi bom [...] eu percebo que é o perfil da maioria (P. R).

Esse depoimento nos traz a categoria “ vaidade/sedução”, como elemento importante na escolha pela prática da modalidade por parte dos homens gays. De acordo com o depoimento desse mesmo integrante do time, essa vaidade em se mostrar para o outro guarda relação estreita com a sedução:

Olha, na minha opinião, eu acho que muitos, muitos que nunca jogaram bola, nunca teve contato com bola, envolve a parte sexual [...] Quando um outro gay fala que joga futebol, a pessoa já olha ele com um olhar mais [...] de gostar. A maioria deles... sente atraído. Atraído, entendeu? (P.R.)

Tais aspectos nos fazem pensar que as motivações pela procura do futebol são variadas, mas o componente ligado à sexualidade/afetividade parece vir primeiro, de acordo com alguns dos entrevistados. Nas referências bibliográficas acessadas nesta pesquisa, poucas são as aquelas que abordam as motivações da comunidade LGBTQIA+ pela prática do futebol, assim como são poucas as que falam sobre a constatação de que a sexualidade e o desejo são componentes importantes nas escolhas dessas pessoas. Um dos raros estudos a que tivemos acesso é o do Professor Dr. Wagner Xavier de Camargo, que realizou em sua tese uma etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs. Logo, ele ressalta que:

Portanto, para tais eventos, minha hipótese é a de que a relação esporte-festa-sexo, mais do que qualquer outro evento esportivo, constitui-se como componente estimulante nas intencionalidades dos sujeitos que delas participam, apesar de não figurar como oficial nas práticas discursivas dos grupos que as organizam. Os sujeitos-atletas queer vão para os eventos esportivos imbuídos de expectativas de um amplo espectro, ou seja, há desde os que tomam tais ocasiões como 'etapas de treinamento', passando por aqueles que vêm neles múltiplas chances de encontros sexuais [...] (CAMARGO, 2012, p. 118).

Apesar de seu estudo se referir às competições LGBTs internacionais, ele nos ajuda a compreender que as motivações pela prática da modalidade têm estreita

relação com as motivações para competir, aspecto que também será discutido mais à frente. Ao tratarmos aqui de sujeitos LGBTQIA+ e sua relação com a prática futebolística, devemos ter clareza que as motivações são de natureza diversa, assim como são diversos os indivíduos da comunidade, as mulheres e os homens.

No caso específico de práticas esportivas, concordamos com Rial (2008), que nos lembra que o esporte LGBT é bastante heterogêneo e se constitui num espaço onde corpos, desejos, fetiches e prazeres se encontram em movimento, mas que acaba também reproduzindo a cultura atlética reinante no “sistema esportivo global”. Já Camargo (2012) vai nos dizer que o seu processo investigativo o levou a pensar na existência de masculinidades *queer* ou dissonantes nesse ambiente competitivo e ainda destacar que categorias como “raça”, classe social, gênero e geração se interseccionam com o padrão hegemônico de masculinidade nesse meio, provocando fissuras.

Tais questões me fizeram pensar em minhas próprias experiências e me levaram a questionar por que, num determinado momento, deixei de praticar a modalidade e migrei para a prática de esportes como voleibol e natação, sendo que nessa última, inclusive, cheguei a participar de competições. Lembro-me bem dos “babas” dos quais participava nos campos de várzea e nas ruas do interior baiano, principalmente porque eu via a atividade como uma brincadeira, mas meus amigos e irmãos levavam muito a sério, a ponto de eu presenciar muitos palavrões e brigas. No meu entender, aquilo acabou tornando-se um ambiente muito tóxico e violento, levando-me a esse afastamento.

E por que migrar para esportes como vôlei e natação? Talvez porque nessas práticas não há contato físico, principalmente quando falamos de esportes individuais, como a natação. Outro aspecto é que nesse meio não era preciso mostrar a agressividade típica das “peladas”, ou seja, aquele espaço não se apresentava como um ambiente tão violento física e simbolicamente como o futebol.

Acredito que parte das pessoas LGBTQIA+ não praticam o futebol exatamente por se tratar de um espaço agressivo, fazendo com que aquelas pessoas mais afeminadas, sensíveis e que destoam de um padrão hegemônico fujam desse espaço. Inclusive, já citei aqui a fala de um dos membros do time, quando reclamava que alguns integrantes não jogavam com a garra que ele almejava ou achava necessária para o jogo de futebol. Na ocasião, cheguei a

questioná-lo se não era por esse motivo que as pessoas se afastavam da modalidade ou buscavam o futebol praticado pelas pessoas LGBTQIA+.

Outros depoimentos lançam luz sobre a questão, trazendo mais variáveis:

Olha, eu acredito que seja realmente... Quem está é porque gosta muito primeiro da equipe de futebol [...] sim, porque quem não gosta do futebol, quem está interessado só no turismo sexual, que também é atrelado às competições LGBT, ela não permaneceria por mais de dois campeonatos porque ali já acabou toda a expectativa [...] quem permanece, amor ao futebol. Quem vem uma vez ou outra, talvez é o lado sexual [...] olha, eu acho que na sua maioria, eles vão interpretar que é um ambiente mais propício e mais seguro pra eles serem quem são [...] em sua maioria também é amizade... Que eu acho que a amizade nossa é muito próxima, independente de tá tendo futebol ou não (P.B).

O depoimento nos apresenta duas explicações para a permanência ou não no time. Se há amor pela modalidade o integrante permanece mais tempo, mas caso o interesse não passe do afetivo-sexual, essa passagem é momentânea. Isso explica o fato da rotatividade dos jogadores nos times LGBTQIA+ acompanhados pela pesquisa ser uma constante, aliado, obviamente, a outros aspectos, como disponibilidade, trabalhos, estudos etc.

Esse depoimento nos traz ainda três categorias importantes: paixão pelo futebol, ambiente seguro e amizade. Esses aspectos foram também ressaltados por outros membros do time, nos fazendo pensar que esses indivíduos nutrem amor pela modalidade, têm seu time do coração e frequentam, com alguma regularidade, os jogos nos estádios. Outros depoimentos reforçam isso e vão além:

Eu comecei a jogar no time LGBT porque tinha um tempo que eu não jogava futebol. E aí eu gosto de competição [...] eu vi o Instagram deles e falei, ah gente, um time gay jogando futebol, eu quero! E na verdade eu nunca nem conheci um time gay jogando futebol [...] nunca tinha conhecido um time gay jogando futebol. Eu sei que os gays gostam de jogar futebol, mas, assim, um time gay eu nunca tinha visto. Eu acho que é por isso que o povo fica surpreso quando eu falo assim: meu time é gay. Aí como eu nunca tinha visto ninguém, também deve ter ouvido ou não ter ouvido falar (P. C).

Já esse integrante ressalta que existem gays que gostam do futebol, além de lembrar a maneira como esses times são conhecidos, como no caso, através de mídias sociais como o Instagram. Essas mídias acabam sendo vitrines para que os times e seus integrantes passam a ser conhecidos e reconhecidos quando participam de alguma competição. E, como falado anteriormente sobre a questão da vaidade, percebemos que o fato de serem vistos nessas mídias sociais enquanto homens gays jogando futebol acaba por se tornar um atrativo a mais para busca de

parceiros afetivos e sexuais. O depoimento seguinte reforça tanto esse apelo sexual quanto a questão de outras intencionalidades para a prática da modalidade e vai um pouco mais além.

Comigo não aconteceu, mas eu acho que rola sim. A motivação, o povo vai para poder fazer além do futebol, fazer uma pegação [...] Com certeza, deve acontecer... (P. C).

Olha, pode ser que aconteça sim mas eu acredito que eles não saiam daqui com a cabeça assim, pode até falar vou arrumar um boy só que acho que é mais da boca para fora, mas você tem aquela questão, se acontecer, beleza. Mas eu espero que eles saiam daqui pensando assim: “Não, estamos concentrados vamos fazer um campeonato”. Porque eu sempre falo com eles: “Vocês querem ser bem-vistos, querem arrumar os outros que fiquem ali no olhar? Seja campeão! Vai chamar atenção, você vai chamar atenção”. Outra, não é campeão não? Faça uma boa partida, se destaca na partida com a sua equipe. (P. JY).

Esses dois depoimentos acabam por reforçar que existe esse apelo sexual e afetivo quando alguns integrantes buscam o time, mas que parece que a paixão pela modalidade e pelas competições vêm em primeiro lugar, principalmente por parte daqueles que acabam ficando no time por mais tempo. Numa conversa com o presidente do time na época, há um comentário dele sobre o assunto registrado no caderno de campo:

Ao comentar sobre as principais motivações dos gays participarem de um time de futebol LGBT, ele aponta alguns motivos. Ressalta que a busca por parceiros sexuais é um atrativo, mas também lembra que para aqueles atletas do interior é algo significativo pela experiência que vivenciam e que não conseguem isso em suas cidades. Ele aponta também que as viagens para campeonatos e as festas que ocorrem nesses eventos também são um forte atrativo (D.C. Fevereiro de 2023).

O apelo afetivo-sexual por parte de integrantes do time acaba por ter um destaque maior na decisão dos integrantes de participar, como é reforçado pelos dados do diário de campo. Mas também são apresentados outros aspectos que motivam essa escolha, como a possibilidade de conhecerem outras cidades e estados, além das festas das quais participam quando viajam. Verifica-se que esses momentos são experiências que acabam por alargar o repertório de oportunidade de lazer dos participantes.

Apesar disso, parece ser forte o componente afetivo-sexual para as motivações. Num dado momento, um dos integrantes comenta o seguinte:

Gente, o “R” já cumpriu a meta dele. A primeira vez que ele veio pro time, ele fez o quê? Pegou o “F”. (Ele foi do time.) Aí ele se juntou com o “F”.

Terminou com o “F”. O que ele fez? Correu atrás do Inconfidentes [...] pegou o “M”. Juntou com o “M”. Agora ele sai do time de novo. Aí, na hora que ele terminar, ele volta pro time de novo. Pega mais alguém. Sai do time. A ideia dele é “roda de pá”. É pegar! (D.C. 26 de fevereiro de 2023).

Esse depoimento foi colhido durante uma das inúmeras “resenhas” que o time realizava nos bares da cidade, normalmente no centro da cidade. Nesses momentos de descontração, apareciam assuntos diversos, como o citado acima, em que um dos membros desabafa quanto aos motivos de um dos integrantes constantemente trocar de time. Fato esse que pude observar por parte de alguns membros que passaram pelo time, ocasionando uma rotatividade dos jogadores pelos times LGBTQIA+ da cidade.

Vale lembrar que o time é composto por homens gays cis, mas já passaram pela equipe mulheres lésbicas. O relato do diário de campo a seguir confirma isso e apresenta outros aspectos:

Segundo ele, como a maioria dos participantes são homens gays, as lésbicas acabam não ficando por muito tempo porque não encontram espaço para também paquerarem e por ter poucas lésbicas no meio. (D.C. Março de 2022)

Conversamos brevemente sobre a participação de pessoas trans, que ainda é pequena, segundo ele. No Predadores não há pessoas trans, mas no Felinos há uma mulher trans que, segundo ele, é muito habilidosa e disputa bem com os homens cis em campo. (D. C. Janeiro de 2023)

Os aspectos citados demonstram que o predomínio de homens gays cis confere ao grupo e ao time características próprias no seu dia a dia, na história e na prática da modalidade. Demonstram, ainda, a dificuldade de demais membros da comunidade LGBTQIA+ demonstrarem interesse ou serem incluídos na prática da modalidade, como é o caso das pessoas trans. Entretanto, desde 2022 temos a presença de homens trans participando das competições da modalidade, como no time Elite, de Belo Horizonte, mas ainda são em número menos expressivos.

Dentro desse assunto, é interessante citar o caso das lésbicas e sua participação na modalidade. A presença dos times desse público ocorre nas competições da Ligay e em outros campeonatos, mas em disputas diferentes, nas quais normalmente disputam com outros times de lésbicas, ou simplesmente denominadas times de “mulheres”, como o caso da Ligay de 2019 em Belo Horizonte, que contou com uma chave feminina.

Um fato interessante de se notar quanto à participação das lésbicas, é que elas parecem não demonstrar o mesmo interesse em se declararem enquanto um

time de futebol LGBTQIA+. O depoimento da técnica do time na época traz à tona a problemática:

No feminino não tem, eu acho que foi com o 'M' que eu conversei uma vez, não tenho certeza... às vezes tem tanto esse negócio gay e lésbica, no feminino não tem isso, no feminino é feminino [...] se você for olhar hoje as meninas todas estão mostrando suas namoradas, mas não dá tanta ênfase em questão ao time LGBT, por exemplo, se você colocar, parar e pensar que é um time homossexual ou um time amador, você vai ver hoje as meninas estão falando minha namorada ou minha esposa, mas ninguém fala só a lésbica, aquele time ali é o time de lésbica, não, é o time das meninas, independente da opção sexual. Hoje a gente chegou num nível que, antes, quando eu jogava na rua ou quando eu jogava, eu não tinha nada de lésbica ou sapatão, porque lésbica hoje é chique (RISOS). Antes era sapatão, então se você parar pra pensar, no meio do futebol feminino não tem isso de você rotular: é o time das lésbicas. (P. JY)

Esse depoimento lança luz sobre o caso específico dos times compostos por mulheres. Quando a entrevistada acima diz que no futebol feminino “não tem isso de você rotular que é um time das lésbicas”, talvez essa percepção seja devido ao fato de o futebol feminino apresentar inúmeras diferenças quanto ao masculino, no que tange ao acesso à prática e à profissionalização. As protagonistas pela existência de times dessa modalidade são, em sua maioria, compostas por mulheres lésbicas, mas que antes de tudo se compreendiam enquanto mulheres. Sua inserção no meio futebolístico veio aliada com a luta das mulheres como um todo por direitos e cidadania, na qual se incluía o direito à prática do futebol.

Para Martins e De Assumpção (2019), as minorias não figuram em nenhum momento nas origens do futebol, pois esse esporte nasce como uma manifestação elitista, masculina e heterossexual, na qualidade de diversão após as batalhas, treinamentos militares ou educação, já que os jogos sempre se caracterizavam pela virilidade e agressividade. Logo, esses valores são antagônicos à representação histórica e cultural da figura feminina, frágil e delicada, limitada à esfera privada do lar e do cuidado com a família (MARTINS; DASSUMPÇÃO, 2019). Para Franzini (2005), a entrada da mulher no universo do futebol, culturalmente concebido como “coisa pra macho”, subverte essa ordem.

Tais aspectos dizem muito sobre a participação das mulheres lésbicas no futebol e das demais letras que compõem a sigla da comunidade. Esses indivíduos, ao se infiltrarem no meio futebolístico, acabam por expor suas contradições, subverter um *status quo* e lançar luz sobre possibilidades outras de prática da modalidade.

Voltando às demais intencionalidades presentes quanto à prática do futebol, o depoimento a seguir apresenta outros aspectos:

Aqui tem gente que pega e pega, sim. Mas só que a questão maior é gostar. O cara que vem pro modismo manda mensagem pra você e fala assim como é que é o vestiário? Todo mundo acha que é vestiário [...] acho que é isso. Tem mais ou menos isso também. A gente vai catar jogador na internet. E o cara pergunta: o que acontece no vestiário? Rola pegação no vestiário? Tem isso também, né? Tem isso também. É o pacote (D. C. 26 de fevereiro de 2023).

Ao admitir que a questão afetivo-sexual é um importante motivador para a prática da modalidade, o depoimento lembra que “é o pacote”, ou seja, são variados os motivos pelos quais as pessoas procuram o time. Fato que é corroborado pelos depoimentos já citados e por outros que evidenciam esse apelo sexual, dentre outros, que influencia fortemente a busca pelo time e suas atividades. Um exemplo disso veio numa conversa com três integrantes do time, algum tempo depois do período citado acima, referente à questão das paqueras e desejos sexuais dos jogadores. Nessa conversa, os participantes falavam sobre aqueles jogadores que achavam mais bonitos e atraentes sexualmente e que participam dos times que jogam na Ligay, muitos de São Paulo e Rio de Janeiro (D.C. Extra, 14 de novembro de 2023).

O esporte LGBT é bastante heterogêneo e se constitui num espaço onde corpos, desejos, fetiches e prazeres se encontram em movimento e reproduzindo a cultura atlética reinante no sistema esportivo global, como pertinentemente nos lembra Rial (2008). Ou seja, muitos são os aspectos que vêm à tona ao estudarmos o fenômeno, permitindo que exploremos a riqueza dos dados, os quais podem apontar para uma nova forma de encararmos o esporte, além da matriz cis-heteronormativa.

Um outro aspecto importante e identificado junto aos sujeitos diz respeito às razões pelas quais muitos LGBTs se afastam ou evitam as práticas futebolísticas. Um dos entrevistados fala sobre a questão:

Acho que muito pelo machismo e o preconceito que foi criado por muito tempo, de ser excluído, de ser homofóbico, as pessoas tomaram um pouco de preconceito. Então virou um tabu que a gente vai quebrando aos poucos, entendeu? Tem muitos caras que vão lá treinar com a gente, gays que nunca chutaram uma bola porque odiavam. E quando chutam uma bola e começam a treinar, descobrem que tem um talento nato... Não, descobrem que gostam e descobrem que é bom [sic] naquilo. Tem outras que não, mas tem pessoas que descobrem que tem aquele talento. É igual cantar. Você só sabe se é bom quando você faz (P. MP).

Aqui, ele elenca alguns dos motivos desse distanciamento por parte de algumas pessoas, como o machismo, preconceito e desinteresse pela modalidade. Ao elencar esses aspectos como elementos chaves nesse sentido, o entrevistado acabar por corroborar estudos que apontam os altos índices de preconceito e homofobia nos campos e estádios de futebol. Isso se reflete também nas práticas futebolísticas como um todo, nas quais são esperados comportamentos que se encaixam única e exclusivamente em padrões heteronormativos, como já mencionamos e que provocam o afastamento daqueles indivíduos que não correspondem a esses padrões.

Muitas das vezes, a única solução para muitos homossexuais seria o armário. Para Gomes (2020), quando colocamos o futebol como um esporte-armário, como palco homofóbico, devemos associá-lo a dois outros conceitos fundamentais para essa compreensão e para reflexões posteriores deste trabalho: os conceitos de heterossexualidade compulsória²⁵ e de heteronormatividade. Tanto a heterossexualidade compulsória quanto a heteronormatividade garantem privilégios aos heterossexuais.

Privilégios presentes no palco do futebol, seja em competições profissionais, nas aulas de educação física para crianças e adolescentes, ou nas ruas, praças e campos espalhados nesse e em outros países (GOMES, 2020, p. 45).

Tais aspectos exercem influências diversas nas escolhas e continuidade da prática futebolística pelas pessoas LGBTQIA+. Demonstram, ainda, o grau de variáveis e empecilhos que enfrentam os membros dessa comunidade ao insistirem na prática da modalidade que também está no coração deles. Inúmeras histórias de vidas das pessoas LGBTQIA+ se relacionam com uma carga enorme de preconceito, além de violência física e simbólica, refletindo na saúde física e mental desses indivíduos.

O depoimento a seguir ilustra um pouco do que falamos:

Na verdade, eu sempre fui um pouquinho, nunca me aceitava nesse meio. Eu era um pouquinho depressivo. Eu tive vários problemas com depressão em relação à cobrança de familiares, porque eu nunca estava com mulheres. Eu tinha um namoro escondido e esse namoro escondido, ele

²⁵A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma de vivência da sexualidade considerada normal. Essa ordem social/sexual se estrutura por meio do dualismo heterossexualidade *versus* homossexualidade, sendo que a heterossexualidade é naturalizada e, assim, se torna compulsória (COLLING; TEDESCHI, 2019).

durou sete anos. Ele me fazia, assim... por ser escondido, me fazia muito mal, mas era um relacionamento bacana [...] é, com outro homem. E tinha uma cobrança desse rapaz que eu namorava. Porque eu falava: 'Pô, você conhece minha família toda, eu não conheço sua família, não conheço seus amigos, não conheço ninguém da sua família'. E isso ali me machucava, sabe? E quando eu entrei para esse time de futebol, eu comecei a me abrir mais. Eu comecei a me aceitar mais. E uma parte até que eu esqueci de falar, que assim, teve um certo momento da minha vida que eu tentei até suicídio, porque eu não me aceitava, não me aceitava. E eu costumo dizer que o esporte, o meio LGBT no esporte me curou dessa depressão que eu tinha. Nunca mais eu tive isso. Nunca mais eu tive essa vontade de acabar com a minha vida por estar nesse meio (P. A.).

É importante constatar em primeiro lugar com esse depoimento, a questão da saúde mental extremamente afetada das pessoas LGBTQIA+ durante boa parte de sua vida, em virtude do preconceito. Nos governos federais recentes, especificamente entre os anos 2016 e 2022, vimos crescer uma LGBTfobia institucionalizada, na qual o ódio foi estimulado, operando como força matriz. Narrativas antigênero foram incentivadas pelo Estado, em defesa de um modelo hegemônico de família, composta por um homem, uma mulher e filhos. Esse ambiente é extremamente hostil para as pessoas LGBTQIA+, ocasionando adoecimento mental e podendo levar a pensamentos suicidas. O Brasil segue no topo dos países que mais matam LGBTs no mundo, uma triste estatística que demonstra o quanto a comunidade sofre com esse ambiente, impactando de modo diferente na vida de cada um desses indivíduos.²⁶

O depoimento anterior também aponta para o fato de que o esporte pode ser um dos espaços onde a comunidade LGBTQIA+ pode se proteger e estimular uma vida mais inclusiva e ativa. Os benefícios físicos e psicológicos decorrentes da prática regular de atividade física há muito tempo são de conhecimento de todos e para os membros dessa comunidade, isso pode ser a diferença entre a vida e a morte, como ressalta o depoimento do integrante do time Predadores.

Nesse raciocínio, podemos falar das categorias família e amizade como aspectos importantes do interesse da comunidade LGBTQIA+ pela prática do futebol. Um dos depoimentos descreve isso muito bem:

Porque é um time que recebe qualquer um, todo mundo, não olha se é preto, se é branco, se é amarelo, se é pardo, não olha se é deficiente, não olha se é bom, se é ruim, se é péssimo, se não sabe nem pôr o pé na bola. A gente recebe qualquer tipo de pessoa, desde que respeite cada um [...]Eu amo estar no Predadores. Acho que foi um lugar que eu me encontrei, é um lugar

²⁶Em 2022, segundo o Grupo Gay da Bahia, foram 222 homicídios ou uma morte a cada 34 horas, além de 14 suicídios.

que eu gosto, porque eu não gosto de estar lá. Das amizades que eu fiz, gosto. E é um lugar que o pessoal sempre está ajudando todos do time, em qualquer situação. Nunca deixa ninguém para trás. Se tiver que pegar uma viagem para ajudar aquela pessoa, o time está ajudando. Então isso me motiva muito estar lá. (P. H).

Nesse depoimento podemos ver, dentre outras coisas, o fato de o time acolher todos que o procuram, independentemente da habilidade. Pude comprovar esse fato nas minhas idas e vindas para as atividades do time, observando os jogadores e os jogos dos quais participavam. O autor desse depoimento reforçou que esse ambiente acolhedor proporcionado pelo time foi o que fez com que ele se aproximasse mais do próprio futebol. Além disso, um dos presidentes que já passaram pelo time reforça que essa característica do time Predadores faz com que ele seja bem-visto pelos demais times LGBTQIA+, algo que também pude perceber nos momentos de socialização durante as competições que acompanhei.

Como já nos dizia Damatta (1982), por sua complexidade, o futebol é um objeto social que pode ser socialmente apropriado de diferentes maneiras, em diferentes sociedades. É o que verificamos ao acompanharmos o futebol praticado pela comunidade LGBTQIA+.

Um outro depoimento reforça o caráter de ambiente familiar propiciado pelo time:

Bom, o Predadores é o melhor de Minas tá (*risos*). Então, assim, pode vir fazer parte da nossa equipe e todo o nosso elenco. Vai ser muito bem recebido, o clima é excelente. Quando a gente tem oportunidade, a gente faz, sim, a nossa confraternização, a gente sai um pouco desse meio só de futebol, mas a gente se conheceu um pouco mais fora também e faz um clima de família, porque a gente é uma família! Então, espero que venham muitos jogadores que queiram aprender e que queiram, também, ensinar a gente. Que a gente está nessa vida para isso mesmo, trocar experiência. (P. JY)

O caráter familiar proporcionado pelo meio futebolístico LGBTQIA+ em muitos aspectos se assemelha ao dos ambientes cis-heteronormativos, como o fato de haver uma “homossociabilidade”. De Souza (2020) nos ajuda a compreender o fenômeno quando diz que o futebol é um lócus por excelência da homossociabilidade, por admitir demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia a dia, como os abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce. Porém, essa comparação para por aí, já que a demonstração de afeto a outro homem, quando não se presta a render homenagem ao time para o qual se torce, é duramente repelida e hostilizada, por não condizer com o projeto do homem heterossexual. (PINTO, 2014)

No caso aqui acompanhado, um ambiente acolhedor e seguro é um forte elemento que possibilita que membros da comunidade LGBTQIA+ adentrem o mundo futebolístico, com seus corpos muitas das vezes dissonantes, incorporando ao meio uma outra lógica. Um ambiente seguro propiciado pelo time Predadores, por exemplo, demonstrou ser um diferencial por parte dos sujeitos da pesquisa, como demonstrado anteriormente com o depoimento da técnica do time na época.

O depoimento seguinte corrobora o que já dissemos ao ressaltar o principal motivo pelo qual o sujeito entrevistado resolveu fazer parte do time Predadores:

O motivo foi que foi onde eu me senti bem, me senti bem acolhido. Onde me deu uma liberdade de jogar um futebol, a qual eu ainda não sei, ainda estou aprendendo. E onde eles estão tendo paciência para ajudar, para ensinar, para ajudar a corrigir os erros. É onde eu me encaixei e estou me sentindo muito bem ali [...] no Predadores, sim. Todos que chegam são bem recebidos. Não só dos outros times, né? (P. H).

Aliado à questão de os participantes serem bem recebidos no time está o fato de que a habilidade para jogar não está em primeiro lugar como requisito para se fazer parte do time, como demonstra o depoimento acima, que pude constatar em minha incursão etnográfica. Além disso, em consonância com o aspecto família, esses indivíduos acabam por estabelecer uma sensação de pertencimento e construir estratégias para que permaneçam praticando a modalidade e (des)construindo, de certo modo, uma prática futebolística outra que não aquela exclusivamente cis-heteronormativa.

Esses indivíduos possuem faces, modos de ser, corpos dissonantes e expressões que anseiam por liberdade das amarras sociais hegemônicas. Camargo (2021) tece um retrato contundente desses sujeitos, dando-lhes o *status* que merecem:

São esportistas amadores que buscam espaço para suas expressões corporais e sexuais, dentro daquilo que se convencionou chamar de 'mundo do futebol'. São homens cisgênero que mantêm relações homoeróticas e homoafetivas com outros homens e se autointitulam gays, ou 'homossexuais', mulheres cisgênero que buscam relações similares (porém, com outras mulheres) e se denominam 'lésbicas', pessoas bissexuais ou assexuadas e toda uma sorte de pessoas que se desidentificam em termos de gênero, como pessoas trans binárias ou não binárias, intersexos, queer, a-gêneros, pansexuais e demais (CAMARGO, 2021, p. 02).

Atender à demanda de um número tão diversificado de pessoas traz ao futebol que conhecemos inúmeros desafios, mas também a possibilidade de se reinventar, permitindo que mais pessoas usufruam sua prática. Mas, para isso, foi preciso que membros da comunidade LGBTQIA+ reivindicassem para si o direito à prática futebolística, assim como o direito à prática de outras modalidades esportivas e o direito ao lazer.

Cabe destacar que outros aspectos relacionados à socialização do time são importantes na construção de um ambiente acolhedor, como o caso das resenhas, encontros em bares para tomar uma cerveja gelada e conversar sobre diversos assuntos. Os depoimentos a seguir reforçam isso, além de demonstrarem os aspectos citados anteriormente:

Então nós saímos, eu vejo a diferença de outros times que têm os seus grupinhos dentro dos times, cada um sai para um canto, o nosso time, não, vamos dar um rolê para um lugar, todo mundo vai para o mesmo lugar. Então é muito sólido (P. MP).

Eu acho que também o que pesa bastante do Predadores é o ambiente. Tanto que a gente se trata como família. Como toda família, a gente sempre tem os problemas. Mas não deixa de ser uma família. Eu acho que o ambiente do Predadores tem esse diferencial. Que, igual eu falei, a gente não está lá só para jogar a bola. A gente, se ganhou e perdeu, a gente está lá na quadra. Após os campeonatos, com o tempo, confraternização. A gente busca entender, eu falo como parte da diretoria, entender os atletas, o que ele está precisando também no dia a dia. Não só o atleta, mas a pessoa. A gente busca também saber esse lado dos atletas. Eu falo não só, porque a gente também acolhe pessoas que não estão ali pelo futebol, mas também pelo... Realmente, o Predadores tem um ambiente diferencial ao meu ver. Eu que já passei pelos Felinos, já estive no Mano Taurus. Eu acho que tem esse diferencial. E isso que me chamou, o que me fez ficar, que não teve das outras vezes (P. N).

Verificamos que um ambiente acolhedor e de confraternização constante permite estreitar os laços entre os jogadores e fazer com que permaneçam no time por um longo período. Tais aspectos pude verificar em minha incursão junto ao time nos diversos espaços e eventos que participaram. Isso foi registrado nos cadernos de campo, nas entrevistas realizadas e nos diversos meios de contatos e relações estabelecidas entre os jogadores. Dentre os instrumentos utilizados, acompanhei algumas falas dos indivíduos no grupo de WhatsApp que possuíam. Isso serviu para um acompanhamento mais imersivo sobre as ações do time, pois eles possuíam grupos de WhatsApp de acordo com suas necessidades. Havia um grupo da

diretoria, outro para os campeonatos dos quais participavam e um para assuntos gerais, do qual participei mais ativamente com autorização do time.

Nos *posts* surgiram vários assuntos, mas eram presentes aspectos como críticas, reclamações e palavras de apoio e incentivo, como no texto a seguir:

Sem palavras. Obrigado. Aqui somos família e união e espírito de equipe e importante foco e raça e atenção e precisa paciência e inteligência no campo. Predadores precisa d vocês também preciso vocês pra somar timão e vamos juntos pra longe. Lembrando “JY” sempre fala no treino. Obrigado pela confia meu potencial no campo. Isso avante predadores 🤝❤️🙏⚽ - (16:22, 18/03/2023) [sic]

Obrigado irmão❤️ (16:23, 18/03/2023) [sic]

Esses *posts* eram corriqueiros no dia a dia do time, o que possibilitava estreitar os laços entre eles e manter o sentimento de pertencimento, tão importante para a permanência dos jogadores nas ações do time. No entanto, assim como os demais ambientes em que se davam as sociabilidades desses indivíduos, esses espaços se configuravam como elementos identitários deles, conferindo-lhes características próprias.

Ao considerarmos outros aspectos importantes quanto ao fenômeno aqui investigado, Camargo (2021), por meio do seguinte questionamento, nos faz pensar mais a fundo:

[...] diferentes expectativas em relação a um evento esportivo se traduziriam em novas formas de entendimento sobre o mesmo e, conseqüentemente, em modos distintos de praticar o esporte? (CAMARGO, 2012).

Aqui o autor se refere aos eventos esportivos LGBTQIA+, algo crescente nos últimos anos. Penso que trazer esse raciocínio é importante para a compreensão do fenômeno que investigamos e para uma compreensão ampla do esporte contemporâneo. Entendemos que o esporte praticado e, de certo modo, recriado pelas pessoas LGBTQIA+ confere aspectos semelhantes àqueles do esporte já conhecido. Entretanto, essa prática traz outros elementos que possibilitam novas abordagens sobre o esporte como um todo e o futebol como o aqui investigado. Conseqüentemente, esse modo de vivenciar o esporte pode trazer futuramente reflexos nas regras, formas de disputas e performance da modalidade.

Os elementos aqui levantados acerca das motivações pelas quais a comunidade LGBTQIA+ tem procurado o futebol, assim como os aspectos relacionados ao preconceito e à violência física e simbólica, demonstram as inúmeras variáveis que devem ser consideradas quando esses indivíduos adentram

o meio futebolístico. Tais aspectos têm relação direta com a prática do futebol, suas regras dentro e fora de campo, o ambiente que esse esporte proporciona e o acesso à sua prática. Ao apontarmos aqui aspectos relevantes, como dissolução do preconceito e aqueles relativos as intencionalidades dos sujeitos acompanhados, como paixão pela modalidade e busca por um ambiente de prática seguro e familiar, reiteramos a necessidade de a modalidade procurar mecanismos que possibilitem a real inclusão desses indivíduos, o que refletirá num avanço e maior alcance do futebol.

3.3 Contextualização do campo futebolístico amador LGBTQIA+ de Belo Horizonte

Ao me aproximar do dia a dia do time Predadores, acompanhando seus integrantes em vários ambientes e eventos, pude perceber como se dava a dinâmica repleta de sentidos e significados que conferem a essa experiência um caráter *sui generis*. Exatamente por esse caráter e por se tratar de uma pesquisa etnográfica baseada nos estudos culturais, não é nossa pretensão estabelecer, aqui, comparações generalizadas e, sim, a partir do que foi vivido, produzir um conhecimento que dê conta de explicar o fenômeno aqui acompanhado.

O time Predadores possui uma organização interna que se assemelha à de times amadores, característicos de um associativismo esportivo. Sua estrutura interna se dá pela existência de uma diretoria composta, basicamente, por presidente, vice-presidente, tesoureiros e conselheiros.

Sobre os aspectos institucionais do time, ele disse que estão num processo de criar um CNPJ para que possam conseguir recursos para o time. Elegeram recentemente uma nova diretoria, da qual ele é o presidente. Possuem gastos com inscrições nas competições e a taxa de filiação anual junto à Ligay. Logo, um dos regulamentos para fazer parte do time é o pagamento de uma mensalidade no valor de R\$50,00. (D. C. Fevereiro de 2023)

Temos o presidente, vice-presidente, diretor técnico e diretor social. Aí vem tesoureiro, primeiro tesoureiro, segundo, secretário primeiro e segundo secretário. E o conselho fiscal, que é composto de seis integrantes. Três oficiais e três suplentes. (P. A)

Para conseguir realizar suas ações, o time sobrevive basicamente da taxa arrecadada e paga mensalmente pelos integrantes do time (R\$50,00 na época). Os gastos do time eram, em grande parte, com taxas de inscrições para jogos e aluguel de quadras, além da taxa anual de filiação na Ligay. A criação de um CNPJ tem o objetivo de facilitar a organização interna do time e a obtenção de recursos

financeiros junto a parceiros do poder público e privado. Entretanto, durante o período acompanhado o time não conseguiu ajuda desses setores e teve que sobreviver com a taxa mensal e a realização de eventos e rifas.

Quanto à escolha dos membros da diretoria, o presidente do time na época explica:

Na verdade, ela pode ser de duas formas. Uma pode ser por indicação, caso ninguém queira se candidatar para concorrer às eleições. Que nem o meu caso. O meu caso mais foi por indicação, já que ninguém queria assumir o cargo. Se tem só um atleta que queira assumir essa responsabilidade, já é dado o cargo a ele. Agora, se tiver mais de um atleta, se faz [sic] eleições para o cargo. (P. A)

Vemos aqui características de pessoas que se agrupam para a realização de ações em prol de um grupo. O entendimento amplo sobre os modelos associativos atuais é proposto por Oliveira (1981), sugerindo uma classificação dessas possibilidades baseada numa escala de abrangência em relação à participação dos indivíduos: a participação acontece por meio das relações interpessoais entre pessoas que se conhecem; as relações interpessoais se exteriorizam por meio de grupos, cujos contatos ocorrem entre conhecidos, mas em escala ampliada, como por exemplo, a participação em festas, bailes, churrascadas etc.

A organização interna do time Predadores fazia-se necessária, já que este e demais times existentes em Belo Horizonte nascem de um desejo de praticar a modalidade e da percepção da necessidade de uma organização interna mínima. Como esclarece Carvalho (2009), uma característica importante do associativismo é o interesse comum que motiva a união e a participação dos indivíduos na associação, baseado na cultura vivida pelo indivíduo, pautado pela sensibilidade, e que surge no sentido de satisfazer uma necessidade. Nem sempre essa necessidade é única, podendo haver interesses que se sobrepõem ou que não sejam explícitos sendo camuflados por outros interesses (CARVALHO, 2009).

Verifica-se que o futebol é nada além de um jogo, mas nada aquém de um espaço de interação social no qual as classificações de *status* atuam eficazmente, como nos lembra Damo (2009). Ao acompanharmos o time, percebemos que o futebol era o centro das atenções ao redor do qual outras necessidades e demandas surgiam, o que requeria uma organização que desse conta das demandas individuais e do grupo como um todo.

Obviamente, nesse processo era inevitável o surgimento de conflitos internos no time, levando a discussões calorosas e cobranças por parte da diretoria. Como já mencionamos, a história dos times hoje existentes em Belo Horizonte nasce a partir de disputas e dissidências internas, provocando rachas no time e originando outros. A fala de um dos integrantes e fundador do time Predadores é reveladora nesse sentido:

O Predadores, nós fundamos ele [sic] eu e mais 17 pessoas que éramos atletas de outra equipe, que é o Felinos Futebol Clube, na época. Hoje é Felinos Esporte Clube. Então o Predadores nasceu de uma dissidência do Felinos no ano de 2019. Ali no período do Carnaval, 20 de fevereiro de 2019. E a gente resolveu montar uma equipe somente de futebol naquele momento. E depois tivéssemos uma organização do futebol a abranger para vôlei e para o handball. Mas também atendendo o público feminino. Então, assim foi criado... O pessoal animou, fizemos votação do nome Predadores Futebol Clube. Inclusive, eu não votei nesse nome. Escolhemos a cor que iríamos ostentar nas camisas. Escolhemos o uniforme. Escolhemos o mascote... E assim foi, de maneira democrática, em votação. Tudo que a maioria definia, a gente foi estabelecendo dentro do Predadores (P. A).

Esse depoimento demonstra como as decisões são tomadas e como se deu a origem do time, a partir de dissidências internas dentro de outros times, algo que ainda hoje acontece. Tal aspecto provoca uma rotatividade dos jogadores entre os times, que também ocorre quando alguns são emprestados para participar de alguma competição, completando algum time que não tenha jogadores suficientes. Esses aspectos conferem características próprias aos times de Belo Horizonte, dando a eles uma identidade e modo de existir com aspectos peculiares. A ilustração abaixo demonstra alguns aspectos das origens dos times LGBTQIA+ hoje existentes em Belo Horizonte.

FIGURA 18 - Relação dos times existente em Belo Horizonte em 2024. Os times Bharbixas e Mano Tauros deram origem a alguns times da cidade, os quais também originaram a criação de outros.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Não é de nosso conhecimento se os demais times hoje existentes pelo país apresentam a mesma dinâmica de surgimento. O fato é que tais características sobre o surgimento dos times em Belo Horizonte demonstram um processo permeado por conflitos internos que ainda persistem e dificuldades de subsistência pelas quais esses times passam.

O depoimento a seguir, retirado do diário de campo, ilustra um pouco essa dinâmica presente na origem dos times da cidade.

'P. M' comentou que esse fluxo de atletas entre os times de BH é comum e muitos trocam de time, como foi o caso do surgimento do Predadores, composto por dissidentes do Felinos. Isso ocorreu com a maioria dos times existentes hoje em BH: Mano Tauros, Inconfidentes, Felinos e Predadores. (D.C. 23 de abril de 2023).

Quanto ao aspecto de subsistência do time, citamos alguns como os espaços para os treinos, cujas quadras exigem um pagamento de taxa de uso pelo período de uma hora, normalmente, pagamento de taxas de inscrições nos torneios e despesas com deslocamento e hospedagem. Esses aspectos acabam por interferir na dinâmica interna dos times, no compromisso com os jogos e na própria existência

deles. Isso faz com que alguns times se vejam obrigados a suspender suas atividades, algo que ocorre frequentemente com alguns na cidade.

As estratégias de organização interna e divulgação das atividades do time eram a utilização das mídias sociais, como Instagram e WhatsApp. Nesses espaços virtuais eram divulgadas as viagens, os treinos e as demais ações que buscavam dar visibilidade ao time, como visto na figura 19.

FIGURA 19 - Aqui vemos a divulgação de um dos treinos do time. Em destaque, na imagem vemos a técnica e, nos detalhes, alguns jogadores do time. As cores preta e verde, marcas do time, acabam por ter destaque, com intuito de deixar a marca, mesmo sem fazer alusão ao fato de ser um time LGBTQIA+.



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma grande dificuldade percebida se refere ao compromisso dos jogadores com as ações do time e o interesse em assumir uma posição na diretoria, principalmente na direção. Em nosso acompanhamento inúmeras foram as reclamações feitas por parte do presidente e de alguns integrantes do time quanto ao compromisso dos jogadores.

Numa conversa com o técnico, ele lembrou que alguns jogadores do time só aparecem quando é para disputar algum campeonato ou torneio em outra cidade ou estado. Alguns não têm compromisso com os treinos e amistosos, e alguns deles não gostam de jogar com times 'héteros', só com gays. (D.C. Fevereiro, 2023. Resenha)

Presenciei um diálogo entre dois jogadores sobre as dificuldades pelas quais o time passa, como na organização e no compromisso dos jogadores.

Comentaram que tem aqueles que pagam mensalidade em dia e aqueles que não. Um deles [P.MP] falou que já foi convidado três vezes para ser presidente, mas recusou. Essa conversa foi entre o 'P. MP' e o 'P. R', atual vice-presidente do time, que assumiu a direção devido à saída do presidente anterior. (D.C. 10 de setembro de 2023. Treino)

Esses dois registros demonstram os desafios diários enfrentados pelo time na sua organização interna para cumprir com os seus compromissos. Tais aspectos são corriqueiros em grupos sociais que possuem objetivos comuns, como no caso da paixão pelo futebol e da participação em competições da modalidade. O grau de interesse e envolvimento varia de uma pessoa para outra, conferindo um aspecto dinâmico e tenso nas relações travadas dentro do grupo. Assim como mulheres e homens não são iguais entre si, as pessoas LGBTQIA+ também não são, e travam lutas internas nesse sentido. A inserção desses indivíduos no futebol não escapa às mazelas e dificuldades enfrentadas por outros times amadores.

Carvalho (2009) chama atenção para isso ao dizer que o ato de se associar induz a pessoa a tomar consciência de seu papel social, e a leva a perceber seus direitos, reivindicando-os quando necessário, e seus deveres, aceitando-os de maneira crítica, muitas vezes contestando as regras estabelecidas, no sentido de participar de novas determinações condizentes com os interesses do grupo no momento. O descompasso entre os interesses do grupo e os interesses de quem está na representação ou comando de uma associação é um fator determinante para o fracasso desse grupo (CARVALHO, 2009).

A tensão constante vivida pelo time Predadores levava muitos ao desânimo e a pensar em deixar o time ou até mesmo a interromper a participação em times de futebol LGBTQIA+. Isso ocorria em parte porque havia o conflito entre os interesses individuais e os coletivos.

As decisões eram tomadas pelo grupo sempre de modo democrático, podendo ser decididas presencialmente ou virtualmente, por meio do grupo de WhatsApp.

Sim. Eles pedem opinião e pegam a maioria da melhor opinião. Quando eles veem que a maioria escolheu algo que não é a melhor opção, eles perguntam, é isso mesmo? Novamente. Aí eles colocam os prós e os contras. E aí para ver se realmente é aquilo. [*sic*] Se for mesmo assim, batem na tecla, prevalece sempre. Bate o martelo (P. R.)

Tal questão pude presenciar quando acompanhei as conversas no grupo de WhatsApp do time. Era uma preocupação da diretoria decidir a maioria das questões

de modo democrático, até porque precisavam cobrar depois dos integrantes do time o compromisso assumido.

O time lidava com essas dificuldades com frequência, mas elas não eram empecilho para participar dos treinos e competições, demonstrando um caráter de persistência e superação dos problemas diários vividos pelo time. Um desses conflitos dizem respeito aos critérios de escalação dos jogadores para as competições, fonte de reclamação por parte de alguns. Isso acontecia em parte devido à busca pela vitória, e muitas das vezes era um critério usado para escolha dos jogadores mais habilidosos. Entretanto, primeiramente era feita uma consulta sobre aqueles que iriam participar de determinada competição.

Sim. Tem um grupo que manda as mensagens lá. Aí pergunta quem pode participar e quem quer. Caso alguém queira participar, já manda no privado do vice-presidente ou do presidente, na qual [sic] ele cria um novo grupo de quem vai ser o participante daquele campeonato. Acabou o campeonato. Ele criou um agora para esse. Acabou o campeonato, ele acaba com o grupo. E assim todos os campeonatos. Então, o critério de escalação é os jogadores que estão treinando. Hoje eu vejo que é bem isso, tanto que eu moro em Ipatinga e eu entrei no decorrer do jogo. Lógico que depois a treinadora gostando do seu futebol, você prevalece, como eu prevaleci nos jogos todos. Mas é bem a questão dos treinos mesmo, que ela está vendo a evolução deles e tudo. Como em qualquer esporte, você precisa treinar e a pessoa está vendo a sua evolução nos treinos. Mas a gente sabe que no LGBT não é 100% assim não. Tem times que treinam uma vez ou outra e quando tem um campeonato junta os que já estão acostumados a jogar no time e vem e joga. (P. R.)

No início da equipe era critério, mas só que a gente sabe a dificuldade que cada um teve, pessoas que mudaram para o interior, para Ipatinga, que são 200 e tantos quilômetros. Tem pessoas que moram a 70 quilômetros de Belo Horizonte, como em Capim Branco, Matozinhos, Santiago. Tem os outros que moram em Betim e tal... Então assim fica muito complicado para eles deslocarem todo final de semana. Mesmo porque temos treino na sexta e jogo no domingo [...] Aí a gente já não segue mais essa questão. Respondendo à pergunta, agora, desse critério de exigir participação no treino e no jogo, aí ficou bem complicado exigir isso hoje. (P. B.)

Esses dois depoimentos demonstram como se dava a dinâmica em torno das decisões do time, como o acesso a atletas disponíveis e com possibilidade de participar de algum evento, além do processo de escolha na escalação do time para o jogo. Essas decisões, na maioria das vezes, eram tranquilas, mas em alguns momentos geravam certa tensão e discussões acaloradas, principalmente no grupo de WhatsApp. Ali eram travadas algumas das batalhas do time para sua

sobrevivência e participação nos compromissos assumidos, revelando suas dificuldades e conflitos, algo esperado em grupos que se reúnem em torno de um objetivo comum, o que não impede a ocorrência de divergências e conflitos.

Galera! Não é querendo ser chato. Mas se quisermos um time forte e competitivo nessa temporada, temos que colocar o Predadores como prioridade. Estamos trabalhando muito pra organização nesse ano, mas precisamos da colaboração de todos! Estamos a menos de 2 meses pra uma competição nacional. Muita coisa pra acertar. Estamos correndo contra o tempo. Precisamos dessa união fora e dentro de quadra (WhatsApp, fevereiro de 2023).

Esse desabafo de um dos integrantes, demonstra, por um lado, o quanto os participantes se envolvem com as ações do time, mas, em contrapartida, nem todos compartilham o mesmo compromisso e empenho nas atividades realizadas pelo Predadores. Esse não é um problema exclusivo desse time, uma vez que times amadores, LGBTQIA+ ou não, passam por dilemas parecidos, como a questão da dificuldade quanto ao compromisso com o time. Em um diálogo observado em uma competição heterossexual para a qual o time foi convidado a participar isso também aparece.

Durante esse tempo, pude observar a conversa de um grupo de rapazes, que pareciam ser de um dos times participantes do torneio. Num dado momento da conversa, eles estavam reclamando daqueles colegas que são integrantes do time e não aparecem nos jogos. Diziam que o time 'tem uns 20 caras e apenas 10 aparecem', e que só devem aparecer pra final. Eles também reclamavam muito da arbitragem do jogo que antecedeu o do Predadores. Logo, pareciam conhecer e participar de campeonatos do tipo. (D. C. Taça Tabu, 07 de maio de 2023)

Assim como os demais times amadores, percebemos que as dificuldades internas para a subsistência e continuidade do time são parecidas, revelando aspectos em comum e desafios parecidos enfrentados pelos praticantes de futebol, sejam heterossexuais ou não.

Ao analisarmos a dimensão simbólica do ritual de preparação e participação nos jogos, o que está em jogo dentro e fora do campo é a constituição de um espaço de lazer próprio desses sujeitos, acrescida daquelas vivências comuns nesses espaços. Logo, essas pessoas acabam por instaurar uma certa rebeldia no meio futebolístico quando praticam a modalidade com seus corpos e desejos dissidentes.

3.4 Constituindo uma dinâmica própria nas competições, treinos e demais atividades do time

Durante o acompanhamento do time Predadores foi possível compreender como se dava a dinâmica de preparação para as competições e da escolha de quais o time iria participar. Além das competições exclusivamente voltadas para o público LGBTQIA+, o time participava de amistosos e torneios heterossexuais, algo que suscitava alguns acontecimentos importantes para nossa investigação.

Os espaços onde aconteciam as competições e amistosos do time, as quadras, se concentravam em diversas regiões da cidade de Belo Horizonte, uma escolha que não cabia ao time e sim aos organizadores desses eventos. Poderiam ocorrer na região Centro-Sul da capital mineira, mas também em bairros periféricos. Quanto aos espaços de treinos do time, eles se concentravam basicamente em dois locais da cidade: na quadra Bola Na Rede, localizada no bairro Liberdade, na região da Pampulha, e na quadra Campo Maria Brasilina, sendo que no primeiro foi realizada a maioria das competições e confraternizações do time.

Palco também de torneios e treinos que o Predadores realizou, a quadra da Grota, também conhecida como “Campo Maria Brasilina”, situada no bairro Sagrada Família, localiza-se na região Leste de Belo Horizonte. Aos domingos, o time realizou muitos treinos nesse local, além de amistosos com times heterossexuais e uma competição. Assim como observado em outras quadras, nesse dia da semana esses espaços eram frequentados não apenas pelos jogadores, mas também por amigos, familiares e outros transeuntes que apreciavam passear pelo local. Ali se estabelecia uma rede de sociabilidades dentro e fora de campo, todos em volta de uma partida de futebol amador, mas que nem por isso era menos importante.

Isso não era diferente com o time Predadores que, na maioria dos eventos dos quais participava, contava com amigos e parentes dos jogadores. Uma presença frequente nessas empreitadas do time era a mãe de um dos integrantes, que acabou por se tornar muito querida pelos jogadores e presente nas diversas confraternizações.

FIGURAS 20, 21 E 22 - Aqui vemos três imagens da quadra “Campo Maria Brasilina”, durante a realização de uma das etapas da Taça Tabu, organizada por jogadores heterossexuais, que contou também com a participação do time Predadores. Na imagem podemos ver que o espaço continua, além da quadra central, uma outra quadra de areia e uma segunda quadra coberta, para a prática de futsal. Além disso, como ocorre em algumas praças esportivas da cidade, ela possuía brinquedos, aparelhos de ginástica e um espaço arborizado e gramado. A presença de pets, crianças, esposas, namoradas, parentes e amigos dos jogadores foi grande, propiciando a eles um tempo/espço de lazer num espaço público.





Fonte: Arquivo pessoal

Num dos treinos e amistosos do time na quadra foi possível ver a presença de amigos e namorados dos jogadores e conhecer um pouco da história do espaço, conforme anotações do caderno de campo transcritas abaixo:

Estavam presentes também um namorado de um dos jogadores e um amigo deles. Na ocasião, pudemos conhecer e bater um papo sobre diversos assuntos, como: a minha tese e o acompanhamento do time, a experiência deles com o futebol quando crianças e jovens e a participação de atletas trans no esporte, algo ainda cheio de muita polêmica (lembraram o caso da jogadora Tiffany do vôlei e como ela tem vantagem sobre as demais jogadoras). Um deles comentou sobre a história daquela quadra onde estávamos, uma vez que ele foi morador da região. Segundo ele, aquele terreno parece ter sido de “D. Brasilina” (por isso o nome da quadra: “Maria Brasilina”) e há muito tempo era um terreno grande, não havia os prédios e as casas de hoje e a quadra era um campo de futebol. (D. C. Fevereiro de 2023)

Ao investigarmos sobre a quadra, descobrimos sua ligação com bailes carnavalescos que comumente ocorriam nos campos de várzea de Belo Horizonte. Havia uma conexão com Unidos da Brasilina, agremiação carnavalesca criada dentro do clube amadorista do mesmo nome, localizada na Vila Maria Brasilina, parte do atual bairro Sagrada Família da capital mineira (RIBEIRO, 2023). Esses espaços fazem parte do Programa Academia da Saúde (PAS), uma intervenção nacional cujas ações têm eixo central voltado para as práticas corporais e atividades físicas em espaços qualificados pelos equipamentos de atenção básica à saúde. (BORGES *et al*, 2023)

O fato de a quadra Maria Brasilina ser um espaço público que não cobra taxa de uso facilitava a realização dos diversos treinos do time Predadores ali. O

problema era a dificuldade de fazer a reserva nos melhores horários, por isso, os treinos acabavam sendo agendados aos domingos a partir das 14h.

Esses aspectos levantados sobre os locais dos treinos e amistosos dos quais o time participava demonstram as peculiaridades enfrentadas na preparação física e tática dos atletas. Devido às dificuldades com pagamento de taxas e melhores horários e dia dos treinos, a rotina dos integrantes foi bem diversificada durante o período de acompanhamento. Os treinos ocorriam uma vez por semana e oscilavam entre as sextas à noite e os domingos à tarde. Por exemplo, para atenuar os gastos com taxas de aluguel de quadra, o time tinha uma parceria com o proprietário da quadra Bola na Rede, já mencionada aqui. Pagavam um valor com desconto para treinar por duas horas, mas, em contrapartida, deveriam trazer doações de alimentos e material de limpeza. Tal fato gerava muito desgaste para a diretoria, visto que a maioria dos jogadores não traziam as doações. Vejamos algumas descrições obtidas no grupo de WhatsApp que ilustram isso:

Os treinos voltarão a ser nas sextas feira às 22 horas com duração de 2 horas. É necessário que todos os atletas leve um quilo de alimento não perecíveis [sic] ou um produto de limpeza. (Presidente, 20h08, 04 de maio de 2023)

Saindo correndo do meu trabalho para ir nos [sic] treinos. Completando dinheiro do meu bolso para comprar produtos para manter a parceria dos treinos. (Presidente, 08:43, 15 de julho de 2023).

Tais situações, dentre outras, eram motivos suficientes para atritos internos, discussões acaloradas e reclamações do presidente sobre a falta de compromisso dos jogadores. Esse fato foi corriqueiro durante o período em que acompanhei o grupo, demonstrando a irregularidade das ações do time, assim como o engajamento dos jogadores em suas atividades. Tal descompromisso se refletia muitas das vezes nos treinos, em que a presença do número de jogadores era inconstante, o que gerava críticas por parte de alguns membros do time e, claro, da presidência.

Todo esse conjunto de fatos e situações era constante no dia a dia do time, mas não impedia que continuassem firmes no desejo pelo jogo do futebol e por representar seu time. O que acabava por aliviar as tensões acontecia quando o time viajava para competir, quando tinham resultados satisfatórios nas competições e, ainda, quando realizavam suas tradicionais resenhas nos intervalos das viagens, nas confraternizações ou após os treinos.

Tal fato diz muito sobre essa experiência acompanhada, em que as sociabilidades eram reforçadas, sonhos e dificuldades eram partilhados e, acima de tudo, havia a presença de um bom humor carregado de expressões próprias do meio LGBTQIA+. Logo, acabamos por constatar que as práticas futebolísticas aqui focadas são espaços de lazer nos quais necessidades são atendidas, nos revelando a dimensão da cultura de um grupo específico, no caso, homens gays fortalecendo seus laços e se motivando no amor pelo time e pelo futebol.

Uma ilustração importante sobre o que estamos falando quanto à cultura própria da comunidade segue num relato colhido no diário de campo:

Muitas das brincadeiras giram em torno de termos como 'passiva e ativa', jargões próprios do meio, relacionados às posições sexuais, os quais, às vezes, acabam por colocar aqueles sujeitos denominados 'passivos' num lugar de inferioridade em relação àqueles ditos 'ativos'. Essas situações às vezes são retratadas sem preconceito e como descontração entre aqueles sujeitos que têm uma intimidade e uma amizade longa, não configurando, por isso, uma discriminação. São códigos próprios do meio LGBT que volta e meia fazem parte das rodas de conversas e confraternizações. (D.C. Fevereiro, 2023)

Percebe-se que, ao vivenciar e adentrar uma cultura própria com seus corpos e gestos dissonantes, esses indivíduos acabam por bagunçar/embaralhar as rígidas normas heteronormativas presentes no campo futebolístico. Mesmo muitos deles se esforçando em apresentar uma postura dentro e fora de campo condizente com aquelas de homens cis-heterossexuais, nos momentos de descontração e confraternizações o universo e os códigos próprios desses sujeitos vêm à tona. Isso acaba por reverberar dentro de campo, uma vez que muitos integrantes têm dificuldade de atender às normas de condutas como agressividade, força e malícia próprias dos jogadores de futebol concebido socialmente.

Dentro da dinâmica de treinos e competições, era comum o empréstimo de chuteiras, caneleiras e uniformes, uma vez que alguns tinham dificuldade de obter esses utensílios ou esqueciam de levá-los. Essa socialização dos objetos se estendia também no empréstimo de jogadores, para que alguns times pudessem ter um elenco completo e, assim, participar das competições. Isso ocorria comumente entre os times de Belo Horizonte e o Predadores realizou intercâmbio desse tipo com os times Elite e o Mano Tauros durante o período acompanhado.

Sobre o empréstimo de jogadores e o apoio ao time Mano Tauros, o texto abaixo descreve o fato:

O time Mano Tauros, um dos primeiros da cidade, está em fase de reconstrução e o Predadores está dando uma força nesse sentido. A previsão é que alguns jogadores no time completem o Mano Tauros, para que possam participar do campeonato mineiro (D.C. Treino, 10 de setembro de 2023).

O time Mano Tauros, como dito anteriormente, foi um dos precursores em Belo Horizonte e na ocasião de nosso acompanhamento passava por dificuldades internas: manter jogadores, organização, dificuldades financeiras, dentre outras. O time Predadores se prontificou a ajudar, emprestando jogadores e convidando-os para seus treinos, amistosos e campeonatos.

Essa era uma prática comum na história desses times em seu processo de criação e consolidação. Obviamente, a relação entre eles vinha acrescida de certa tensão, rivalidades e relações interpessoais diversas entre os jogadores. Como dito anteriormente, a criação dos times se deu de dissidências internas, originando outras organizações, de acordo com interesses em comum. Segundo relatos dos jogadores, quando começaram a surgir os primeiros times de futebol LGBTQIA+ na cidade eles começaram a chamar a atenção de alguns membros da comunidade, ocasionando uma procura grande pelos times. Isso pode ser verificado num dos relatos do diário de campo a seguir.

Teve uma época em que alguém deu um boom aqui. Cada time tinha mais ou menos 15, 40 atletas, fora a torcida. Quando começou, né (2019)? Foi tipo um boom. Cada time tinha 20, 25, 30. Aí fora a torcida. (D. C. fevereiro 2023)

Tal fato demonstra que os times tiveram um início promissor, mas com o passar dos anos acabaram enfrentando dificuldades em se manter quanto às relações interpessoais, devido a interesses diversos entre seus praticantes.

As diferenças e divergências entre os times hoje existentes na cidade ainda persistem, gerando rivalidades e críticas entre seus membros. Tais aspectos podiam ser notados durante as competições que disputavam, nas quais se afluam as rivalidades e sentimentos diversos: exibicionismos, vaidade, sentimento de superioridade, discriminações, dentre outros. Isso revela uma característica própria desses times observados, e vemos a presença de uma rivalidade acrescida com aspectos como interesses afetivo-sexuais e discordância na forma de escalar o time e acolher os jogadores.

Esses aspectos pude perceber no acompanhamento do time, prevalecendo sempre o espírito esportivo, sendo as críticas e rivalidades contra os times reveladas

nos momentos de avaliação do jogo. Outras situações puderam ser percebidas no relato abaixo obtidos no diário de campo:

É porque os outros, tipo o Inconfidente, se acham demais, se acham superiores [...] A gente conversa com todo mundo, brinca com todo mundo, trata bem todo mundo. A gente não é estrela. Então, assim, a gente é bem-visto, bem-falado. Isso faz a diferença (D. C. Treino, fevereiro 2023).

Nos outros estados temos amizade com a maioria das equipes. Eu tô falando de chegar, cumprimentar, das pessoas convidarem a gente pra participar de alguma coisa delas. Pra participar de competições delas, entendeu? Isso a gente tem. Pode falar, então, a gente tem [...] a gente não tem problema com outras equipes de fora. Somente essa equipe exclusivamente que nós citamos. Mas não é com os jogadores. É com a diretoria deles, a presidência deles. Com as equipes de BH eu vejo uma maior aproximação. Uma parceria muito grande com o Mano Tauros e uma grande aproximação com o time que a gente saiu deles, que é o Felinos hoje. Mas são coisas que mudam a todo momento. Então, assim, é até complicado. O momento hoje é Mano Tauros e Felinos O restante pra mim 'indifere' a existência deles. E quando 'indifere' pra mim, eu prefiro não me aproximar (P. B.)

Essa rivalidade e essa divergência também ocorriam durante as competições onde esses times de Belo Horizonte se enfrentavam, sejam naquelas na cidade ou nas competições realizadas pela Ligay. Aspectos corriqueiros de rivalidade também ocorrem no meio futebolístico LGBTQIA+, assim como aspectos peculiares. Um exemplo disso é o nível de competitividade que a cada ano é maior e as disputas nos campeonatos realizados, que se tornam cada vez mais acirradas. Isso acaba interferindo no aspecto inclusão, bandeira muito defendida pelo meio em virtude de sua ausência nas competições de futebol, devido ao preconceito sofrido pelos membros da comunidade. Essa competitividade pode ser constatada no relato a seguir:

Ele lembrou ainda que a competitividade é algo que possibilita rivalidade entre os times. A busca por resultados positivos acima da participação acaba prevalecendo e sendo o mais importante. Segundo ele, os outros times acabam priorizando a vitória e, por isso, acabam escalando sempre os “melhores” para jogar (D.C. Março de 2023).

Agora nós estamos aguardando a final, que será entre o Predadores e o time do Locomotiva. Já rolou aqui uma grande rivalidade, a ponto da torcida do Predadores estar torcendo pra que jogassem a final com o Felinos. Então torceram a favor do Felinos na sua semifinal. E agora a tendência é que as torcidas desses dois times torçam um pro outro na hora que eles forem jogar. Que é interessante também [...] Mas esse clima, né, todos se conhecem [...] E há muito tempo [...] Jogam há muito tempo juntos. Então, vão criando muitas relações entre eles (D.C. Campeonato Mineiro, 16 de setembro de 2023).

Esses relatos citando dois momentos distintos do acompanhamento junto ao time Predadores demonstram a rivalidade presente entre os times, a qual só tem aumentado com o passar do tempo, dentro e fora de campo. Na contramão dos princípios da inclusão, em virtude da obtenção da vitória, os times acabam por priorizar os jogadores mais habilidosos para jogarem, principalmente nas etapas finais desses torneios. Acompanhando o time Predadores, percebi que isso não era regra, mas que, no fim, todos eram cobrados pelos resultados negativos. Além disso, devido à ausência de alguns dos jogadores mais habilidosos em alguma competição, o time acabava por utilizar aqueles jogadores disponíveis no momento. Tivemos a possibilidade de acompanhar, como já dito anteriormente, seis competições e dois amistosos voltados para a comunidade LGBTQIA+ com a participação do time Predadores. O ritual de preparação para os eventos seguia uma mesma rotina: eram feitos os comunicados no grupo de WhatsApp do time, em que se disponibilizava informações sobre local, horário e data do evento e os interessados colocavam seus nomes e a posição em que iriam jogar. Feito isso, os jogadores marcavam de se encontrar no local da competição com antecedência, sendo que a maioria já chegava uniformizada.

No caso das competições que pudemos acompanhar, as escalações e comunicados seguiam a rotina já explicada, e foi possível acompanhar competições amistosas, além daquelas que envolviam inscrições e premiação. Ao acompanharmos a Etapa Sudeste da Ligay de 2023, ocorrida entre os dias 07 e 09 de abril de 2023, na cidade de São Paulo, cujos aspectos já levantamos aqui, destacamos o grau de rivalidade entre alguns times, assim como o nível de competitividade entre eles.

FIGURA 23 - Aqui vemos um dos times participantes da etapa Sudeste da Ligay. Essa foto mostra um dos jogadores reserva num momento em que, com gritos, incentivava seu time. A demonstração de gritos, palavrões e reclamações muito se assemelhava a qualquer competição heterossexual.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 24 - A diferença para uma competição heterossexual era visível na decoração do evento, nos momentos de comemoração ou nos intervalos, em que muitos demonstravam expressões corporais de deboche, “fechação”,²⁷ closes e humor. O contraste com uma competição heterossexual se dava mais precisamente no desfile de abertura, nos intervalos, entre as torcidas e nas confraternizações. Nesses momentos, vinham à tona as expressões corporais e gestos próprios da comunidade, como nessa imagem do desfile de abertura da Etapa Sudeste da Ligay.



Fonte: Arquivo pessoal.

²⁷ Baseado na palavra fechar, lacrar, essa expressão é muito utilizada no meio para descrever aquela pessoa que, com um gesto ou atitude, chamou a atenção para si.

FIGURA 25 - Nessa imagem vemos um momento de comemoração dos jogadores do time Predadores durante a Etapa Sudeste da Ligay e, ao fundo, uma das bandeiras com as cores e escudos de um dos times participantes, no caso, o Unicórnios. Os times costumam colocar suas bandeiras nas telas de proteção das quadras onde realizam os jogos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Toda a descontração e alegria que caracteriza eventos LGBTQIA+ aparecem, ainda, nas cores dos uniformes dos times e em suas bandeiras, com escudos, cores e figuras do universo da comunidade. No transcorrer da competição, outras situações apareceram, demonstrando que o universo LGBTQIA+ também reproduz, em certas ocasiões, alguns preconceitos próprios de uma sociedade heteronormativa, racista e preconceituosa. Tal acontecimento aparece no relato a seguir:

Os jogadores e a técnica do time Predadores estavam bastante empolgados com o evento e confiantes com o desempenho da equipe. Entretanto, no decorrer dos jogos de que participaram, a empolgação deu lugar a algumas dificuldades: jogadores contundidos, problemas na arbitragem, entradas violentas dos times adversários, agressividade e xingamentos de alguns torcedores de times adversários, principalmente por parte de torcedores dos times da casa. Tal fato gerou enormes problemas e, mais tarde, foi feito pelo presidente do Predadores um relato desses problemas, entre eles, acusação de xenofobia e preconceito (D.C. Etapa Sudeste da Ligay, 07 e 08 de abril de 2023.).

Eu pude acompanhar parte desses xingamentos sofridos pelo time Predadores, o que levou a técnica e o presidente do time a fazerem uma reclamação e a se reunirem com a organização da competição e responsável pelo time envolvido. A equipe foi advertida e impelida a pedir para seus torcedores não cometerem esse tipo de atitude. Tal situação reflete, em parte, o ambiente

futebolístico que já conhecemos, onde observamos xingamentos e discriminação dentro e fora de campo.

O jogo foi em São Paulo... De que a gente tinha que voltar pra Minas Gerais. Que mineiro só é comedor de pão de queijo. Que ali a gente ia apanhar. Então, a gente viu que sim, existia um caso de xenofobia contra o estado de Minas Gerais. No caso, representado por nós, que estávamos disputando o campeonato sudeste de futebol LGBT. Tem que deixar bem claro isso, porque a gente não sofreu preconceito num campeonato hétero, ou intitulado hétero. Não existe isso no campeonato hétero, mas só o gay que existe. Já estão infiltrados em várias equipes, Igual a gente vê. Várias atletas das equipes de Minas Gerais disputando os campeonatos para equipes Intituladas 'héteras', mas que têm representantes LGBTs dentro do seu elenco (P. B.).

Ao comparar os jogos LGBTs com aqueles heterossexuais, o jogador acaba desabafando sobre o fato de que não vê esse tipo de preconceito, citado no caso acima, nas competições com heterossexuais. Ele fica indignado por esse comportamento ter ocorrido numa competição LGBTQIA+, algo incoerente para ele. Tal aspecto revela que o meio não está longe de reproduzir preconceitos, o que demonstra o caráter dinâmico e em construção desse espaço, revelando suas contradições e tensões internas.

Para compreender melhor esse contexto, Camargo (2009) nos lembra que o esporte contemporâneo ainda reúne uma prática e uma estética tendenciosamente masculinistas e os locais onde se praticam os esportes são lugares privilegiados de constituição, definição, redefinição e consolidação não só da dominação masculina, mas também de uma masculinidade hegemônica. Logo, as práticas esportivas em seus lugares privilegiados de desenvolvimento para e por sujeitos queer não fogem à regra (CAMARGO, 2009).

O ocorrido nessa competição demonstra que a comunidade LGBTQIA+, assim como seus praticantes de futebol, tem dificuldade de se descolar de uma prática preconceituosa, revelando as tensões presentes no meio e o quanto ele ainda precisa avançar quanto à redução dessas práticas discriminatórias também em suas competições. Ao contrário do que alguns podem pensar, no meio LGBTQIA+ as situações de discriminação e preconceito também ocorrem, mesmo sabendo que os membros da comunidade são alvo de preconceitos. Isso pode parecer um paradoxo, mas quando estamos cientes de que esses indivíduos

também são influenciados por uma conjuntura maior, em que o preconceito ainda persiste, podemos compreender melhor o fenômeno.

Um relato de alguns dos integrantes do time quando questionado sobre o preconceito no meio LGBTQIA+ demonstra um pouco disso:

Sim, existe o preconceito... Não só do trans, eu acho que o trans é muito inferido nessas questões. Eles têm uma visão muito retroativa do que é ser o trans. Acho que também por falta de conhecimento. Então a gente vai analisando dessa forma. E a questão racial também. Eu acho que não só o preconceito LGBT, LGBTfobia, mas o preconceito de uma forma mais ampla. Da gordofobia, do racismo mesmo. (P. B.)

Sim, aparentemente, não. Mas a gente sabe que o preconceito costuma ser da própria raça, né? O negro que tem preconceito com outro negro, né? E a gente sabe que tem gay que tem preconceito com outro gay. Existe sim. Inclusive nas competições que a gente percebe de outro cara chamando o outro de: 'Nossa, o cara é mó viadinho' e tal. Existe, sim, a gente vê alguns tipos de comentários ao redor, mas que morre ali. É um comentário que às vezes a pessoa faz, mas depois não pensa, né? Mas eu acho que existe sim. (P. R.)

Para que possamos compreender esse fenômeno é preciso olhar para seu interior e considerar que ele está inserido numa conjuntura esportiva mais ampla, que acaba por influenciar, de algum modo, as práticas futebolísticas da comunidade LGBTQIA+. Para Camargo (2021), não se trata de estabelecer um *continuum* de práticas futebolísticas dissonantes e que destoam do *mainstream*, mas ressaltar as que se mantêm nele e que mudam mediante maior conscientização ou envolvimento das pessoas. Percebemos que há uma tensão instaurada entre as equipes que praticam esse futebol society LGBTQIA+ e participam de eventos como a Ligay, sendo que esses sujeitos estão em busca de um formato de jogo (estilo, talvez?) para acomodar corpos e demandas sexuais (CAMARGO, 2021).

É interessante notar que quando pessoas LGTBQIA+ invadem as quadras e gramados de futebol, elas acabam por forçar algumas barreiras impostas pela modalidade que vão além da questão do preconceito, podendo oferecer alternativas, inclusive na forma como se joga e nas regras do futebol como o conhecemos. A partir das contradições que o meio futebolístico da comunidade apresenta, podem surgir alternativas e contraposições que vão de encontro a uma prática que apenas reproduz o futebol *mainstream*. Entretanto, ao assistirmos as competições futebolísticas LGBTQIA+, percebemos uma preocupação com a homogeneização da compleição física/corporal dos jogadores, um processo comum se pensarmos que

esses grupos caminham para um acirramento da competição entre si. (CAMARGO, 2020)

A questão da competitividade, que só tem se acirrado com o passar dos anos e o número crescente de times e jogadores, foi percebida durante as competições e amistosos que acompanhei, como o caso da Etapa Sudeste ocorrida em São Paulo. Como descrito anteriormente, se observássemos apenas os jogos que ali ocorriam, veríamos um retrato fiel dos campeonatos cisgênero que estamos acostumados a ver, nos quais estão presentes agressividade, jogadas violentas, reclamações e xingamentos, assim como uma performatividade em campo muito próxima daquela cis-heteronormativa. Podemos nos questionar sobre o porquê disso: características próprias da modalidade acabam por exigir um corpo fisicamente preparado para embates corporais mais fortes? Aspectos ligados aos fundamentos técnicos da modalidade? Alguma relação com as características táticas, que acabam por exigir descolamentos, dribles e um corpo a corpo mais agressivo?

Esses questionamentos, ainda sem respostas, nos possibilitam argumentar que, ao trazer para dentro de campo formas e estilos de jogar próprios de uma modalidade futebolística já conhecida, os/as jogadores/as LGBTQIA+ acabam não apenas reproduzindo tal mobilidade, mas também acrescentam a ela um pouco de sua impressão digital, carregada com seus gestos e atitudes características de corpos e expressões dissonantes. Quanto mais espaço esses corpos vão ocupando, dentro e fora de campo, talvez mais possam exercer alguma influência nas regras da modalidade ou propor novas formas de se praticar e competir. Isso me parece importante porque:

[...] os esportes e as concepções que permeiam esses espaços devem ser reconfigurados e resignificados, de modo que a sociedade como um todo entenda a importância para a transformação do sujeito, individual e coletivamente, além de ser um espaço educativo, de socialização e de reflexão. (IWAMOTO, 2019, p. 163-164)

A presença de outros corpos e expressões de gênero nessas competições acaba por desestabilizar os padrões heteronormativos quanto aos corpos e modos de jogar o futebol. Isso força os organizadores, os técnicos e os jogadores desses eventos a se questionar e a buscar estabelecer parâmetros que possam incluir, de algum modo, toda essa sopa de letrinhas que constitui a sigla da comunidade e ir

mais além. Mas isso deve partir da capacidade de escuta desses indivíduos, conhecendo suas necessidades e demandas próprias.

Um evento que de certo modo apontou para alternativas no sentido dessa maior inclusão foi a Taça da Diversidade, realizada na cidade de São Paulo, no mesmo fim de semana da Parada Do Orgulho LGBTQIA+ da cidade. A competição ocorreu no dia 10 de junho de 2023, um evento que acontece já há algum tempo, do qual o time Predadores também participou. Os organizadores da competição fizeram uma disputa com uma chave trans (time de homens trans jogaram entre si e com times de mulheres cis), uma chave para portadores de deficiência (dois times participaram, com a presença de um dos jogadores do time Predadores) e uma chave gay cis. Todos os jogadores participantes eram LGBTQIA+ e o evento foi realizado numa quadra muito bem estruturada, com duas quadras de fut 7 e tendas para os times e para venda de bebidas e comidas.

FIGURA 26 - Essas duas imagens ilustram as chaves dos jogos. A primeira mostra a chave trans, que era composta por times de mulheres e de homens trans. Na segunda imagem, vemos a chave cis, composta por times de homens gays cis.

CHAVE TRANS		CHAVE CIS	
T. MOSQUETEIROS	TRANS UNITED	GRUPO A	GRUPO B
MANDABUSCA	VILA MOGI	BULLS SP	UNICORNS BRAZIL
14:40 - 15:10		NENÉ VILA MATILDE - FORÇA AZUL	REAL CENTRO FC
T. MOSQUETEIROS	VILA MOGI	PREDADORES F.C.	BÁRBAROS
15:20 - 15:50			
TRANS UNITED	MANDABUSCA		
16:00 - 16:30			
T. MOSQUETEIROS	MANDABUSCA		
16:40 - 17:10			
TRANS UNITED	VILA MOGI		
17:20 - 17:50			
T. MOSQUETEIROS	TRANS UNITED		
18:00 - 18:30			
MANDABUSCA	VILA MOGI		

Fonte: Dados da pesquisa

A competição aconteceu em um único dia, exigindo empenho dos participantes e do time Predadores. Inclusive, cabe destacar que parte dos jogadores do time chegou no dia do evento e retornou no mesmo dia, o que acabou ficando bem cansativo para os participantes. Percebi um esforço da organização da competição para que a edição propiciasse a maior inclusão possível, como a participação de um time de jogadores heterossexuais disputando a chave gay cis.

FIGURA 27 - Aqui vemos os atletas do time Predadores durante uma pausa na Taça da Diversidade, realizada dia 10/06/2023, na cidade de São Paulo. Essas orientações e conversas eram importantes para avaliar cada jogo e motivar os jogadores. Na imagem, vemos a técnica do time e os demais jogadores que participaram da competição, sendo que alguns deles fizeram um “bate-volta” de Belo Horizonte para São Paulo para poder participar da competição.



Fonte: Dados da pesquisa.

Em suma, essa competição apontou possibilidades de inclusão em sua organização, na criação das chaves dos jogos e em sua infraestrutura geral. Assim como nas demais competições que pude acompanhar, a questão da inclusão estava no radar de seus organizadores, com maior ou menor sucesso.

Um evento que também acompanhamos foi o Campeonato Mineiro de futebol LGBTQIA+, que aconteceu entre os dias 16 e 17/09/2023, e contou com a organização do time Predadores, mais especificamente de responsabilidade do presidente e da técnica do time. O local da competição foi a Arena Bola na Rede, localizada no bairro Liberdade, da região da Pampulha, local esse que foi palco de outras competições e treinos do time, como já relatamos.

Como vemos no comentário abaixo, a organização esforçou-se com antecedência para que o evento fosse um sucesso.

Teve a abertura com desfiles e entrada dos times com a Penélope, uma *drag queen* bastante conhecida de Belo Horizonte, apresentando o evento e dando o chute inicial com bastante alegria e desenvoltura, próprias de um show de *Drag Queen*. Os times se perfilaram, fizeram entrada, cantamos o hino. Foi muito bacana, muito bonito. Na entrada para o desfile, vinham na frente as bandeiras do estado de Minas Gerais, do Brasil e do movimento LGBTQIA+. Saliento que esse momento foi de muita descontração, com as brincadeiras da drag sobre sua dificuldade com o futebol e ao apresentar um dos árbitros dos jogos: um juiz da CBF, experiente em apitar partidas regionais e nacionais, que recentemente havia assumido sua

homossexualidade. Fato interessante, já que na atualidade ele é o único juiz de futebol do país assumidamente LGBTQIA+. (D. C. Abertura dia 16 de setembro de 2023)

FIGURA 28 - Momento da abertura do Campeonato Mineiro LGBTQIA+ de Fut 7, onde podemos ver os times participantes. Ao fundo, à direita, vemos a bandeira do Orgulho da comunidade que foi estendida no alambrado da quadra.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 29 - Nessa imagem, vemos ao centro a *drag queen* Penélope Fontana, que se encarregou de animar a abertura e dar o pontapé inicial do campeonato. Ao seu lado está um dos jogadores do time Predadores à direita estou eu, em primeiro plano, ao lado da técnica do time.



Fonte: Arquivo pessoal.

A competição contou com a participação dos seguintes times da cidade, além do Predadores: Locomotiva, Mano Tauros, Felinos, Inconfidentes, Rajadão (da cidade de São João Del-Rey) e Elite, sendo este último formado por homens trans. O time Predadores sagrou-se campeão da competição, algo que trouxe muita alegria aos jogadores e à comissão técnica, principalmente porque eles foram os organizadores, por virem de muitos resultados negativos e pelo nível da competição. O time contou com seus jogadores que moram em outras cidades, compondo um elenco bem habilidoso.

FIGURA 30 - Na imagem podemos ver o momento de comemoração do título de campeão pelos jogadores do time Predadores.



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante o desenrolar da competição, presenciamos uma tensão com jogadores heterossexuais que costumam treinar na quadra onde aconteceu a competição. A organização havia colocado uma bandeira gigante do movimento LGBTQIA+ no alambrado que fica em um dos lados da quadra. No início da competição, os participantes do campeonato mineiro puderam utilizar as duas quadras que o local possui, mas num outro período do dia uma delas foi reservada para jogadores heterossexuais. Esse último grupo, segundo o proprietário da quadra, era composto, em sua maioria, por policiais que costumam utilizar o espaço das quadras para suas “peladas” e competições.

O relato do ocorrido segue abaixo:

Só que esse pessoal quando entrou começou a reclamar, que era o horário deles, né, e tínhamos que dar um jeito de tirar aquela bandeira. Não comentaram estava atrapalhando ou não, mas foi mais ou menos essa fala. Ao conversar com o dono da quadra, ele comentou que eles são todos policiais e há 18 anos frequentam a quadra. E, para evitar, a gente tentou ajustar e pediu a nossa colaboração para ajustar a bandeira, e ele disse que

não ia tirar (o dono da quadra). E é muito em parte o que ele falou, que por essas divergências grandes, né, da direita, com os bolsonaristas, são Bolsonaros [sic] e tal (D. C. Campeonato Mineiro, 16 e 17 de setembro de 2023).

Tal situação que pude presenciar demonstra a dificuldade de aceitação por parcelas de nossa sociedade em relação às pessoas LGBTQIA+ e aos seus direitos. Foi interessante observar que a preocupação do time de policiais era de ter que jogar na presença daquela bandeira estendida na quadra que utilizavam. O incômodo foi grande a ponto de não ficarem nem encostados ou mesmo à sombra da bandeira, como vemos na figura 21. Tal situação acabou por se tornar um momento de resistência e visibilidade das cores da comunidade aliada à prática futebolística, algo que, para muitos, era inconcebível.

FIGURA 31 - Na imagem vemos o jogo composto por jogadores heterossexuais que ocorreu paralelamente ao Campeonato Mineiro LGBTQIA+ em Belo Horizonte. Podemos ver a bandeira gigante símbolo da comunidade, a qual foi motivo de reclamações por parte desses jogadores. Ao lado da bandeira estão sentados alguns dos jogadores que se recusaram a se sentar à sombra da bandeira, à frente dela.



Fonte: Arquivo pessoal.

Marcado historicamente pela supremacia masculina e heterossexual, o futebol sempre foi considerado um esporte feito por homens e para homens. Sendo assim, a inserção das pessoas LGBTQIA+ nesse ambiente tem se tornado um desafio que pode ser comparado a outros que essa comunidade tem enfrentado ao lutar para conquistar seu espaço em nossa sociedade.

Os aspectos aqui percebidos durante o acompanhamento do time Predadores são reveladores no sentido de que, ao se interessarem pela prática futebolística, os

membros da comunidade LGBTQIA+ tem enfrentado inúmeros desafios que os colocam frente a uma sociedade ainda muito preconceituosa. Esse interesse revela idiosincrasias e incoerências, uma vez que se trata de pessoas, antes de tudo, que são influenciadas por uma variedade de instituições sócias que se impõem quando se veem ameaçadas em seu direito de também praticar o futebol. A organização interna dos times e das competições das quais participam ainda não deram conta de atender a todas as demandas colocadas por todas as pessoas representadas pela sigla, mas estão na direção de propor experiências e iniciativas nesse sentido.

Os movimentos sociais em espaços públicos na atualidade parecem requerer novas estratégias de resistência por parte dos manifestantes quando reunidos por interesses de aliança política (BUTLER, 2018), fato que também se aplica à iniciativa da comunidade LGBTQIA+ em participar de eventos futebolísticos. Como ressalta Vieira (2020), é nessa combinação representativa que o evento se define como ação coletiva e política, ao ocupar um espaço público e promover ruídos com as aparências hegemônicas da moralidade predominante na cidade. Por isso, torna-se fundamental negociar essas ações e comportamentos temporários no espaço público.

Nesse sentido, concordamos com Pocahy (2016), pois pensamos nessas práticas políticas, culturais e esportivas que desafiam o sexismo, o racismo e a queerfobia como viradas de jogo, lances de insubordinação, resistência e dissidência.

3.5 Jogar como homens ou “igual angu”: dilemas da prática futebolísticas LGBTQIA+

Após o final de uma das partidas, alguns componentes do time reforçam o fato de que o time ‘precisa aprender a bater’ (D.C. Mineiro, setembro de 2022).

Quando pensamos em futebol, logo nos vem imagens dos gols, times do coração e seleção brasileira, mas tudo isso com um pano de fundo marcado por uma masculinidade associada à virilidade, à força, à violência e a muitos palavrões. Para Bandeira e Seffner (2013), o futebol profissional no Brasil é masculino, o que permite pensar que o ambiente dos estádios de futebol coloca muito mais valores do gênero masculino em disputa do que os do gênero feminino. Trata-se de um

contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades.

Tal constatação também pode ser verificada nos espaços de prática da modalidade, algo que, em certa medida, acaba por exercer forte influência nas práticas futebolísticas LGBTQIA+. Como citado no diário de campo que abre esse tópico, a questão da “postura” (masculina ou não) em campo foi origem de dilema e reclamação por parte dos jogadores quanto à ação de alguns de seus integrantes, seja nos treinos ou competições. Aspectos típicos relacionados à ação de jogadores em campo, como marcação e entradas violentas, agressividade e competitividade, malícia e imposição de uma postura masculinizante ante os adversários acabam por cobrar o mesmo dos jogadores de futebol LGBTQIA+. Vemos aí um choque da prática futebolística heteronormativa com aquela praticada por corpos, identidades e orientações sexuais dissidentes. Assim, acaba por surgir um ponto nevrálgico e um motivo de tensão para a comunidade LGBTQIA+ e a prática futebolística.

O time Predadores esteve cara a cara com esse dilema, motivo de reclamações por parte de jogadores mais experientes para com aqueles inexperientes e com pouca vivência na prática do futebol. Isso pode ser visto na fala de um dos jogadores do time:

Futebol é base. Futebol é você entender, desde novo. Como eu tive base, treinei fundamentos do futebol, que é domínio, é passe, é lançamento, posicionamento, isso tudo que compõe o futebol. Eles todos, a maioria deles, teve base, porque já foram incluídos no futebol, porque o pai já é menino, já vai jogar futebol, entendeu? E o LGBT, na maioria das vezes, quando começa o pai insistir pra ir pro futebol, ele vai, mas chega lá e não faz nada, e aí automaticamente o treinador já logo fala: 'ó, seu filho não tem dom pra jogar futebol'. Aí já é excluído, né? Não vou falar excluído de “não, não pode jogar!”, mas, sim, porque já percebe que não é a habilidade deles. E até porque já envolve que a pessoa já tá sentindo que não é o meio que agrada muito, que se sente à vontade. (P. R.)

Esse comentário de um dos jogadores mais experientes do time demonstra o dilema envolvido com os membros do grupo quanto à inclusão de todos aqueles que o procuram. Para Bandeira e Seffner (2013), a associação dos gêneros com as instituições sociais pode ser vista, por exemplo, na associação entre esporte, nesse caso específico o futebol, e as construções de masculinidades. Logo, ao aprender a jogar ou a torcer não se aprende apenas o modo de executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Vemos nascer aí um certo dilema que os times LGBTQIA+ têm de enfrentar quando membros de sua comunidade reivindicam para si as práticas futebolísticas. Entretanto, parece que se esqueceram que estão entrando numa instituição repleta de valores e significados a partir de sua construção histórica oriunda de uma sociedade majoritariamente heteronormativa. Mesmo assim, membros da comunidade insistem em sua prática, ocasionando borrões e quebra de paradigmas do futebol como o conhecemos.

A convivência junto ao time permitiu ver isso ocorrer, algo que foi motivo de muita tensão e preconceito interno. No depoimento que abre esse tópico, vemos um pouco dessas questões virem à tona. Isso também está presente nas observações do diário de campo que se referem à ocasião citada:

Percebo que devido a sua experiência no treinamento de futebol, ele acaba por trazer as mesmas exigências e sua experiência nesse meio. Ele lembra que 'há uma dificuldade de as gays ouvirem críticas e xingamentos.' Ressalta que 'quando era atleta, era comum o técnico xingar os jogadores e até dar uns safanões, algo que aqui eles não aguentam'. (D. C. Janeiro de 2023)

Esses comentários vinham acrescidos a outros sobre a dificuldade do time em colocar em prática as orientações do técnico e o que foi treinado. Aliás, essa reclamação foi algo constante, uma vez que alguns jogadores tinham dificuldades de “entrar no jogo” e aplicar as orientações dadas dentro e fora de campo. Ou seja, além das dificuldades táticas do time, havia as dificuldades de alguns jogadores, devido à pouca experiência que possuíam com o futebol. Esses elementos entram em jogo quando vemos membros da comunidade LGBTQIA+ praticarem o futebol como lazer e como competição.

Aqui, concordamos com Anjos (2013), quando afirma que lhe parece claro que a construção de padrões que legitimam a participação em determinadas atividades, no caso, as esportivas, potencialmente afasta os sujeitos que ali não se adequam. Por conta disso, percebo que a realização de competições e o surgimento de times de futebol LGBTQIA+ vem de encontro a esses padrões comumente exigidos pela modalidade, mesmo que muitos desses membros preferam se adaptar ao futebol já conhecido, enquanto outros, muitas das vezes mesmo não cientes e com essa pretensão, acabam impondo seu modo de jogar com seus corpos e sexualidades dissonantes.

Entretanto, alguns integrantes apresentam dificuldades de entender a complexidade presente dentro do próprio meio, no que diz respeito à sua sexualidade e identidade de gênero e a relação com a prática futebolística.

Um atleta chegou a comentar sobre a questão de que o time tinha que bater mais. Chegou até a fazer uma comparação bem comum de se dizer: 'Parece mulher de bandido, gosta de apanhar.' (D.C. Etapa Sudeste Ligay. 08 de abril de 2023).

Tal comentário traz resquícios de uma sociedade em que prevalece o preconceito homofóbico e misógino, os quais possuem estreita relação em sua etimologia. Se o pai da homofobia é o machismo, a mãe é a misoginia, como nos lembra Antunes (2017). É importante lembrar que a misoginia, assim como a homofobia, também sofre a ação de outros componentes presentes na sociedade, como: idade, etnia/raça, classe social, escolaridade, sexo/gênero, profissão, modelos estéticos estabelecidos pelos mercados, local de residência e procedência aos quais determinado grupo social é associado (ANTUNES, 2017). Logo, percebemos, assim, o grau de complexidade presente nas práticas futebolísticas da comunidade LGBTQIA+, já que, para além da prática em si, questões como misoginia, LGBTfobia, masculinidade tóxica e uma homofobia internalizada vêm à tona.

Em um dos registros do diário de campo esses aspectos surgem de modo enfático, o que na ocasião me gerou perplexidade e uma vontade imensa de interferir, mas o papel de pesquisador acabou falando mais alto.

Ainda na praça, enquanto esperávamos alguns integrantes se organizarem, muitos assuntos vieram à tona. Um dos jogadores, que vejo pela segunda vez e que parece ter mais tempo de jogo, comentou que não acha que deve se direcionar aos atletas durante o jogo de outro jeito que não de modo agressivo. Chegou a dizer que: 'quer que eu diga: *ô meu amor, por favor, faz isso ou aquilo*'. Comentou, ainda, que os participantes deveriam jogar nos campeonatos de futebol de várzea, nas comunidades, para que criassem 'casca'. Esse dilema parece assombrar o time: o fato de que devem jogar com mais agressividade, pois o jogo é assim. Logo, me veio à mente o fato de que eles parecem estar se moldando ao futebol cis-heteronormativo e não o contrário. Ou seja, será que poderiam propor novas formas de vivenciar a modalidade em que a conotação da agressividade e o jeito de jogar próprio do jogo cis fossem superados e dessem lugar a um novo futebol, próprio desses indivíduos? Será que não está latente uma subserviência ao jogo de futebol cis, em detrimento dos motivos pelos quais alguns deles estão ali (lazer em local seguro, ver os amigos, praticar a modalidade sem cobranças etc.)? Essas são questões que, a meu ver, merecem atenção, não apenas pelos objetivos da pesquisa, mas como norte e ponto de reflexão para o grupo (D.C. 07 de maio de 2023. 1ª Rodada Taça Tabu).

Esse registro me é muito caro porque traduz o motivo pelo qual eu mesmo e muitas pessoas LGBTQIA+ se afastam da prática do futebol, a saber: a agressividade e o ambiente tóxico. Assistir isso ocorrer diante dos meus olhos naquele momento foi muito contraditório e gerou questionamentos como os mencionados no registro acima. Passado algum tempo, nesse momento de analisar os dados percebo que, à luz das referências de estudiosos sobre o tema, é preciso compreender a conjuntura em que esses fatos ocorrem e as inúmeras influências que perpassam práticas do tipo.

As masculinidades são construções culturais. É na cultura que os indivíduos são produzidos como sujeitos de gênero e é a partir do conceito de gênero que nos permitimos pensar nas construções de masculinidades atravessadas pelo futebol no Brasil. (BANDEIRA; SEFFNER, 213, p. 248)

Essa compreensão apontada pelos autores acima é fundamental para contextualizarmos posturas e atitudes ditas discriminatórias que persistem, inclusive, no meio LGBTQIA+, revelando que seus membros não estão alheios a essas influências. O depoimento seguinte demonstra um pouco mais dessa questão:

Olha, infelizmente na nossa própria comunidade tem preconceito. A gente luta por respeito, a gente luta por igualdade, mas a nossa própria comunidade também se 'autoexclui'. Por quê? O padrão tem preconceito com o gordo, que tem preconceito com o baixo, que tem preconceito com o alto, que tem preconceito com o magro, que tem preconceito com o afeminado, que tem preconceito com o urso, que tem preconceito com o discreto. E dentro da nossa comunidade tem as subcomunidades que se excluem, por quê? Tem preconceito um com o outro e isso é triste, porque a gente luta por uma causa há tantos anos e a gente, dentro da nossa casa, é bagunçado. (P. MP.)

Ao ser questionado sobre a presença do preconceito no meio LGBTQIA+, o jogador do time exprime os dilemas vividos dentro da própria comunidade. Tais dilemas acabam interferindo na atuação do time dentro e fora de campo, e muitas das vezes eles mesmos tem resistência em enfrentá-los. Esses assuntos passavam sem muita reflexão no dia a dia do time e, apesar de virem à tona muitas vezes, não os impediam de insistir com a prática da modalidade. Parecia haver uma crença de que, com o passar do tempo, esses problemas seriam superados. Só que não foi bem assim.

Esses fatos associavam-se a outros, como a questão de se assumir ou não, um dilema enfrentado por muitos quando escolheram fazer parte de um time de futebol LGBTQIA+ e por aqueles fora dele. A convivência com os colegas de time e a participação em suas atividades acabavam por conscientizar alguns sobre seus

direitos e seu processo de aceitação, mas outros integrantes ainda apresentavam dificuldades nesse sentido.

Foi de interesse dessa investigação compreender os dilemas vividos por membros da comunidade LGBTQIA+ quando se interessam pela prática do futebol. A questão do preconceito historicamente existente no futebol quanto à presença e à existência de jogadores assumidos foi apontada pelos jogadores entrevistados, assim como as dificuldades, tensões e situações pelas quais passaram em sua história com a prática do futebol. Tais aspectos acabam por originar situações em que a homofobia internalizada aparece de modo latente, na maioria das vezes, mesmo sem que eles percebam.

Os depoimentos abaixo demonstram isso:

Eu senti o preconceito mais quando eu assumi que eu jogo em time gay. Porque na escola, depois na minha adolescência, jogando futebol com os caras héteros, como eu não aparentava, ou eles não achavam que eu sou gay, nunca tive nenhum preconceito em relação a isso, à minha sexualidade no futebol, não. (P. C.)

E eu tinha muito medo dessas coisas, porque eu jogava nos times semiprofissionais, sempre fui, nos times... Eu jogava de titular, e eu tinha medo de perder espaço, medo de ser excluído, medo de não poder continuar. E aí depois, conforme eu fui ficando mais velho, não fui semiprofissional mais, aí eu fui começando a jogar mais os amadores, e eu continuei jogando em muitos times héteros. Ainda tinha um pouco de medo, mas conforme eu fui pegando amizade e influência com a galera, eu comecei a falar pra um, pra outro, pra tentar quebrar um tipo de preconceito e falar: 'Cara, não é porque eu sou gay, que eu tô aqui jogando bola, que eu tô querendo você'. É a mesma forma de um pensamento de um cara machista: 'Ah, o cara, um homem hétero, não pode ter amizade com mulher porque um tá querendo pegar o outro.' É a mesma coisa no mundo gay. Não é porque eu sou gay e que eu tô jogando futebol que eu quero pegar o time. Então, sim, não subtraí também. Então sim, tem esse preconceito [...] (P.MP.)

Sim, já teve time que eu tive que sair, porque o ambiente... Estava muito... Estava um pouco pesado, sabe? (P. N.)

Trago esses depoimentos porque são reveladores de como, em sua história com a modalidade, membros da comunidade LGBTQIA+ tiveram que se moldar a um ambiente muitas vezes tóxico e opressor em nome do amor à modalidade. As barreiras impostas por uma sociedade opressora e perversa com esses indivíduos acabam por gerar o sentimento de não pertencimento e de não existência, causando muito sofrimento mental à população LGBTQIA+. Isso acontece quando essas

peças adentram os campos de futebol, e o resultado disso pode ser verificado, inclusive, no que chamamos de homofobia internalizada.

Desta forma, podemos perceber que por causa do preconceito, a heterossexualidade e a homofobia são introjetadas por muitos homens que sentem desejo afetivo/sexual por outros homens. Tal mecanismo é justificado pela introjeção de condutas majoritárias como o heterossexismo e a heteronormatividade. (ANTUNES, 2017, s/p)

Trago de volta um relato anterior do caderno de campo sobre uma situação vivenciada junto aos jogadores, após um jogo, quando surgiu o seguinte comentário: “Comentou, ainda, que eles deveriam jogar nos campeonatos de futebol de várzea, nas comunidades, para que criassem ‘casca” (D.C. 07 de maio de 2023). Tal fato, associado aos relatos acima, demonstra que os jogadores enfrentam dilemas de naturezas diversas, como a presença de uma homofobia interna ocasionada em parte devido a uma conjuntura histórica de preconceito. Isso acaba por resvalar na forma como esses indivíduos se relacionam com a prática futebolística.

Percebi em minha interação com os jogadores essas situações que muitas das vezes acabavam interferindo na atuação dos jogadores dentro e fora de campo. Ao questionar um dos jogadores sobre a dificuldade de alguns integrantes do time se assumirem, colhi o relato a seguir, que joga luzes sobre a questão:

É, eu acho assim, é a questão, **quando toda pessoa defende a onça pintada, ninguém quer ter uma em casa.** Eles vão defender: ‘Nossa, adoro os gays, adoro vocês, mas eu não sou!’ Entende? Mas na hora de sair e ficar com o outro fica. Aí fala mal: ‘Não, eu sou hétero, eu gosto de mulher’, e tal, tal, tal! Mas a gente sabe da história que estava com o travesti. Então, pera aí, é a mulher cis ou é a mulher trans, ou é o travesti. Então, assim, fica a pergunta no ar. Eu particularmente não consigo entender. Mas consigo entender que pra eles é uma situação complexa de assumir. Porque eu não sei, também, a família deles, se a família vai cobrar de outra forma, se a família vai achar que é um erro. Até hoje temos pessoas que têm problema mental, que acham que a sexualidade está relacionada ao psíquico e não à orientação que a pessoa tem desde que nasceu. (P. B.) (grifo nosso)

Nesse relato, observamos a dificuldade de alguns integrantes do time em se assumir, levando-os a, muitas das vezes, dizer que eram bissexuais. Isso também vinha à tona quando alguns evitavam tirar fotos com o time devido à exposição nas mídias sociais. O contato com alguns desses jogadores e as situações relatadas demonstram que não só a modalidade precisa rever seus conceitos e paradigmas quanto a quem pode e não pode praticar o futebol, mas também a sociedade como

um todo deve fazer um movimento de enfrentamento a todo tipo de preconceito e discriminação.

Para De Souza *et al.* (2019), a homofobia internalizada é a forma de se sentir, enquanto pessoa, inapropriada perante a sociedade em que se vive, como sentimentos de vergonha de si próprio, desenvolvidos pela ordem crítica social heterossexista, que aumenta em toda a população LGBT a fragilidade, a insegurança e a instabilidade, causando angústia, mal-estar e momentos de baixa autoestima. A partir dessa compreensão, podemos entender as escolhas e os modos de conduta de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ quando estão dentro e fora de campo, respirando a atmosfera futebolística. Não são dilemas fáceis de serem transpostos, mas com a insistência em adentrar os campos de futebol com seus corpos, desejos e identidades dissidentes, esses indivíduos vão aprendendo e ensinando sobre as vantagens de uma sociedade mais diversa.

“Igual angu!” Essa foi uma frase que não esquecerei e que traduz momentos de tensão pós-jogo do time, nos quais alguns jogadores reforçaram atributos necessários num jogo de futebol. Ainda dentro do tema do preconceito e da homofobia internalizada, isso demonstra que a questão da performance x inclusão não é algo tranquilo para o time e seus integrantes. Essa frase foi retirada do seguinte contexto:

Ô meu. Ô meu... Aqui, mas no caso você é errado. Você tá parado aqui. Ele vai continuar parado. Você vai dar a volta. Aí você não vai entrar. Ele fica parado. O ponto físico dele. Os caras dando encosto. É igual a angu. **É igual a angu. É mole. É mole.** É igual a angu. (D.C. 07 de maio de 2023. Resenha pós-jogo) (grifo nosso)

A questão da virilidade e da agressividade muitas das vezes associadas à prática futebolística esbarrava na dificuldade de alguns integrantes do time em corresponder a isso, o que gerava descontentamento por parte daqueles jogadores mais experientes. Isso ocorre, em parte, devido às influências de instituições como família, escola e esporte, dentre outras, na formação social das pessoas. Como reforça Bandeira e Seffner (2013), as masculinidades são construções culturais e é na cultura que os indivíduos são produzidos como sujeitos de gênero. Logo, “É a partir do conceito de gênero que nos permitimos pensar nas construções de masculinidades atravessadas pelo futebol no Brasil.” (BANDERIA; SHEFFNER, 2013, p. 248) Nesse sentido, o conceito de

[...] gênero funciona como um organizador social e da cultura (...) e, assim, engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos (MEYER, 2012, p. 51, *apud* BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Inúmeras foram as situações em que presenciei o que, para mim, era um paradoxo: jogar como gays x jogar como homens cis-hegemonizados. As anotações do diário de campo a seguir resumem um pouco dessas situações e de minha percepção sobre o que ocorria na ocasião. O contexto relatado se refere a um amistoso organizado pelo Cellos-MG (Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais), entidade que atua em Belo Horizonte pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. Dentro das inúmeras ações que antecedem a Parada do Orgulho LGBTQIA+ da cidade, o evento contou com um jogo entre o time Predadores e o time Elite, composto por homens trans.

Logo, assim que começou o jogo percebi que seria uma partida dura pro time, não só porque tinham menos jogadores, mas principalmente pela atuação e postura dos jogadores do Elite em campo. Alguns eram muito habilidosos e disputavam as jogadas com muita garra, 'agressividade', força e muita velocidade. O Predadores começou na frente, fazendo dois gols, mas logo o Elite empatou o jogo. Os jogadores do Elite apresentavam um comportamento próprio entre eles, com jargões, palavrões e gritos bem fortes, descontraídos e de incentivo. Como as experiências de assistir esse público jogar eram ainda recentes, foi interessante notar tanto a postura masculina dos jogadores quando relacionada à situação de jogo, reclamando da arbitragem, uns dos outros, e outras atitudes que costumamos ver em jogos de futebol de pessoas 'cis'. Com exceção do jogador 'B', do Predadores, não percebi nos integrantes presentes a mesma 'agressividade' nas jogadas e disputas de bola. Assistindo ao jogo, havia uma pequena torcida do Elite que, junto com os jogadores reservas, comemoravam os gols e a atuação do time a todo o momento, assim como realizavam xingamentos e reclamações com a arbitragem. Ainda estava me acostumando a isso e ver um time de homens trans reproduzir o mesmo comportamento me causou um certo estranhamento, devido a uma expectativa diferente de minha parte, pois achava que a 'agressividade' típica dos jogos de futebol 'cis' não fosse ocorrer no meio futebolístico LGBT. Aliás, tenho percebido isso nos campeonatos que tenho assistido junto a esse público. A reprodução dos padrões cis-heteronormativos costumeiramente vistos nas regras, comportamentos e atuações dos jogadores, algo que alguns defendem ser próprio do esporte bretão, se encontra também nos jogos com pessoas LGBTs. Tenho algumas indagações e dúvidas se é realmente assim ou se podem existir outras formas de se jogar o futebol. Talvez esse pensamento contrário, de como acho que deveria ser o jogo de futebol, tenha muito a ver com minhas experiências individuais com a modalidade e com a aversão que fui tendo ao longo dos anos, pois percebia que o futebol era um ambiente muito tóxico para nós, LGBTs. Entretanto, o estilo de jogar de grande parte dos componentes do Predadores me faz pensar que essa seja uma forma própria, que aponta, talvez, para uma possibilidade de jogar uma partida, amistosa ou não, em que prevalece o amor à modalidade e o prazer de praticá-la, algo que pode vir em primeiro lugar, mesmo que para alguns também seja importante a busca pela vitória. (D.C. 24 de abril de 2023. Jornada pela cidade Cellos, sábado).

Fazendo uma releitura do acontecido, após passado um tempo e me debruçado junto aos estudiosos do campo, percebo que esses acontecimentos refletem uma sociedade dinâmica, cujas contradições e experiências ali vividas têm um caráter dialético, não são dadas *a priori* e muito menos são fáceis de serem compreendidas e desveladas em todos os aspectos. Aliás, faço o convite aos leitores de tirarem suas próprias conclusões e reflexões sobre os acontecimentos citados como o acima.

É importante ressaltar que analisar o fenômeno à luz da perspectiva do gênero, como bem lembrado por Sampaio (2009), nos permite analisar as relações sociais entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres, em relações sociais que são sempre relações de poder. “Não exclusivamente ou necessariamente as relações podem ser de opressão ou subordinação, mas podem ser de parcerias muitas vezes” (SAMPAIO, 2009, p. 4). Isso é o que queremos dizer quando assumimos aqui que o que foi vivido e presenciado em minha incursão etnográfica junto ao time Predadores foi uma experiência dialética e imersiva, em que a compreensão dos fatos se dá num universo permeado por contradições e paradoxos. Nesse ínterim estavam as sociabilidades percebidas num jogo de futebol de pessoas LGBTQIA+.

Nesse universo futebolístico aqui relatado, cabem inúmeras formas de compreensão, assim como de perceber todas as contradições, dificuldades internas e externas vividas pelos sujeitos acompanhados em sua relação com o futebol. Diante disso, o time e seus jogadores tiveram que lidar com inúmeros desafios já apontados aqui, o que, em maior ou menor grau, interferiu na existência do time e na permanência dos jogadores nessa organização. Dentre os desafios mais expressivos, podemos citar:

- 1) A questão da homofobia internalizada enquanto fator que dificulta a própria autoestima dos jogadores e a ação destes enquanto atores políticos.
- 2) Performance e inclusão enquanto aspectos que parecem distintos, mas que definem a forma como o time joga o futebol e podem fazer repensar a prática e a disputa da modalidade.
- 3) A forma como essa prática está definindo a maneira de jogar e as regras dos campeonatos voltados para a comunidade LGBTQIA+. Como incluir todos dentro dessa sigla? Quais os critérios para a realização de campeonatos nos quais a

diversidade esteja presente e inspire novas formas de praticar a modalidade, longe da prevalência dos códigos de conduta cis-heteronormativos e que permitam construir outros paradigmas?

Essas são algumas das inúmeras questões que nos fazem refletir sobre a presença de pessoas, corpos e identidades dissonantes no terreno pantanoso que ainda presenciamos no futebol. São aspectos de uma contemporaneidade que nos move a escrever novas páginas na história do esporte e do próprio futebol. Talvez possamos propor aqui que o valente não necessariamente precisa ser violento, que podemos praticar essa modalidade assim como outras modalidades esportivas, a partir de outros parâmetros, sem que, para isso se descaracterize o potencial lúdico e cultural do futebol.

Essa clareza vem por compreendermos que uma conjuntura local e global tem permitido a emergência de outros atores e outras relações sociais. Como nos lembram Camargo e Rial (2009, p. 281): “Os movimentos e associações LGBT surgem num momento de consolidação das reivindicações postadas pelos grupos feministas, gays e lésbicos dos anos 60 e 70.” Suas reivindicações possibilitaram uma complexificação de respostas binárias em voga até então, e tornaram possível que o novo, espaço aberto em que o pessoal é político, no bojo da institucionalização dos próprios movimentos sociais e no deflorar da globalização, viabilizasse a criação e a existência de jogos e competições esportivas LGBT, em escala planetária (CAMARGO; RIAL, 2009).

Enquanto um fenômeno ainda em construção, é preciso de tempo para que as competições futebolísticas voltadas para a comunidade LGBTQIA+ possam caminhar rumo a novas possibilidades de prática da modalidade. Ainda assim apontamos com otimismo essas possibilidades, num devir e no desejo de pertencimento daqueles praticantes da modalidade, como o jogador a seguir, que acaba nos ensinando:

Depende muito das pessoas. No caso do hétero, eles não acham que os gays jogam bola. Então, acho que o futebol gay veio para mostrar para os héteros, para o mundo também, que os gays também jogam bola, não é só os héteros. Veio para quebrar uma barreira que estava impedindo. (P. H.)

3.6 Futebol dissidente: performatividades postas em xeque

Durante o período de acompanhamento foi possível assistir o Predadores participando de amistosos ou competições junto a times de jogadores heterossexuais, uma prática comum do time, segundo seus integrantes. Os locais onde se realizavam esses jogos eram regiões distintas da cidade de Belo Horizonte, escolhidas de acordo com a organização dos amistosos e em consonância com a disponibilidade dos times. Tais situações, ao colocarem em xeque o terreno seguro e viril do meio futebolístico, acabam por também aflorar uma prática futebolística dissidente que subverte em alguns aspectos o futebol como o conhecemos.

A experiência de acompanhar o time nesses jogos permitiu que percebêssemos como era a postura de seus integrantes nessas ocasiões, assim como a reação dos presentes durante esses jogos, como as torcidas, parentes e amigos e os próprios jogadores.

Um dos amistosos que presenciamos foi com o time amador S.O.S., ocorrido na arena Bola na Rede, localizada no bairro Liberdade, na região da Pampulha de Belo Horizonte. O local, já muito conhecido pelos jogadores do Predadores, foi palco de alguns desses jogos e, no caso desse evento, eles contribuíram com uma taxa de R\$10,00 para custear os gastos com o churrasco de comemoração dos aniversariantes do time, que ocorreu logo após o amistoso. Abaixo, segue uma descrição do evento:

Havia uma presença grande de expectadores. Ao final do jogo, a técnica comentou sobre posicionamento e as poucas opções de jogadores que teve, ressaltando, também, a questão psicológica. Achou que o time teve uma boa atuação e que devem ter mais confiança e promover motivação com quem está jogando. O jogo acabou com 6 x 5 para o time adversário. Percebi durante o jogo aspectos como: rivalidade, provocações do time adversário com alguns jogadores e o comportamento da técnica. Ela também confrontou alguns deles quanto à postura em quadra. Em conversa posterior (confraternização) com um dos integrantes do Predadores, ele disse que já os conhecia, pois praticam algumas “peladas” nos mesmos lugares e já puderam jogar num mesmo time (D. C. 26 de março de 2023).

Aqui percebemos como também existem tensões quando jogadores heterossexuais jogam com um time composto por homens gays. Percebi em alguns momentos do jogo certos jogadores do Predadores se impondo, por meio de jogadas com certa agressividade, malícia e olhares de confronto, marcadamente presentes em jogos de futebol como os conhecemos. O ocorrido demonstra, ainda,

que alguns deles são companheiros de peladas em outras localidades e disputam torneios num mesmo time, revelando uma sociabilidade existente em outros espaços. Inclusive, alguns jogadores do Predadores comumente se envolvem em torneios ao serem convidados por outros times heterossexuais nas comunidades onde residem ou naquelas próximas. Alguns chegam a receber algum valor por isso, o que é motivo de questionamento por parte de alguns membros do Predadores, já que acabam colocando o time em segundo lugar e se ausentando de alguns compromissos.

Num outro amistoso acontecido na Arena 240 Futebol, localizada no bairro Aarão Reis, região Norte da capital mineira, alguns aspectos parecidos com o amistoso anterior aparecem. Intitulado amistoso “Amigos do Nil”, ele foi realizado para inaugurar a nova direção da quadra:

A atuação do time foi boa, vencendo o jogo por 6x2. O time adversário era mesclado com jogadores bem jovens (16-17 anos) e outros mais velhos. O time apresentou melhora no posicionamento em campo, defesa e finalizações. Eles estavam mais à vontade em quadra e seguindo de forma mais assertiva as orientações da técnica, que reforçou para atuarem de modo tranquilo, evitando contusões [...]. Durante o jogo houve momentos de tensão entre alguns jogadores. Percebo uma modalidade esportiva marcada pela agressividade e velocidade, mais próxima dos padrões praticados por homens cis-heterossexuais quando jogam o futebol. Para serem aceitos (pelos outros e por si próprios), os jogadores gays acabam adotando posturas do estereótipo masculino, não apenas pelo fato de a modalidade exigir isso para uma boa performance. Parece prevalecer a noção de uma masculinidade que se contrapõe a aspectos em parte vistos no universo gay, como uma menor agressividade e virilidade em campo. Esses aspectos foram debatidos com um dos integrantes do time após o jogo, num momento de confraternização. Para ele, os jogadores acabam adotando uma postura heteronormativa e reprimem gestos e atitudes mais afeminados e afetados. Outro aspecto interessante nesse momento veio do relato de uma senhora que já foi treinadora do time, uma mulher lésbica e uma das sócias na quadra que estava sendo inaugurada. Segundo ela, ao conversar com alguns homens que assistiam o amistoso, comentou com eles que os jogadores eram gays para surpresa e espanto deles, que comentaram: "nem parece, jogam bem!" (D. C. 02 de abril de 2023).

Acompanhar situações como as descritas acima possibilitou-me a compressão de que os integrantes do Predadores enfrentam dilemas da ordem do pessoal e do coletivo. Esses dilemas são atravessados por questões relativas às sexualidades e identidades de gênero que se afloram nesses momentos, mesmo que de forma implícita ou a contragosto dos indivíduos ali presentes. O esforço em manter padrões de comportamentos esperados por uma sociedade ainda muito preconceituosa é motivo de muito conflito interno por parte de alguns, enquanto

outros integrantes parecem ter se adaptado a esse universo, em virtude de praticarem a modalidade há muito tempo.

Podemos imaginar que, em sua infância e adolescência, essas pessoas ouviram, de membros de sua família, comentários hostis e pejorativos em relação à homossexualidade, como ressalta Montoya *et al.* (2018). Logo, os dispositivos sociais, como tradições e religiosidade, trazem a prescrição dos regulamentos de controle institucionais, conferindo à heterossexualidade o título de orientação do desejo afetivo-sexual correta, única e válida (ANTUNES, 2017; NUNAN, 2010). De uma forma ou de outra, os sujeitos aqui observados carregam essas marcas também em sua relação com a prática futebolística, como visto no tópico anterior.

É comum observar reações de espanto por parte de algumas pessoas quando descobrem que membros da comunidade LGBTQIA+ não apenas gostam de futebol, como também são habilidosos. Isso ocorre muito em parte porque se esquecem que esses indivíduos também são influenciados pela cultura futebolística tão enraizada em nosso país. Visões estereotipadas quanto à habilidade de pessoas LGBTQIA+ com o futebol estão de acordo com uma sociedade que espera comportamentos definidores de masculinidades, os quais, para a maioria, estão ligados a agressividade, força física, destreza, dentre outras qualidades físicas, algo que não reconhecem nos indivíduos da comunidade.

Tais situações vividas por jogadores de futebol LGBTQIA+ ocorrem nos mais variados espaços onde praticam a modalidade enquanto esporte e lazer. Esses espaços acabam por ser frequentados também por uma variedade de pessoas de raça, classe e sexualidades diversas. Isso foi notado numa competição em que o time Predadores participou, voltada para jogadores heterossexuais na quadra da Grota, a Maria Brasilina, já citada anteriormente.

A Taça Tabu, nome do campeonato do qual participaram, aconteceu em várias rodadas e foi possível acompanhar o time durante a primeira e a terceira rodada do torneio. Abaixo, temos o relato de um desses momentos.

O jogo estava previsto para começar às 16h e havia na praça outras pessoas que podiam ser frequentadoras habituais do espaço, além de torcedores e amigos dos times que estavam disputando o torneio. Foi possível ver famílias composta de pais, filhos e seus pets, que usufruíam dos demais espaços, como as quadras disponíveis para jogar. Havia, ainda, um grupo de adolescentes que pareciam fazer um piquenique ao lado da quadra de areia. Trouxeram refrigerantes e lanche e confraternizavam naquele espaço. Ou seja, era um local espaçoso e próprio para o lazer daquelas pessoas, de certa forma seguro e acessível. Essas observações foram feitas antes, durante e

após o jogo do time Predadores contra o time Pai Sandu. (D. C. 07 de maio de 2023)

Assistimos a pessoas de diferentes idades reunidas em seu tempo de lazer e envolvidas num ambiente futebolístico. E esse local acabou sendo palco para expressões futebolísticas da comunidade LGBTQIA+, mesmo que na maior parte das vezes em que acompanhei esses jogos isso não parecesse estar claro para aqueles que assistiam aos jogos ou para os que participavam do evento. Isso porque, no caso dessa observação descrita, não estava claro para o público ali presente que um dos times participantes daquela competição era LGBTQIA+. Essa reflexão surgiu durante uma das rodadas dessa competição, em uma conversa com um dos integrantes do time.

Durante o jogo observei um pouco o espaço, a praça, e as pessoas que ali estavam e pude conversar com alguns torcedores do time Predadores: mãe do P.B., companheiro do P.E., namorado do P.A. e outro integrante do time. Troquei algumas ideias com um deles sobre os jogos, o time e a questão da visibilidade do time como composto por pessoas LGBT. Uma das questões que levantei diz respeito a ações do time contra a LGBTfobia. Ele também achou que poderiam fazer ações nesse sentido. Citou o exemplo das competições da Ligay, em que o pessoal 'tranca' mais, segundo afirma. (D. C. 21 de maio de 2023)

Tal fato foi questionado junto a outros integrantes, uma vez que não havia ações por parte do time no sentido de dar visibilidade ao fato de serem um time LGBTQIA+. A impressão que tive nessas ocasiões era a de que o objetivo primeiro era o jogo e não empunhar a bandeira da visibilidade enquanto um time LGBTQIA+ de futebol. A leitura que se pode fazer disso num primeiro momento está relacionada aos objetivos dos jogadores, que estavam voltados à participação em competições de futebol, uma vez que essa era uma paixão muito bem estabelecida por eles. Um dos integrantes responde da seguinte maneira quando questionado se os jogadores heterossexuais ou a torcida sabem que estão jogando com um time LGBTQIA+:

Não, só se nós falarmos, mesmo porque as pessoas ainda na nossa equipe... Resumindo: o pessoal fala muito, acha que o gay é o gay estereotipado. É o gay afeminado. É o gay que eles veem na novela. Aquela novela que o cara fala que é o rosa chiclete [...] Vê esse agora, que trabalha no cabaré... Agora me foge o nome, que eu não acompanho muito bem a novela [...] Então, tipo assim, ele acha que por a gente ser gay, a gente tem que chegar no campo de corpete. Nós temos que chegar maquiados... E não é bem por aí! Tanto que quando a gente vai jogar... 'Esse time não é de gay, não, esse time é de pedreiro' [...] porque nós não temos rostinhos perfeitos Somos imperfeitos. Somos seres humanos, normais. (P. B.)

Essa fala traz à tona um certo paradoxo vivido por alguns membros da comunidade LGBTQIA+ quando confrontados com sua sexualidade dissidente. Ao mesmo tempo que não querem passar uma visão estereotipada de um gay afeminado, sensível e vaidoso, acham importante demonstrar que também jogam futebol, podem ser masculinos e possuem defeitos, como qualquer outra pessoa. Entretanto, no início de sua fala, esse integrante do time acaba revelando que eles não deixam clara sua orientação sexual, sugerindo que isso não é algo tranquilo para alguns membros de time.

Tais aspectos demonstra que muitos são os desafios vividos pelos jogadores da comunidade, como o fato de serem corpos e desejos dissidentes e destoantes de uma sociedade predominantemente cisheteronormativa. Demonstam também, no caso do grupo acompanhado, que mesmo sem assumir algumas pautas e bandeiras do movimento LGBTQIA+, os conflitos internos quanto à visibilidade de sua sexualidade na ocasião desses jogos não os fazem desistir da prática da modalidade e da participação em eventos do tipo.

Um outro depoimento ajuda a entender como se dá a performatividade dos jogadores do time dentro e fora de campo.

A maioria, dentro do campo, ele é mais firme. No sentido que, apesar de não ter nada a ver o cara ser afeminado, que a gente sabe que tem héteros também que são afeminados. Mas a gente percebe que tem gente que dentro do campo é totalmente diferente do que ele é fora do campo. Lá dentro, geralmente, você está mais firme, que é uma disputa de contato. É um campeonato mais de vigor físico e acaba que você tem que firmar mesmo. E depois que a pessoa está lá fora, ele automaticamente já se solta mais. Ele vai ser o eu mesmo, né? Na questão de aceitação física, né? Lá dentro, geralmente, é isso. Geralmente, lá dentro é mais firme. (P. R.)

Esse quadro descrito por um dos jogadores do time demonstra que alguns membros da comunidade LGBTQIA+ convivem com o que, para alguns, poderia ser um certo paradoxo: dentro de campo são forçados a jogar como “homens” e fora dele podem expressar mais livremente sua sexualidade e identidade. Tal paradoxo em que são colocados é citado, em parte, por Butler (2003), quando explica que as expressões de masculinidade impõem formas de funcionamento tão intrínsecas na sociedade que não são percebidas e conseqüentemente são repetidas, visto que, em nossa sociedade, estamos diante de uma exigência de coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática heterossexual. Logo, as masculinidades que

mais se adequam à norma heterossexual teriam privilégios sociais não percebidos por quem as performa em relação àqueles que subvertem a norma (BUTLER, 2003).

Para De Souza (2020), o gênero produz a falsa noção de estabilidade na qual se ampara a matriz heterossexual, cuja manutenção se dá por meio da performatividade, pela repetição de atos, gestos e signos do âmbito cultural que reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos de forma binária, como nós os vemos atualmente. Logo, para Butler (2003), gênero é a repetição intencional que produz significados e, dessa forma, tanto o sexo quanto o gênero são construídos socialmente.

Essa hierarquia acaba por exigir que as pessoas LGBTQIA+ tenham como única alternativa para jogarem e serem aceitos em campo o fato de assumirem para si padrões cis-heteronormativos. Ao performar parâmetros exclusivamente pautados numa concepção biológica, fisiológica e em consonância com as regras universais do futebol, as individualidades e expressões desses sujeitos são postas de lado, desconsideradas e invisibilizadas. Tal fato dificulta que esses sujeitos possam propor outras formas de prática e vivência do futebol. Entretanto, isso não tem impedido que, aos poucos, por iniciativas de alguns jogadores LGBTQIA+, essas resistências acabem sendo postas à prova, o que ocorre a partir do momento em que os jogadores vão participando de mais competições da modalidade voltadas para esse público.

Entretanto, Vieira nos faz questionar “(...) quais os limites dessa associação para que sejam mantidas as condições de autenticidade sem o risco da normalização de comportamentos?” (2020, p. 136) Tal questionamento talvez seja um ponto sensível e muito caro para os membros da comunidade LGBTQIA+ na sua relação com o futebol e o esporte como um todo.

Logo, podemos elencar alguns motivos pelos quais pode-se supor que alguns sujeitos da comunidade não estejam dispostos à exposição de sua sexualidade em campo, o que poderíamos relacionar também a uma homofobia internalizada. Já comentamos anteriormente que esse aspecto foi algo presente em minhas observações do grupo e que era motivo de muita tensão e discordância dentro do time. Esse fenômeno tem estreita relação com o que alguns estudiosos chamam de epistemologia do “armário”, como podemos ver na fala de Sedgwick (2007), quando este aborda o tema:

Entre essas posições figuram, como já indiquei, os pares segredo/revelação e privado/público. Ao lado desses pares epistemologicamente carregados, e às vezes através deles, condensados nas figuras do 'armário' e do 'assumir-se', essa crise específica de definição marcou por sua vez outros pares tão básicos para a organização cultural moderna, como masculino/ feminino, maioria/minoria, inocência/iniciação, natural/artificial, novo/velho, crescimento/decadência, urbano/provinciano, saúde/ doença, mesmo/diferente, cognição/paranoia, arte/kitsch, sinceridade/sentimentalidade e voluntariedade/dependência. (SEDGWICK, 2007, p. 28-29)

Esse esclarecimento feito pela autora nos ajudar a compreender um fenômeno muito presente na história de vida da comunidade LGBTQIA+, que secularmente tem seu direito de existência negado. O meio esportivo também é um espaço que cobra um preço muito alto àqueles que destoam de uma concepção heteronormativa, como o caso dos membros dessa comunidade. Só muito recentemente vimos esportistas fazerem seu *coming out* ainda enquanto atletas, algo que dificilmente ocorreria em outros tempos. Camargo (2018) nos ajuda a entender essa conjuntura quando diz que o processo de *coming out* (ou saída do armário) ganhou lugar nos discursos contestatórios do movimento homossexual nos anos 1970, virando bandeira política e sendo empregado, mesmo em inglês, em todo o Ocidente. Entretanto, o processo causa polêmica no esporte por estar diretamente vinculado a jogadores de futebol que mantêm relações heterossexuais convencionais, apesar de boatos sobre práticas sexuais fora da heteronormatividade (CAMARGO, 2018).

Ainda vemos uma grande resistência de jogadores profissionais de futebol em atividade em se assumirem, já que os casos, em sua maioria, daqueles que fizeram isso ocorreram quando já haviam encerrado suas carreiras. As iniciativas atuais na direção de atletas assumirem sua sexualidade e identidade de gênero no meio futebolístico ainda são tímidas internacionalmente e em nosso país são praticamente inexistentes. O depoimento a seguir demonstra um pouco isso:

Mas, assim, o preconceito era tão grande que no futebol, no semiprofissional, quando a gente jogava, viajava pra disputar campeonato, quem era tinha que ser mais hétero, mostrar mais uma masculinidade que quem não era. Então, assim, você via que às vezes no vestiário, tomando um banho, tinha aqueles que estavam mais travados de querer olhar, porque o cara tinha, ele era, [*sic*] mas tinha muito medo por conta disso, da exclusão, da zoação. E como ali a gente estava no semiprofissional, todo mundo querendo se profissionalizar pra ganhar dinheiro, e aí você se assume ali, a sua carreira acabou, basicamente, porque você ia ser excluído. (P. M. P.)

Como visto no depoimento acima, essa dificuldade parece assombrar também alguns praticantes LGBTQIA+ de futebol que, em algum momento de suas vidas, pleitearam uma carreira futebolística profissional. Isso acaba os levando a optar por uma postura em campo mais parecida com os padrões de masculinidades em vigor ou a evitar muita exposição quando participam de competições da modalidade. Numa conversa com um dos integrantes do time, durante um outro amistoso com um time heterossexual, essa discussão reaparece, demonstrando a complexidade desse fenômeno.

Antes do início do jogo, com um dos jogadores (P. B.), conversamos sobre a sexualidade de alguns integrantes do time que não deixam isso claro. No caso, são dois atletas que se dizem heterossexuais, mas, segundo P. B., eles são no mínimo bissexuais e fazem isso devido a uma dificuldade de se assumir. Segundo ele, isso deve acontecer por causa da dificuldade de assumir em outros meios, fazendo com que em muitas ocasiões, como durante as fotos tiradas pelo time, eles escondam o rosto. A questão é: por que procuram um time LGBT e têm dificuldade de se assumir enquanto bissexuais? Reflexões integrantes e instigantes para se pensar; (D. C. 23 de abril de 2023).

Os momentos que antecederiam algum jogo ou treino eram oportunidades cruciais para a compreensão dos jogadores, suas características e sua relação com o futebol. Essas ocasiões tinham um caráter mais íntimo e espontâneo, nas quais acabavam por vir à tona elementos importantes para uma descrição densa e assertiva do que ocorria, como na situação descrita acima, durante um papo tranquilo e espontâneo com um dos integrantes do time, revelando a dificuldade já mencionada de alguns atletas do time de assumirem sua sexualidade, seja ela qual for. Um outro depoimento reforça isso:

[...] mas eu digo assim, um gay afeminado, eu acho muito difícil ter um espaço no futebol. Você pode ser bom o que for no futebol, mas realmente isso ainda é uma coisa complicada de lidar. Os outros que não são afeminados passam, né? Você consegue passar um pouco. E esse é o que eu vejo, estando dentro de futebol amador, nunca tive em um profissional, mas de futebol amador, eu sempre vi. (P. N.)

A internalização de valores de uma sociedade heteronormativa ocorre durante a história de vida dos sujeitos, sejam eles da comunidade LGBTQIA+ ou não. Segundo Galimberti (2010), internalizar refere-se à adoção pelo indivíduo de crenças, preconceitos, valores, atitudes, normas, leis, ideias, costumes, tradições, hábitos e modelos de comportamento em vigor em seu grupo social. Parte da socialização e educação visa justamente à internalização das normas sociais, tendo

em vista a recompensa e a punição, um processo por meio do qual uma pessoa incorpora a seu pensamento valores e crenças de outras pessoas ou grupos, deixando-se influenciar por eles. (ANTUNES, 2017)

Para Silva Junior (2018), há governamentos sobre a homossexualidade no futebol, em suas diversas manifestações na cultura brasileira, sendo a heteronormatividade de seus atores e a homofobia sobre os sujeitos dissidentes marcas incontestes de conservadorismo e preconceito nesse esporte. Tais aspectos são motivos que justificam a resistência de muitos sujeitos da comunidade LGBTQIA+ em saírem do armário e adentrar o campo como são, com sua diversidade de corpos, desejos e identidades de gênero dissonantes.

Esse ainda parece ser um desafio para os jogadores do time Predadores, que talvez não sejam os únicos a compartilhar essa dificuldade de serem quem são. Acompanhando o time nas diversas competições, pudemos presenciar muitos jogadores e times de Belo Horizonte de outras cidades pelo país enfrentando dilemas parecidos, o que conseqüentemente reverbera na realização e no desenrolar das competições voltadas para esse público. Esses indivíduos acabam adentrando um espaço de muito controle sobre aqueles comportamentos permitidos e vemos que no meio futebolístico isso é ainda mais exigido, acabando por naturalizar uma única forma de jogar e se comportar em campo.

Nas relações estabelecidas dentro e fora de campo entre os praticantes de futebol, alguns aspectos também fazem parte do "jogo". Uma certa camaradagem é aceita sem que se ultrapasse certos limites. Nem tudo é permitido em relacionamentos entre homens, sendo preciso saber onde está a fronteira, para que não se corra o risco de ultrapassá-la (BANDEIRA; SEFFNER, 2013). Tais aspectos acabam por encobrir ou disfarçar uma homossociabilidade e uma homonormatividade latente quando homens praticam futebol.

Em contrapartida, percebemos que o futebol é uma das poucas instâncias em nossa cultura que permitem a formação de comunidades afetivas masculinas. Para Bandeira e Seffner (2013), no mesmo contexto em que se ressalta a virilidade e se exercem manifestações de violência verbal e uma constante promessa de violência física, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura. Uma outra possibilidade de rasura dessa masculinidade hegemônica pode ser visualizada na possibilidade de contatos físicos entre os torcedores (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Além disso, os fatos ocorridos e já citados aqui demonstram a importância da compreensão da interseccionalidade, que nos permite entender que num determinado espaço social há diversos atravessadores, como raça, classe, idade, dentre outros, que devem ser considerados para melhor compreensão do fenômeno. Considerar tais interseções é importante para a compreensão do fenômeno aqui estudado, em que as práticas futebolísticas LGBTQIA+ estão envoltas em inúmeros aspectos e desafios enfrentados diariamente.

Ao participar de competições entre membros da própria comunidade ou mesmo com times heterossexuais, as pessoas que praticam atividades futebolísticas LGBTQIA+ acabam por expor algumas mazelas da modalidade que dificultam a presença não apenas dos membros da comunidade, mas também de outros corpos e expressões que a heteronormatividade não dá conta de explicar ou incluir.

Um dos integrantes do time comenta sobre as dificuldades enfrentadas pelos organizadores das competições, como a de conseguir a inclusão e uma adesão de mais indivíduos da comunidade que ainda não querem participar ou não se sentem acolhidos pela prática do futebol. Questionado se essas competições são inclusivas ou não, ele comenta o seguinte:

Olha, eu acredito que não. Os campeonatos, assim, acho que até você pode também observar, é 99%, desculpa, são 99% gays. Aliás, deixa eu retornar aqui: 93% gays e 5% bissexuais. E você vai variar de 1 a 2% transexuais. Então, assim, não incorpora as letras e outras. Os não binários, os pansexuais, os demissexuais. (P. B.)

Tal fato pôde ser notado durante o acompanhamento às competições das quais o time participou, em que a participação de pessoas trans era pequena, restringida a um membro ou outro em alguns times com os quais tivemos a possibilidade de ter contato. Como já citado anteriormente, a solução encontrada foi a realização de chaves que incluíssem esses indivíduos junto a jogadoras mulheres cis. Entretanto, isso não quer dizer que os organizadores dessas competições não estejam sensíveis a isso e, com o passar dos anos, não tenham buscado ampliar essa inclusão almejada. Vemos isso no depoimento do presidente da Ligay na época:

A gente vai atualizando ao longo do tempo, de acordo com as necessidades. A demanda na chave cis, que a gente chama de chave cis, ela é aberta a qualquer pessoa da sigla. Qualquer pessoa da sigla. Na chave trans, por pedido dos homens trans, foi uma demanda que eles fizeram. E a gente quer

que os trans tenham poder de decisão sobre o que eles vão fazer. Nós, homens cis, não queremos determinar como que eles vão ser. Tem que ser onde eles se sentem melhor. Se eles quiserem participar da chave cis, não tem problema. Mas, por enquanto, eles querem se organizar numa chave trans, com eles, discutindo entre eles. E isso é muito saudável para eles. (Presidente da Ligay)

Como falamos anteriormente, esse movimento que assistimos — de um número crescente de pessoas da comunidade LGBTQIA+ praticando o futebol e reivindicando espaço e incentivos para isso — é um fenômeno recente. Os organizadores das competições a cada evento e a cada ano que passa buscam aprimorar os encontros, para que atendam às expectativas e interesses de seus membros. O depoimento acima demonstra essa iniciativa que, mesmo com as dificuldades, contradições, disputas internas e externas, se constitui num *locus* de resistência e pressão política por direitos e cidadania também no esporte e no futebol.

Quando o presidente da Ligay fala que optaram por ouvir as demandas da comunidade trans, isso nos faz lembrar do que Djamila Ribeiro (2017) chama de “lugar de fala”, que diz sobre o lugar social. Ouvir as demandas e deixar que esses grupos e corpos dissidentes manifestem seus interesses é um aspecto crucial e aponta para as inúmeras possibilidades que esse movimento futebolístico, em específico, apresenta e propõe como alternativas de inclusão e respeito.

Essa reunião de membros da comunidade em torno das práticas futebolísticas acaba também por conferir às atividades um caráter familiar como já identificamos, uma vez que indivíduos se agrupam a partir de necessidades afetivo-sexuais e demandas próprias. Para Pissani e Pinto (2021), a categoria família, quando mobilizada, por exemplo, por atletas mulheres cis e/ou homens trans tem papel crucial para que esses sujeitos construam estratégias de resistência e de pertencimento, da mesma forma que possibilita que os mesmos sujeitos se apropriem das práticas futebolísticas e desconstruam, em algum nível, as normas reguladoras que pairam sobre seus corpos e subjetividades.

Entretanto, como chama atenção Vieira *et al.* (2020), por mais que essas manifestações de singularidades de corpos e performatividades sejam, muitas vezes, antagônicas quanto aos princípios morais e ideológicos predominantes, a ausência de uma política em favor da equidade expõe o estado de precariedades sociais, já que novas estéticas de existência são coagidas. Na verdade, trata-se de

uma perspectiva de manutenção da estrutura capitalista e cis-heteronormativa que estabelece hierarquias e regulamentações na esfera do espaço de aparecimento (BUTLER, 2018; PALLAMIN, 2010).

Ao praticar o futebol entre seus membros ou não, a comunidade LGBTQIA+ acaba configurando uma prática futebolística dissidente, que impõe um jeito singular de vivenciar a modalidade, mas trazendo, com isso, um “combo” de aspectos que a diferem e demonstram suas contradições, disputas internas e peculiaridades. Isso acaba por forçar barreiras e expor conflitos e contradições dentro do próprio futebol, dando um recado à sociedade de que essas pessoas existem e se constituem enquanto cidadãos e cidadãs de direito.

Partimos da compreensão de que gênero e sexo, segundo a teoria da performatividade de Butler (2002 e 2007), também constituem repetições reguladas de normas. Mas se o corpo, o gênero, o sexo e a identidade dependem da interação de certos atos discursivos que constroem a ficção de um original, é, então, no desvio da citação da norma que reside seu poder subversivo, dissidente (BUTLER, 2007). Aí se inclui a experiência futebolística aqui analisada, na qual membros da comunidade LGBTQIA+ se tornam protagonistas de uma forma própria de praticar o futebol, com suas contradições, mas deixando na modalidade sua marca, como uma tatuagem que talvez não se apague, e que no mínimo causa rasuras no futebol como o conhecemos.

Vale ressaltar ainda que, como nos lembra Pocahy (2020), é preciso que se tenha clareza de que à margem do binarismo sexual, as masculinidades dissidentes não são fixas aos marcadores que diferenciam homens e mulheres. Por isso a dificuldade de sujeitos LGBTQIA+ também superarem performatividades em voga há tanto tempo. Logo, as masculinidades dissidentes podem ser compreendidas como o exterior abjeto que constitui a heteronormatividade enquanto categoria quase única no futebol. (POCAHY, 2020, p. 03). Superar isso e permanecer firme na prática futebolística parece ser o desafio posto à comunidade LGBTQIA+ amante do futebol.

Quando refletimos sobre uma performatividade futebolística já bem enraizada em nossa sociedade, ela entra em rota de colisão com as performatividades LGBTQIA+. Cabe-nos questionar se a presença cada vez maior de membros dessa comunidade nos jogos de futebol não forçaria algumas mudanças para que fosse permitido uma performatividade própria em campo. O futebol é uma instituição social

culturalmente bem estabelecida, assim como suas regras e, claro, não podemos esperar que "esse" futebol mude.

Mas podemos propor e ver surgir uma performatividade gay-queer em campo, deixando sua marca e expressividade próprias, fazendo com que o futebol e a sociedade como um todo se vejam obrigados a encarar seus preconceitos e dogmas. Isso já está de algum modo ocorrendo quando assistimos à presença de um futebol dissidente sendo escrito pela comunidade LGBTQIA+.

4 AQUENDANDO/DESAQUENDANDO NA PESQUISA E NA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA LGBTQIA+

Proponho, portanto, uma leitura sobre modos de viver-pensar aquelas injunções que produzem conhecimento como potência de vida, oposta aos termos de gestão, controle ou tutela. Potência de vida como (micro)políticas de estranhamento e recusa aos ideais regulatórios – notadamente de gênero e sexualidade. E nesses termos, abusarei aqui das condições de possibilidades abertas à essa escrita e convido aquel_s que acompanham essa via(da)gem a pensarmos a produção de conhecimento nos termos de uma *aquendação*²⁸ epistemológica (POCAHY, 2016, p. 12-13).

4.1 Resistências e embates performativos e políticos em torno da prática futebolística LGBTQIA+

Parto do pressuposto que a experiência etnográfica aqui relatada se caracteriza enquanto um campo de experimentação, um espaço onde subjetividades foram expostas e (re)conhecidas, com suas contradições, com muitas idas e vindas. Verificamos que ao escolher etnografar o futebol praticado por membros da comunidade LGBTQIA+ muitos desafios foram identificados, revelando características próprias do grupo acompanhado e, por consequência, tornando necessário o estabelecimento de estratégias metodológicas e epistemológicas que dessem conta do que foi vivido e daquilo a ser compreendido. A fala que abre esse tópico e a linha de raciocínio que queremos levar ao leitor vão nessa direção.

Para PocaHY (2017), é assim que alguns estudos de/em dissidência têm levado adiante a ideia de campo de pesquisa como território de experimentação, espaço-tempo no qual se produzem práticas de subjetivação com suas contradições, contestações, as continuidades e as descontinuidades que incidem sobre a produção do racismo, a tutela epistêmica do corpo, a performatividade de gênero e do exercício da sexualidade. Para tanto foi importante conhecer e compreender as epistemologias feministas interseccionais, pós-coloniais e *Queers*, as quais partem do ponto de que o olhar/fazer da pesquisa é sempre engendrado na própria

²⁸ “Essa ‘invenção’ linguística é tributária do léxico afro-brasileiro e, sobretudo, da maquinaria-linguística de monas e travas. Seu uso pode indicar uma dentre as formas de resistência presentes no que podemos denominar o campo das minorias sexuais e de gênero, especialmente ao usar e abusar da polissemia que define também os seus termos de uso. É, pois, linguagem plástica para um embate duro: confronto, disputa e reinvenção linguístico-discursiva para reagir diante das interpelações injuriosas da heterocis-normatividade e do racismo. A expressão é forma usual que se pode oferecer às significações de pegar, fazer e dar atenção, no sentido mais erótico em que se possa experimentar o verbo e/ou oferecer-se à fruição dos prazeres, tem lugar nos termos subalternos experimentados pelas comunidades LGBT.” (POCAHY, 2016, p. 13)

experiência da figura/subjetividade da pessoa que produz uma certa forma de pesquisar, como sujeito de uma produção discursiva que porta as marcas de certa inteligibilidade (POCAHY, 2017).

As inteligibilidades obtidas no trabalho de campo junto aos homens gays cis, foco desse estudo, foram percebidas e mais bem compreendidas à luz não apenas dos estudiosos do campo do lazer, futebol, gênero e sexualidade, mas também a partir das falas, gestos e expressões desses sujeitos. Nesse sentido, como nos lembra Pisani e Pinto (2021), temos o corpo como um elemento central nas mais variadas modalidades esportivas e de lazer na sociedade ocidental e é a partir dele que se estabelecem trocas e sociabilidades entre os atores/atletas, bem como disputas travadas e limites físicos superados. Como verificado nesta investigação, essas disputas ultrapassam os limites dos campos de futebol, alcançando outros atores de algum modo.

Os dados obtidos nessa investigação permitiram que constatássemos a complexidade existente dentro do universo futebolístico LGBTQIA+ de Belo Horizonte. Foram verificadas práticas que aqui denominamos dissidentes, por sua natureza contestatória, que vão de encontro a uma norma única e validada, a norma cis-heteronormativa. Entretanto, na contramão do discurso daqueles que exercem e reafirmam a dominação masculina, assistimos a iniciativas como aquelas aqui observadas, por meio das quais jogadores, times e ligas LGBTQIA+ elaboram práticas discursivas que confrontam a hegemonia masculina da heteronormatividade. Mesmo com inúmeras contradições, disputas internas e externas e dificuldades de descolamento de uma prática futebolística heterossexual, além das ameaças, hostilidades e constrangimentos que dificultam sua prática, esses sujeitos têm suscitado reflexões e conseguido ampliar a visibilidade do debate sobre a homofobia e o machismo como posturas que segregam e criam obstáculos ao reconhecimento dos LGBTQIA+ no contexto do futebol.

Assim como no contexto pesquisado, De Souza (2020) esclarece que ao não performatizar integralmente o projeto da heterossexualidade, alguns jogadores ficam sujeitos à violência homofóbica, que no futebol eclode como recusa à diferença. Ela não é pontual, inesperada e nem casual, e se constitui em violências tramadas sob uma lógica de não se perder a estabilidade heterossexual emaranhada no futebol, em que a dominação masculina é a norma (ALMEIDA & SOARES, 2012).

As situações de discriminação pelas quais passam os sujeitos LGBTQIA+, praticantes ou não de futebol, partem de várias direções, podendo ocorrer no núcleo familiar e de amigos, no trabalho, nas escolas e faculdades e, no caso dos indivíduos que acompanhamos, durante os jogos de que participam, dentro ou fora de campo. Também partem de dentro da própria comunidade, onde o preconceito está longe de acabar.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender, de acordo com PocaHy (2016), que as micropolíticas, as epistemologias de mundo *Queer*, como as aqui identificadas, ensejam operar em reafirmação de que o olhar-sentir-fazer da pesquisa é desde sempre tecido em redes de saber-poder. Tais redes, em primeira instância, não podem ser pensadas sem se considerar a própria experiência da pessoa-pesquisador/a como sujeito/a de uma produção discursiva portadora das marcas de certa inteligibilidade social-acadêmica, apoiada em uma sustentação geopolítica — sem esquecer que toda epistemologia é, desde sempre, engendrada politicamente, é política, é uma ação sobre o mundo, sobre o fazermundo (POCAHY, 2016).

As contribuições teóricas de PocaHy (2016) nos ajudam a compreender o que ele chama de (Micro) políticas *Queer*: algumas das lutas empreendidas por movimentos de dissidência de gênero e sexualidade que vêm produzindo efeitos importantes e decisivos em termos de rupturas epistemológicas, notadamente por meio do agenciamento de novos planos de experimentação ético-esteticopolíticas na produção científica.²⁹ Esses movimentos têm provocado efeitos de ruptura desde a deliberada atitude de enfrentamento às *normopatias* acadêmicas,³⁰ quando fazem o enfrentamento crítico às capturas epistemológicas e às paixões institucionais pelo saber-poder-prazer (POCAHY, 2016).

²⁹ Assim, para PocaHy (2016), aliando a tais perspectivas de contestação e dissidência, desde o rastro foucaultiano que aponta para a ideia de uma distância possível em relação aos sistemas/práticas de assujeitamento e objetivação, o autor entende que essa margem de distanciamento vem sendo possível através das (des)arrumações/perturbações engendradas pelos estudos e práticas políticas — culturais, estéticas, sentimentais e eróticas — minoritárias e dissidentes que viemos denominando *queer*. Tal distância pode ser evidenciada através das estilizações da existência, lutas cotidianas e das epistemologias dissidentes que ativistas e acadêmicos *Queer* vêm movimentando face às posições de sujeito dotadas de privilégios de classe, idade, gênero, raça e sexualidade, entre outros marcadores sociais (POCAHY, 2016, p.11).

³⁰ A atitude de enfrentamento às *normopatias* científicas citadas por PocaHy (2016) se refere especialmente ao enfrentamento crítico às capturas epistemológicas e às paixões cotidianas e institucionais pelo saber-poder-prazer, estas capazes de forjar identidades e vidas a serem reguladas.

A investigação que nos propomos fazer aqui, por suas peculiaridades e achados, nos permitiu utilizar dos argumentos citados pelos estudiosos das políticas e movimentos *Queer* para que pudéssemos compreender os engendramentos e subjetividades encontrados no percurso da pesquisa. Foi possível adentrar espaços onde se aglutinavam diversos sujeitos, corpos e sexualidades, que ora se misturavam, ora se toleravam, mas conviviam no espaço de disputas de diversas naturezas.

Pocahy (2016) nos traz o conceito de heterotopias,³¹ que têm o poder de justapor em um só lugar muitos espaços, tratando-se de muitas ocupações incompatíveis entre si, pois supõem desde sempre um sistema de abertura e de fechamento que às vezes as isola e às vezes as torna penetráveis. Logo, as heterotopias produzem brechas nas formas tradicionais de espacialização do poder e de conhecimento em uma sociedade determinada (PRECIADO, 2009). E são essas brechas que já há algum tempo vêm sendo ocupadas por jogadores de futebol LGBTQIA+ ao disputarem esses espaços historicamente negados a esses sujeitos.

Os aspectos levantados nos capítulos anteriores demonstram a complexidade em torno da prática futebolística por parte de indivíduos da comunidade LGBTQIA+, no caso, jogadores do time Predadores, da cidade de Belo Horizonte. As relações que estabeleceram com outros times dentro e fora da cidade resultaram em inúmeras variáveis relacionadas a: competições LGBTs ou não; regras das competições; rotatividade de jogadores; disputas internas e externas; trajetórias de vidas e sua relação com o lazer e o futebol; preconceitos; homofobia internalizada/segredo do armário, dentre outras.

Mas também tomamos conhecimento desses sujeitos interagindo de outras formas, como nas famosas “resenhas”, nos encontros por ocasião das competições, nas viagens e nos encontros afetivo-sexuais. Aliás, como apontamos anteriormente, festa, viagens e apelo afetivo-sexual se configuraram como importantes elementos definidores das motivações em torno da prática do futebol.

³¹ As heterotopias configuram, para Foucault, aqueles espaços diferentes, os lugares outros, espécie de contestação, às vezes mítica e real, sobre o espaço onde vivemos e onde nos subjetivamos, afirma o filósofo. (POCAHY, 2016).

4.2 Aquenda/desaquenda: práticas futebolísticas LGBTQIA+ num processo de “devir”

Ao constatarmos que estamos lidando com práticas dissidentes de lazer e futebol LGBTQIA+, entendemos que estas se constituem num processo em constante construção e desconstrução, nada é dado *a priori*, pelo contrário, no caminhar dessa investigação aprendemos com os sujeitos e eles, em certa medida, puderam rever seus saberes e conhecer outros. Como nos lembra Pocahy:

A pesquisa nas dissidências parece ser nesses termos e antes de tudo dissidência em processo (de desfazimento) – em devir – eterno retorno de diferença. Seu des(a)tino é produzir movimentos de fazer-fugir, talvez não para ter um rosto, não para que permaneçamos _s mesm_s (POCAHY, 2016, p. 14).

Logo, o rastro dessas ideias leva a pesquisar-combater-resistir-desterritorializar, agenciando uma profusão de estranhamentos sobre as formas de conhecer e sobre aquilo que é possível que se possa conhecer, além de um movimento de desfazimento das certezas, inclusive suspeitando daquelas que exigem que elaboremos um caminho inteligível na pesquisa, o que denominamos método (POCAHY, 2016). A escrita desta tese se deu a partir dessa compreensão, e muitas das vezes as conversas com os sujeitos e as situações vividas junto a eles definiram os caminhos e rotas rumo a uma compreensão aprofundada.

Posto isso, apresentamos o termo “Aquendar” como forma linguística de um determinado grupo social que diz muito sobre esse grupo e possui potencial disruptivo de demonstrar resistência. Para Pocahy (2016), pensar a partir das insurgências epistemológicas *Queer*, articulando-as e recriando-as à luz do contexto sociocultural brasileiro, no caso em específico, do belo-horizontino, é um caminho para potencializar a produção de uma crítica voltada aos processos e discursos que conferem aos corpos, gêneros e sexualidades o selo de uma normalidade que é social e culturalmente construída.

Através de discursos combativos, abordagens que valorizam as histórias LGBT+ – já que ‘um dos métodos mais engenhosos desse grande sistema de dominação [a colonialidade] é aniquilar o outro pela produção de esquecimento’ (RUFINO, 2021, p. 23) – e a utilização da escrita *queer* como um espaço interdisciplinar e pessoal, talvez as vozes *queer* (e, por sua vez, todas as vozes minorizadas) encontrem espaços seguros de interação dentro da academia para pensar de forma disruptiva, não normativa e contraditória à descentralização dos pressupostos culturais dominantes, que seria uma das implicações da teoria *queer* (THULER, 2023, p. 86).

Trazer à tona as expressões LGBTQIA+ também presentes no meio esportivo e futebolístico vem junto com a noção urgente de pertencimento e existência desses sujeitos, que têm no lazer e nas práticas do futebol espaço para sua livre expressão, mesmo a contragosto de muitos. Nesse sentido, convido os leitores, quando tiverem a oportunidade, para vivenciar a experiência de acompanhar jogos e campeonatos esportivos voltados para a comunidade LGBTQIA+ e constatar o que quero dizer sobre expressões corporais e linguísticas do meio. “Aquendar”, “Desaquendar”, “Lacração/Fechação”,³² além de serem expressões corriqueiras do meio, representam muito mais, significando resistência, dissidências e visibilidade, fora e dentro do meio acadêmico.

Aquendar, para Pocahy (2016), tem um traço epistemológico e a expressão aponta para a noção de perceber, ver e conhecer, mas também de tomar uma atitude, experimentar, fazer um lance ou esconder – fazer desaparecer, sendo uma palavra em movimento de resistência, engendrando alguma curiosidade.³³ Relacionamos tal característica à iniciativa de membros da comunidade LGBTQIA+ em se apropriar dos espaços futebolísticos com suas expressões e corpos dissidentes, demonstrando seu potencial disruptivo e crítico a uma sociedade que insiste em impor padrões únicos de comportamento.

Uma fala que ocorreu na abertura da etapa sudeste da Ligay em São Paulo reforça isso que mencionamos:

Bom dia para todas e todos e todes. Eu represento um time muito especial que eu tenho: Mosqueteiros. Nós somos um time exclusivo de pessoas, recebendo pessoas masculinas homens trans e também recebendo a presença de mulheres trans e travestis, que gostaria muito que ela chegasse em mim... A gente sabe que a gente vem sofrendo muitos ataques políticos de retiradas de direito de pessoas trans no esporte, e a Ligay abrir essa competição fazendo um jogo amistoso de pessoas trans é um recado muito importante político de que os nossos corpos vão estar onde a gente quiser que estejam e a gente precisa também começar a fomentar cada vez mais equipes para que a gente saia desse lugar de fazer um amistoso, uma abertura. Para que mais pessoas trans possam competir

³²Todavia, insurgem em fecheações (no sentido de uma performance de lacração), comumente se acompanha em muitos arranjos linguísticos a ideia de lacração como algo que corresponderia (sem esgotar o termo) a uma celebração política ou prazerosa sobre algo. O corolário de um ato, gesto, postura que contentaria algumas expectativas de positividade sobre algo, mas também de abertura a outros planos de sentido e efeitos de poder ético-estético-político [...] (POCAHY, 2016, p. 15).

³³Seria talvez aquela curiosidade vadia, perdida, solta na vida. Um tipo de curiosidade que movimentaria a pesquisa no sentido em que consigamos nos perder, não aquela forma de saber-poder “que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo” (FOUCAULT, 1984, p. 15).

e se sentir pertencentes ao futebol. É uma luta especial das pessoas trans, porque a gente quer esse espaço, a gente precisa desse espaço. Mas é também de toda a comunidade LGBTQIAPN+. E eu agradeço esse espaço da Ligay. Eu acho que eu, Ligay, tenho pensado e refletido sobre esse lugar e o tema está aí para ser pioneiro nessa luta e fazer com que todas as pessoas trans possam se entender no esporte.

(D.C. Fala de abertura durante a etapa sudeste da Ligay, 07 e 08 de abril de 2023.).

O que queremos dizer é que, ao darmos voz e lugar de fala aos sujeitos LGBTQIA+ sobre suas demandas e reivindicações, reconhecemos ser essa uma ação importante para que essas pessoas tenham a noção de pertencimento e de seus direitos garantidos. Logo, Aquendar aqui tem um caráter político inspirado no que essa expressão significa junto à comunidade LGBTQIA+. De acordo com o Dicionário Aurélia, o termo vem do bajubá, significando chamar a atenção, fazer alguma função. É justamente esse movimento político que vimos ocorrer quando acompanhamos o time Predadores e outros que também participavam dos seus jogos e campeonatos. Mesmo com suas contradições e ainda em construção, esse movimento esportivo LGBTQIA+ causa estremecimento e desmobiliza a norma heterossexual, demonstrando que outros corpos e sexualidades existem e merecem os mesmos direitos. Alguns exemplos disso já comentamos anteriormente, como a competição ilustrada nas figuras a seguir.

FIGURA 32 - Integrantes de um time composto por atletas LGBTQIA+ deficientes físicos. Eles participaram da Taça da Diversidade realizada no dia 10/06/2023 na cidade de São Paulo. A competição contou com uma chave de pessoas com deficiência composta por dois times. Uma iniciativa muito importante ao incluir PCDs membros da comunidade LGBTQIA+. O time Predadores possui um atleta com deficiência auditiva que também participou dessa chave.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 33 - Time composto por homens trans que também participaram da Taça da Diversidade realizada dia 10/06/2023 em São Paulo. Eles participaram da chave trans do campeonato, a qual contou também com times compostos por mulheres.



Fonte: Arquivo pessoal.

Para Sharpe (2017), o esporte pode se transformar em veículos de resistência política ou cultural, particularmente quando as competições esportivas envolvem grupos subordinados (por exemplo, colonizados, racializados, politicamente oprimidos) jogando contra grupos que representam o poder dominante. Essa disputa

pôde ser observada nessa investigação, dentro e fora de campo. As competições e amistosos que o Predadores realizou junto a times heterossexuais se configuraram também em importantes marcadores sociais e ocupação de espaços antes impróprios às pessoas LGBTQIA+.

A fala a seguir, de um dos integrantes do time, demonstra um pouco das situações que ocorrem quando jogam com times heterossexuais:

Quando o time sabe que é um time gay que tá jogando contra eles, eles acham que é mais fácil, e eu não vejo eles tendo preconceito com a gente. Eu acho que o preconceito eles vão falar assim, 'ah, não, eu não vou jogar com esse time, porque esse time é de gay, de viado', que eles falam assim. E eu nunca presenciei assim, não. Teve situações que eu acredito que não sabiam, mas quando nós chegamos, que já aconteceu o que eu vi, no nosso time tinha vários caras mais afeminados, e que eles já chegavam dando pinta, e o povo já olhava assim: 'Ué! Ai, já tiravam uma [...] 'Esse pessoal é gay, não é?' Ele acha que deve ter mesclado, que tem gente que não é, que tem gente que é. Cultura deles acharem que é ou não. Mas tem campeonatos, tem amistosos que a gente participa, que o time já é, já fala: 'Mas é um time gay'. Já deixa claro (P. C.).

Ao serem questionados sobre já terem presenciado algum preconceito quando jogavam com times heterossexuais, alguns jogadores, como o citado acima, falaram que isso não ocorria, havendo mais a sensação de “surpresa” por parte deles. Esse mesmo jogador comentou, ainda, que essa surpresa se tornava ainda mais evidente quando eles saíam vitoriosos em partidas contra times heterossexuais, mesmo isso não ocorrendo com regularidade.

Além disso, uma das entrevistadas aponta para o fato de que essa inclusão é importante e tem ocorrido com alguma regularidade com demais times LGBTQIA+ da cidade, ao participarem de competições com times heterossexuais. Vejamos o que ela disse:

[...] você lembra, que eu te falei no início, lá com o Mano Taurus, eu falei com eles: 'Por que vocês não jogam no campeonato hétero?'. E aí eles tinham isso, mas hoje eu vejo que eles já quebraram, tanto que eu acho que Felinos participa, Inconfidentes participa, Predadores participa, entendeu? Então, se você parar para pensar, eu acho que foi mais uma evolução aí de ter o respeito. A organização, ela preza pelo respeito também. Então, só da gente ter esse apoio né, que vem de cima, de quem está organizando, já é um grande passo, porque qualquer situação que acontecer e for desagradável, você acha que a organização quer um time que eles estão apostando na inclusão também, apoiando, ou um time que não sabe se comportar? Ele vai ficar com um time que vai estar ali que ele sabe que ele pode contar entendeu? (P. JY.).

Mesmo compreendendo a existência de uma certa hierarquia quanto a quem pode ou não ser convidado para determinado campeonato, essa fala diz muito sobre as brechas que vão surgindo e sendo apropriadas por jogadores LGBTQIA+ de futebol, ao insurgirem e adentrarem um campo onde há predomínio de jogadores heterossexuais. Logo, como nos lembra Sharpe (2017, p. 923), “Negando o que é conhecido, abrimos possibilidades de imaginar o contrário e entramos em um mundo de ‘pode ser’”. E ainda, como Markula (2003) descreveu, podemos questionar a naturalidade de nossa identidade e nos reconhecer como sujeitos. É com uma agência resistente que surge a possibilidade de transgressão e o potencial para criar novos tipos de experiências subjetivas.

Ao aquendar, chamar para si, se apropriar dos espaços antes proibidos como o meio futebolístico, a comunidade LGBTQIA+ não apenas faz um movimento de resistência, mas acaba por colocar em xeque verdades absolutas e paradigmas que os impediam de serem sujeitos “ativos” no meio esportivo.

O termo oposto a *aquendar*, *desaquendar*, por outro lado, como nos explica PocaHy (2016), carrega uma interessante positividade: a ideia de abandonar algo e fazer desaparecer, esconder, desfazer-se, desapegar-se, soltar, podendo significar, ainda, escapar, fugir, fazer fugir, desfazer. Ele explica que é nesses termos que uma pesquisa com ares de (des)aquecimento pode se tornar um ato dissidente, uma perturbação nos traçados epistemológicos mais desejosos de norma e verdade, aqueles lances de conhecimento mais apaixonados e flertantes com o poder-saber e moralidades acadêmicas (POCAHY, 2016).

Logo, *desaquendar* é utilizado aqui com duplo sentido. O primeiro refere-se ao fato de termos feito uma pesquisa com ares dissidentes, trazendo experiências e abordagens diversas no trato com os sujeitos da pesquisa. O outro sentido que trazemos junto ao termo é o fato de que os dados obtidos com a experiência aqui relatada vão de encontro a toda forma de preconceito e limites impostos às pessoas LGBTQIA+ praticantes de futebol. Busca desfazer, desaparecer, fazer fugir de qualquer forma de discriminação e apagamento dentro e fora de campo.

Ao partirmos do pressuposto de que estávamos fazendo uma investigação etnográfica, tínhamos a percepção de que os acontecimentos e experiências vividas junto aos sujeitos foram ditando os caminhos dessa pesquisa, num constante devir, processo de construção e saberes a partir dos conhecimentos de investigador e investigados. Nesse sentido, os sujeitos vão se reconhecendo como protagonistas

de sua própria história. Isso pode ser percebido quando constatamos que a prática do fut 7 por homens gays cis acaba por ultrapassar os limites da quadra. Fazer parte do time requer muito mais do que saber jogar o futebol. No que se refere à apropriação de um esporte socialmente considerado masculino por sujeitos que destoam dos padrões heterossexuais, as questões de gênero estão presentes desde a admissão de um novo participante, nos jogos entre membros da comunidade ou não, se estendendo para fora de campo.

FIGURA 34 - A imagem obtida durante a Taça da Diversidade, realizada em 10/06/2023, na cidade de São Paulo. É muito comum os times participantes desses campeonatos estenderem suas bandeiras nos alambrados das quadras onde ocorrem as competições. É um importante meio de visibilidade dos times e das pautas do movimento LGBTQIA+.



Fonte: Arquivo pessoal.

Pudemos assistir algumas experiências no sentido de propor formas de inclusão da comunidade LGBTQIA+ nas práticas futebolísticas, como algumas iniciativas já citadas. Sendo assim, esse movimento aponta para inúmeras possibilidades de realização de eventos esportivos que aproximem os membros da comunidade e todos aqueles que quiserem fazer parte dessa experiência.

Outro exemplo nesse sentido foi uma competição organizada pelo time Elite, de Belo Horizonte, composto em sua maioria por homens trans e pessoas vindas das comunidades carentes, sendo um dos times LGBTQIA+ mais recentes da cidade. Denominada 1ª Copa da Inclusão, a competição ocorreu em chave única, com a participação de um time de homens trans, outro de lésbicas, dois times de gays (Felinos, Predadores) e dois times formado por heterossexuais. O time

Predadores foi o campeão da competição, e na ocasião participou, ainda, de um treino que haviam agendado (D. C. 20 de agosto de 2023).

FIGURA 35 - Flyer da 1ª Copa Inclusão, organizada pelo time de homens trans, Elite. O apoio a eventos do tipo é muito raro, e nesse caso eles tiveram o apoio da Prefeitura de Belo Horizonte, cedendo o espaço para a realização do evento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa experiência pode apontar para as inúmeras possibilidades de competições LGBTQIA+ de futebol, onde todos saem ganhando. Pretendemos, assim, superar o uso estereotipado das categorias associadas à questão do gênero (homem/mulher, masculino/feminino etc.), mostrando, por meio da etnografia, a maneira como indivíduos concretos experimentam e significam a participação no jogo (Damo, 2007).

Essas mudanças no processo de reconsideração sobre a presença de outros corpos nas arenas esportivas são instigantes, uma vez que não dizem respeito apenas a fenótipos, genótipos, formas corporais ou orientações sexuais, como ressalta Camargo e Altmann (2021).

Elas abrem possibilidades analíticas de pensar o próprio esporte e sua estrutura, que se mantém binária na prerrogativa categorial, capacitista

(privilegiando corpos sem deficiências), cis-heteronormativa (que toma a cisgeneridade e a heterossexualidade como normas). A partir disso, talvez se possa pensar que o regime de controle heteronormativo, corponormativo e patriarcal que sustenta o esporte esteja com seus dias contados (Camargo; Altmann, 2021, p. 02).

Os dados obtidos nessa investigação etnográfica apontam para novos rumos possíveis que o esporte como o conhecemos possa tomar, uma vez que as situações aqui descritas e o contato próximo com membros da comunidade LGBTQIA+ praticantes de futebol têm resistido aos percalços e demonstrado uma experiência de esporte e lazer mais inclusiva. Logo, as perspectivas teóricas modernistas conceituam a resistência como tendo dois elementos principais: ação e oposição (Hollander e Einwohner, 2004), ou seja, a resistência é uma atividade: é “uma ação social que é realizada em algum tipo de relação de oposição ao poder” (Johansson e Vinthagen, 2015, p. 109).

Talvez, o que esteja em jogo é pensar, no limite, novas possibilidades de práticas esportivas e futebolísticas, para podermos pensar em novos modelos de esporte. Entretanto, como esclarece Camargo (2016), ao se referir aos atletas LGBT, a maioria apresenta certa resistência em propor “práticas alternativas” em seus cenários esportivos e acredita não ser produtivo generalizar tal termo para eles. Há forte sentimento assimilacionista com relação ao esporte *mainstream* e uma reprodução fidedigna de técnicas corporais, quando lançam mão de práticas corporais hegemônicas para angariar reconhecimento e legitimidade (Camargo, 2016). Tal fato foi percebido também nessa investigação, quando acompanhamos os jogos e campeonatos dos quais o time Predadores participou, demonstrando a dificuldade de se descolar de um modelo esportivo cis-heteronormativo. No entanto, acredito não haver problema nenhum nisso, uma vez que as práticas esportivas que conhecemos são produto de nossa cultura, assimilada durante toda nossa vida.

Por outro lado, como ressalta Nascimento (2020), é importante que se diga que na era moderna a retomada do Jogos Olímpicos tem, em seus princípios do esporte, a justiça e o desenvolvimento social. Contudo, a lógica do poder normativo ainda explicita aspectos de desigualdade de oportunidade e de competição injusta pelas capacidades materiais, técnicas, políticas, históricas e estruturais entre os países, devido à própria história da sociedade moderna (Nascimento, 2020). A suposta universalidade das regras esportivas esbarra nas condições socioeconômicas de alguns países e seus indivíduos, o que impede que muitos não

tenham as mesmas oportunidades que aqueles atletas ou esportistas de países economicamente mais desenvolvidos possuem.

Ao tratarmos de sujeitos que têm histórico de preconceito e apagamento, a participação em atividades esportivas fica ainda mais restrita. Quando assistimos à realização de competições futebolísticas voltadas para o público LGBTQIA+, elas ocorreram por iniciativa desses indivíduos, e não por incentivo de poder público ou instituições privadas. Pelo contrário:

As formas dissidentes são consideradas perversões ao modelo natural. As vidas que se encaixam nesta descrição não são convidadas a participar do banquete da humanidade. Não recebem o mesmo tratamento destinado aos humanos, sendo submetidas a formas de desqualificação, discriminação, estigmatização, negação de direitos, violências e, inclusive, à morte (Peres; Lopes; Sales, 2021, p. 313).

Ao tratarmos aqui do lazer e do futebol dissidente, trazemos à tona seus corpos, expressões linguísticas e sexualidade dissonantes, que têm reivindicado para si a prática do futebol como seu espaço por direito. Sendo assim, “Para existir, o futebol se relaciona tanto com estruturas de poder já estabelecidas quanto com grupos dissidentes, que almejam sua transformação” (Gomes, 2020, p. 72).

Por conta das inúmeras variáveis encontradas nessa investigação etnográfica, tivemos que nos reinventar, buscando instrumentos e categorias epistemológicas que nos ajudassem na compreensão do fenômeno investigado.

Aquendendo e desaquendendo as/nas brechas e com o que e quem escapa, a pesquisa na/da bagaça nos convoca a ousarmos pensar outramente, perturbando e colocando os termos da produção do conhecimento fora do lugar central de hierarquia epistemológica, deciframento, tutela ou normopatia acadêmica (Pocahy, 2016, p. 23).

A partir disso, tivemos a convicção de que o campo pesquisado dos “múltiplos futebóis” é colonizado, cada vez mais, por um conjunto de pessoas que encampam distintas expressões de gênero e que as usam para agregar saber sobre si (CAMARGO, 2021). As inúmeras competições e times LGBTQIA+ estão se espalhando pelo país, deixando sua marca por onde passam, mas principalmente conquistando um espaço que foi por muito tempo negado a esses sujeitos.

Esses atores elaboram estratégias de resistência que os possibilitam apropriarem-se das práticas futebolísticas e, assim, tensionar tais normas reguladoras dos corpos e subjetividades que adentram tal campo, bem como ressignificar o sentido de jogar bola e pertencer a uma equipe de futebol (Pissani; Pinto, 2021). Esse sentimento de pertencimento foi algo visível no acompanhamento

feito nessa pesquisa, o que muitas das vezes motivava os jogadores a não desistirem diante das dificuldades que surgiam. E elas não eram poucas, como pudemos apontar aqui.

Apesar das adversidades, pode-se argumentar que a resistência não é apenas um conceito relevante para a compreensão do lazer, como o aqui descrito, mas é um conceito otimista e instigante. Nesse sentido, busca-se “Concentrar a atenção na mudança social, na equidade e nas possibilidades de empoderamento” (Shaw, 2006, p. 543). Embora o lazer claramente não seja uma ferramenta simples que possa ser usada para provocar mudanças sociais, diferentes formas de resistência são possíveis por meio da reivindicação do direito ao lazer e do envolvimento em tipos específicos e potencialmente empoderadores de práticas de lazer, como ressalta Shaw (2006). Logo, “Uma maior atenção à ideia de resistência pode, assim, melhorar nossa compreensão das maneiras pelas quais o lazer pode ser um componente importante da mudança social e da transformação social” (Shaw, 2006, p. 543).

A partir dos dados obtidos e da imersão junto aos jogadores do time Predadores, foram apontadas algumas possibilidades instigantes e inspiradoras quanto à prática do futebol pelas pessoas LGBTQIA+. Os treinos que pude acompanhar, assim como os jogos dos quais o time participou, trouxeram elementos importantes que lançam luz sobre o futebol como o conhecemos e para além. Abaixo, listamos algumas perspectivas nessa direção, muitas das quais já citadas anteriormente, que apontam para um devir interessante para uma prática futebolística mais inclusiva.

- A realização de intercâmbios entre times LGBTQIA+ e heterossexuais e a ocupação desses espaços podem auxiliar a quebrar barreiras que impedem uma convivência pacífica e respeitosa, apontando para uma sociedade sem preconceitos e qualquer tipo de violência quanto a indivíduos que destoam da norma cis-heteronormativa.

- A realização por parte do poder público de iniciativas e políticas que favoreçam membros da comunidade quanto à participação esportiva, oferecendo não apenas espaços e ambientes seguros, mas uma infraestrutura que incentive a prática do futebol e de mais modalidades esportivas.

- Criação de um selo para parceiros como empresas e pessoas jurídicas ou físicas, que incentivam e apoiam eventos e políticas públicas e privadas voltadas para o esporte e lazer da população LGBTQIA+.
- Chamar todos os membros que compõem a sopa de letrinhas LGBTQIA+ para uma escuta sobre suas demandas e peculiaridades. O Cellos-MG (Centro de Luta Pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais), entidade que luta pelos direitos da comunidade em todo estado, tem feito ações nessa direção e no sentido de pautar o esporte e o lazer enquanto um direito social. A organização tem oferecido espaços de escuta e reivindicado junto a parlamentares por emendas que incentivem a prática esportiva da comunidade LGBTQIA+. Os dados sobre isso são bem promissores.
- A realização de competições que busquem incluir o maior número de sujeitos e diversidade, algumas aqui descritas, é importante no sentido de uma inclusão necessária. Os exemplos de competições como as aqui descritas foram tentativas nessa direção, mas que ainda estão em processo de amadurecimento e avanços mais significativos.
- Faz-se necessário uma formação para e pelo lazer, numa perspectiva que leve os sujeitos da comunidade LGBTQIA+ a encará-lo enquanto um direito de todos. Nesse sentido, uma formação mais ampla é importante, principalmente sobre temas latentes, como: homofobia internalizada e o segredo do armário; direitos LGBTQIA+; formação política; políticas públicas para o setor; advocacy³⁴; gestão de projetos e de entidades da sociedade civil etc.

Vislumbramos um potencial disruptivo promissor daqui para frente quando nos referimos às práticas futebolísticas e esportivas da comunidade LGBTQIA+. A experiência aqui relatada nos dá esperança nesse sentido. Vamos ao trabalho!

³⁴ [...] advocacia e advogar, em português, referem-se fundamentalmente a atividades de natureza legal ou jurídica. Preferimos traduzir advocacy como defender e argumentar em favor de uma causa, uma demanda ou uma posição. Isso porque advocacy tem um significado mais amplo, denotando iniciativas de incidência ou pressão política, de promoção e defesa de uma causa e/ou interesse, e de articulações mobilizadas por organizações da sociedade civil com o objetivo de dar maior visibilidade a determinadas temáticas ou questões no debate público e influenciar políticas visando à transformação da sociedade (LIBARDONI, 2000, p. 208).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de uma etnografia LGBTQIA+ nos possibilitou apontar para práticas futebolísticas mais inclusivas, diversa e possíveis. Ao exporem seus corpos, desejos, expressões e sexualidade dissidente, esses indivíduos acabam por borrar as certezas dentro e fora do campo futebolístico, reivindicando para si o direito ao esporte e lazer e indo além, ao apontarem para uma existência e pertencimento de pessoas normalmente invisibilizadas e abjetas. Quem diria que no futebol isso também seria possível? Pois está sendo, num devir... (Nogueira Júnior, 2024).

Quando resolvi fazer este projeto, lá nos idos do ano de 2019, muitas eram as dúvidas, ansiedade e curiosidades investigativas, mas de uma coisa eu estava decidido: abordar a problemática da participação de pessoas LGBTQIA+ no meio esportivo, em especial no futebol. Ao relatar minhas motivações e fazer um resgate de minha trajetória de vida com a prática do futebol, muitas questões vieram à tona e contribuíram na definição do problema e objeto dessa investigação. E muitas certezas foram postas à prova, desconstruídas e algumas abandonadas.

A presença das pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e travestis, *Queer*, Intersex, Assexuados, Pansexuais, Não binários) no universo esportivo aos poucos tem feito seu “*coming out*” (saída do armário), a despeito de inúmeras forças políticas, sociais, religiosas e econômicas, dentre outras, que a todo instante impedem que esses indivíduos possam exercer seus direitos, inclusive aqueles relacionados ao esporte e lazer.

Por isso, a presença das pessoas LGBTQIA+ nesses espaços exerce um importante papel social ao ocupar os espaços rígidos, doutrinários, preconceituosos e binários no esporte. Os sujeitos aqui focados elaboram, como nos lembra Camargo (2020, p. 601), “(...) a partir das próprias existências de suas manifestações esportivas, questões políticas mais profundas, que certamente impactam o esporte e o futebol de alguma forma.”

Entretanto, as resistências institucionais e sociais crescem em proporção aos avanços e iniciativas provocadas pelos grupos à margem da sociedade. Para Pinto e Almeida (2014), o esporte e, mais especificamente, o futebol ainda têm se revelado um reduto do preconceito aos homossexuais, uma vez que quanto mais a sociedade

se constrói no respeito ao diferente, mais nítida fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol.

A abordagem etnográfica aqui realizada foi apropriada para levar em frente esta investigação voltada para o público LGBTQIA+ e o futebol, buscando compreender tal fenômeno e os significados e sentidos que os atores colocam e utilizam em sua relação com o esporte. Pensando nos atores desse estudo, a etnografia aqui descrita foi uma construção narrativa num dado tempo e lugar, tendo a clareza de aceitar os limites do que consegui achar e os caminhos que ela me revelou. Os resultados encontrados são válidos visto que são considerados a partir dessa experiência.

Ao fazer um traçado socioeconômico dos sujeitos da pesquisa, assim como sua relação com o futebol em suas trajetórias de vida, verificamos que a prática se configurava um espaço/tempo de lazer, onde questões como sexualidade e sua relação com o esporte muitas das vezes se colidem, não da melhor forma e envoltas, em certa medida, a preconceitos, violência física e simbólica.

Ao chamarmos de Lazer Dissidente a experiência aqui descrita, nos referimos a expressões de lazer que vão de encontro àquelas oriundas de modelos heteronormativos. Portanto, tratamos aqui de corpos que desafiam os binarismos entre masculinidade e feminilidade, entre homem e mulher e, conseqüentemente, desafiam a cultura heterossexual dominante, pois tornam não essenciais modelos considerados naturais e universais. Falamos de sujeitos que também vivenciam, ao seu modo, o lazer e seus corpos, expressões faciais, verbais e sexualidade, e acabam por produzir práticas de lazer que se chocam com aquelas normalmente aceitas.

Entretanto, isso não ocorre sem conflitos com a realidade, uma vez que essas identidades que questionam e expõem os limites dos discursos de gênero são justamente as resistências, e também se configuram nos espaços de esporte e lazer. É o que pudemos verificar na investigação aqui descrita, na qual sujeitos da comunidade LGBTQIA+ acabam por consolidar a cada dia uma maneira própria de vivenciar o lazer e o futebol, com todas as contradições e idiosincrasias presentes, próprias de fenômenos sociais que se constituem num determinado tempo e lugar, num devir.

As iniciativas da comunidade LGBTQIA+, no sentido de também usufruírem as práticas futebolísticas como a aqui descrita, tensionam o espaço futebolístico,

conferindo um terreno fértil de disputas. Nessa direção, começaram a surgir desde 2017, com a realização da 1ª edição da Ligay, iniciativas de pessoas da comunidade interessadas na prática da modalidade, algo que teve um começo tímido e que logo tomou conta de muitas cidades pelo país. Há registro de que o Brasil possui mais de 80 times de futebol LGBTQIA+ em atividade. E times de Belo Horizonte estavam lá presentes e hoje se consolidaram no meio futebolístico, com seus jogos e calendários próprios.

As motivações pela prática futebolística apontadas pelos indivíduos investigados neste estudo apontam questões afetivo-sexuais, assim como a festa, ambiente familiar e acolhedor, como importantes elementos para que eles se mantenham na prática da modalidade, se constituindo como legítimos. Ao analisarmos a dimensão simbólica do ritual de preparação e participação nos jogos, o que está em jogo, dentro e fora do campo, é a constituição de um espaço de lazer próprio desses sujeitos, acrescido das vivências comuns nesses espaços. Logo, essas pessoas acabam por instaurar uma certa rebeldia no meio futebolístico quando praticam a modalidade com seus corpos e desejos dissidentes.

Os aspectos aqui percebidos durante o acompanhamento do time Predadores são reveladores pois mostram que, ao se interessarem pela prática futebolística, os membros da comunidade LGBTQIA+ têm enfrentado inúmeros desafios que os colocam frente a frente a uma sociedade ainda muito preconceituosa. Ainda assim, o estudo revela idiosincrasias e incoerências, uma vez que se trata de pessoas, antes de tudo, que são influenciadas por uma variedade de instituições sociais, mas que mesmo assim se impõem quando se veem ameaçadas em seu direito de também praticar o futebol.

Nesse sentido vem à tona aspectos relativos a uma masculinidade esperada no meio futebolístico e mesmo fora dele. Damo (2002) nos lembra que a masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol, uma vez que, além de habilidades do jogo, se exige que os atletas apresentem outras qualificações, como atributos técnicos. Tal aspecto influencia diretamente a forma como alguns jogadores LGBTQIA+ vivenciam o futebol, gerando conflitos internos e a necessidade por parte deles de, na maior parte das vezes, se adequarem ao meio futebolístico.

Ao mesmo tempo que propicia espaço para homossociabilidades, a prática futebolística se constitui também num espaço onde se faz presente uma

heteronorma que se reflete desde as condutas masculinas esperadas em campo enquanto as hegemônicas, passando pelas regras e na seleção da arbitragem, dentre outros. Logo, a masculinidade tipicamente encontrada no caso específico do futebol é centrada em torno da heterossexualidade e hipermasculinidade, que resulta na subordinação daqueles que não se conformam a esses valores (Cleland, 2014).

Mas podemos propor e ver surgir uma performatividade gay-queer em campo, deixando sua marca e expressividade próprias, fazendo com que o futebol e a sociedade como um todo se vejam obrigados a encarar seus preconceitos e dogmas. Isso já está de algum modo ocorrendo quando assistimos a presença de um futebol dissidente sendo escrito pela comunidade LGBTQIA+.

A partir dos dados obtidos e a imersão junto aos jogadores do time Predadores da cidade de Belo Horizonte, podemos apontar algumas possibilidades instigantes e inspiradoras quanto à prática do futebol pelas pessoas LGBTQIA+. Podemos citar: a realização de intercâmbios entre times LGBTQIA+ e heterossexuais que contribuem para a quebrar barreiras que impedem uma convivência pacífica e respeitosa; a importância de chamar todos os membros que compõem a sopa de letrinhas LGBTQIA+ para uma escuta sobre suas demandas e peculiaridades quanto à prática de esporte e lazer; realização de competições que busquem incluir o maior número de sujeitos e diversidades, algumas aqui descritas.

É de fundamental importância criar políticas públicas voltadas para esses indivíduos que os incluam em atividades esportivas e de lazer; formação em políticas públicas de esporte e lazer, em advocacy, gestão de projetos e organizações interna voltados para aqueles indivíduos interessados e à frente dos times LGBTQIA+ hoje existentes.

Foi possível constatar que não apenas as pessoas LGBTQIA+ gostam de futebol, mas praticam a modalidade e tem seu time do coração. Percebemos que todos os percalços e dificuldades pelos quais o time passa para continuar suas atividades e participar dos jogos não os impedem de praticar o futebol. Isso ocorre, em parte, por poderem praticar a modalidade em locais seguros e acolhedores, mas é a paixão pela modalidade que os une. Nesse sentido, mesmo sem a compreensão acerca do alcance e da importância política e social do que estão realizando, esses indivíduos acabam por deixar a sua marca no meio futebolístico, forçando-o a rever seus paradigmas, rumo a práticas esportivas nas quais outros corpos e sexualidades

dissonantes tenham espaço, dentro e fora de campo, sem qualquer tipo de preconceito.

Nessa investigação, conhecemos homens gays cuja história de vida está atrelada ao futebol, uma paixão que os move. A pesquisa percebeu que os sujeitos continuaram a prática da modalidade em suas trajetórias de vida, algumas vezes se adequando e sublimando sua sexualidade e em outros momentos buscando ao seu modo e a partir de suas possibilidades. E contra todas as probabilidades, esses sujeitos resistiram e começaram a apontar caminhos para que os preconceitos sejam dissolvidos, se não por completo, num devir cujos frutos serão colhidos pelas gerações seguintes.

Os dados obtidos nessa investigação etnográfica apontam para novos rumos que o esporte como o conhecemos pode tomar, uma vez que as situações aqui descritas e o contato próximo com membros da comunidade LGBTQIA+ praticantes de futebol, mostra que, mesmo contra algumas probabilidades, esses sujeitos têm resistido aos percalços e demonstrado uma experiência de esporte e lazer mais inclusiva e possível. O que vimos foi um futebol e um lazer dissidentes, que vão de encontro à norma heterossexual vigente. As pessoas LGBTQIA+, com seus corpos, identidades e sexualidades dissonantes, adentram o campo futebolístico, reivindicando para si a prática da modalidade. Obviamente isso ocorre, muitas das vezes, por meio da adaptação às regras da modalidade e pela adoção de posturas muito características de uma masculinidade associada a padrões que estimulam e esperam uma violência e uma agressividade tipicamente vistas em jogos de futebol heterossexual. Entretanto, ao realizarem campeonatos especificamente voltados para a comunidade com formas de disputas mais inclusivas, acabam visibilizando sexualidades e identidades num ambiente seguro e de respeito, apontando para as inúmeras possibilidades por vir. A partir disso, saliento que mais estudos como o aqui realizado devem ser feitos em outras cidades e com demais times de futebol LGBTQIA+, alargando a compreensão sobre o fenômeno.

Estou certo de que tanto sujeitos quanto pesquisador saem de algum modo mudados, influenciados e embebidos dessa experiência etnográfica. Foram muitos os momentos de inquietação, questionamentos e incertezas, mas também muitos foram os momentos de perplexidade, admiração, alegrias, troca de afetos e saberes. E parte do resultado disso pôde ser aqui descrito, possibilitando a construção de outros saberes, num “fazermundo” de outros mundos possíveis.

EPÍLOGO



A experiência

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, como bem nos lembra Larrosa (2002). Interromper, parar, observar e escutar... A experiência com essa pesquisa me permitiu, dentre outras coisas, confirmar o alcance que o futebol tem nos corações e mentes de nossa gente e seu poder de influenciar gerações. Apesar de não ser um dos inúmeros torcedores tão presentes no Brasil afora, vivenciar o futebol praticado e vivido pela população LGBTQIA+ mostrou-me mais uma oportunidade que a modalidade apresenta no sentido de quebrar preconceitos e dogmas, pela simples presença dos membros dessa comunidade em campo, com seus corpos e expressões dissonantes.



Trajectoria da Etnografia

01 Em 2019 acontece o primeiro contato com o time Predadores.

02 No ano de 2022 me apresento ao presidente e a proposta da pesquisa.

03 Em 2023 inicia o acompanhamento ao time.

04 Em setembro de 2023 faço o último acompanhamento ao time

www.yourwebsite.com

Destaques Predadores

Em abril de 2023 o time participa da Etapa sudeste da Ligay.

Em setembro de 2023 o time consagra-se campeão do Campeonato Mineiro LGBTQIA+.

Em agosto de 2023 o time vence a I Copa da Inclusão realizada pelo time Elite.

Próximos passos...

AFETOS

TROCAS



SlidesPro.cc

CARNAVAL 2023



CAMPANHA DO AGASALHO 2023



RESENHAS



SlidesPro.cc

Atualizando...

2022

Nesse ano é criado o time Elite, formado por homens trans. Atualmente tetam manter suas atividades, Incentivando o futebol nas comunidades carentes da cidade.

2023/24

O time Mano Tauros se mantem em atividade, agregando jogadores de outros times. Os times Incofidentes e Felinos também seguem com seus treinos

Bharbixas

Um dos precursores do futebol LGBTQIA+ em BH, hoje o time se dedica a outras modalidades como o voleibol

2024

Atualmente o time Predadores mantem seus treinos e jogos. Elaboração projetos de apoio à pratica futebolística LGBTQIA+ e de outras modalidades

COM A PALAVRA...

1. P. R.
Mas que te falo com propriedade que a cada dia que passa, eu vejo melhoras. Eu não vejo as coisas piorando

2. P. B.
Você abriu as portas da academia para a gente e eu acho que isso vai ser muito importante porque futuramente, João vai ser muito citado em futuros trabalhos, pesquisadores também.

3. P. C.
Com a entrevista eu vi que nem eu mesmo estou fazendo questão tanto da parte da inclusão e é uma coisa que eu era mais presente no início...

4. P. A.
E outra questão também é a participação mais do predadores em criar movimentos de luta.

5. P. MP.
Sim, porque você abordou temas que às vezes a gente faz ou não faz ou passa muito despercebido.

6. P. JY.
Então, uma pesquisa ela faz você refletir com as perguntas que você fez, faz refletir e eu acredito que isso também possa com as minhas respostas e eu ouvindo respostas dos outros...



UM CONVITE...

1 **P. C.**
E além de ser um espaço legal que você pode conhecer novas pessoas, você vai praticar o esporte que você às vezes tem vontade mas não tem um espaço que você que te apoie, te acolhe...

2 **P. A.**
Eu acho assim, se tem vontade, vem. Vem para praticar o esporte que quer, o esporte que gosta. E o principal é vim de coração aberto. E que, assim, o esporte ele transforma a vida da gente

3 **P. F.**
E uma luta não desista. Consegue sim vai com paciência. Organização e pensar é fazer caminho certo...

4 **P. H.**
Olha, o Predadores é um time que vai receber qualquer um. Aquele que tiver a fim de conhecer o Predadores, que tiver a fim de participar, pode ir lá

5 **P. MP.**
Você que nunca jogou bola, pode vir, que às vezes você descobre um talento aí guardado, igual a gente tem.

6 **P. JY.**
Bom, o predadores é o melhor de Minas tá (risos). Então, assim, pode vir fazer parte da nossa equipe e todo o nosso elenco. Vai ser muito bem recebido, o clima é excelente

7 **P. N.**
Para você que gosta de futebol, ou você que até gosta de resenha, de estar num ambiente, principalmente nosso, LGBT, porque a gente não tem só jogadores, a gente também tem torcedores que acompanham o time, a gente está nessa luta diária de levantar esse futebol LGBT, mostrar que o futebol é para todos, gays, trans, Então eu garanto que vocês não vão se arrepender. É um caminho sem volta, digamos assim.

7 MOTIVOS PARA FAZER PARTE DO TIME.

SlidesPro.cc

“Ao exporem seus corpos, desejos, expressões e sexualidade dissidentes, esses indivíduos acabam por borrar as certezas dentro e fora do campo futebolístico, reivindicando para si o direito ao esporte e lazer e indo além, ao apontarem para uma existência e pertencimento de pessoas normalmente invisibilizadas e abjetas. Quem diria que no futebol isso também seria possível! Pois está sendo, num devir...”



CONTINUA...

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Comissão aprova pena para casos de racismo em eventos. **Senado Notícias**. Brasília, nov. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/11/08/comissao-aprova-pena-para-casos-de-racismo-em-eventos-esportivos>. Acesso em 17 mar. 2024.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, p. 47-61, 2012.

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 301-321, jan.- mar. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20826/17386>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; DIAS, Cleber. Lazer: um direito de todos. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v.8, n.23, p. 63-86, set.-dez. 2013.

ANJOS, José Luiz dos; SANETO, Juliana Guimarães; TAVARES, Otavio Guimarães. Futebol e Sociabilidade: faces tradicionais e modernas de um clube de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 107-127, jan-mar. 2012.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. Orientadora: Silvana Vilodre Goellner. 2018. 391 f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ANDERSON, E. Masculinidades e sexualidades nas culturas esportivas e físicas: três décadas de pesquisa em evolução. **Journal of Homosexuality**, Bethesda, v. 58, n. 5, p. 565-578, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21534070/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. São Paulo: Annablume, 2017.

_____. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017.

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/33502/23086>. Acesso em: 19 ago. 2018.

AVRITZER, Leonardo. Um desenho institucional para o novo associativismo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 39, 1997.

BALZANO, Otávio Nogueira; SILVA, Gilberto Ferreira da. Futebol, a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, [s.l.], v. 10, n. 38, p. 314-328, 2018.

BANDEIRA, G. A. **Do olímpico à arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. Orientador: Fernando Seffner. 2017, 342 f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BANDEIRA, Gustavo Andrada Bandeira; SEFFNER, Fernando. Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 29, p. 246-270, 2013.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets. Revue électronique d'études françaises de l'APEF**, [s.l.], n. 1, p. 451-461, 2009.

BONIN, Iara Tatiana *et al.* Por quê Estudos Culturais?. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, 2020.

BORGES, Paulo Agrizzi *et al.* Distribuição e qualidade de espaços públicos para a atividade física de lazer em uma capital do Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 28, p. 1-9, 2023.

BRASIL. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 jun. 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14597.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que Importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

_____. **El Género en Disputa**: El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós. 2007.

_____. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

_____. **Corpos que Pensam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In. LOURO, Gaucira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias das sexualidades. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. **Análise social**, Lisboa, v. 46, n. 99, p. 237-259, 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier de; ALTMANN, Helena. Deslocamentos políticos e de gênero no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021.

CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Esporte LGBT e condição pós-moderna: notas antropológicas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 10, n. 97, p. 271-289, 2009.

_____. Competições Esportivas Mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 03, p. 977-1003, 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais: Etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, 2016.

_____. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018.

_____. A Champions Ligay e a colonização do futebol. **Ludopédia**, nov. 2018. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-champions-ligay-e-a-colonizacao-do-futebol/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

_____. Dimensões de Gênero e os muitos futebóis no Brasil. In. GIGLIO; PRONI (org.). **O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

_____. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021.

CARRINGTON, B. Sport, masculinity, and black cultural resistance. **Journal of Sport & Social Issues**, [s.l.], v.22, n.3, p. 275–298, 1998.

CARVALHO, Beatriz Leme Passos. **Associativismo, lazer e esporte nos clubes sociais de Campinas**. 2009. Orientador: Jorge Sergio Perez Gallardo. 2009. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

CASTRO, Christiano Machado; CADETE, Matilde Meire Miranda. Da origem e história do futebol amador em comunidade de vulnerabilidade social: uma incursão na literatura. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, [s.l.], n. 4, 2019.

CEDRO, Marcelo. Pesquisa social e fontes orais: particularidades da entrevista como procedimento metodológico qualitativo. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, n. 1, p. 125-135, mar. 2011.

CESAR, Maria Rita de Assis. Gênero, pós-estruturalismo e educação: identidades, para quê? In. LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Saete.

Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares. Curitiba: EDUTFPR, 2016, p.147-163.

CLELAND, J. Association Football and the Representation of Homosexuality by the Print Media: a case study of Anton Hysén. **Journal of Homosexuality**, Londres, v. 61, n. 9, p. 1269-1287, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918369.2014.926765>>. Acesso em 10 maio 2024.

CHAMPIONS LiGay: BH, recebe, pela primeira vez, campeonato brasileiro de futebol LGBT. **BHAZ**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/2019/09/10/champions-ligay-lgbt-bh/>>. Acesso em 12 nov. 2019.

CHAMPIONS LiGay. In: **Wikipédia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Champions_Ligay>. Acesso em 26 jul. 2021.

CHEIBUB, Bernardo Lazary. As contribuições da produção científica para o entendimento do lazer como direito social. In. GOMES; ISAMAYA (org.) **O direito social ao lazer no Brasil**, Campinas: Autores Associados, 2014, p. 201-227.

COLLING, A. M., TODESHI, L. A. (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2ª.ed.-Dourados: Ed. Universidade Federal de Grande Dourados, 2019.

CONNELL, R.W. **Gênero e poder**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. An Iron Man: The Body and some Contradictions of Hegemonic Masculinity. In: MESSNER, M.; SABO, D. (Org.). **Sport, Men and the Gender Order**. Champaign: Human Kinetics Books, 1990.

_____. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Francisco Ângelo; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira (Org.) **Futebol Fato Social Total**. Belo Horizonte: Editora FALE/UFMG, 2020.

DA CRUZ SANTOS, Flávia. Procurando o lazer na constituinte: sua inclusão como direito social na Constituição de 1988. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1305-1327, 2014.

DAMATTA, R. **Universo do Futebol:** Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: **Verso & Reverso**. São Leopoldo, n. 34, p. 79-88, 2002.

_____. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Gênero**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 135-150, 2007.

_____. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da Fifa para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Razón y Palabra**, Monterrey, n. 69, p.1-35, 2009.

_____. Futebóis: apresentação. Belo Horizonte: **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 3-9, 2018.

_____. Futebóis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. Belo Horizonte: **FuLiA / UFMG**, v. 3, n. 3, 2018.

DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. In. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-44, 2000.

DA SILVA, Priscila Pinto Costa *et al.* Práticas corporais, comportamento desviante e consumo de álcool e drogas: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 53, p. 226-247, 2018.

DE QUEIROZ, F. P.; DA SILVA, S. R. Lazer, economia e futebol: as mudanças na precificação do ingresso no estádio Mineirão entre 1994-2018. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.8, n.2, p.76-93, mai./ago., 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil mesetas**: capitalismo y esquizofrenia. Valencia: Pre-textos, 2002.

DE SOUZA, Daniel Cerdeira *et al.* A produção literária sobre homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. Cuiabá, v. 2, n. 01, p. 171-189, 2019.

DE SOUZA, Daniel Cerdeira. Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, v. 9, n. 2, p. 222-231, 2020.

DELEUZE, G. y GUATTARI, F. **Mil mesetas**: capitalismo y esquizofrenia. Valencia: Pre-textos. 1988.

DEVIDE, F. P. *et.al.* Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar, 2011.

ANJOS, Luiza Aguiar. Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet. 2013, 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

ANJOS, L. A.; SILVA JUNIOR, J. A. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. **Mosaico**, Vassouras, v. 9, n. 4, p. 214-131. 2018.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

DUMAZEDIER, Jofre *et al.* Lazer: valores residuais ou existenciais? In: **História dos Costumes**. Lisboa: Estampa, 2002, p. 147-222.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p.105-115, jan./fev.mar./abr. 2004.

FIGARI, C, DIAZ-BENITES, M. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond; 2009.

FIGARI, C. **Eróticas de la disidencia en América Latina**: Brasil, siglos XVII al XX. 1a ed. Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad, 2009.

FOULCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984, 13ª ed.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? : pequeno esboço para uma história das mulheres no futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, p. 315-328, 2005.

GALIMBERTI, U. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

GEERTZ, Clifford. Thick description: toward on interpretive theory of culture. In: **The Culture Geography Reader**. Routledge, 2008, p.41-51.

_____. **El Antropólogo Como Autor**. Barcelona, Paidós, 2010.

GOMES, Ana Maria R.; FARIA, Eliene Lopes. Etnografia e Aprendizagem na Prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, p. 1213-1228, 2015.

GOMES, C. L. Lazer: Necessidade Humana e Dimensão da Cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, C. L.; AMARAL, M. T. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, Christiane Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **O Direito social ao lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2015.

GOMES JÚNIOR, L. M. **Apareceu o Margarida**: liminaridades e masculinidades no futebol. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

GOMES, V. A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. **Futebol Amador**: campo emergente de sociabilidade, 2002, 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

HARPER, Douglas. **Les Vagabunds du Nord-Oust Américain**. Paris: Logique Sociales, 1998.

HOLLANDER, J. A., & EINWOHNER, R. L. Conceptualizing resistance. **Sociological Forum**, [s.l.], v. 19, n. 4, p. 533–554, 2004.

IWAMOTO, Thiago Camargo. **A repercussão da inclusão de pessoas transexuais no esporte**: o discurso nas redes sociais sobre o caso da jogadora Tiffany. 2019. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

JOHANSSON, A., & VINTHAGEN, S. Dimensions of everyday resistance: The Palestinian Sumūd. **Journal of Political Power**, [s.l.] v. 8, n. 1, p. 109–139, 2015.

JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto; POCAHY, Fernando Altair. Dissidências epistemológicas à brasileira: uma cartografia das teorizações queer na pesquisa em educação. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 42, n. 3, p. 608-631, 2017.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, p. 131-142, 2003.

LANCE. A dura realidade dos times de futebol LGBT na luta pela sobrevivência. **Revista Lance**. Rio de Janeiro, mar. 2020. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/dura-realidade-dos-times-futebol-lgbt-luta-pela-sobrevivencia.html>>. Acesso em 24 mar. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.19, jan./abr., 2002.

LIBARDONI, Marlene. Fundamentos teóricos e visão estratégica da advocacy. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 02, p. 207-221, 2000.

LIGAY Nacional de Futebol. **SporTI**. Apresenta notícias sobre a liga. Disponível em: <<https://plataforma.sporti.com.br/LIGAY>>. Acesso em 04 abr. 2024.

LOPES, Herbert de Proença; PERES, William Siqueira; SALES, Adriana. Prazeres, práticas sexuais e abjeção: travestis, transexuais e os limites em ser “gente”. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 32, p. 306-317, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007.

_____. Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer, In. VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth. **Para uma vida não-fascista**. São Paulo: Autêntica, 2017.p.135-142.

MACHADO, Josué; EVALDT, Carlos Renan; NASCIMENTO, Ronaldo. **Ligay nacional de futebol**: regimento interno dos campeonatos regionais e Champions Ligay. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. In. **Rev. Tempo Social**, São Paulo, p. 81-95, abr. 2003.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor *et al.* Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**, São Paulo, v. 2, p. 12-53, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MANDELLI, Mariana Carolina. Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens. **FuLiA/UFMG** [revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes], Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 155-175, 2023.

MARKULA, P. The technologies of the self: sport, feminism, and Foucault. **Sociology of Sport Journal**, [s.l.], v. 20, p. 87-107, 2003.

MARTINS, Débora Nascentes; DE ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva. Bichas, macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 342-364, 2019.

MENESES, Cleber. **Descomplicando as identidades LGBTQIA+**. Paulo Afonso: Oxente, 2021

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SILVA, André Luiz dos Santos. Gênero, cultura e Lazer: potências e desafios dessa articulação. **Licere**: Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 480-502, 2020.

MISKOLCI, Richard. Comentário. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 55-63, 2007.

MIZUTORI, Ana. Punições por homofobia no esporte. **Lei em Campo**, maio 2022. Disponível em: <<https://leiemcampo.com.br/punicoes-por-homofobia-no-esporte/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

MONTOYA, R. Q. et al. Proceso de Aceptación de la Homosexualidad y la Homofobia Asociados a la Conducta Suicida en Varones Homosexuales. Masculinities and Social Change, **La Roja**, [s.l.], v.4, n,1, p. 1-25, 2015. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4991358b>. Acesso em 19 ago. 2018.

MOURA, J. C. C. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 17, n.198, p. 70-79, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/37993>>

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol na cidade de Porto Alegre. 2012, 415 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-469, 2014.

NASCIMENTO, Rodrigo Henrique de Jesus. **Transexualidade e esporte**: uma análise dos discursos midiáticos jornalísticos. 2020. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

NEVES, Lucília de Almeida. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NUNAN, A. Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 28, n. 62, p. 247-259, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19941/19237>>. Acesso em: 19 ago 2018.

OLIVEIRA, Edson de. **Redescobrimo o sentido do jogo**: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa-Paraná. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, Paulo de Sales. **É o brasileiro associativo?** São Paulo: SESC, 1981.

OLIVEIRA NETO, José da Silva. **Relações entre colonialidade e homofobia internalizada**: um estudo com jovens universitários brasileiros. Orientador: James Ferreira Moura Júnior. 2022. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

PALLAMIN, V. Aspectos da relação entre o estético e o político em Jacques Rancière. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, [s.l.], v. 12, p. 6-16, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i12p6-16>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PEIRANO, Mariza. A legitimidade do folclore. **Seminário Folclore e Cultura Popular**: as várias faces de um debate. Rio de Janeiro, IBAC, p. 85-88, 1992.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014.

_____. Etnografia e rituais: relato de um percurso. **Anuário antropológico**, Brasília, v. 41, n. 1, p. 237-248, 2016.

PERES, William Siqueira; TOLEDO, Livia Gonsalves. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Revista Eletrônica de Psicologia Política**, San Luis, p. 261-277, 2011.

PINTO, Mauricio Rodriguez; ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, 2014.

PINTO, M. R. Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol. Ponto Urbe: **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, v. 14, p. 1-11, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1460>>.

PINTO, M. R.; BONFIM, A. Pelo Direito de Torcer: a experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que o futebol é coisa pra macho. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 2021.

POCAHY, Fernando Altair. (Micro) políticas queer: dissidências em pesquisa. **TEXTURA: Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 18, n. 38, 2016.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Pornotopia. Arquitetura y sexualidade em "Playboy" durante la Guerra Fría**. Barcelona: Anagrama, 2009.

RECHIA, Simone. Cidadania e o direito ao lazer nas cidades brasileiras: da fábula à realidade. **O Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, p. 45-60, 2015.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, Dijamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Raphael Rajão. A várzea no reinado de Momo: carnaval em clubes amadoristas de Belo Horizonte nos anos 1940 e 1980. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 8, n.1, p. 6-31, 2023.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, Pertencimento e Relações de Poder no Futebol de Bairro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, 2007.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, L.; SILVA, I. Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p.155-179, jun./set. 2010.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET Filosofia**, Teresina, v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020.

RUBINO, A. Para uma (in)definição da dissidência sexual: uma proposta para sua análise na cultura. **LUTHOR Magazine** [s.l.], n. 39, p.62-80, 2019.

RUFINO, L. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 19-54, 2007.

SCHAWARTZ, Gisele. Pesquisa sobre o Lazer: Visibilidade e perspectiva. In. GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder. **O Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2015. p.183-199.

SHARPE, Erin. Contra os limites: uma teorização pós-estrutural da resistência no lazer. **O Manual Palgrave de Teoria do Lazer**, [s.l.], 2017.

SHAW, Susan M. Resistência. In: **Um manual de estudos de lazer**. Londres: Palgrave Macmillan: Reino Unido, p. 533-545. 2006.

SILVA, André Luiz dos Santos; DULLIUS, Rafael Goulart; SANFELICE, Gustavo Roese. Masculinidades dissidentes na copa do mundo do jornal "Folha de São Paulo". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 42, 2021.

SILVA JUNIOR, J. A. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, S. R. da; NETO, G. J. de S.; CAMPOS, P. A. F. Lazer, torcidas e futebol. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.) **Estudos do Lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: APICURI, 2011.

SILVEIRA, R. DA; STIGGER, M. P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 179-194, jan./mar. 2013.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: Exemplo de Sociologia pura ou formal. In: **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 59-82.2006.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. Porto Alegre, **Movimento**, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

SUY, Ana. **A Gente Mira no Amor e Acerta na Solidão**. São Paulo: Paidós, 2022.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. **O programa da descrição densa**. Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, p. 53-66, 2014.

TAVARES, Marie Luce *et al.* Na parada do lazer: diagnóstico do campo de atuação profissional nas ONGs LGBT de Belo Horizonte/MG. **Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/766>>.

TEIS, D. T.; TEIS, M. A. A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [s.l.], v. 1, p. 1-8, 2006.

THÜRLER, Djalma. A linguagem queer e a desmistificação do monumental. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 27, p. 73-90, 2023.

VIEIRA, Marcos Sardá *et al.* Corpos dissidentes em associação e reconhecimento. **RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, Sevilha, n. 3, p. 134-151, 2020.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia: A dicionário da Língua Afiada**. 24 ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac&Naif, 2010.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas com os jogadores do time predadores

I-TRAGETÓRIA E CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS (Identidade de gênero e orientação sexual; raça/etnia; idade; Trajetória de vida dos sujeitos em relação a sua sexualidade e prática do futebol)

1- Idade:

2- Raça:

3- Gênero que se identifica: Feminino, masculino, outro?

4- Orientação sexual:

- Formação/profissão

- Região onde mora:

5- Fale um pouco sobre sua história com a prática do futebol quando criança, adolescente e adulto.

- Desdobramentos da questão: futebol era praticado enquanto lazer, na escola ou em outros espaços?

6- Já participou/participa como jogador de um algum time profissional?

7- Torce para algum time?

- Desdobramento da questão: Influências da família e amigos nessas escolhas?

8- Você considera que o meio futebolístico é preconceituoso, homofóbico e machista? Por que?

9- Você já sofreu algum preconceito no meio futebolístico devido a sua identidade de gênero e/ orientação sexual?

- Desdobramento da questão: Se sim, que tipo?

- Desdobramentos: e nas competições LGBT que participa?

II- PRÁTICAS FUTEBOLÍSTICAS LGBT (conhecendo as práticas futebolísticas dos sujeitos: características da modalidade que praticam, características dos jogos e torneios que participam; história do time que participam; critérios de participação; sujeitos que participam)

1- Para você a prática do futebol acontece como um momento/espaço de lazer?

2- O que os levaram a participar de um time constituído por LGBT?

3- Conhecem as torcidas LGBT?

4- Como é a relação entre os integrantes do time? E com integrantes de outros times e participantes dos torneios?

5- Há quanto tempo está no time?

6- Todos participam das decisões do time sobre campeonatos, escalação, etc?

7- Participou da escolha do nome do time? Qual o significado do nome escolhido?

8- O time tem algum coordenador ou alguém a frente das decisões?

9- Quais os critérios para a escalação do time?

III- SEXUALIDADE E FUTEBOL (sociabilidades LGBT nos treinos e campeonatos; inclusão e participação)

1- Existem espaço e momentos de socialização durante os campeonatos e torneios que participam? Se Sim, como se desenvolvem?

- Desdobramento: existem outros momentos de socialização (peladas, festas, saídas a noite, etc.)?

2- Aproveitam as viagens aos campeonatos para turismo, passeio e diversão?

3- As viagens e passeios pelas cidades sede dos campeonatos se constituem enquanto fator motivador de participarem dos mesmos?

4- Você procura por parceiros sexuais e afetivos durante as viagens, campeonatos, jogos e momentos de confraternização?

5- Em sua opinião, qual a principal motivação das pessoas participarem:

- De um time de futebol LGBT

- Dos jogos e torneios de futebol LGBT?

- Desdobramentos e/ou sugestões: Paixão pela modalidade? Experiência? Ganhar? Momento de lazer e diversão? Sexo? Amizade? Namoro? Outros?

6- E qual a sua principal motivação?

7- Como é o relacionamento com os times de BH? E com aqueles de outras cidades e estados?

8- Os torneios que participam buscam a inclusão de todos os LGBT?

9- Quais as diferenças e similaridades das competições futebolísticas LGBT com daquelas cisheteronormativas?

10- O que você pensa sobre a participação da pessoas LGBTQIAP+ em competições esportivas de futebol e de outras modalidades?

11- Tem conhecimento das pautas do movimento LGBT?

12- Participam de algum movimento social LGBT como ativista, voluntário ou militante?

- O Time realiza alguma ação de combate a LGBTFobia? Acha isso necessário? Por que?
- A entrevista te acrescentou algo ou ajudou?
- Faça uma fala de motivação para que outros Lgbts participem do futebol?

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista com o presidente do time predadores

- Quanto tempo está no time? Como chegou a esse cargo de presidente do time?
- Quanto tempo o time tem para a prática do futebol: quantos treinos semanais/mensais? Horários?
- A história do time: origem, tempo de existência?
- Quais os times hoje em atividade na cidade e no estado?
- Organização interna: O grupo é formado mais por gays, bissexuais, lésbicas ou travestis/transsexuais?
- Tem regulamento? Como é o processo de escolha da diretoria?
- Como o time obtém recursos para os compromissos, treinos, etc.? Tem algum patrocínio?
- Quais os critérios para fazer parte do time?
- Quais os critérios de escalação: Todos tem os mesmos direitos na hora da escalação?
- Desdobramentos: Quais os critérios de escalação para os jogos (habilidade, representatividade, assiduidade)?
- Quais campeonatos e torneios participaram/participam? Tem patrocinadores? Quais?
- Viajam com regularidade para competições em outras cidade e/ou estados?
- Realizam momentos de confraternizações?
- Em sua opinião, quais as principais razões pelos quais os LGBTs participam do time e dos campeonatos de futebol?
- O que você pensa sobre a participação da pessoas LGBTQIAP+ em competições esportivas de futebol e de outras modalidades?

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista com integrante do time real

- 1- Orientação sexual?
- 2- Identidade de gênero?
- 3- Desde quando você tá nesse time, e que time é esse que é formado por LGBTs?
- 4- O Real é uma associação esportiva?
- 5- O Real é um dos primeiros times que se tem notícia, que reuniu LGBTs para jogar. Mas era para jogar como lazer, também competição? Me conta um pouco dessa história. Quando começou?
- 6- Em que ano foi fundado?
- 7- Eram amistosos que faziam naquela época?
- 8- E o Real, esse nome, foi baseado em que? Tem algum motivo, tem história?
- 9- Já tinha um time assim com esse nome?
- 10-Aí vocês começaram a fazer esses treinos. E como é que foi o desenrolar dessa história?
- 11-Na época em que surgiu o time, eles não sabiam o que era um time de gay?
- 12-E os componentes? A maioria morava próximo, na região? Porque esse local que vocês jogavam era a região central de São Paulo?
- 13-E chegou algum momento de participar com outro time ou ainda não? Só era vocês que sabiam que eram héteros, que eram gays?
- 14-Aí vocês estão participando da Ligay desde então?
- 15-O futebol é um espaço muito homofóbico, né? O que faz hoje, por exemplo, vocês procurarem o futebol como prática? É paixão? É uma influência familiar que torce para o time?
- 16-E você acha que o esporte, de uma forma geral, e o futebol ainda é muito homofóbico, LGBTfóbico?
- 17-E você, como você vê a importância desses jogos de times, né, LGBTs entrando no futebol, pra sociedade, pra formação das pessoas? E pras próprias pessoas LGBTs?
- 18-O time de vocês sobrevive como? Tem uma diretoria, tem um estatuto? Como é que funciona? Isso começou a partir de quando? Essa organização interna?
- 19- O Real hoje é um time LGBT ou gay? ou é aberto também?
- 20-Ok, se não mais você gostaria de falar mais alguma coisa algum recado pra quem é gay? ou não gosta de futebol mas que venha, que tá tudo bem...

APÊNDICE D – Roteiro da entrevista com o presidente da Ligay

- 1- Qual a sua idade Renan?
- 2- Você é de que raça? Branco?
- 3- Com qual gênero você se identifica? Feminino, masculino, outro?
- 4- E sua orientação sexual?
- 5- Me fala um pouco, rapidamente, sobre sua trajetória com a prática de futebol quando criança, adolescente. Qual a sua história com futebol?
- 6- - EU: Torce pra algum time?
- 7- E a sua família teve alguma importância nessa escolha?
- 8- Então, falando especificamente da instituição, como você chegou à frente da Ligay?
- 9- Na apresentação, ontem, eu vi que o time de Tarça Real foi o primeiro time gay do Brasil, em 90. Você sabe dizer essa história? Quando eles disputavam o campeonato?
- 10- : E vocês organizam outras modalidades, além do futebol, LGBT?
- 11- E, no caso do futebol, quais são as principais regras? Tem um regulamento? Quem pode participar?
- 12- E no caso dos campeonatos, desde que você organiza, a maioria que participa dos times, participando da competição, são gays, lésbicas, trans... Tem uma predominância?
- 13- Mas você tem a ideia de misturar ou não? Tipo assim, time tem que ter uma regra. Tem que ter três lésbicas, tem que ter...
- 14- Você tem uma diretoria que faz parte, é eleita anualmente? É composto como? Presidente, coordenação?
- 15- Em sua opinião, quais são as motivações de um LGBT participar de um campeonato como esse, ou entrar num time de futebol? O que você acha que motiva?
- 16- Vocês costumam fazer alguma programação cultural? Algum evento?
- 17- Vocês tem algumas relações com as outras federações esportivas? Algum contato, intercâmbio com as outras ligas, CIS?
- 18- E vocês costumam ter patrocinadores? É difícil? Quais são as dificuldades?

19- Qual é a diferença do material esportivo do LGBT pro hétero?

20- Só existe essa liga no Brasil ou tem outras?

21- Para encerrar, você gostaria de acrescentar alguma coisa que a gente não falou, que você acha que seria importante para a nossa pesquisa ser considerado?

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa: AS PESSOAS LGBT E FUTEBOL: UMA POSSIBILIDADE DE RUPTURA DE PARADIGMAS E FRONTEIRAS. O objetivo desse estudo é verificar e analisar as práticas futebolísticas das pessoas declaradamente LGBT enquanto espaço e vivência de lazer, além de observar como se comportam esses indivíduos em vista dos padrões de masculinidades/feminilidades vigentes em nossa sociedade, buscando compreender as relações estabelecidas entre os praticantes dentro e fora dos espaços competitivos, como os treinos e práticas da modalidade e por fim, Analisar como as pessoas LGBT em suas trajetórias de vida construíram sua sexualidade e relação com o futebol. Logo esta pesquisa assumirá uma natureza qualitativa na coleta, descrição e análise dos dados a partir dos pressupostos etnográficos (PEIRANO, 2014; MAGNANI, 2003) e aportes da Teoria Queer (BRITO; PEREIRA, 2017, s.d).

1.1 Da coleta dos dados: Realização de entrevistas acerca da vivência e trajetória dos praticantes LGBT de futebol, de acordo com a disponibilidade de método e de horário dos participantes voluntários. As entrevistas serão realizadas de modo presencial, nos locais dos treinos, jogos e momentos de sociabilidade dos sujeitos e de acordo com a disponibilidade da(o) participante e das considerações a respeito da segurança epidemiológica de todos envolvidos.

1.2 Do armazenamento dos dados: A entrevista será gravada por meio de um gravador de áudio e armazenada por um período máximo de 5 anos em um dispositivo de armazenamento portátil (pen drive) de acesso único e exclusivo do pesquisador.

1.3 Da utilização dos dados: Todo material coletado será manuseado somente pela pesquisador e transcrito em sua totalidade com o auxílio de um software adequado, de modo a ser aproveitado somente o conteúdo da fala dos participantes, garantindo sua anonimidade. As transcrições também serão armazenadas no mesmo dispositivo de armazenamento portátil, juntamente com as gravações. Os dados coletados serão utilizados para compor a tese resultante desta pesquisa e outras publicações científicas derivadas da mesma.

1.4 Dos custos: Os contatos e entrevistas junto aos jogadores serão feitos nos locais de treinos, jogos e momentos de sociabilidades dos mesmos. Logo, não haverá custos de nenhuma natureza para os participantes da pesquisa.

1.5 Dos benefícios: Nenhuma remuneração ou gratificação será oferecida para os participantes desta pesquisa. Os benefícios previstos para a participação neste projeto são de ordem subjetiva, derivados dos esforços empreendidos pela pesquisador no compromisso com a preservação da anonimidade dos participantes, dos dados e da não criação ou ampliação de situações de risco.

1.6 Dos riscos: Riscos físicos ou psíquicos são mínimos, embora possam existir. A temática das perguntas pode implicar desconfortos físicos ou emocionais

(constrangimento, cansaço, reações negativas, etc.) durante a condução da entrevista, que podem ser mitigados ou sanados com a retirada parcial ou total do consentimento da entrevista, encerrando a participação do(a) voluntário(a). Há também o risco de quebra de sigilo dos dados de participantes, que será minimizado com os procedimentos de armazenamento dispostos nos itens 1.2 e 1.3. Ainda assim, caso o(a) participante sinta que sofreu algum dano decorrente de sua participação na pesquisa, poderá pleitear na justiça o reconhecimento do direito à indenização, consoante preconização da resolução 466/12.

Com as questões acima esclarecidas, os aspectos éticos envolvidos na pesquisa seguem os preceitos da resolução 466/12. Você terá esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão publicados em uma tese de doutorado e, possivelmente, também em revistas científicas. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Não haverá sua identificação em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Se você tiver perguntas relacionadas a esta pesquisa ou quiser receber a tese resultante deste trabalho, entre em contato com João Martins Nogueira Junior via e-mail: jmartinjr19@yahoo.com.br.

O COEP poderá ser consultado em caso de dúvidas de ordem ética. Comitê de Ética em Pesquisa – COEP/UFMG: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, 2º andar, Sala 2005. CEP: 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais. Telefone: (31) 3409-4592. E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____ fui informada dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “AS PESSOAS LGBT E FUTEBOL: UMA POSSIBILIDADE DE RUPTURA DE PARADIGMAS E FRONTEIRAS” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Data

Rubrica

Nome completo do Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional- UFMG; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em
Estudos do Lazer; Campus Pampulha; CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 3409-2337. E-mail: prof.srs@gmail.com.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Data

Rubrica

Nome completo do Pesquisador: João Martins Nogueira Junior. Mestre e
Doutorando em Estudos do Lazer da EEFFTO da Universidade Federal de Minas
Gerais. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física, Fisioterapia
e Terapia Ocupacional- UFMG; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em
Estudos do Lazer; Campus Pampulha; CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 3409-2337. E-mail: Jmartinjr19@yahoo.com.br.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5645157538453227>.

Assinatura do Pesquisador (doutorando)

Data

Rubrica

ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido de captação de voz e imagem

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu **dou o meu consentimento de livre e espontânea vontade para a captação e armazenamento de imagem e voz durante a entrevista realizada por meio de ambiente virtual.**

Assinatura do Participante da Pesquisa

Data

Rubrica

Nome completo do Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional- UFMG; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Campus Pampulha; CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 3409-2337. E-mail: prof.srs@gmail.com.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Data

Rubrica

Nome completo do Pesquisador: João Martins Nogueira Junior. Mestre e Doutorando em Estudos do Lazer da EEFETO da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional- UFMG; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Campus Pampulha; CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 3409-2337. E-mail: Jmartinjr19@yahoo.com.br.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5645157538453227>.

Assinatura do Pesquisador (doutorando)

Data

Rubrica

